



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ALINE RANGEL GOOTHUZEM ALBUQUERQUE

**BRASILEIRAS RESIDENTES EM BRITISH COLUMBIA:
UMA DISCUSSÃO SOBRE IMIGRAÇÃO, CORPO E GÊNERO.**

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2023

ALINE RANGEL GOOTHUZEM ALBUQUERQUE

**BRASILEIRAS RESIDENTES EM BRITISH COLUMBIA:
UMA DISCUSSÃO SOBRE IMIGRAÇÃO, CORPO E GÊNERO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A345b Albuquerque, Aline Rangel Goothuzem
Brasileiras residentes em British Columbia : uma discussão
sobre imigração, corpo e gênero / Aline Rangel Goothuzem
Albuquerque ; orientador Marcelo Alario Ennes. – São Cristóvão,
SE, 2023.
222 f.

Dissertação (mestrado em Sociologia)– Universidade Federal
de Sergipe, 2023.

1. Sociologia. 2. Mulheres imigrantes - Canadá. 3. Emigração e
imigração - Brasil. 4. Imagem corporal. 5. Mulheres – Aspectos
sociais. 6. Brasil - Colúmbia Britânica (Canadá). I. Ennes, Marcelo
Alario, orient. II. Título.

CDU 314.15(71)

ALINE RANGEL GOOTHUZEM ALBUQUERQUE

**BRASILEIRAS RESIDENTES EM BRITISH COLUMBIA:
UMA DISCUSSÃO SOBRE IMIGRAÇÃO, CORPO E GÊNERO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes - Presidente
Programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFS

Profa. Dra. Vilma Soares de Lima Barbosa
Programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFS

Profa. Dra. Glaucia de Oliveira Assis
PPGH/UDESC / Programa de Pós-Graduação de Gestão Integrada do Território -
UNIVALE/MG

AGRADECIMENTOS

Esta escrita é das mais significativas para mim. Eu diria que esse texto vem conversando comigo desde que eu soube da minha aprovação para cursar o mestrado, quando pensava no suporte e torcida tão afetuosa que recebi desde que me decidi por escrever um pré-projeto de pesquisa e enfrentar uma seleção para pós-graduação na Universidade Federal de Sergipe, onde me formei em 2001. Vinte anos depois, esse retorno teve um gostinho de vida que pulsa e se retempera, após longa e desafiadora caminhada.

Mas vamos ao que importa!

Ao **Professor Dr. Marcelo Alario Ennes**, pela abertura generosa em me acolher no GEPPIP, Grupo de pesquisa que criou e lidera há mais de dez anos, e como orientanda no Mestrado. Agradeço de coração por sua disponibilidade em partilhar esta travessia comigo e pela paciência atenciosa ao lidar com minha ansiedade, com tantas inseguranças. Obrigada por todas as vezes que demonstrou confiança no meu trabalho e pelas contribuições valiosas que ofertou em suas aulas. Obrigada por tudo!

Agradeço com carinho à **Professora Dra. Vilma Soares de Lima Barbosa** pela generosidade, segurança e disponibilidade repletas de gentileza, ao ministrar a Disciplina Seminários de Pesquisa. Ter sua presença na banca de Qualificação, e também na Defesa, é motivo de imensa alegria pra mim. É sempre muito inspirador ouvir você!

Agradeço à **Professora Glaucia de Oliveira Assis** pelo aceite em participar da minha banca de Defesa do Mestrado e pelas contribuições inestimáveis aos estudos no campo das Migrações.

Ao **Professor Dr. Paulo Neves**, amigo muito querido, dedico meu mais afetuoso abraço. Obrigada pela escuta sensível, solidária, empática, criativa, que fez brotar (pasmem!) uma Pesquisa de Mestrado (assim com letra maiúscula mesmo!), onde eu só via tédio e desolação. No momento em que mais precisei, e durante esse percurso intenso de retorno ao meio acadêmico, contar com seu apoio e torcida foi das coisas mais bonitas que já vi, sabia? Foram ricas, estimulantes e tranquilizadoras as nossas conversas, rendendo tantos frutos que me enteneço só de lembrar. Que privilégio uma amizade assim!

A minha irmã **Úrsula** pelo carinho e amizade sempre presentes. Ela se fez apoio, escuta e desejo de que eu me encontrasse e me alegrasse novamente com a vida, ainda quando me fiz tão longe, andando pelas terras geladas do norte, meio sem rumo, mas com aventuras pra partilhar em longos telefonemas... Saber que eu podia ligar a qualquer hora foi mais importante do que você pode imaginar... Obrigada, minha querida, por me receber na sua casa com tanta generosidade, de braços abertos, quando retornei ao Brasil. E por sua presença acalentadora em minha vida.

Agradeço aos colegas do **Grupo de Pesquisa Processos Identitários e Poder (GEPPIP)**, por todas as trocas e contribuições desde meu ingresso, em 2020. Em particular, registro aqui meu carinho e reconhecimento ao querido **Alisson Gois**, pela

leitura e comentários do trabalho que originou o texto para o Exame de Qualificação. Você testemunhou, com sensibilidade e profundo respeito, tanto minha empolgação com a pesquisa, quanto meus intensos receios de não dar conta. Obrigada pela acolhida!

Ao querido **Bruno Henrique** e sua disponibilidade gentil a toda prova. Cursar o Mestrado com essa companhia inteligente, afetuosa, dedicada foi inspirador. Que sorte a minha! Obrigada pelo carinho com que tirou todas as “trocentas” dúvidas que eu tive durante esses dois anos, pelos “cafés virtuais”, em forma de áudios de “zap” também! Nossas trocas são muito valiosas e estão aqui, bem guardadinhas, em recanto especial dedicado aos amigos que me são dos mais caros.

Meu agradecimento à turma guerreira com quem fiz essa travessia, com as aulas e reuniões exclusivamente remotas, em tão duros tempos pandêmicos, repletos de ameaças, restrições, notícias tristes, desafios inúmeros... **Leticia, Emanuela, Gleise, Nicollas, Raiane, Ítalo, Miguel, Carlos.** Obrigada pela companhia e pelas contribuições, querides!

Ao Programa de **Pós-Graduação em Sociologia e seu corpo Docente**, em particular ao **Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa**, por suas contribuições ao ministrar a Disciplina Métodos Qualitativos e Quantitativos em Sociologia e discutir conosco como aprimorar nossos projetos de pesquisa.

Agradeço também pelo apoio que recebi da Secretaria do PPGS, sempre que precisei, na pessoa de **Dayanne**, sempre cuidadosa com prazos e informações precisas para que tudo andasse a contento.

Ah, e fica aqui um agradecimento cheio de carinho à **Professora Dra. Patrícia Rosalba**, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFS pelas contribuições valiosas aos estudos sobre gênero e sexualidade. Foi uma alegria reencontrá-la depois de tanto tempo e ser sua aluna! Também foi muito bom conhecer a turma do mestrado em Antropologia e ter aulas finalmente presenciais, com direito a lanche e cafezinho nos intervalos. Um abraço carinhoso para os querides **Gladston, Verônica, Jaqueline, Gilvan, Elielma, Ianara e Pedro.**

Ao meu amigo-irmão **Marcos Ribeiro** eu posso agradecer por tantas coisas, que viraria um livro esta seção. Ele sabe disso. Querido, seus estímulos e ideias, sua escuta e cuidado, sua confiança de que eu iria me reerguer e me encontrar novamente sustentaram meu coração. Quando estive perto e quando me fiz tão longe de todes, quando voltei e não sabia pra onde ir, durante a pandemia, em todo processo da seleção para o mestrado, durante o curso inteiro... Nossa... Apoio, gentileza, amor. Obrigada por tanto, Amigo!

Minha amiga-irmã, irmã-amiga, **Taisa Belém**, por nosso elo, nossa parceria de vida. Quanta história já construímos juntas, Tai! Que emoção acessar agora imagens dessa trajetória e lembrar de uma conversa que tivemos em tempos ainda pandêmicos, pelo Zoom, sobre a ideia de fazer o Mestrado. Foi um estímulo importante ouvir suas ponderações naquele dia... Assim como tem sido estar perto de você, durante todos esses anos. Quando retornei ao Brasil e vi Você, Zak, Mel e Jade no seletivo grupo de amores que me esperavam chegar de Vancouver, meu coração sossegou, porque sabia que estava

em casa. É assim que me sinto na sua companhia: em casa. Obrigada por tudo, mesmo, Amore!

Ao **EntreArtes**, casa-colo onde me abrigo e me refaço, onde sinto a vida mais colorida e afetuosa, nas pessoas de **Neide, Grazi, Tarlis e Taisa**. Vocês têm sido refúgio e alento, alegria e descanso, novidade e assunto para intermináveis e agradabilíssimas conversas. Esta rede de Mulheres-Divas que fazem a vida acontecer com mais ternura e potência tem feito minha alma sorrir e seguir em frente... Obrigada, Amores!

A **Rosana, Ana Claudia, Ani e Jenise** por me abraçarem no delicioso “Quarteto da Farra” (agora é Quinteto, por pura generosidade delas...) e tornarem meus dias pós-pandemia bem mais divertidos. E pela delicadeza da escuta, em nossos encontrinhos recheados de bom-humor e sororidade, às minhas notícias sobre a pós e a pesquisa! Sim, haja paciência pra sair com esse povo que faz mestrado, viu? Amo vocês, minhas queridas!

A **Lais, Camila e Rebeca**, mulheres amorosas que o Canadá me fez encontrar. Só por isso, eu já me sinto não somente mais feliz, mas também muito mais grata pela vida e suas surpresas incríveis. Tenho muitas saudades de vocês... Das longas caminhadas e conversas com Camila, de seu apoio firme e constante e por me chamar para sair tantas vezes, mesmo que eu recusasse boa parte delas... Obrigada por não desistir dessa chata... Dos desabafos, cafés e das celebrações entre amigos com Lais (e de quando ela foi a minha casa, depois de um dia inteiro de trabalho e estudo, só pra me ouvir e dizer que estava do meu lado, ou quando me recebeu em seu lar para me cuidar da tristeza que me tomava por inteiro...). Lembrar que vocês duas me levaram ao aeroporto, quase como sentinelas do meu coração abatido, é um afago na alma. E como não ter saudade de você, Rê? Quem melhor sabe ouvir, com total abertura e solidariedade, e me fazer rir, quase em seguida? Só você, querida. E isso é para poucas pessoas, eu diria... Que alegria você no meu viver! Quanto apoio e torcida para esse mestrado, para minha pesquisa, para minha felicidade vocês três me ofertaram!

Agradeço especialmente a cada uma das **brasileiras imigrantes** que se disponibilizaram a participar desta pesquisa, a quem não nomeio para preservar sua identidade e intimidade. Quanta riqueza no material que me ofertaram... Meu abraço virtual afetuoso em cada uma de vocês.

Obrigada por me ajudarem a fazer desta história novo capítulo na minha vida!

Se existe uma nostalgia agarrada ao espaço, e se este é no fundo de si mesmo um lugar de nostalgia, como se experimenta em todos os deslocamentos, é porque se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional, e até mesmo apaixonadamente distinto.

Sayad, 2000, p.12

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar como a condição de imigrante tem sido corporificada em mulheres brasileiras residentes em British Columbia e investigar se estas imigrantes percebem a identificação como brasileiras como marcador de discriminação e exclusão ou de valorização e favorecimento nas relações sociais que elas estabelecem com canadenses e com outros(as) imigrantes em seus diferentes contextos de atuação e interação. Neste trabalho reflito sobre como “corpos migrantes” produzem diferença e modificam o entorno, como se modificam e se ressignificam neste processo de chegada e residência em novo lugar, incluindo a fase dessa trajetória que antecede a mudança de país. Para a realização desta pesquisa, além de uma revisão bibliográfica sobre migrações internacionais, multiculturalismo/interculturalismo, sociologia do corpo e estudos de gênero, entrevistei, remotamente, doze brasileiras residentes no Canadá há pelo menos um ano. As entrevistas, semiestruturadas, foram todas gravadas e os dados coletados foram analisados de forma qualitativa. A Dissertação está dividida em três capítulos, nos quais reúno informações sobre Imigração, Corpo e Gênero, nesta ordem. O Canadá e British Columbia são apresentados como locais que se definem pelo multiculturalismo, o conceito de “corpo-migrante” e sua utilização como ferramenta para análise dos dados obtidos nesta pesquisa é apresentado e discutido a partir de trechos dos relatos das entrevistadas e categorias dos estudos de gênero são articuladas a imigração e raça antes das reflexões sobre os estereótipos relacionados às brasileiras no exterior, também em diálogo com dados das entrevistas. A análise e a discussão dos dados obtidos na pesquisa sugerem que a trajetória migrante vivenciada pelas participantes na Província canadense de British Columbia é composta por mudanças que se objetivam corporalmente (processo de incorporação) e que a identificação de mulheres imigrantes como brasileiras pode ser percebida ambigualmente por elas. Isto é, ora produz discriminação, ora é vista como forma de valorização e favorecimento nas relações sociais que essas brasileiras estabelecem com canadenses e com imigrantes vindos de outros países, considerando os diferentes contextos que compõem sua experiência migrante.

Palavras-chave: Imigração. Corpo-migrante. Mulher Brasileira. Colúmbia Britânica. Canadá.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the immigrant condition has been embodied in Brazilian women residing in British Columbia and to investigate whether these immigrants perceive identification as Brazilian as a marker of discrimination and exclusion or of appreciation and favoritism in the social relationships they establish with Canadians and with other immigrants in their different contexts of action and interaction. In this work, I reflect on how “migrant bodies” make a difference and change the environment, how they change and re-signify themselves in this process of arrival and residence in a new place, including the phase of this trajectory that precedes the change of country. To carry out this research, in addition to a bibliographical review on international migrations, multiculturalism/interculturalism, sociology of the body and gender studies, I interviewed, remotely, twelve Brazilian women residing in Canada for at least one year. The semi-structured interviews were all recorded, and the collected data were analyzed qualitatively. The Dissertation is divided into three chapters, in which I gather information about Immigration, Body and Gender, in that order. Canada and British Columbia are presented as places that are defined by multiculturalism, the concept of “migrant body” and its use as a tool for analyzing the data obtained in this research is presented and discussed from excerpts of the interviewees’ reports and categories of gender studies are articulated to immigration and race before reflections on stereotypes related to Brazilian women abroad, also in dialogue with interview data. The analysis and discussion of the data obtained in the research suggest that the migrant trajectory experienced by the participants in the Canadian Province of British Columbia is composed of changes that are bodily objectified (incorporation process) and that the identification of immigrant women as Brazilians can be perceived ambiguously by them. That is, sometimes it produces discrimination, sometimes it is seen as a way of valuing and favoring the social relations that these Brazilian women establish with Canadians and with immigrants from other countries, considering the different contexts that make up their migrant experience.

Keywords: Immigration. Migrant Body. Brazilian Woman. British Columbia. Canada.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC	British Columbia
DESA	Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRCC	Immigration, Refugees and Citizenship Canada
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PR	Permanent Resident
UBC	University of British Columbia
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Corpo de mulher imigrante que se faz corpo de mulher pesquisadora.....	18
Notas sobre a metodologia de pesquisa: o olhar e a escuta de quem já passou por ali.....	39
CAPÍTULO I. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E O CANADÁ COMO PAÍS DE DESTINO	49
1.1 Migrações internacionais: ressignificando conceitos, ampliando possibilidades de análise.....	49
1.2 Entre o outro e o mesmo: lugares ou faces de imigrantes?.....	56
1.3 Sobre o Canadá e sua política migratória: celebração ao multiculturalismo e identidade nacional.....	64
1.3.1 Breve descrição dos programas federais de imigração.....	76
1.4 British Columbia: belezas naturais, diversidade étnica e outras características da província mais ocidental do Canadá.	79
1.4.1 British Columbia e a Imigração: dados populacionais e programas provinciais.....	82
CAPÍTULO II- SOCIOLOGIA DO CORPO E O ESTUDO DE “CORPOS-MIGRANTES”	91
2.1 O Corpo como objeto da Sociologia: Marcel Mauss, Norbert Elias e Le Breton.....	91
2.2 Reflexões sobre “corpo-migrante” em diálogo com a teoria de Pierre Bourdieu.....	94
2.3 Corpos em trânsito: trajetórias migrantes como lugares de ser, não-ser, vir-a-ser....	101
2.3.1 Apresentando o grupo de participantes da pesquisa empírica.....	101
2.3.2 Corpos em mobilidade, corpos em transformação constante.....	106
CAPÍTULO III. GÊNERO E MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: MULHERES EM MOVIMENTO	146
3.1 Mulheres e os estudos migratórios: invisibilidades, estereótipos, estigmas, estratégias de resistência.....	146
3.2 Os estudos de gênero e a importância de compreendermos “corpos-migrantes” para além de binarismos.....	149
3.3 Ser brasileira além fronteiras: entre corpos, sorrisos, dilemas e riscos.....	156
3.4 Sobre pertencimento étnico-racial no Brasil e no Canadá.....	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERÊNCIAS	209

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para meu interesse em estudar o tema das migrações foi a experiência pessoal de ir para o Canadá, com o objetivo de residir permanentemente, e retornar ao Brasil, menos de um ano depois, com a sensação frustrante de incapacidade em realizar, como planejado, uma empreitada elaborada por quase dois anos. Revisitá-la, adotando outra perspectiva, pareceu-me uma possibilidade de ampliar a visibilidade dessa vivência para além das fronteiras pessoais e aprofundar minha compreensão sobre os processos migratórios por meio da pesquisa acadêmica, apresentando, assim, uma contribuição para os que se interessam pelo tema em foco. Não foi uma decisão propriamente fácil ou desprovida de conflitos tomar este breve fragmento da minha história como inspiração para elaborar um projeto de pesquisa e me submeter a um processo seletivo de Mestrado em Sociologia, mas as reflexões propiciadas pelas pesquisas, leituras, trocas com professores e colegas colaboraram progressivamente com a formulação de novos sentidos para essa experiência e de caminhos interessantes para investigação sobre a mobilidade humana na atualidade, descortinando diferentes possibilidades de interpretação, produção de saber, lugares de fala e escuta, categorias de análise para o tema das Migrações.

Morar temporária ou permanentemente fora do país de origem, conhecer e adotar novos costumes, adaptar-se ou não a diferentes condições climáticas, estabelecer rotinas outras de trabalho, estudo, cuidados pessoais, lazer, mudar ou não de profissão, experimentar diferentes padrões de vida e de consumo, relacionar-se com regras de conduta e sanções vinculadas a outras culturas, modificar hábitos antigos, construir novos vínculos sociais e afetivos, vivenciar outras modalidades de esporte, ter acesso a diferentes opções de entretenimento, romper ou não relacionamentos afetivos e/ou familiares, utilizar idioma diferente, estabelecer contato com pessoas de diversificadas culturas, conhecer novas práticas culinárias e adaptar ou não tradições e costumes alimentares, por exemplo, compõem, de diferentes formas e em proporções variadas, percepções das experiências do cotidiano, de si mesmo, de noções de segurança e perigo, das interações sociais, da relação com atividades laborais, da utilização de recursos financeiros, dos cuidados com a saúde, da relação com os alimentos, de itens de vestuário, entre outros, para os que se colocam em trajetórias migratórias internacionais.

Lendo, pesquisando, participando de cursos, assistindo a exposições sobre movimentos migratórios fui provocada a repensar sobre os inúmeros processos de mudança passíveis de serem vivenciados em diferentes modalidades migratórias, bem como questões a serem problematizadas e possibilidades de investigação reunidas neste tema. Pude observar, neste percurso, os atravessamentos presentes quando da utilização de categorias como diferença, diversidade, estranho, estrangeiro, imigrante, forasteiro, entre outras, relacionadas a este fenômeno que vem assumindo novos contornos, novas versões na contemporaneidade. Com essa perspectiva em foco, meu tímido interesse em conhecer um pouco mais sobre a experiência da imigração foi sendo ampliado, convertendo-se em busca por refletir sobre como “corpos migrantes”¹ produzem diferença e modificam o entorno, como se modificam e se ressignificam neste processo de chegada e residência em novo lugar, incluindo a fase dessa trajetória que antecede a mudança de país.

Neste processo de estudo e pesquisa sobre o tema das migrações internacionais, inúmeras perguntas foram se configurando, como: quais seriam as motivações para a saída do país de origem; que fatores podem definir a escolha por um novo lugar para se residir temporária ou definitivamente; que forças atravessam os diferentes corpos de migrantes durante a mudança do local de origem para novos locais de residência; que expectativas podem ser criadas nesse movimento de busca por um outro modo de vida; quais são os possíveis ganhos e perdas neste processo de deslocamento; que outro lugar se forja para os que se colocam em trânsito ou são forçados a se deslocar; como se fazem as fronteiras e as pretensas delimitações de espaços, distâncias e proximidades em tempos de comunicação instantânea, de contatos virtuais; como vivem e se relacionam socialmente esses atores; como sentem e se percebem as pessoas que se tornam estrangeiras; quais as disputas e jogos de força que se configuram nesse movimento de habitar forasteiro? Permitir que tais interrogações me acompanhassem nesse trajeto e deixar que novos questionamentos brotassem foi fundamental, em se considerando o vasto campo de investigação que se descortinou para mim. Além disso, percebi a importância dos estudos sobre o tema das migrações à compreensão dos processos de composição dos diversos modos humanos de estar no mundo.

¹ Ver: ENNES, Marcelo Alário. Bourdieu and the “migrant-body”: embodiment in the migratory context. *Revista Brasileira de Sociologia*, vol. 08, nº 19, mai/ago, 2020.

Instigada pelas questões que se multiplicaram nesta recente caminhada como pesquisadora, eu me dispus a problematizar o processo de produção do corpo de mulheres brasileiras residentes na Província Canadense de British Columbia, analisando as forças que as atravessam e constituem em sua trajetória migrante. O **Objetivo Geral** desta pesquisa foi analisar como a condição de imigrante tem sido corporificada em mulheres brasileiras residentes em British Columbia e investigar se estas imigrantes percebem a identificação enquanto brasileiras como marcador de discriminação e exclusão ou de valorização e favorecimento nas relações sociais que elas estabelecem com canadenses e com outros(as) imigrantes em seus diferentes contextos de atuação e interação. A fim de nortear a pesquisa, elenquei inicialmente seis objetivos específicos, os quais, após as sugestões recebidas durante o Exame de Qualificação da Pesquisa, foram revisados e definidos como: 1) identificar e analisar possíveis mudanças na percepção das entrevistadas sobre sua imagem, bem como nos comportamentos de cuidados com o corpo a partir da residência no Canadá; 2) investigar o corpo feminino migrante como possível fonte de estigma e preconceito ou de favorecimento; 3) identificar se as participantes da pesquisa se sentem representadas em materiais de campanhas publicitárias em British Columbia; 4) investigar como as brasileiras se vêem e se classificam racialmente no processo migratório. Parti da **hipótese** de que a trajetória migrante é composta por mudanças que se objetivam corporalmente (processo de incorporação) e que a identificação de mulheres imigrantes como brasileiras pode ser percebida por elas como produtora de discriminação e exclusão, ou de valorização e favorecimento nas relações sociais que essas brasileiras estabelecem com canadenses e com imigrantes vindos de outros países, considerando os diferentes contextos que compõem sua experiência ao residirem na Província Canadense de British Columbia.

Para a realização deste estudo, fiz uma revisão bibliográfica sobre migrações internacionais, multiculturalismo/interculturalismo, sociologia do corpo e estudos de gênero. Para a pesquisa empírica, entrevistei remotamente, através de chamadas de vídeo, pela plataforma Zoom, doze mulheres brasileiras residentes em British Columbia e que estavam no Canadá há pelo menos um ano, portando visto temporário ou permanente de residência. As entrevistas foram semiestruturadas, contando, assim, com roteiro pré-estabelecido, mas com flexibilidade para alterações que se fizessem necessárias durante o contato com as participantes. Todas as entrevistas foram gravadas, mediante autorização prévia das participantes, o que proporcionou a esta pesquisadora a

manutenção de material em vídeo e áudio bastante rico. No grupo de participantes, encontram-se mulheres que fazem parte da minha rede de contatos, construída no período em que morei em Vancouver, assim como pessoas indicadas por estas mulheres. Estas voluntariamente se disponibilizaram a acessar possíveis participantes e repassaram os contatos daquelas que se prontificariam a conceder entrevistas. Foram consideradas a faixa etária, o nível de escolaridade, ocupação, tempo e a cidade de residência, tipo de visto de entrada no Canadá, estado civil antes e após a mudança de país, entre outras características que se revelaram significativas durante a pesquisa.

Os dados coletados através das entrevistas e outros meios, como vídeos, reportagens, documentos oficiais do Governo Canadense e publicações disponíveis nos sites oficiais do governo federal e da Província de British Columbia foram analisados de forma qualitativa, através da discussão das informações encontradas com o referencial teórico escolhido. Os detalhes deste processo eu apresento em seção específica sobre a metodologia utilizada. Foram também utilizadas informações provenientes da minha experiência como residente em Vancouver, numa reflexão sobre o forjar do meu “corpo pesquisadora” após a vivência como imigrante no mesmo local onde realizei a pesquisa do mestrado. Para respaldar tal reflexão, busquei referenciais e trabalhos acadêmicos que versavam sobre histórias de vida e autoetnografia. Ainda que não tenha utilizado estes métodos para a condução da pesquisa, foram leituras importantes para a composição do meu olhar como pesquisadora em sociologia, que me situaram sobre meu envolvimento com o objeto de pesquisa, sobre os cuidados com o campo, os procedimentos e recursos possíveis para quem trabalha com entrevistas e relatos de experiências de vida. A fim de informar a leitora, o leitor deste trabalho sobre a experiência que me levou ao interesse nos estudos migratórios, compus breve relato pessoal que antecede a descrição da metodologia utilizada nesta pesquisa. O propósito de disponibilizar uma descrição desta experiência, antes mesmo de expor os procedimentos metodológicos empregados e as bases teóricas desta investigação, foi exatamente aproximar quem me acompanha nesta leitura do percurso que fiz, da trajetória deste corpo-pesquisadora que se fez antes corpo-imigrante.

O primeiro capítulo desta dissertação apresenta uma revisão de literatura sobre migrações internacionais, incluindo reflexão sobre as noções de imigrante/emigrante, transmigrantes, pertencimento, estigma, além de tratar do Canadá como país de destino e de British Columbia como a província escolhida para selecionar as imigrantes a quem

entrevistaria. Neste capítulo, eu me propus a apresentar informações sobre o Canadá, sobre a imigração no Canadá e acerca do multiculturalismo como norteador das políticas de recepção de imigrantes e referencial importante na definição de sua identidade como Nação. British Columbia (BC) também foi retratada, particularmente no que se refere ao discurso oficial sobre suas características, potencialidades e estímulos à convivência pacífica das diferenças. Publicizada como lugar repleto de belezas naturais e como agregadora da diversidade cultural, BC foi apresentada brevemente em símbolos oficiais, estrutura administrativa, números colhidos pelo censo mais recente, programas multiculturais e seus conflitos com parcelas de sua população que colocam em xeque o alcance de suas políticas de inclusão social. Ao expor alguns dos principais programas de imigração canadenses, incluindo os provinciais, apresento informações sobre os critérios de seleção adotados pelo governo para que sejam aprovados vistos de permanência no Canadá. Autores como Abdelmaleck Sayad (1998; 2000), Georg Simmel (2005), Alfred Schütz (1999), Erving Goffman (2008), Will Kymlicka (2014) e Kimberlé Crenshaw (2002; 2004), além de pesquisadoras e pesquisadores que discutem sobre migrações, racismo, interseccionalidade foram citados nesta etapa do trabalho, com a finalidade de balizarem as primeiras reflexões aqui apresentadas.

O segundo capítulo versa sobre sociologia do corpo, sobre o conceito de “corpomigrante” e sua utilização como ferramenta de análise dos dados obtidos nesta pesquisa. Em diálogo particularmente voltado à teoria de Pierre Bourdieu, o processo de composição do corpo de brasileiras imigrantes é discutido e problematizado, com destaque ao processo de incorporação, a partir de relatos obtidos pela pesquisadora nas entrevistas realizadas entre 2021 e 2022. Neste capítulo, o grupo de participantes é apresentado e são analisados trechos das conversas, as informações fornecidas pelas participantes sobre seus perfis e algumas das mudanças que notaram na relação com seus corpos. Práticas de cuidado com o corpo e relacionadas à aparência; modos de se maquiar, de se vestir, de se apresentar; uso de acessórios, perfume, calçados; mudanças na alimentação, na prática de exercícios físicos e nas rotinas de assistência à saúde, entre outras questões, são citados em suas semelhanças e especificidades, dando pistas sobre como estas imigrantes, provenientes da classe média brasileira, lidam com os novos campos pelos quais transitam em suas trajetórias migrantes. Conflitos com novas regras de convivência, adaptação a novas rotinas de trabalho e estudo, relação modificada com os espaços doméstico e familiar, possibilidades de consumo e uso de recursos financeiros,

temporariamente mais restritos, vinculam-se à percepção que elaboram de novas prioridades, de novas necessidades, novas formas de se verem e se relacionarem com seus corpos. Além de Pierre Bourdieu (1980; 1989; 2005; 2009; 2012; 2014), Marcel Mauss (2003), David Le Breton (2004; 2012) e Norbert Elias (2000; 2005), proposições teórico-práticas de pesquisadores dedicados ao tema, como o Professor Dr. Marcelo Ennes (2010a; 2010b; 2014; 2016; 2017; 2018; 2020, 2021), fizeram parte da análise e discussão dos dados de pesquisa selecionados e agrupados nessa seção.

No terceiro capítulo, o objetivo foi apresentar as categorias dos estudos de gênero que foram utilizadas nesta pesquisa, articulando-as com imigração e raça. O tema do estigma, introduzido no capítulo I, foi retomado com uma especificidade: abordar os estereótipos relacionados às brasileiras no exterior, tanto no que se refere à hipersexualização de seus corpos quanto aos atributos de atenção, cuidado e disposição à maternidade. Neste capítulo, além das possibilidades de estigmatização associadas à nacionalidade brasileira, são apresentadas reflexões sobre os potenciais de conversão de atributos estigmatizantes em capitais que posicionem favoravelmente as mulheres.

Trechos das respostas obtidas durante as entrevistas que se referem às percepções e experiências das participantes sobre discriminação, machismo, assédio foram selecionados a fim de se analisarem possíveis processos de estigmatização e preconceito. São também investigadas circunstâncias de favorecimento associados ao fatos de serem brasileiras. Algumas respostas foram marcadas por ambiguidade, pela dificuldade em perceber tanto o favorecimento quanto o preconceito, e entendo que as conclusões produzidas por esta reflexão são ainda parciais, carecem de aprofundamento em futuras investigações. Algo que ficou evidente, todavia, foi: mesmo para quem foi alvo de xenofobia, assédio (assim como para quem experienciou situações potencialmente discriminatórias, ou que teve somente notícia dos estigmas associados às brasileiras), o Canadá é descrito como lugar de segurança e liberdade, ao passo que o Brasil permanece como um país violento e ameaçador.

Sobre situações de favorecimento associadas à nacionalidade, quando responderam afirmativamente, as lembranças se voltaram a possíveis vantagens associadas ao auxílio recebido de outra pessoa do Brasil, como em processos seletivos, por exemplo. Ainda que se refiram à uma imagem positiva que os canadenses teriam de brasileiros e brasileiras - pessoas alegres, trabalhadoras, batalhadoras - não identifiquei menções objetivas a tais atributos como fatores que as beneficiaram diretamente. Autoras

como Joan Scott (1995), Miriam Grossi (1998), Sônia Alvarez (2014), Adriana Piscitelli (2007a; 2007b; 2008; 2015), Chiara Pussetti (2010; 2012; 2015), Berenice Bento (2006), Kátia Belizario, Elen Geraldês e Dione Moura (2013), Glaucia de Oliveira Assis (2007; 2011) compuseram o quadro teórico para discussão das categorias e análise dos dados da pesquisa agrupados nesta parte do trabalho. Este terceiro e último capítulo ainda contém uma seção dedicada à análise dos dados sobre autoidentificação étnico-racial das entrevistadas no Brasil e no Canadá. O tema do racismo, das classificações por cor ou por origem foram trazidos a fim de se discutirem não somente as respostas de como se identificam nos dois países, mas também as reações, as dificuldades que elas expressaram sobre tais definições, que se modificam durante suas trajetórias. Autoras e autores como Lelia Gonzales (1988; 2020), Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (1995; 2003; 2009), Petrônio Domingues (2022) foram referências importantes para esta reflexão em fase inicial. Sobre este tema, pretendo dedicar meus próximos estudos voltados ao corpo-migrante, em futuras pesquisas.

Corpo de mulher migrante que se faz corpo de mulher pesquisadora

O ano de 2017, quando surgiu a ideia por parte do meu companheiro à época de fazer um intercâmbio para aprimoramento do inglês e, ao mesmo tempo, conhecer o Canadá para uma possível mudança de país, foi também um ano marcado por intensas perdas, por experiências que me fizeram reconsiderar completamente os investimentos que fazia até então. Falecimento da minha mãe após cinco anos acamada por complicações de um AVC de graves proporções, falência financeira, perda do apartamento recém-financiado, vivência de uma experiência marcadamente traumática em Aracaju e a constatação de sintomas de estresse pós-traumático, entre outras questões, aconteceram a um só tempo. Tratava-se de uma mudança, portanto, que significava, além de um desejado afastamento da minha cidade de residência, um possível recomeço em vários sentidos não somente para mim. Estávamos em uma circunstância de vida em que não tínhamos recursos financeiros para realizar este movimento, dado o alto custo de um processo de obtenção de visto para residência no referido país, mas a família dele dispunha dos meios necessários.

Considero esta informação relevante porque todo o planejamento da mudança de país seria, inevitavelmente, atravessado pelo fato de os recursos monetários virem exclusivamente da família da pessoa com quem eu estava casada naquele momento, família que também havia me acolhido em sua casa após ter que abrir mão de um apartamento recém-financiado. Não se tratava de um problema ou impedimento, em função do bom vínculo que mantínhamos, mas foi marcado por alguma tensão e desconforto de minha parte até que as providências burocráticas pudessem ser tomadas e o projeto de mudança se configurasse mais palpável, em se considerando a situação súbita, completamente imprevista, de dependência financeira em que me encontrava à época. Entendo também válido considerar algumas das especificidades relativas ao movimento de um corpo de mulher com mais de 40 anos, psicóloga, casada, não-branca, sem filhos, residente em uma cidade do nordeste brasileiro. Ao decidir migrar, antes mesmo de chegar ao novo país, comecei a entrar em contato com aspectos de uma realidade “estranha” a minha rotina e história pessoal, à qual precisaria me adaptar para que o projeto com que me envolvia tivesse sucesso.

Foram muitos e bastante dispendiosos os procedimentos burocráticos para as obtenções: de permissão de entrada; de vistos de estudo e de trabalho (que garantem a residência temporária no país); da tradução juramentada de documentos; dos certificados de instituições canadenses que comprovassem a equivalência de estudos; de elaboração com consultores de imigração de uma estratégia/planejamento que viabilizasse não somente as autorizações temporárias de permanência no Canadá, mas também a concessão da residência permanente, em futuro que pretendíamos fosse o mais breve possível. A escolha por Vancouver se deveu a duas questões principalmente: havia pessoas conhecidas que dariam suporte na chegada e a informação de que o processo provincial da Columbia Britânica para solicitação de residência permanente não tem como critério oficial a idade dos solicitantes (é comum que haja uma diminuição de pontos a cada intervalo de idade que se avança). Antes de ir morar na referida província, tive a oportunidade de fazer duas viagens exploratórias ao Canadá, quando visitei Toronto, Montreal e Vancouver. Como aconteceu em todo o processo, estes deslocamentos não foram custeados com recursos próprios.

As viagens exploratórias, assim como as impressões iniciais sobre a recepção do Canadá aos visitantes, as pesquisas sobre os requisitos para os diferentes processos para obtenção de vistos e o caráter seletivo dos mesmos, a necessidade de reformulação da

identidade profissional de psicóloga, já que eu não poderia exercer a minha profissão com a formação do Brasil, o contato com informações disponíveis em vídeos do YouTube e textos em blogs (produzidos por brasileiros(as) imigrantes) a respeito dos hábitos de alimentação, cuidados com a saúde, regras de convivência e etiqueta relacionados à vida no Canadá, os estudos por conta própria de inglês e o vislumbrar das dificuldades futuras em me comunicar numa língua em que não era (e continuo não sendo) fluente são apenas alguns pontos que fizeram parte deste processo de composição de minha trajetória migrante.

A breve descrição do momento de decisão e planejamento da mudança de país tem como objetivo apresentar algumas das circunstâncias em que se situava meu corpo, que voltou da primeira visita ao Canadá com a intenção de organizar e efetivar o processo migratório. O que pretendo é ponderar que, a depender do lugar para onde se vá, dos recursos pessoais e materiais, das motivações para migrar, do contexto em que se esteja inserido, é possível considerar como mais ou menos significativas as mudanças que se operam no corpo que se coloca na trajetória migrante. Processo que se inicia ainda no país de origem, marcado e afetado por práticas e informações de uma cultura diferente, com suas especificidades políticas, econômicas, históricas, sociais, laborais. A proposta é refletir sobre este “corpo migrante feminino” que começa a se construir, já nesses primeiros passos, estando ainda entre “iguais”, mas sem se identificar da mesma forma com tal pertencimento, por ser alguém que está de partida e, de certo modo, já transita em um outro lugar.

Cheguei a Vancouver no dia 14 de março de 2019, véspera do meu aniversário de 42 anos, com duas malas grandes e uma de mão. Era toda minha mudança. Sabia que o lugar onde iria morar era muito pequeno. Na verdade, se tratava de um quarto de hotel - disponível para ser alugado como moradia por temporadas - que dispunha de banheiro, cama de casal retrátil, móvel para acomodar uma parte das roupas do casal, mesa pequena para refeições, sofá de dois lugares, televisão, frigobar, pia, um armário pequeno para guardar itens de cozinha logo acima da pia e duas bocas de fogão elétrico. Essa acomodação ficava logo acima de um bar muito movimentado, especialmente nos fins de semana. O tempo mínimo de contrato era de seis meses e não havia expectativas de uma mudança de local a curto prazo.

Havia pouquíssimas coisas previsíveis nesta transição que estava fazendo. Eu entrei no Canadá como turista, sem dificuldades, com meu visto americano e uma

autorização eletrônica (eTA)² emitida pelo governo canadense. Era possível solicitar uma permissão de residência temporária (no meu caso, um visto de trabalho vinculado ao visto de estudos do meu ex-marido) do Brasil e aguardar daqui sua aprovação. Mas esta opção seria mais difícil estrategicamente e mais dispendiosa do que pedir uma alteração de status já em solo canadense. Eu tinha direito a permanecer legalmente como turista no Canadá durante seis meses, então, no final de maio, minha aplicação foi enviada ao departamento de imigração. Mesmo que o “college” onde ele estudava estivesse numa lista de instituições privadas, para as quais o governo não garantia emissão do “open work permit”³ a cônjuges, tive minha solicitação aprovada após dois meses de espera.

Neste ínterim, muitas mudanças aconteceram, incluindo de lugar de moradia. Tivemos acesso a uma oportunidade ofertada por uma ONG canadense e fomos selecionados para ocupar um studio novo (equivalente a uma quitinete no Brasil), no centro de Vancouver, com aluguel que correspondia à metade do seu valor de mercado. Das sete unidades disponíveis a pessoas vulneráveis (havia critérios para aplicação a serem atendidos, como renda familiar máxima, passar por uma entrevista, etc), cinco studios foram ocupados por brasileiros. Os imóveis eram novos, seríamos os primeiros moradores e estavam bem adequados ao que se propunham: havia sistema eficiente de aquecimento, armários de cozinha, eletrodomésticos novos, água aquecida nas torneiras, closet e banheiro completamente equipado. A única janela do imóvel ficava de frente para uma avenida bem movimentada, era muito ampla, correspondendo praticamente a uma parede inteira, tinha bom sistema de isolamento e garantia iluminação apropriada às necessidades durante o inverno, por exemplo.

O prédio também dispunha para este andar em que morávamos, comprado e finalizado pela referida ONG, de uma lavanderia coletiva, no subsolo, cuja utilização dependia de um pagamento mínimo a cada lavagem e secagem de roupas. Sua localização era boa, por um lado, já que se encontrava próximo de praticamente tudo que precisávamos, com transportes coletivos facilmente acessíveis e a possibilidade de realizar a maior parte dos meus deslocamentos a pé. Por outro lado, passei a morar ao lado de uma das estações do corpo de bombeiros de British Columbia, o que significava conviver com sirenes estridentes todos os dias, já que são frequentes as ocorrências

² Electronic Travel Authorization (eTA)

³ Visto de trabalho que autoriza a residência temporária no Canadá e que não limita o número de horas, como acontece com os estudantes internacionais.

atendidas pela corporação. A duas quadras deste prédio, localizava-se uma rua extensa e emblemática de Vancouver, onde se aglomerava uma expressiva parte da população em situação de rua da cidade.

Durante os 9 meses em que morei em Vancouver, trabalhei em duas empresas canadenses, com contratos temporários de 40 horas semanais: a primeira era uma empresa de preparação de encomendas para entrega, num estilo “Amazon”, e a segunda era uma conhecida marca de produtos veganos de cuidados pessoais. Fui também voluntária em uma Instituição beneficente canadense, o “Food Bank”⁴, de que também fui beneficiária, recebendo itens de alimentação, semanalmente, durante o período em que eu não dispunha de autorização para trabalhar legalmente e nossas despesas eram mantidas unicamente com os rendimentos do companheiro. Sua permissão de trabalho, por ser um estudante internacional, se restringia a 20h por semana. Eu também prestei serviço, nos finais de semana, em uma empresa brasileira de intercâmbio, com escritórios (“bases” como eles chamavam na unidade de Vancouver) situados em vários locais pelo mundo, recebendo estudantes brasileiros e mexicanos.

Em outubro de 2019, iniciei em meu primeiro trabalho registrado no Canadá. Ir para uma entrevista de emprego sem inglês fluente era algo muito estressante pra mim, mas fui assim mesmo, após ter acesso a um anúncio de vaga temporária para trabalho que foi encaminhado por uma amiga. A descrição da atividade a ser realizada tinha como informações dobrar e empacotar roupas, um trabalho leve. A empresa que chamava os candidatos para seleção e organizava a parte burocrática tinha um brasileiro como funcionário e ele fazia divulgação dessas oportunidades, dava assistência, passava as orientações, fazia os contatos para agendamento das entrevistas, dava o retorno sobre a seleção, encaminhava formulários. Durante a entrevista com o empregador, éramos somente nós, candidatas e candidatos às vagas disponíveis, e as pessoas da empresa responsáveis pela seleção.

A entrevista aconteceu em grupo, os selecionadores passaram um vídeo da empresa e explicaram as atividades que teríamos, usando até mímica para que tivéssemos noção do que se tratava. Fui entendendo, mais claramente, que não somente eu estava ali

⁴ O “Greater Vancouver Food Bank” é uma instituição sem fins lucrativos criada em 1983 como “alívio temporário para a crise de fome” daquele ano. De acordo com informações disponíveis no website da instituição, cerca de 10.000 pessoas são assistidas mensalmente nas cidades de Vancouver, Burnaby, New Westminster e North Shore e sua missão é fornecer alimentos saudáveis para quem precisa.

com inglês básico e que talvez eles precisassem dessa mão de obra que não pode escolher muito. Foi isso que senti. Então eles facilitaram ao máximo esse processo de seleção e contratação. O que percebi é que se eu aprendesse o que precisa e concordasse com as regras, provavelmente não faltaria trabalho. Na entrevista havia lanche para os/as candidatos(as), o que me surpreendeu. Lembro ter colocado uma capinha de proteção no currículo que levei para entregar ao entrevistador, o qual, educada e formalmente, me devolveu o dito apetrecho e ficou somente com a parte impressa que continha minhas informações e habilidades. A capinha não era necessária. Eles precisavam empregar pessoas urgentemente para as demandas de final de ano e eu achava que precisava agradar com um currículo arrumadinho, sem amassar. Tempo integral num primeiro contrato de trabalho parecia uma boa notícia, porque normalmente as pessoas começavam com menos horas e conseguiam melhorar o salário com o tempo. Estas são informações que circulam, que se fazem presentes nos encontros entre brasileiros, que eram divulgadas em vídeos no Youtube. O contrato era de um vínculo temporário, intermediado pela empresa que recrutava trabalhadores, mas com possibilidade de contratação ao fim do período previamente estipulado.

A empresa ficava longe e isso eu sabia, pois o recrutador brasileiro fez questão de avisar sobre os horários do transporte coletivo que eram bem diferentes. O trabalho começava às 10:00 da manhã, mas eu precisava sair de casa duas horas antes. Andava por 15 minutos até a estação central do metrô, porque achava interessante fazer este exercício e não tinha paciência de esperar o ônibus. Percorria uns 30 minutos de metrô. Descia numa estação onde podia esperar a única linha de ônibus que ia até o lugar onde ficava essa empresa. Ele transitava até 9:10, parava de operar e voltava das 15:00 até as 19:00. Só havia essa alternativa de transporte público até o local do trabalho. Por conta desse horário diferente, era comum os trabalhadores chegarem 20 minutos antes e ficarem esperando o turno começar. Durante as 8 horas e meia que ficávamos na empresa, tínhamos direito a dois intervalos de 15 minutos e um de meia hora para o almoço. Havia um lugar com mesas e cadeiras utilizadas nos intervalos e uma cozinha ampla com geladeiras, muitos microondas, nichos para guardarmos nossas sacolas de comida, máquinas de café, máquinas de lanche para comprar. O café (que era muito bom, por sinal), o leite, a água e o chá eram cortesias da empresa. Cafeína e água me parecem mesmo boas cortesias de se ofertar em uma empresa...

Na saída era uma correria. O turno de trabalho iniciado pela manhã terminava 18:30, tínhamos que retirar os equipamentos de segurança obrigatórios, desligar o aparelho usado na identificação dos itens para a preparação das encomendas, tirar a bateria e colocar pra carregar, passar pelo portão com detector de metais, pegar as coisas no armário, pegar as coisas no nicho da comida, assinar nosso dia de trabalho, andar até o ponto e torcer para o ônibus vir no horário. Porque não tinha outra alternativa de transporte público para ir embora, era um lugar afastado, com vários galpões - como este em que eu trabalhava - de outras empresas e onde eu só via transitar caminhões e os carros particulares. Nesta época, não havia o serviço de Uber disponível em British Columbia. Após alguns dias, arranjei uma carona para a volta do trabalho com uma brasileira que me deixava na estação do metrô. Ufa!

Não é demais dizer que surpresas acontecem. A única coisa que eu não fiz nesta empresa foi dobrar e empacotar roupas. O trabalho principal era o que os empregadores explicaram durante a entrevista e não o que constava no anúncio. A empresa prepara encomendas (de itens de papelaria a eletrodomésticos) para entrega. Era um galpão enorme, com estantes e mais estantes onde estavam distribuídos os itens que as pessoas solicitavam pela internet. Tinha de tudo. Era um assombro pra mim de tão grande o lugar e sem dúvida tinha uma fortuna lá em produtos os mais variados. Nossa função era montar caixas de encomenda, usando um aparelho que lia os códigos de pedidos colados nas caixas de papelão dispostas numa esteira. A gente escolhia a caixa, lia o código com o aparelho (que tinha nosso nome e que ficava preso ao braço) e na tela vinham as indicações de letras e números das estantes e prateleiras onde cada produto estava armazenado. Havia alguns comandos que íamos realizando que nos levavam às prateleiras e setores específicos. Pegávamos item por item e, com a ajuda de cestinhas com rodas, voltávamos às caixas. Colocávamos os produtos, liberávamos a caixa com um comando no aparelho e a colocávamos em outra parte da esteira, que ficava em movimento. Essas caixas com produtos seguiam pela esteira e um sensor as enviava para a parte de cima do galpão. Neste local as caixas eram preparadas com material de enchimento, para proteger os produtos, e eram fechadas numa seladora. Esta era também uma das funções que exercíamos, além de abastecer as prateleiras com novos produtos. Tudo exigia atenção, porque o controle de estoque e saída dos produtos dependia desses registros bem feitos. E o sucesso das entregas também, já que poderíamos errar no número de produtos, trocar alguma coisa.

Já no primeiro dia de trabalho, por conta do rodízio e atividades que fazíamos, fui destinada ao “truck”⁵. A função lá era empilhar e arrumar as encomendas que havíamos preparado nas carrocerias dos caminhões de empresas transportadoras. Era muito pesado esse trabalho e eu ficava moída. As carrocerias eram frias e sujas. Havia grandes portões para cada caminhão das empresas de entregas, a gente ajustava uma esteira gigante com uns comandos simples e ia recebendo as caixas prontas. Havia sensores que direcionavam as caixas pelos códigos impressos nos endereços para as esteiras de cada portão. Observar esse sistema nos primeiros dias era interessante, principalmente pra quem nunca chegou perto de algo assim. Pegar essas caixas e arrumar na carroceria não era tão interessante, não. Havia instruções sobre como empilhá-las para evitar que caíssem. Como as esteiras não funcionavam todas juntas e havia menos trabalhadores que portões, era preciso pegar as caixas que chegavam, conferir se estavam indo pela transportadora correta, empilhar e ir se deslocando para os outros portões, durante a maior parte do tempo, a depender da demanda. Os supervisores estavam sempre atentos e não faltava trabalho pra ninguém. Não podíamos ficar parados e trabalhávamos o tempo todo em pé. Num único dia, era comum mudarmos mais de uma vez de função, passando por quase todas elas.

Havia produtos caros e um forte esquema de segurança também. Nos intervalos, era preciso sair da área do galpão, pois não era permitido comer nada lá dentro. Então, todas as vezes que deixávamos este local, precisávamos passar por um detector de metais. Esse procedimento incluía retirar o sapato com que trabalhávamos, porque é um tipo específico de calçado com uma ponteira interna de metal que protege os pés, caso alguma coisa com que trabalhamos caia e nos atinja. Eu não usava nada mais que “apitasse”, pra não ter que tirar e colocar mais alguma coisa além do sapato, ou seja, evitava usar qualquer tipo de adereço. Os celulares também não podiam ficar conosco. Ficavam junto com nossos outros pertences nos armários individuais que deviam estar fechados com cadeado. Eu não levei cadeado para nenhum trabalho. Não tinha receio de ser roubada. E nunca fui mesmo.

O contato com as pessoas em cargos de liderança/chefia não me parecia difícil, eles/ela foram sempre educados, vinham me perguntar se estava tudo bem com certa frequência. O contato com algumas funcionárias, que coordenavam atividades e com

⁵ Havia um quadro com nossos nomes e os setores em que atuaríamos, que precisávamos conferir antes de começarmos nossas atividades do dia e ao retornarmos de cada intervalo. Este, que significa caminhão, era o “nome” de uma das nossas posições de trabalho. Em um mesmo dia, mudávamos várias vezes de setor e de atividade.

quem trabalhávamos mais diretamente, era mais marcado de tensão. Eu sentia mais impaciência delas para me explicar algo, eventualmente menos cordialidade ao me designar funções. Os treinamentos foram realizados principalmente com dois funcionários, que demonstravam paciência para ensinar e com quem não tive problemas. Eu só comecei a preparar sozinha as encomendas quando senti segurança. Havia mais duas brasileiras que foram selecionadas comigo e elas me ajudaram muito na comunicação em inglês, além de serem companhias divertidas e afetuosas. Uma era fisioterapeuta e a outra, formada em farmácia. Meu inglês era bastante deficiente, então era frequente colocarem uma delas comigo quando era necessário passar informações mais precisas, durante uma instrução ou uma reunião menor. Os responsáveis por tais atividades falavam pausadamente e esperavam a tradução para dar continuidade aos informes e às orientações.

O momento em que não percebi nenhuma flexibilidade por parte deles foi durante uma reunião sobre os turnos estendidos de trabalho que aconteceriam na última semana do ano, entre Natal e Ano Novo. Nesse período, o trabalho se estenderia de 8 para 10, 12 horas por dia e não havia margem à negociação. A empresa tinha planejado uma logística relativa ao transporte que iria disponibilizar (somente neste período) até a estação de metrô mais próxima, por conta dos horários do transporte público a que me referi anteriormente. Neste momento eu entendi o motivo deles sinalizarem na entrevista a necessidade de aderir a horas a mais de trabalho. Eu saí antes desse período começar porque encontrei uma outra oportunidade de trabalho melhor e mais próximo de casa. Eu estava realmente preocupada com os turnos estendidos no final do ano, já que não percebia em mim a resistência física necessária para tanto e teria provavelmente minha saúde comprometida.

Esta primeira experiência imprimiu já algumas mudanças de rotina e pude perceber seus efeitos. O dia quase inteiro era dedicado, direta ou indiretamente, ao trabalho: eu saía de casa duas horas antes de iniciar meu turno e retornava cerca de uma hora e meia depois de concluir as 8 horas de trabalho, normalmente muito cansada fisicamente. Houve mudanças no horário das refeições e no tempo de preparo de alimentos (destinados tanto a consumir em casa quanto na empresa), uma escolha que reduzia custos, favorecia ingerir alimentos menos processados e também estava relacionada à dinâmica do trabalho. Os intervalos eram breves, a empresa ficava afastada de estabelecimentos comerciais, lanchonetes ou restaurantes e os funcionários se

alimentavam no próprio local de trabalho, com itens que traziam consigo ou que compravam na máquina de lanches e comidas rápidas que havia na empresa. Sua localização, em uma outra cidade⁶ da grande Vancouver, acabava interferindo no escasso tempo que eu teria disponível para outras atividades como lazer, estudo, entre outras.

Roupas e sapatos que eu usava para o trajeto e permanência no trabalho precisavam aquecer, por conta do outono já frio e chuvoso, e ser confortáveis em função de todo deslocamento e das atividades que realizava. Além das horas em pé, de passar boa parte do tempo andando para recolher os itens das caixas de encomenda, do volume de demandas, o sapato que é exigido pelas empresas (como recurso de segurança) para quem trabalha nesses grandes depósitos é um tipo específico, que eu sentia pesado, mesmo numa versão de tênis como o que eu comprei. Foi impactante, em vários sentidos, a vivência desta primeira oportunidade de trabalho. Eu conhecia relatos, eu havia entrado em contato com todo tipo de informação sobre esta fase inicial de inserção no mercado laboral canadense para expressiva parte de imigrantes recém-chegados (portanto sem experiências prévias de trabalho no Canadá) e sem fluência em inglês, mas a experiência trouxe um lugar e um olhar que me chamaram atenção, mesmo durante o processo, enquanto estava lá e observava o grupo de trabalhadores basicamente formado por imigrantes. Foram muitas mudanças -algumas sutis, outras mais evidentes- que foram se configurando, dia-após-dia, a depender dos lugares que eram frequentados por mim e dos investimentos que fazia neste percurso.

Meu segundo trabalho foi numa empresa de itens de cuidado pessoal feitos a mão. Os produtos eram veganos e toda proposta deles é bem sintonizada com as campanhas atuais de inclusão social, proteção ao meio ambiente, solidariedade, luta pelas minorias. Recentemente, por exemplo, a empresa anunciou que não mais veicularia suas campanhas por Facebook e Instagram por não apresentarem ainda políticas de proteção à saúde mental. É uma estrutura interessante a da empresa localizada em Vancouver e a experiência foi muito curiosa. Era também um contrato temporário, que acabou se estendendo porque eles renovaram meu vínculo por mais um mês. Novamente a pessoa responsável pelo recrutamento era do Brasil. Desta vez era uma mulher, conhecida de uma vizinha também brasileira, e eu não precisei passar pelo processo de entrevista, fui direto para o treinamento coletivo que aconteceu em uma das salas do Cineplex. Toda a

⁶ Richmond

apresentação foi projetada na tela do cinema, enquanto a equipe falava sobre a proposta da empresa e dava orientações gerais.

A próxima etapa foi ir um dia à fábrica para conhecer e aprender a atividade que iria realizar: fazer kits de presente com produtos da marca destinados às lojas físicas e às vendas on-line. Reproduzi lá o pacotinho de presente que a chefe da equipe nos ensinou e fui liberada. Embora fosse um grande galpão, o ambiente era muito cheiroso e as pessoas que trabalhavam pareciam animadas, eram sorridentes. Vi também alguns dos líderes de equipe e trabalhadores com várias tatuagens, cabelos coloridos, vestidos de forma despojada. O astral parecia bom, bem diferente da formalidade e distanciamento da empresa anterior. Eu estava sendo recrutada para trabalhar no setor “Gifts” e optei pelo turno que começava às três da tarde e terminava às onze e meia da noite. O horário me parecia melhor e o valor da hora era um pouquinho maior. Foi interessante notar que as pessoas nesta empresa, assim como na anterior, ficavam curiosas sobre o porquê de uma pessoa sem transporte próprio que morava no Centro da cidade estar trabalhando longe de casa. No fim do turno, ir sozinha até o ponto de ônibus foi um tanto estranho, porque era um local quase deserto, escuro e perto de uma linha de trem. Mas eu sabia que não precisava ter medo, já que os índices de violência são baixíssimo por lá. Uma parte das pessoas que estava trabalhando comigo tinha carro e as demais se organizavam em caronas. Eu não prestei atenção em nada disso, nos primeiros dias, porque saía rapidamente ao encerrar meu horário e me comunicava pouquíssimo.

No primeiro dia, o ônibus que me deixaria a apenas dois quarteirões de casa encerrou seu turno no meio do caminho e precisei descer do transporte. Isso era algo relativamente comum em Vancouver e estranho também. Eu era a única passageira no ônibus e o motorista avisou durante o trajeto, mas eu não entendi. Ele parou no lugar onde iria interromper o percurso e tentou me explicar novamente, informando também que o próximo ônibus daquela mesma linha chegaria em 5 minutos. Ele desceu comigo, andou um pouco para me mostrar o ponto de ônibus no qual deveria aguardar - eu não estava entendendo onde ficava - e depois retornou ao ônibus. Era meia-noite, a rua estava deserta e eu não tinha ideia de onde estava... Mas consegui voltar para casa em segurança. Depois de dois dias, uma senhora canadense com quem trabalhava, e que aparentemente simpatizou comigo, tratou de me arranjar carona porque achava perigoso eu voltar sozinha. Conversando pacientemente comigo, ela soube onde eu morava, que não tinha

carro e que meu inglês era insuficiente para me comunicar com facilidade, então foi em busca de quem pudesse me deixar em segurança na estação de metrô mais próxima.

Preparar os presentes não era tarefa propriamente leve, já que se tratava de um trabalho “em série” e a quantidade de kits era enorme, mas foi muito melhor que carregar carrocerias de caminhão com encomendas pesadas. Formavam-se duas equipes com o grupo de trabalhadores para os projetos do dia, definidas antes das atividades começarem por meio de uma “chamada” normalmente feita pela supervisora. Quando começávamos um “projeto”, cada pessoa na equipe tinha uma função e era preciso ser ágil, cuidadosa e atenta aos detalhes. Desde a montagem das caixas de papelão (ou de outro material), até a finalização dos kits com laços e etiquetas, eram muitas etapas, quase que na totalidade sendo realizadas manualmente. Esta é a proposta da empresa, fazer quase tudo a mão. Alguns kits eram embalados em tecido, por exemplo, com todo um processo de dobras que aprendíamos em treinamentos breves. Algumas poucas etapas, como produzir os laços, eram mais tranquilas e podiam ser feitas num ritmo mais calmo.

Eu era meticulosa, não propriamente rápida, e acho que uma das líderes de equipe me colocava em funções de mais cuidado, atenção e menos agilidade. Não tenho certeza, mas acho que isso acontecia, porque ela me posicionou algumas vezes em fases finais, como de conferência das embalagens prontas, por exemplo. Trabalhávamos o tempo todo em pé e sempre havia tarefas, mas o clima, em termos gerais, era melhor do que do trabalho anterior. Havia músicas escolhidas pelos funcionários tocando o tempo todo e, como eu era mais “tímida”, eles colocaram música brasileira pra mim. Terminado o trabalho, todo o grupo limpava o local, colocava o lixo (separados por itens de acordo com cuidados ambientais) fora da fábrica, numa espécie de mutirão de limpeza. Nesses trabalhos, parece não haver distinção clara de tarefas, mesmo para os líderes mais próximas de equipe, que pareciam ocupar uma função de coordenação de atividades a serem executadas. Eram mulheres essas líderes mais diretas e elas se alternavam nas coordenações, bem como nas equipes. Nesse turno da noite, conheci apenas mais duas pessoas do Brasil, ambos homens.

Minha supervisora era educada, gentil e me acalmava quando eu tinha dificuldade com alguma coisa. Eu situei sobre a deficiência com inglês e ela falava pausadamente, escrevia quando era uma orientação mais específica, lia meus escritos quando eu estava com alguma dúvida. Eram oito horas de trabalho, com dois intervalos de 15 minutos e um de 30 minutos para o jantar. Também havia cozinha equipada com café, chá e leite

(incluindo de origem vegetal, como o leite de amêndoas), além de uma máquina que produzia água com gás, disponíveis aos funcionários. Vez por outra a empresa providenciava “donuts” para o lanche, ou preparava algum tipo de celebração como dia das bruxas e Natal, ou ainda um almoço com pizza. O clima lá me parecia mais amigável do que na empresa anterior onde trabalhei. Minhas líderes mais próximas de equipe eram filipinas e eu gostava muito delas. Às vezes estas funcionárias faziam lanche e levavam pra dividir conosco, como um bolo de mandioca com coco, parecido com o que comemos no Brasil. Depois fui entendendo que era de bom tom aceitar, porque aparentemente elas ficavam realmente felizes.

Era comum ganhar brindes e alguns produtos da empresa. Durante os quase três meses de trabalho, ganhei produtos de cuidado pessoal, bolsa térmica pra levar a comida, touca para proteger a cabeça durante o inverno, bolsa de tecido para fazer compras (e não precisar utilizar sacolas plásticas), uma caixa decorada da campanha de Natal, cartão personalizado de Natal com mensagens escritas à mão pelos chefes, pela nossa gerente, pela supervisora, pelas líderes de equipe. Na festa de Natal de cada departamento, foi oferecido um jantar com brincadeiras que me lembravam festas infantis do Brasil (com dança das cadeiras, por exemplo), fotos, entregas de lembrancinhas e cartões.

Eu passei por mais dois setores nesta empresa: um deles ficava em outra unidade e coincidiu com um período de ameaça de greve por parte dos motoristas de ônibus. A empresa fez um levantamento por e-mail sobre as especificidades de transporte para deslocamento e fui direcionada para os “Bubbles”, que ficava a cinco minutos a pé da estação de metrô onde eu descia. Lá eram fabricados os produtos de uma linha que eu poderia descrever como divertida, com itens de banho também para crianças, em formato de pirulito, papai noel, picolé, bala, frutas. Havia muitos processos para confecção e enfeite dos produtos e eu saia, invariavelmente, com purpurina da cabeça aos pés. Modelar esses artigos me lembrava “brincar de massinha”, porque a base para esta linha, quase toda pensada para banho em banheira, era uma massa com textura que parecia argila ou massa de modelar.

Antes de começar o turno de trabalho, havia um momento em que todos se reuniam e um dos funcionários da equipe faz uma sequência de alongamento para os demais repetirem. Depois acontecia uma espécie de reunião quando eram dadas as orientações gerais do dia, sobre os projetos que seriam realizados, as metas e outros informes. No “Gifts”, esse era o momento em que também se liam os “kudos”. Tratava-

se de bilhetinhos que funcionários(as) escreviam nos turnos, agradecendo a alguém por algo de especial que a pessoa tivesse feito. Eu ganhei dois desses parabéns e o efeito, no momento, foi bom. Sendo um trabalho em chão de fábrica, com processos em uma espécie de linha de montagem, a sensação de ouvir os “parabéns” era que alguém ali viu o que eu havia feito, que fui notada, embora essas estratégias sejam sempre questionáveis em função das condições outras de trabalho.

No novo departamento, “Bubbles”, não havia os ditos agradecimentos, mas o trabalho lá era relativamente mais leve. Eram muitos processos, novamente todo trabalho feito em pé e havia mais rigor com procedimentos de higienização durante e após a produção. Os nomes das pessoas e suas estações a serem limpas apareciam num quadro luminoso ao final da produção e tudo era feito em grupo. Quando todas as tarefas haviam sido concluídas e restava tempo até o fim do turno, aparecia um vídeo numa tela com exercícios de alongamento para que reproduzíssemos. Era breve este momento, mas eu percebi a diferença para melhor em relação às dores e ao cansaço que sentia. Essa unidade era menor do que a outra em que eu trabalhava e mais confortável também para o descanso dos intervalos. Tinha mais sofás, o lugar onde guardávamos as nossas coisas e nos trocávamos era mais espaçoso, mais funcional. Minha líder de turma era uma filipina muito divertida, que me disse ter amigas brasileiras e que brincava sempre comigo, embora eu falasse muito pouco. Ela aprendeu a palavra “piriguete” e sempre se despedia de mim dizendo: “Tchau, piriguete!”, rindo sonoramente. Eu achava engraçado e sempre ri disso, mas um dia ela fez questão de dizer que era brincadeira, que sabia que eu não era uma “piriguete”.

O terceiro setor no qual trabalhei foi o “Digital”, localizado na mesma unidade em que se montavam os presentes, para onde havia retornado após finalizar a ameaça de greve dos ônibus. Nesse departamento, preparávamos as encomendas feitas pelos clientes no site da marca e eu fui transferida para o turno da manhã.⁷ Conheci duas brasileiras que haviam sido contratadas também temporariamente: uma era de São Paulo e trabalhava com TI antes de migrar; a outra era enfermeira e tinha vindo do Rio de Janeiro. Havia uma demanda alta neste setor e as oito horas em pé podiam se estender, a depender do dia, da quantidade de encomendas e da nossa disponibilidade. Não era obrigatório ficar

⁷ Essa mudança de turno aconteceu durante a renovação do contrato. Minha supervisora veio me informar sobre a possibilidade de estender o contrato e me perguntou se eu teria disponibilidade para trabalhar pela manhã. Embora esta não fosse a melhor alternativa para mim, em função da rotina em casa, eu aceitei. Eu precisava me manter financeiramente.

após o turno regular de trabalho, mas o valores aumentam significativamente no tempo extra. Em feriados ou quando havia demanda no final de semana, após ter cumprido as 40 horas semanais, ficava ainda mais alto o valor da hora. Além disso, havia um sistema de bônus por aumento de vendas, pelo que entendi, que os temporários recebiam também. Eu fiz horas extras algumas vezes, fui trabalhar no sábado depois de uma semana inteira preenchida, mas não aguentava fisicamente acompanhar o ritmo frenético do “Digital” como boa parte das pessoas lá fazia.⁸

A mudança de setor, de atividades realizadas e de horário de trabalho foi acompanhada de alguns efeitos que pude sentir no corpo. Vancouver fica escura, fria e chuvosa no inverno. Os dias são curtos. Eu saía antes das 06:00 de casa, sem que houvesse amanhecido, sem ninguém na rua e tomava meu café da manhã no vagão do metrô durante o trajeto até a estação. Voltava com o dia escurecendo também, ou já completamente escuro quando fazia hora extra. Não ver ou sentir o dia era algo completamente novo pra mim. Nessa época eu dormia bem menos, cerca de 5 horas ou menos por noite, por conta do barulho das sirenes, da estrutura do apartamento onde morava (sem divisórias) e da rotina do parceiro à época; que chegava bem tarde em casa, precisava se alimentar, tomar banho, enfim. Eu não conseguia pegar no sono antes dele deitar para dormir também. Foi uma rotina bem cansativa e estressante.

No “Digital” as reuniões com a equipe me pareciam mais diretas, apenas para informes e metas do dia, e as atividades não eram precedidas, por exemplo, pela sequência breve de alongamentos ou pela leitura de bilhetes com agradecimentos.⁹ As atividades eram mais repetitivas, já que se restringiam a selecionar itens das encomendas dispostos nas estantes do galpão e embalar em caixas de papelão, posteriormente direcionadas às transportadoras. Eu mantinha meu funcionamento metódico, encontrando e reportando pequenas falhas em cartões que acompanhavam as encomendas (nomes trocados, por exemplo). Eu também refazia caixas fora do padrão feitas por outras pessoas a pedido de um funcionário, que cuidava, até onde pude perceber, dos registros e

⁸Para além de uma questão pessoal de resistência física, tenho um problema de coluna desde criança que provoca dores fortes após atividades específicas. Esta foi uma das questões que ponderei com o parceiro durante o planejamento de mudança, em se considerando as ocupações iniciais disponíveis a imigrantes com inglês deficiente. No último mês, eu me medicava quase diariamente após retornar do trabalho para aliviar dores no corpo.

⁹ Vale dizer que o funcionamento não parecia mudar apenas entre setores ou unidade diferentes, mas de um turno para outro também. Eu via, ao terminar meu trabalho, a equipe que assumiria as atividades à tarde até a noite fazendo alongamento antes de ser iniciada a reunião de informes, sob o comando de um outro supervisor/coordenador no “Digital”.

liberação dessas encomendas. Nesse departamento, eu sentia um clima mais tenso, menos amigável, aparentemente com mais disputas. Fisicamente, eu diria que esta foi a fase mais difícil. Havia muito trabalho, as atividades eram exatamente as mesmas todos os dias, era possível fazer horas extras com bastante frequência. Meu contrato terminou no dia 11 de janeiro de 2020 e não havia informação clara sobre renovação. Depois de voltar ao Brasil, todavia, eu comecei a receber e-mails dessa empresa para ocupar vagas que surgiam por demanda de produção, até que expirou a validade do meu visto de trabalho e os e-mails não chegaram mais. Durante a pandemia, chegavam e-mails com mais frequência e vi que o valor pela hora de trabalho havia sofrido um reajuste. Não me recordo agora exatamente de quanto.

Alguns aspectos se destacaram para mim neste processo. De forma sintética, percebo que: tive facilidade para me deslocar pela cidade ou em cidades vizinhas que compõem a região da grande Vancouver, utilizando o transporte público; sentia-me relativamente segura ao andar sozinha em qualquer horário; não percebi dificuldades significativas com a alimentação local; fiz novas amizades; introduzi à minha rotina longas caminhadas como atividade física preferencial e as realizava com frequência regular; adaptei minha vestimenta com itens mais confortáveis e me sentia aparentemente bem com isso. Sobre mudanças como o tipo de vestimenta, por exemplo, as diferenças foram significativas, uma vez que eu morava em Aracaju antes de migrar, uma cidade do nordeste brasileiro, ensolarada e quente durante o ano inteiro. Em termos mais pessoais, para o trabalho como psicóloga clínica, eu havia adotado nos últimos anos roupas relativamente formais e, com certa frequência, fazia uso de salto alto. No Canadá, em função do tipo de atividade que realizava, em galpão ou em fábrica, procurava vestir roupas confortáveis e que me mantivessem aquecida, como citei anteriormente. O uso de roupas e sapatos mais confortáveis, mais despojados era algo que não me incomodava estando lá e que me fazia recordar práticas de vestimenta anteriores a minha fase profissional como psicóloga. Eu me recordo também de usar sempre as mesmas roupas para trabalhar, alternando-as somente para lavar. Eu não sentia qualquer estímulo para me arrumar para o trabalho e não via necessidade também.

Eu gosto de acessórios, como colar, brinco, anel, pulseira e percebi que a frequência e o uso que fazia de tais artefatos se modificou. Atribuía a mudança ao fato deles ficarem escondidos sob camadas de roupas de frio e dos casacos, na maior parte do tempo, durante os trajetos que fazia a pé ou de transporte público. Aqui ou ali, arriscava

algo de que mais gostava e isso aparentemente chamava atenção de um colega de trabalho da última empresa, que também fez questão de me dizer que tinha amigos e amigas brasileiras. Além de me dar bom dia em português, todos os dias, era comum ele perceber e elogiar um brinco maior ou um anel mais destacado que eu usasse no trabalho. Não me recordo de ninguém mais sinalizar sobre tais acessórios. Nunca me soou invasivo ou desagradável o contato com ele. Maquiagem mais evidente ou marcada eu via pouco nos lugares por onde transitava, que raramente incluíam uma saída à noite para um bar ou algo próximo disso. Mas esta não foi propriamente uma mudança significativa para mim porque eu já fazia pouco uso de maquiagem quando morava no Brasil. Os itens que habitualmente utilizava eu os quais mantive no Canadá sem muitas dificuldades. A diferença mais perceptível era a possibilidade de usar ou não maquiagem, acessórios, roupas mais despojadas e não sentir que isso seria destacado, notado e, principalmente, julgado. Essa questão surgiu como algo a que as entrevistadas fizeram também referência quando me descreveram mudanças percebidas em suas práticas, algo que mereceu atenção cuidadosa no momento da análise de dados. Eu soube, assim que cheguei, que não era de bom tom, para os padrões canadenses, fazer referência a características dos corpos das pessoas. Tratava-se de algo que fazia parte do meu repertório de comportamento antes de migrar e que senti reforçado lá.

Ir ao salão de beleza era bastante dispendioso para mim: passei os primeiros meses sem trabalhar e, depois de empregada, tinha outras prioridades financeiras, como dividir as contas em casa, comprar roupas mais adequadas ao frio, por exemplo. Raramente pintava minhas unhas, embora goste de vê-las “feitas”, porque o esmalte não durava quase nada: usava luva com frequência no trabalho e as atividades domésticas acabavam provocando esse efeito. Durante todo tempo que estive em BC, fui apenas uma vez ao salão, um empreendimento brasileiro, próximo a minha casa. A cabeleireira, também brasileira, fez só parcialmente o corte que solicitei (que seria mais curto), insistindo muito enfaticamente que eu mantivesse longos meus cabelos, além de demonstrar surpresa ao perceber que nunca haviam sido tingidos ou passado por outros procedimentos químicos. Eu mantenho meus cabelos assim até hoje...

Havia motivos que me faziam sentir bem em morar numa cidade como Vancouver: tinha acesso a lugares belíssimos muito facilmente; considerava-me bem recebida no Canadá; eu me comunicava com as pessoas na rua e resolvia facilmente questões do dia-a-dia, mesmo com inglês deficiente; não percebia dificuldades mais intensas de adaptação

ao ritmo da cidade e gostava de habitar um lugar onde podia ter contato com muitas culturas distintas. Ao mesmo tempo, eu tinha oscilações de humor frequentes, percebi intensificadas minhas dificuldades para dormir (por conta do barulho constante de sirenes na região onde morava), observava uma constante sensação de vazio e me via, especialmente nos ambientes de trabalho, como que fora de lugar, sem enxergar um sentido mais palpável para o que estava fazendo. Uma funcionária canadense da segunda empresa em que trabalhei, também em contrato temporário, sabia da minha formação como psicóloga e me disse, com delicadeza, que eu não me acostumaria àquele trabalho, pois era muito diferente da minha profissão. Ela era bastante atenciosa, disponível para me fazer companhia, treinar comigo o inglês. Além de ir se despedir na véspera do meu retorno ao Brasil, ela ainda manteve contato, eventualmente, enviando-me fotos ou perguntando como estava.

Sua observação sobre o trabalho foi interessante e considero importante aqui apresentar minhas impressões sobre a experiência de uma psicóloga - que atuava na área clínica, desempenhando uma atividade intelectual e de relativo prestígio no Brasil - passar a trabalhar como operária em contratos temporários no Canadá, situando o corpo em outro lugar hierárquico e com demandas bastantes diferentes, distanciadas da própria formação e trajetória profissional.¹⁰ Além de perceber menos habilidades físicas como: menos rapidez para certos procedimentos manuais, especialmente quando realizados na esteira ligada; pouca resiliência para trabalhar mais de oito horas em pé, nos dias em que havia possibilidade de receber valores mais altos pelas horas de trabalho extra; cansaço e sensação tédio ao realizar a mesma tarefa, como preencher as caixas de encomendas online por muitas horas, reconheço que a comunicação pouco eficiente em inglês empobrecia meus contatos com demais funcionários e funcionárias. Eu me sentia e me portava de forma insegura na maior parte do tempo, evitando chamar atenção para minha presença, desculpando-me quando não atendia corretamente uma função, ou quando não entendia uma demanda.

¹⁰ Minha trajetória profissional não se restringiu ao trabalho como psicóloga clínica. Comecei a trabalhar aos 18 anos, quando fui convidada a ser professora de português no CCPA, um colégio particular de Aracaju, onde eu também havia estudado. Depois fui aprovada em concurso para professora substituta no departamento de Psicologia da UFS e, terminado o contrato, passei a me dedicar exclusivamente ao consultório. Embora trabalhasse muitas horas por dia, desde muito jovem, os contextos eram muito diferentes, sem dúvida, e solicitavam habilidades também diferentes.

Certa vez cheguei bastante atrasada, porque peguei o ônibus errado, e fiquei muito preocupada, como se fosse perder o dia todo de trabalho ou mesmo ser dispensada. Nada disso aconteceu. Minha supervisora me tranquilizou, me encaminhou à equipe de que faria parte naquele dia e apenas minhas horas de trabalho foram diminuídas porque eu “bati o ponto”, ou seja, registrei minha entrada no trabalho com meu cartão, após o horários esperado. Trago aqui a situação de atraso porque é muito raro que eu me atrase em compromissos de trabalho. Nessas situações, eu me desculpo e justifico quando necessário, ou seja, a chateação não foi algo completamente distante do meu repertório de comportamentos, porque realmente não me sinto confortável com atrasos. Lembrar a forma como fui falar com a supervisora canadense na fábrica, o modo como me dirigia a um paciente me aguardando no consultório ou ainda a maneira como falava com um coordenador de escola, todavia, situam este corpo trabalhador em lugares hierárquicos distintos, com diferenças na maneira como me porto, como me comunico, como me sinto diante da “mesma” situação. E posso me recordar com certa facilidade que me senti mais insegura e vulnerável a possíveis críticas ou sanções, mesmo sendo uma experiência isolada e muito simples (isso aconteceu somente uma vez), trabalhando como operária em um país anglofônico, onde tinha notícia de que a pontualidade era respeitada e tratada como valor importante. Eu precisava que o contrato fosse renovado e não tinha garantia nenhuma, já que havíamos sido contratadas para suprir demandas específicas de final e início de ano. Recebíamos e-mails com os turnos de trabalho a cada semana e os dias não preenchidos eram também dias sem remuneração financeira, o que impactava no orçamento já restrito. Estas condições de trabalho são conhecidas, não se tratava de algo inesperado para o vínculo que tinha com a empresa, mas, no dia-a-dia, tal instabilidade se somava a outros fatores estressantes.

Eu não me recordo de ter vergonha ao falar sobre meu emprego com as pessoas do Brasil, como ouvi de uma das entrevistadas. Também não percebi esta dificuldade, ao descrever as atividades que realizava, quando me propus a incluir minha experiência na escrita da Dissertação. Eu me lembro de me sentir deslocada e estranha, sem referências e com minhas possibilidades profissionais completamente retraídas, praticamente anuladas. O que eu sabia fazer, minhas habilidades não tinham valor naquele contexto, nem poderiam ser reconhecidas, embora tenham sido solicitadas como comprovação para obter o visto de residência temporária no Canadá. Eu não tinha nenhuma autonomia no trabalho, não via como fazer a diferença nas duas empresas pelas quais transitei, ou na

vida das pessoas com quem trabalhava. Não encontrava espaço para ter iniciativa naqueles lugares. Eu seguia ordens, participava dos processos de produção e ficava anônima. Talvez por isso os bilhetes de agradecimento pelas atitudes singelas de contribuição especial ao dia de trabalho tenham tido efeito tão claro em mim, como já citei. O que eu sabia ser possível utilizar para fazer bem feito meu trabalho era o treino em observar comportamentos e pessoas, além da capacidade de me concentrar em atividades por longas horas. Tais habilidades eu entendo que me ajudaram a captar nuances do que precisava fazer, como e a quem me dirigir quando precisava de algo, realizar tarefas sem me distrair, não errar tanto os processos que aprendia, evitando possíveis situações de conflito mais intensas.

Não exercer uma atividade profissional que me oportunizava realizar as atividades para as quais me preparei em consultório, abrir mão do reconhecimento social que eu tinha como psicóloga (e antes como professora) foi desafiador. Se por um lado eu pude descansar, temporariamente, dos anos seguidos de trabalho em consultório e do estresse acumulado, por outro, não me reconheci nas atividades que estariam a minha disposição. O contexto laboral em que me vi naquela época exigia habilidades para as quais não dava tanta atenção e não tinha treino (atividades manuais), uma disposição e preparo físicos que nunca haviam sido alvos do meu investimento (treinos em academia, atividades esportivas e afins), me situavam em funções não qualificadas exercidas em galpões ou fábricas durante muitas horas. Na época, mesmo que me mantivesse em terapia, eu não conseguia descrever propriamente os motivos de me sentir tão mal, ainda que me desse conta de uma boa parte das dificuldades de viver aquela experiência. O casamento (já bastante fragilizado nesse contexto) e as atividades profissionais (completamente diferentes das que exercia no Brasil) parecem-me os pontos mais sensíveis da minha trajetória migratória, finalizada antes mesmo de expirar a validade do meu visto de trabalho. Decidi retornar ao Brasil, em janeiro de 2020, logo após o fim do casamento.

Mesmo tendo sido breve minha vivência como imigrante, tratou-se de uma experiência intensa, marcada por muitas mudanças em curto espaço de tempo, além de ter sido pensada e planejada (a intenção era que fosse definitiva) durante quase dois anos antes de se concretizar. Refiro-me a um processo que incluiu rupturas inevitáveis, como a distância física da família, das referências de toda uma vida, do exercício profissional como psicóloga clínica, entre outras coisas, ao mesmo tempo que passou por uma finalização brusca e associada a um processo de separação conjugal. Mesmo que

resumidamente, considerei importante apresentar alguns aspectos da minha experiência anterior com meu atual campo de pesquisa, em função do contexto em que me propus a elaborar e executar este trabalho acadêmico e por entender que a vivência desta travessia contribuiu com meu trabalho de pesquisa com imigrantes brasileiras.

Mergulhar em um país como o Canadá, que se declara oficialmente multicultural, residir em uma de suas províncias mais populosas e com forte apelo turístico, ouvir idiomas vários e ter acesso a práticas culturais diversas, corporificadas por tantos grupos diferentes reunidos pode ser traduzido de diversas formas. Experimentar este deslocamento e suas imprevisibilidades, nas circunstâncias em que me propus à vivência como imigrante, trouxe-me a possibilidade de me perceber de um outro lugar, sob a mira de olhares diversos e estranhos à minha trajetória. Eu própria me via diferente. Corpo em trânsito, revendo a própria brasilidade diante do espelho, nas interações íntimas e sociais, nas possibilidades de consumo, em práticas de trabalho exaustivas e completamente novas, em rotinas que se modificavam em curto espaço de tempo, em hábitos alimentares que dialogavam não só com as ofertas da estação, mas também com os itens disponíveis no “food bank”, com horários de trabalho que se modificavam e, por vezes, com recursos financeiros instáveis. Corpo constantemente afetado por ausências sentidas, por novas demandas, algumas exigências e também possibilidades interessantes, desconhecidas e ampliadas. Em função do tempo que precisei aguardar antes de começar a trabalhar legalmente, pude explorar e fotografar a cidade onde iria morar e seus arredores, observar seu ritmo, as pessoas, as atividades diárias, contemplar longamente paisagens deslumbrantes e fazer registros por escrito em diário, participar de voluntariado, visitar feiras, fazer novas amizades. Durante o tempo em que trabalhei, tive acesso a pessoas que vinham dos mais diferentes lugares como Austrália, Índia, Colômbia, Polônia, Filipinas, China, Japão, Líbano, Irã, México, Somália, Romênia, apenas para citar alguns exemplos de que me recorde e aos quais pude perguntar de onde vinham em breves diálogos.

Ao retornar ao Brasil, outras demandas por recomeço se fizeram presentes, com as particularidades intensas e assustadoras provocadas pela pandemia da COVID-19. Elaborar um projeto de pesquisa, submeter-me a um processo seletivo de mestrado em área diferente da minha formação e ser aprovada para cursar uma pós-graduação na mesma universidade onde havia me formado há 20 anos foi outra virada de página. O processo de me fazer corpo de mulher pesquisadora me desafiou a olhar para esta experiência por outras perspectivas, num exercício constante de reflexão sobre lugares

que dialogam entre si: o lugar de saída, o lugar de chegada, o lugar do retorno. Ao retomar fragmentos da minha experiência e realizar a escuta de cada entrevistada, fui convidada a pensar não somente no meu corpo que se modificou, mas que também afetava o entorno e se fazia notar na cor da pele, nos gestos, nos acessórios, nos silêncios constrangidos, nas conversas em português ao telefone com a família, no trajese de verão, no sorriso largo, na postura muitas vezes repleta de receios de não entender os novos códigos e fazer algo errado ou ofensivo, num misto de práticas que ora se distinguiam, ora se misturavam... Cada fase deste processo imprimiu significados novos a esta história que foi se refazendo, reescrevendo, assim como meu olhar para o tema das migrações internacionais. Escrever esta Dissertação foi um processo intenso e mobilizador que me oportunizou lugares diferentes de escuta, entendimento, análise, potencializando minhas curiosidades e reafirmando meu interesse pelo olhar sociológico dirigido o corpo e suas possibilidades de trânsito pelo mundo. A seguir, vou detalhar como se deu o processo de pesquisa, os procedimentos adotados para coleta e análise dos dados e destacar algumas das leituras que me auxiliaram neste percurso a compor sua metodologia.

Notas sobre a metodologia de pesquisa: o olhar e a escuta de quem já passou por ali...

O estudo sobre o qual verso neste trabalho foi realizado durante o curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se de uma pesquisa qualitativa¹¹ que reflete sobre se as disposições trazidas por brasileiras imigrantes que residem em British Columbia são fonte de discriminação e preconceito ou de valorização e favorecimento nas interações destas imigrantes com canadenses e outros imigrantes. A escolha pelo tema das migrações internacionais, a definição o objeto de pesquisa e do campo estão, assim, relacionados à experiência desta pesquisadora, como foi descrito anteriormente.

¹¹ Maria Cecília Minayo (2006) refere-se à realidade social como “a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante”, ao destacar a importância do método qualitativo na pesquisa em Ciências Sociais. A autora também nos chama atenção sobre a relação entre investigador e seu campo de estudos em pesquisa social afirmando que “a visão de mundo de ambos está implicada em todo processo de conhecimento”, estendendo-se da definição do objeto à aplicação dos resultados “Ou seja, a relação neste caso, entre conhecimento e interesse deve ser compreendida como critério de realidade e busca de objetivação.” (MINAYO,2006, p.13)

Fabiane Albuquerque (2017), ao refletir sobre sua experiência como pesquisadora em uma cidade da Itália onde havia vivido anos antes como imigrante, fala sobre a relação que seu corpo de mulher, brasileira, negra, situado histórica e socialmente naquele espaço, estabelece com seu campo de pesquisa e como são configurados olhares, sua inserção no campo, as possibilidades ou impedimentos de trânsito por certos lugares, as maneiras como se estabelecem os contatos com os participantes da pesquisa (também imigrantes), os modos de recepção a sua presença por parte de imigrantes e de nativos, os estigmas relacionados ao corpo feminino negro de origem brasileira em trânsito por uma cidade Italiana. E sobre a importância de se considerar o tema do corpo nos estudos migratórios, ela afirma:

O corpo é o principal elemento de interação: chegando antes de qualquer coisa, é a primeira mensagem a ser transmitida. Com base nele, portas podem ou não ser abertas. Portanto, a partir dele se busca aprofundar ou não o nível das relações, muitas vezes iniciadas a partir de estereótipos. E quando se trata de entrevistar, participar e observar uma realidade, é fundamental tomar consciência de haver um corpo e, no caso de muitas mulheres, um “corpo marcado”¹² (ALBUQUERQUE, 2017, p. 327).

A referida autora segue ponderando sobre sua atuação como pesquisadora, e destaca, a partir da compreensão de uma ‘antropologia encarnada’, a importância de observar e refletir sobre o significado de certos discursos não somente para os participantes do estudo com quem tinha contato, mas também para ela, que havia vivido como imigrante na mesma cidade onde realizava sua pesquisa. Ela afirma sobre o papel significativo de sua experiência anterior, ao se inserir no campo de pesquisa e ao interagir com o que denomina “mundo dos migrantes”¹³, além de refletir sobre o processo de ressignificação da própria experiência (ao olhá-la deste lugar) e a maneira como a consciência de “pertencimento”¹⁴ a ajudou no contato com a realidade tomada para estudo.

¹²A autora faz referência ao conceito de “corpos marcados” de Haraway (1995) e afirma em seguida: “Como pesquisadora, a consciência de ter um corpo “marcado” (e um corpo que era “visto”) acabou por me propiciar uma posição muitas vezes privilegiada em relação a outros corpos “marcados”, de imigrantes provenientes de ex-colônias, de mulheres e de não brancos” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 314).

¹³“Durante toda a pesquisa não recebi com espanto as falas e as experiências relatadas pelos imigrantes, porque durante meu próprio período como imigrante ouvi e vivenciei várias situações semelhantes. Tampouco tentei minimizar experiências de sofrimento, reação esta que se mostrou algo de muito positivo para os imigrantes entrevistados” (ALBUQUERQUE, 2017, p. 323).

¹⁴“A consciência de ‘pertencimento’ que Bourdieu traz para o campo, e que orientou sua postura, seus questionamentos e sua sensibilidade ao olhar para este fenômeno, então, ajudaram-me a perceber também o meu próprio lugar, o lugar de onde ‘vejo’ a realidade – o que ele chama de ‘objetivação da subjetividade (...)’ (ALBUQUERQUE, 2017, p. 316).

Pensar os desafios de campo a partir do corpo e dos seus lugares nas sociedades é importante para a “reconciliação” entre os dualismos criados pela tradição científica masculina e ocidental. Não apenas isso, é também dar legitimidade às experiências de corpos “marcados” que são anuladas, bem como muitas vezes relegadas ao “limbo acadêmico”, acusadas de pseudociência e de subjetivismo infundado. Contudo, não se trata de um mero prazer de falar de si e de expor-se, mas de perceber as interconexões entre história individual, corporeidade e história social (ALBUQUERQUE, 2017, p. 324).

A forma como a autora citada descreve seu trabalho como pesquisadora e o significado que atribuiu a sua experiência anterior como imigrante foram bastante importantes no processo de elaboração, planejamento e realização desta pesquisa, não somente pelas provocações e reflexões críticas a respeito das tradições teóricas em pesquisa acadêmica, mas também em termos práticos, situando-me, quando me coloquei a acessar e ouvir as entrevistadas, ou em momentos nos quais entrei em contato com situações, conflitos que vivi durante minha experiência no Canadá de forma semelhante. Tive oportunidade de ponderar, a partir desta e de outras leituras a que farei referência, sobre o quanto a informação de eu ter vivido a experiência migrante interferiu no diálogo que estabeleci com as participantes, além do fato de me apresentar como psicóloga e mestrandanda em sociologia. Tratam-se de questões que compuseram o permanente processo reflexivo, ao me fazer corpo de mulher pesquisadora, e que me ajudaram de várias formas neste percurso, porque me colocaram também vigilante às implicações desta minha relação anterior com meu atual campo de pesquisa.

Considerando, portanto, o contexto em que meu interesse de estudo se formulou, ressalto aqui igualmente a importância de atentar para questões tratadas por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2005), ao discutirem “A profissão de Sociólogo”. Nessa obra, os autores apresentam o papel da “vigilância epistemológica nas ciências do homem” e alertam para as proposições do que chamam de ‘sociologia espontânea’, assim como o risco de o sociólogo se tornar um ‘profeta do social’. A fim de realizar um trabalho que possa ser respaldado cientificamente, são apresentados critérios na construção dos objetos de pesquisa social, reforçando seja feita uma rigorosa e constante verificação não somente das técnicas e recursos metodológicos, mas especialmente acerca do uso e apropriação dos referenciais teóricos na formulação das hipóteses, na análise dos dados e materiais coletados:

Por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, só pode ser definido e construído em função de uma problemática teórica que permita submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação

entre si pela questão que lhe é formulada (BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON, 2005, p. 48).

A defesa a que o pesquisador se mantenha reflexivo quanto ao foco de seu estudo e interogue suas questões, sistemática e sociologicamente, é apresentada pelos autores como estratégia a que se verifiquem e se se reconheçam os limites das técnicas de pesquisa e do próprio objeto que esteja sob investigação. Afirmando que a objetividade da ciência não poderia ser medida ou garantida pela objetividade dos cientistas, os autores argumentam sobre a importância da Sociologia do conhecimento e a Sociologia da sociologia, como instrumentos efetivos para que seja sempre avaliada a prática acadêmica.¹⁵ A leitura desse texto foi importante para situar não somente as dificuldades de investigação relativas a um tema tão próximo de uma experiência recente da vida da pesquisadora, mas também para refletir sobre a ilusão de neutralidade na produção do conhecimento científico, o qual, assim como acontece com os sociólogos, não existe deslocado ou separado da realidade histórica e social que o produz e sustenta.

Importante dizer que as reflexões propiciadas pelas propostas acima referidas não se deram sem dificuldades. Na escrita de Fabiane Albuquerque (2017), encontrei não somente respaldo ao fazer científico que se compõe a partir de uma experiência pessoal, diretamente relacionada ao campo de investigação da pesquisadora, mas também a defesa a este fato como uma vantagem, uma distinção, que não só favorece a inserção no campo, mas propicia a produção de análises mais consistentes. A experiência anterior e a proximidade com o campo seriam fontes privilegiadas de conhecimento, cuja elaboração se daria de forma mais profunda, ao priorizar e dar voz a aspectos da experiência migrante que poderiam ser desconsiderados. Já o percurso metodológico proposto por Bourdieu, Passeron e Chamboredon (2005) sinaliza a importância da reflexividade na formulação do distanciamento, apresentado como necessário à pesquisa e à construção do saber científico. O objetivo de trazê-los aqui foi justamente pensar sobre os limites e vantagens de uma e outra proposições, considerando que é possível realizar uma pesquisa criteriosa e que traga contribuições relevantes a partir de uma experiência pessoal, fazendo uso dos recursos e elementos que tenham sido incorporados numa vivência específica, ao mesmo tempo que se sejam observados e atentamente conduzidos os princípios metodológicos

¹⁵“(…) ao se ignorar como sujeito culto de uma cultura particular e ao não subordinar toda sua prática a um questionamento contínuo em relação a esse enraizamento, o sociólogo (mais do que o etnólogo) é vulnerável à ilusão da evidência imediata ou à tentação de universalizar, inconscientemente, uma experiência singular” (BOURDIEU, CHAMBOREDON e PASSERON, 2005, p.91).

para investigação no meio acadêmico e, mais especificamente, a partir dos referenciais da Sociologia.

Fizeram parte das minhas pesquisas sobre metodologia em Ciências Sociais o contato com autoras e autores que trabalharam em suas pesquisas e escritos com fontes orais, biografias, histórias de vida, obtidos como relatos, depoimentos, ou a partir de entrevistas em profundidade, além de investigações que utilizaram o método da autoetnografia¹⁶. Maria Izaura Pereira de Queiroz (1988), em seu clássico texto “Relatos Oraís: do indizível ao dizível”, apresenta informações sobre história oral e sua contextualização histórica, citando os sociólogos Thomas e Znaniecki¹⁷, ao tratar sobre método biográfico em Sociologia, além de Jhon Dollard¹⁸ e do antropólogo Franz Boas.¹⁹ A autora destaca a importância dos relatos orais para transmissão do conhecimento como a maior fonte de dados para as ciências em geral, antecedendo outras técnicas de obtenção e conservação do saber. Sobre a entrevista, recurso utilizado nesta investigação, a autora afirma que “(...)a entrevista está presente em todas as formas de coleta de relatos orais, pois estes implicam sempre um colóquio entre pesquisador e narrador.” (QUEIROZ,1988, p.6)

Howard Becker (1994) faz uma descrição interessante de como o Departamento de Sociologia de Chicago promoveu essa perspectiva na década de vinte em estudos relacionados ao espaço urbano, em particular os que foram dirigidos por Robert Park. O autor sinaliza as vantagens no uso da história de vida nas pesquisas em sociologia e a distingue da autobiografia convencional, embora reconheça que o método apresenta características que as aproximam, como a forma de narrativa, o uso de primeira pessoa e postura subjetiva, defendendo a existência de recursos que garantam uma utilização apropriada na coleta de informações confiáveis para pesquisa no meio acadêmico. Sobre a validade do método, Becker pontua que a história de vida fornece “uma visão do lado

¹⁶ “Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra me remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve)” (SANTOS, 2020, p.29).

¹⁷Referência a “O Camponês Polonês na Europa e América” – 1918-1920.

¹⁸ Referência a “Critérios para História de Vida, com análise de seis documentos notáveis” – 1935.

¹⁹“Estes cientistas sociais encaravam a história oral e, principalmente a história de vida como um instrumento fundamental de suas disciplinas. Porém, enquanto Boas a empregava sem grandes discussões, tanto Dollard quanto Thomas e Znaniecki alertavam para as dificuldades que apresentavam” (QUEIROZ, 1988, p.1).

subjetivo de processos institucionais muito estudados”, que seria importante quando uma área de estudo se tornou estagnada, ressaltando o quanto chama atenção que não seja mais amplamente aplicada nas pesquisas. Ele diz que, embora os sociólogos nunca tenham deixado de fazer uso da história oral, nunca a padronizaram como instrumento de pesquisa.

Daniel Bertaux²⁰, ao ser entrevistado sobre o Relato de Vida como método em Ciências Sociais, refere-se à perspectiva Etnossociológica - termo criado por ele para nomear a abordagem empírica aplicada às suas pesquisas - e enfatiza o potencial e riqueza da História de Vida, tratando-a como um tipo de observação empírica apropriada a conhecer o “como isto funciona” das partes em um grande “mosaico societal”. Tratar-se-ia, segundo ele, de um enfoque “etnográfico sociológico” ou “socioantropológico” seu método de trabalho. Acerca de uma definição para o método Relatos de Vida, o referido autor entende que não há uma forma apenas de utilizá-la, em se considerando as especificidades das diversas disciplinas em ciências humanas, e que mesmo na sociologia existiriam maneiras distintas de se conceber o uso de Relatos de Vida. Bertaux segue discutindo sobre o uso criterioso do método em questão e ressalta que o diferencial para uma boa sociologia é concentrar o olhar no que se refere às relações sociais, ou socioestruturais, e não no que as pessoas têm em mente. Para que se faça uma pesquisa em sociologia, assim, não bastaria apenas ter os recursos necessários para coletar um ou mais relatos, mas se faz imprescindível construir algo de sociológico com um trabalho cumulativo de pesquisa, o que ele alerta não ser propriamente fácil.

Discorrendo sobre o uso e a validade das Histórias de Vida na investigação sociológica, Daniel Bertaux parte da ideia de que “ninguém conhece a sociedade como um todo”, mas que cada pessoa têm uma compreensão profunda e relevante sobre o grupo social que integre, a atividade profissional que tenha desenvolvido por muitos anos, ou seja, porta saberes sobre “mundos sociais específicos e suas lógicas de funcionamento” ou das “situações socioestruturais” de que faça parte, consistindo, assim, em conhecimento importante a ser trabalhado pela Sociologia a partir de uma metodologia que privilegia “pelo menos três características dos atores: sua singularidade, sua historicidade, sua subjetividade (percepção e atividade semiautônoma), bem como leva

²⁰ Entrevista concedida por Daniel Bertaux a Luciano Rodrigues Costa e Yumi Garcia dos Santos, publicada em 2020, cuja referência encontra-se na Bibliografia desta Dissertação.

em conta a dimensão temporal dos processos de funcionamento social do objeto estudado (COSTA; SANTOS, 2020. p. 337).

No tocante às críticas feitas ao uso das histórias de vida por parte dos cientistas sociais, Pierre Bourdieu (2006) no texto “A ilusão biográfica” é também um referencial importante a ser considerado. Nele é possível encontrar forte questionamento à validade do que se obtém por meio dos relatos autobiográficos, uma vez que, para o autor, a compilação de experiência individual linearmente sequenciada, que se traduziria, por fim, na biografia, ou história de vida, é artificial e incompatível com a complexidade com que se produzem as realidades vividas, constantemente em processo de transformação. Recorrendo às formas de identificação social e reconhecimento de uma unidade formal durante uma trajetória de vida, Bourdieu trata o nome – a identificação que carregamos em documentos - como abstração que sustenta uma “ilusão de permanência”, assim como os documentos que se utilizam e as narrativas com a função biográfica.

Essa propensão de tornar-se ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fim, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido (BOURDIEU, 2006 p.184).

Definindo os “acontecimento biográficos” como “colocações e deslocamentos no espaço social”, o autor conclui sua crítica afirmando que uma compreensão que se debruce sobre uma trajetória precisaria levar em conta a distribuição de capitais nos campos em que ela se produz, em seus aspectos estruturais, assim como as relações objetivas entre os agentes envolvidos nas narrativas com os demais que as compõem em número consistente de confrontações e em procedimentos rigorosos de uma análise que se pretenda científica. Essas e outras questões diretamente associadas à produção do saber em Sociologia se revelaram bastante provocativas e pertinentes enquanto revia meu pré-projeto de pesquisa e reformulava objetivos, procedimentos a serem adotados, definia o campo, preparava os critérios para buscar e selecionar participantes, na formulação do roteiro de entrevista, na preparação para a realização dos contatos com possíveis entrevistadas e na escuta das mesmas, além de redimensionarem as possibilidades de problematização para o tema das migrações.

Para o presente estudo, além do levantamento bibliográfico sobre Imigração, Corpo e Gênero e a respeito das questões teórico-metodológicas aqui resumidamente

apresentadas, busquei dados sobre imigração, utilizando como fontes portais do Ministério das Relações Exteriores, da Organização das Nações Unidas, Organização Internacional para as Migrações, assim como documentos dos Departamentos de Estatísticas e de Imigração do Canadá, relatórios e outros materiais disponíveis nos sites do governo canadense e de British Columbia que informassem sobre a presença de imigrantes e demais questões relevantes para a pesquisa. Foram também acessados, canais oficiais do governo canadense e de British Columbia no Youtube e nas redes sociais, como Facebook. Eu me mantive em grupos do Facebook destinados a brasileiros e brasileiras no Canadá e em BC nos quais havia me inscrito durante minha trajetória migrante e continuei acompanhando postagens, notícias, propagandas, mantendo-me atualizada acerca de eventos e questões apresentadas por brasileiras e brasileiros que já residiam no Canadá ou que estavam se preparando para se mudar de país. Um relato pessoal da experiência como imigrante em British Columbia também compõe esta pesquisa, como foi apresentado antes desta Seção. Para a formulação deste escrito, utilizei como fonte relatos sobre minha trajetória migrante, escritos antes da formulação do projeto de pesquisa que foi submetido à seleção do mestrado, como também fotos, documentos do processo migratório e informações arquivadas em mensagens no aparelho celular.

A fim de obter os relatos das imigrantes brasileiras, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 brasileiras que residiam há pelo menos 1 ano em British Columbia, portando vistos temporários ou permanentes de residência, acessadas inicialmente a partir de uma rede de contatos estabelecidos durante o tempo que morei em Vancouver. Os contatos iniciais foram feitos por mensagem, utilizando Instagram, Facebook e Whatsapp. Por meio de mensagens escritas, foram apresentadas informações gerais da pesquisa e da pesquisadora, assim como o convite para participar do estudo concedendo uma entrevista de forma remota. Os contatos foram feitos também por mensagem de áudio, para esclarecer dúvidas ou passar detalhes sobre os agendamentos, favorecendo uma comunicação mais próxima, já que as entrevistas não seriam feitas pessoalmente. As participantes foram informadas sobre o sigilo em relação à identidade delas e consultadas, previamente, sobre a autorização para que fossem gravadas as entrevistas, a fim de que as informações pudessem ser transcritas com precisão e utilizadas na pesquisa. Todas as participantes assinaram o Termo de Livre Consentimento

Esclarecido, que está disponível nos anexos desta Dissertação junto com o roteiro de entrevista utilizado.

As entrevistas foram semiestruturadas e seguiram um roteiro formulado a partir dos objetivos da pesquisa. A Plataforma utilizada para todas as chamadas de vídeo foi o Zoom, sendo que eu me disponibilizei, durante os contatos, a usar outro meio, caso alguma participante tivesse qualquer dificuldade ou restrição com o referido recurso. Estes encontros foram realizados em dois momentos: 7 entrevistas aconteceram entre os meses de novembro e dezembro de 2021 e 5 entrevistas aconteceram entre os meses de maio e julho de 2022. A conversa mais curta teve 45 minutos de duração, a mais longa 2 horas e 36 minutos e apenas uma das entrevistas aconteceu em duas etapas, em dias seguidos, por conta da rotina da entrevistada. No mês de agosto de 2022²¹, foram feitos contatos com as participantes do primeiro grupo de entrevistadas, particularmente, a fim de atualizar dados sobre status migratório, trabalho, entre outras questões, assim como para esclarecer pontos como a autoidentificação racial e suas diferenças no Brasil e no Canadá. Todas as participantes retornaram o contato e as que consideravam a necessidade de atualizar alguma informação o fizeram por meio de áudio ou por escrito através do WhatsApp. As entrevistas foram gravadas e arquivadas no computador tanto em vídeo quanto somente em áudio e, seguir, foram todas transcritas pela pesquisadora. As informações colhidas foram sistematizadas, considerando: a) mudanças relacionadas a práticas voltadas ao corpo; b) percepção das participantes sobre a imagem das mulheres brasileiras em British Columbia para canadenses e outros imigrantes, bem como acerca de possíveis prejuízos e/ou benefícios ao serem identificadas como brasileiras; c) autoidentificação étnico-racial das participantes no Brasil e no Canadá e as implicações dessa questão em seu processo migratório.

Os dados obtidos nas entrevistas, organizadas de acordo com estes três temas, foram analisadas a partir do entendimento de “corpo-imigrante”, conceito trabalhado pelo Prof. Dr. Marcelo Ennes em publicação resultante de suas pesquisas voltadas ao tema do corpo e da imigração. Para tanto, foram acionados conceitos como: incorporação, *habitus*, campo, *hexis*, particularmente em diálogo com a teoria de Pierre Bourdieu (1980; 1989; 2005; 2009; 2012; 2014). Autores como Marcel Mauss (2003), Le Breton (2004; 2012) e Norbert Elias (2000; 2005) também compuseram o referencial teórico, que se estendeu a

²¹ Refiro-me aqui ao ano de 2022.

autoras e autores que trabalham com gênero, imigração e raça como: Joan Scott (1995), Miriam Grossi (1998), Sônia Alvarez (2014), Berenice Bento (2006), Guacira Lopes Louro (2004), Chiara Puseti (2010; 2012; 2015), Adriana Piscitelli (2007; 2008; 2015), Glaucia de Oliveira Assis (2007; 2011), Kimberle Crenshaw (2002; 2004), Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (1995; 2003; 2009), Lélia Gonzales (1988; 2020) e Paulo Neves (2005; 2009; 2018), entre outras referências.

A fim de preservar a identidade das participantes da pesquisa, eu atribuí nomes fictícios a cada uma delas e retirei informações dos trechos de seus relatos que revelassem a identidade de familiares e conhecidas(os), assim como especificidades sobre suas profissões no Brasil, os nomes de locais de trabalho no Brasil e no Canadá e das cidades onde residiam antes de migrar para British Columbia. Tais cuidados foram tomados, seguindo requisitos éticos de pesquisa, a fim de garantir que as entrevistadas se sentissem confortáveis e seguras para expor suas opiniões e vivências sobre os temas tratados nesta pesquisa.

CAPÍTULO I – MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E O CANADÁ COMO PAÍS DE DESTINO.

1.1 Migrações internacionais: ressignificando conceitos, ampliando possibilidades de análise.

O capítulo que inicia esta Dissertação, fruto da pesquisa que realizei com brasileiras que residem em British Columbia, traz o tema das Migrações Internacionais como foco de discussão e apresenta informações sobre o Canadá e sua política Multicultural de recepção de imigrantes. British Columbia, província canadense onde residem as brasileiras que participaram dessa investigação, também é apresentada, tanto em seus aspectos gerais quanto por meio de algumas de suas peculiaridades, a fim de que sejam situadas as discussões sobre gênero e corpo, que também compõem este trabalho. A tarefa a que me proponho nesta Dissertação está longe de ser simples. O que posso dizer de pronto é que tenho me sentido permanentemente provocada, instigada a conhecer mais sobre as possibilidades de estudo acerca dos deslocamentos humanos, além de aprofundar meu entendimento sobre os processos de migração internacional e seus impactos na realidade de indivíduos e grupos que buscam, de modo voluntário ou não, construir uma nova vida em outro país. Nos últimos três anos, particularmente, quando voltei meu interesse acadêmico a este tema, tenho me dado conta de que se trata de campo de estudos repleto de questões não somente interessantes e atuais, mas também importantes para que possamos enriquecer os debates acerca das relações sociais contemporâneas.

De acordo com estimativas apresentadas²² pela Organização das Nações Unidas, o número de migrantes internacionais chegou a 281 milhões em 2020, somando 3,6% da população mundial. Embora tenha sido constatada uma desaceleração de 27% no crescimento da migração internacional, como um dos efeitos da Pandemia de COVID-

²²Os dados compõem um relatório divulgado pela Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (DESA)

19²³, a mobilidade entre países não foi completamente impedida. (ONU, 2022)²⁴ O fechamento de fronteiras, as restrições ao trânsito das pessoas, a redução nas remessas internacionais²⁵ são algumas das questões relativas aos processos migratórios que merecem atenção ao se pensar sobre os impactos desta gravíssima crise vivida mundialmente.

Ainda segundo informações divulgadas pela ONU, dois terços desses migrantes vivem em apenas 20 países, sendo os Estados Unidos aquele que lidera esta lista como país de destino para 51 milhões de migrantes internacionais e a Alemanha, o que ocupa a segunda posição com 16 milhões.²⁶ Na mesma notícia relativa aos dados reunidos pelo Relatório divulgado pela ONU, foi informado que quase a metade dos migrantes internacionais residia em sua região de origem - como no caso da Europa, que tem 70% dos migrantes cujos países de origem são europeus - e que próximo de dois terços de todos os imigrantes internacionais vivem em países de alta renda. Todavia, quando diz respeito aos refugiados, tem-se que cerca de 80% desta população foi recebida por países de baixa e média rendas e “Esta população representou cerca de 3% de todos os migrantes internacionais em países de alta renda, em comparação com 25% nos países de renda média e 50% em países de baixa renda.” (ONU Brasil, 2021). Não somente este ponto chama atenção, mas também o fato de a pesquisa da ONU apontar que “os deslocamentos forçados continuam aumentando mais rapidamente do que a migração voluntária”, já que

²³Declarada como pandemia pela Organização Mundial de Saúde em 10 de março de 2020, a COVID-19 impôs um conjunto de restrições ao trânsito e ao contato entre pessoas sem precedentes. Fechamento de fronteiras, uso de máscaras e de outros procedimentos em rígidos protocolos de saúde, exigência de quarentena para estrangeiros em trânsito, para pessoas infectadas pelo vírus, longos períodos de lockdown, atividades laborais convertidas em trabalhos realizados remotamente, desenvolvimento de testes rápidos e vacinas e o estabelecimento de regras para exigência de testagem e imunização, disputa entre nações por vacinas, materiais de saúde escassos, perdas irreparáveis e em grande escala foram algumas das questões que se avolumaram e se tornaram agudas durante esta crise de saúde, a mais grave em cem anos. No Brasil, foram contabilizadas 695,461 mil mortes por conta da COVID, até a última atualização a que tive acesso, e o país ocupou a triste segunda posição mundial em óbitos.

²⁴Entre 2010 e 2019, o número de migrantes internacionais havia aumentado em pelo menos 51 milhões, chegando a 272 milhões de pessoas, somando 3,5% da população mundial (ONUBR, 2019). Disponível em <https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/>

²⁵Trata-se de transferências financeiras ou em espécie feitas por migrantes a familiares e/ou comunidades no seu país de origem. Segundo a OIM, Índia, China, México, Filipinas e Egito foram os cinco países que mais receberam remessas internacionais em 2020. Os Estados Unidos têm sido, por outro lado, o principal país emissor dessas remessas há décadas, seguido por Emirados Árabes, Arábia Saudita, Suíça e Alemanha. Disponível em <https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2022-interactive/>.

²⁶No que diz respeito aos locais mais procurados como destino, temos ainda que Arábia Saudita estaria em terceiro lugar, com 13 milhões de imigrantes, seguida pela Rússia com 12 milhões e Reino Unido com 9 milhões. (ONU Brasil, 2021)

em 20 anos o percentual de refugiados passou de 9,5% para 12% de todos os imigrantes internacionais. (ONU Brasil, 2021)²⁷

Dados disponibilizadas pelo site da Organização Internacional para as Migrações (OIM)²⁸, relativos à publicação do “Relatório Mundial das Migração 2022”²⁹, apontam que, em 2020, a Europa recebeu 87 milhões de imigrantes internacionais, seguida pela Ásia com 86 milhões e América do Norte com quase 59 milhões. Quanto à origem dos imigrantes internacionais, têm-se que de 40% dessas pessoas nasceram em países da Ásia, sendo que 20% originam-se de apenas seis países – Índia, China, Bangladesh, Paquistão, Filipinas e Afeganistão. A Índia é o maior país de origem de imigrantes internacionais, seguida pelo México e pela Federação Russa. Da população de imigrantes internacionais estimada, o relatório aponta que 135 milhões são mulheres, correspondendo a 3,5% da população feminina mundial, e 146 milhões são do sexo masculino, correspondendo a 3,7% da população masculina mundial.

Sobre o número de brasileiros fora do país³⁰, informações divulgadas pelo Ministério das Relações Exteriores, relativas ao ano de 2020³¹, apontavam que cerca de 4.215.800 brasileiros viviam no exterior, representando um aumento de pelo menos 600 mil pessoas desde 2018.³² Um novo levantamento, referente ao ano de 2021, apresentou que a comunidade brasileira no exterior ultrapassou 4.4 milhões de cidadãos, o que significa aumento de 180 mil pessoas em comparação com o que apontou o relatório anterior.³³ Dos 4.404.255 brasileiros que vivem fora do Brasil, segundo o relatório mencionado, 2.067.400 encontram-se na América do Norte, o que corresponde a 46,9%

²⁷Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/108030-crescimento-da-migracao-internacional-desacelerou-em-27>.

²⁸ Agência da ONU para Migrações, estabelecida em 1951, cujo objetivo é “promover uma migração segura, ordenada e digna para o benefício de todos”. (OIM, 2021)

²⁹ Documento publicado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) a cada dois anos com o objetivo de apontar as principais tendências migratórias no mundo.

³⁰O trecho a seguir parece-me válido, já que não trago informações mais detalhadas sobre o Brasil: “Em termos de migração internacional, Brasil foi considerado um país predominantemente receptor em um passado muito recente. Na década de 1980, pela primeira vez, no contexto de uma séria crise econômica, o país apresentou uma emigração significativa. A partir de então, a falta de oportunidades laborais e de possibilidade de mobilidade social, sobretudo para alguns setores das classes médias, alimentaram os fluxos de migração ao exterior” (PISCITELLI, 2008, p. 271).

³¹ Refiro-me a informações compiladas no documento “Comunidade Brasileira no Exterior – Estimativas Referentes ao ano de 2020”, cujo PDF encontra-se disponível no site do Ministério das Relações Exteriores.

³²As estimativas discriminavam ainda que 1.941.950 destes brasileiros, o que corresponde a 46,06% do total, teriam se deslocado para América do Norte, sendo que 121.950 estariam em terras canadenses.

³³Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/porta-consular/arquivos/14-09_brasileiros-no-exterior.pdf

do total.³⁴ Ainda de acordo com tal estimativa, 122.400 brasileiros estariam no Canadá, número que se faz sugestivo quando consideramos que, em 2015, a informação era de que cerca de 43.000 brasileiros estivessem no referido país. No referido relatório encontram-se informações sobre as dez maiores comunidades brasileiras no exterior, sua distribuição por jurisdição (consulados gerais), mas não estão especificadas categorias como gênero ou idade, por exemplo.

Oswaldo Truzzi e Karl Monsma (2018) problematizam o tema das migrações e sua importância nos estudos de Sociologia, destacando a grande visibilidade das migrações internacionais na atualidade.³⁵

Migrações constituem um dos campos mais abordados e compartilhados por tradições disciplinares distintas. Sociologia, antropologia, ciência política, demografia, economia, história – cada uma traz algo à mesa, seja teórica, seja empiricamente. Na tradição disciplinar da sociologia, desde a clássica obra de Florian Znaniecki e William I. Thomas, *The Polish Peasant in Europe and America*, publicada em cinco volumes entre os anos de 1918 e 1920, o estudo das migrações sempre ocupou um lugar central. (TRUZZI E MONSMA, 2018, p. 19)

Os autores ressaltam não somente ser este fenômeno de fundamental importância para compreensão das complexidades atinentes às dinâmicas sociais contemporâneas, mas também o consideram como desafio acadêmico por “(...) trazerem à baila uma grande diversidade de elementos teóricos e empíricos” (TRUZZI E MONSMA, 2018, p.20), necessitando ser amplamente discutido particularmente na sociologia.

Neide Lopes Patarra (2006) já sinalizava o número significativo de contribuições teóricas, empíricas sobre o tema em questão, dada a “crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização” além de ressaltar “sua diversidade, significados e implicações.” (PATARRA, 2006, p.23) A autora reflete a respeito das profundas mudanças no cenário internacional a partir de 1980 e seus impactos nas mobilidades de capital e das populações ao redor do mundo, propondo a necessidade de reavaliação dos paradigmas para a compreensão deste fenômeno e sugerindo que mesmo a sua definição seja revista. Ao problematizar as diferentes abordagens para o tema das migrações e destacar as questões relativas ao campo do trabalho, direitos dos migrantes, violações dos direitos humanos, entre outros pontos significativos relativos às políticas

³⁴ O relatório informa que a segunda maior comunidade de brasileiros no exterior está na Europa, com 1.360.881 cidadãos, o que representa 30.8% do total estimado.

³⁵ Refiro-me ao texto que introduz o Dossiê “Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente”, publicação da Revista Sociologias, cuja referência encontra-se na bibliografia deste trabalho.

migratórias, a autora defende que diversidade étnica, racismo e multiculturalismo sejam tratados de forma conjunta, considerando que imigrantes são frequentemente vistos como “estrangeiro ou quase cidadãos” por parte da população receptora.

O entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes passa pelo reconhecimento de que sob a rubrica migração internacional estão envolvidos fenômenos distintos, com grupos sociais e implicações diversas. Se, de um lado, nos interessa reter esse termo como forma de legitimar e garantir a visibilidade do que estamos tratando, nos fóruns internacionais e nacionais, de outro, carregamos o desafio de concretizar, em termos teórico-conceituais, as diversas e complexas interligações de instâncias sociais, econômicas, culturais, jurídicas e institucionais, entre outras, que envolvem os movimentos de pessoas que cruzam fronteiras de Estados-nação. (PATARRA, 2006, p. 9)

Considero significativo o alerta da autora sobre os diversos fenômenos e conceitos agrupados no tema das migrações internacionais, tanto no que diz respeito aos seus entrecruzamentos quanto às relações possíveis com campos de conhecimento diferentes. Ou seja, a depender da perspectiva adotada, da forma como definimos migração internacional, questões distintas são colocadas em debate. Os números trazidos no início deste capítulo, por exemplo, ainda que apresentados de forma resumida, dão pistas sobre como as coletividades, não somente indivíduos, estão se organizando em seus movimentos migratórios, a partir de demandas mais ou menos específicas relativas a trabalho, estudo, habitação, segurança, saúde, questões ambientais e climáticas, conflitos armados, violações de Direitos Humanos. Como podemos refletir sobre a Índia ocupar o primeiro lugar como país de origem de migrantes internacionais e os Estados Unidos serem o principal destino de migrantes? Como se produzem e reproduzem tais hierarquias e como estas se refletem nos diferentes status migratórios obtidos ao se cruzarem as fronteiras dos Estados Nação de destino?

Para além de considerarmos os deslocamentos como voluntários ou não, de situarmos migrantes como documentados ou indocumentados, de tomarmos nota das estratégias de mobilidade entre países e regiões, das possibilidades de inserção, adaptação e permanência de certos grupos em novos países de residência, vale refletir criticamente sobre as inúmeras forças que se fazem presentes nas composições, ao longo da história,

de fluxos migratórios³⁶, dos corredores migratórios pelo mundo³⁷, dos ganhos e tensões produzidas pelos movimentos populacionais, as diferentes vulnerabilidades a que estão expostos migrantes específicos, assim como as oportunidades a que diferentes grupos têm acesso, consideradas questões de raça, etnia, classe, gênero. Locais de nascimento podem abrir ou fechar “portas” a migrantes, assim como a obtenção de novas cidadanias pode significar melhores alternativas de trânsito pelo mundo e de inserção em novas comunidades. Mas não somente isso...

Jorge Durand e Carmen Lussi (2015), quando ponderam sobre as mobilidades humanas em tempos de globalização³⁸, sinalizam igualmente para a importância de incluirmos reflexões sobre transnacionalismo, transmigrantes nas discussões sobre as migrações e, com isso, adotarmos uma perspectiva que dê conta das transformações produzidas pelas relações que estes atores estabelecem com suas realidades, tanto no que diz respeito aos locais de origem quanto aos novos espaços pelos quais transitam. Segundo os autores, mudanças significativas podem se processar nas relações familiares e comunitárias, por exemplo, com ressonâncias nas vidas dos que participam destes processos, direta ou indiretamente, em redes que se formam e estabelecem por meios cada vez mais diversificados.³⁹

Os fluxos migratórios passaram a ser vistos, não mais como fluxos bilaterais e com prevalência unidirecionais, mas como realidades transnacionais, incluindo deslocamentos, atividades e espaços transnacionais. A nova perspectiva assume que as migrações internacionais incluem, além dos deslocamentos entre um país de origem e um de destino, variadas formas de

³⁶De acordo com publicação do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (DESA), refere-se ao número de migrantes que chega a um país(imigrantes) ou o número de migrantes internacionais que deixam um país(emigrantes), considerando um período específico. (OIM, 2023) Disponível em: <https://www.iom.int/key-migration-terms>.

³⁷Segundo a OIM, são padrões distintos de migração que se desenvolvem em longos períodos, representando um acúmulo de movimentos migratórios e “Os maiores corredores tendem a ser de países em desenvolvimento para economias maiores, como Estados Unidos, França, Federação Russa, Emirados Árabes, e Arábia Saudita.” (OIM, 2021)

Disponível em <https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2022-interactive/>

³⁸Sobre globalização, recorro ao que no diz Stuart Hall: “Como argumenta Anthony McGrew (1992), a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado “(HALL, 2006, p.67).

³⁹Considero válido este trecho sobre a questão das redes: “O tema das redes em situação de mobilidade humana é reinterpretado e ampliado pelo transnacionalismo. A importância das redes em contexto migratório já foi muito explorada como uma categoria que ajudou e ajuda a explicar o fenômeno e as modalidades com as quais seus atores recriam soluções, desfrutam possibilidades e (re)inventam percursos de sociabilidade, mobilidade e reelaboração identitária. O transnacionalismo resgata a categoria de redes migratórias e amplia seu valor semântico e cultural dentro da complexidade da mobilidade humana” (DURAND E LUSSI, 2015, p. 51).

comunicação, circulação, relação e gestão de bens, serviços e informações em nível transnacional, incluindo também outros países (DURAND E LUSI, 2015, p. 47).

Nina Schiller, Linda Basch e Cristina Blanc (2019) defendem que, tanto nos EUA quanto na Europa, parcela expressiva das pessoas migrantes precisa ser compreendida como “transmigrantes”. As autoras definem migração transnacional como “o processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam relações sociais de múltiplas dimensões simultâneas que unem sua sociedade de origem e de adoção”, e destacam os modos de relação e participação em mais de uma sociedade simultaneamente.

“Eles não são hóspedes temporários ou residentes de curta permanência, porque se estabelecem e vêm a se incorporar à economia e às instituições políticas, as localidades e os padrões de vida diária do país em que residem. Contudo, ao mesmo tempo, eles estão comprometidos com outros lugares no sentido de que mantêm conexões, constroem instituições, conduzem transações e influenciam eventos locais e nacionais nos países dos quais emigraram.” (SCHILLER, BASCH E BLANC, 2019, p.350)

Ao fundamentar este entendimento dos processos migratórios mais recentes e argumentar sobre a possibilidade de uma nova abordagem sobre imigração, o artigo propõe refletir sobre a imagem modelada do imigrante como “desenraizado”, situando-o no passado, num contexto em que migrar significava “abandonar, esquecer ou negar seus vínculos com seu país de origem” (SCHILLER, BASCH E BLANC, 2019, p.359). Tais mudanças, segundo as autoras, têm sido facilitadas pelos recursos tecnológicos que encurtam tempo e espaço, configurando um processo em que imigrantes não compreendem uma total integração como possível ou necessariamente desejável. Entre questões bastante sugestivas e interessantes colocadas em discussão no referido texto, como a criação de atividades e bem sucedidos negócios, que se sustentam exatamente pelas ligações mantidas pelos transmigrantes entre nação de origem e de destino, elas chamam atenção para a participação política⁴⁰ desses atores e às possibilidades que se ampliam nos estudos sobre migrações internacionais, pois “Um conceito de ‘transnacionalismo’ permitiria aos pesquisadores levar em conta o fato de que os imigrantes vivem sua vida no outro lado das fronteiras nacionais e respondem às

⁴⁰No trecho a seguir, as autoras exemplificam este tipo de participação: “Os transmigrantes têm sido partidários e participantes das lutas contra as ditaduras no Haiti, nas Filipinas e em Granada e têm cobrado seus respectivos governos para serem os responsáveis por fazer a democracia funcionar. Por meio de organizações, bem como com base nas relações pessoais transnacionais, os transmigrantes foram capazes de desempenhar um importante papel nas arenas políticas do Estados Unidos e de seus países de origem.” (SCHILLER, BASCH E BLANC, 2019, p. 377)

restrições e demandas de dois ou mais Estados.” (SCHILLER, BASCH E BLANC, 2019, p. 368)

Esta questão, ainda que não seja aprofundada na presente pesquisa, se faz pertinente por alguns motivos. As novas configurações de trânsito, de comunicação, de trabalho, as possibilidades não somente de transferência de capitais financeiros (remessas), mas também culturais⁴¹, de participação política, entre outras questões, ressignificam o que se pode compreender sobre migrantes e suas alternativas de acesso a diversificadas culturas. A quem mesmo estamos nos referindo quando falamos em *migrante*? E como podemos refletir sobre estas definições, conceitos a partir de referenciais da Sociologia?

1.2 Entre o outro e o mesmo: lugares ou faces de migrantes?

Ao refletir sobre migração internacional, além de situar histórica, social e culturalmente o que se pretende investigar sobre o referido fenômeno, importa considerar que “migrante” não é uma categoria estática, definida por si mesma, como já mencionei anteriormente. É necessário ter clareza sobre de quem estamos falando, a partir de que perspectiva, sob que condições se dão as mobilidades que nos propomos investigar, entre outros pontos. Considero, então, válido, discutir as noções de *outro(a)*, *estranho(a)*, *estrangeiro(a)*, *forasteiro(a)*, assim como o conceito de *estigma*, a partir de referenciais da Sociologia, a fim de produzir articulações entre os referidos conceitos com o que podemos compreender sobre a experiência imigrante.

Abdelmalek Sayad (1998), em obra clássica notadamente referenciada quando se trata da condição imigrante, particularmente no que diz respeito à questão do trabalho e sua relação com a mobilidade internacional⁴², alerta ser primordial considerarmos

⁴¹Além da referência às remessas financeiras, é possível encontrar também sobre “Remessas sociais”, que seriam a “transferência de ideias, comportamentos, identidades e capital social dos migrantes para as suas comunidades de origem.” (OIM, 2023)

⁴²Sobre este ponto: “Foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que ‘o mercado de trabalho para imigrantes’ lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalho para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalho para imigrantes. Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do

primeiramente o que significa escrever sobre imigração e sobre imigrantes, interrogando-se acerca do estatuto social e científico do referido objeto de investigação. O autor argumenta que o imigrante ‘nasce’ no momento que atravessa a fronteira do território de destino, ou seja, no instante em que passa a ser assim denominado pela sociedade receptora, além de afirmar que a imigração se constituiu como “problema social”⁴³ antes de se tornar objeto da sociologia. Destacando a importância em tomar também como foco a emigração quando voltamos à produção científica sobre imigração, temos que:

(...) pois na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo, mas igualmente necessidade de ordem epistemológica, pois o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado de, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal - e, mesmo assim, isto ainda não é absolutamente certo, pois o emigrante pode ser esquecido como tal pela sociedade de emigração mais facilmente e antes mesmo que tenha deixado de ser chamado com o nome de imigrante(SAYAD, 1998, p. 14).

Considerando esta reflexão sobre um duplo ser/estar de imigrantes (que têm em sua trajetória sua face emigrante), é possível pensar nas possíveis relações que se configuram com o espaço que passam a habitar após cruzar suas fronteiras. Estas, que podemos identificar como geográficas, culturais, sociais, políticas, históricas, ao mesmo tempo que, segundo Sayad, nominam o imigrante, recebem o(a) “outro(a)”, com sua origem cultural, social, política, sua história coletiva e pessoal, seus motivos de partida. As funções sociais que ocupa, os direitos e garantias de segurança que lhe dizem ou não respeito, as estratégias que passam a figurar como meios de lidar com o novo contexto, os estranhamentos e conflitos, mais ou menos evidentes, nos contatos que estabelece com a sociedade receptora passam a compor este corpo que se desloca e se fixa, se mostra e se disfarça, se adapta e se atrita.

Para Georg Simmel (2005, p.265), a “forma sociológica de estrangeiro” representaria “até certo ponto” a unidade entre as disposições de “mover e o seu contraste conceptual fixar-se”. Destacando a relação com o espaço como “condição e, por outro

imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos” (SAYAD, 1998, p. 55).

⁴³Entendo pertinente destacar o seguinte trecho de suas reflexões: “Mais do que qualquer outro objeto social, não existe outro discurso sobre o imigrante e a imigração que não seja um discurso imposto; mais do que isso, é até mesmo toda problemática da ciência social da imigração que é uma problemática imposta. E uma das formas dessa imposição é perceber o imigrante, defini-lo, pensá-lo ou, mais simplesmente, sempre falar dele como de um problema social” (SAYAD, 1998 , p.56).

lado, símbolo” das relações entre as pessoas, o referido autor trafega pelas noções de estranho, estrangeiro, diferença, contrário, situando o entendimento de pertencimento, de proximidades e distanciamentos, distinções e semelhanças para refletir sobre as relações do estrangeiro com os grupos pelos quais transite, com que interaja:

Não se usa aqui, destarte, a noção de estrangeiro no sentido habitual, em relação àquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como o que vem hoje e amanhã pode permanecer – porque era possível se mover e, embora não siga adiante, ainda não superou completamente o movimento do ir e vir. Fixo dentro de um determinado raio espacial, onde a sua firmeza transfronteiriça poderia ser considerada análoga ao espaço, a sua posição neste é determinada largamente pelo fato de não pertencer imediatamente a ele, e suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se. (SIMMEL, 2005, p.265)

Simmel (2005) aborda sobre o relacionamento entre o estrangeiro e os demais membros de um grupo destacando que “o ser estrangeiro ou o estranho, contudo, seria aquele que se encontra mais perto do distante (p.265)” e que ele contém em si ao mesmo tempo “um exterior e um contrário”. Trata-se de profunda reflexão acerca da condição de sinalizar não somente a diferença, mas o avesso, em permanente fricção de proximidades e distanciamentos com os grupos de que passa a fazer parte: relação estabelecida por exemplo, nas atividades profissionais em comum ou ainda nos direitos partilhados com os demais, ao mesmo tempo que, para o autor, inexistem laços de pertença.⁴⁴ Isso me fez lembrar um momento do relato de uma das participantes⁴⁵ da minha investigação, ao descrever sua sensação de não pertencimento, embora já acumulasse na época em que a entrevistei dois anos de residência no Canadá. Ela falou sobre se sentir “*sem pé*”, que não conseguia dizer assim “*ah, to no Canadá, que coisa maravilhosa!*”, não conseguia sentir o novo país em que estava morando como “*meu lugar*”. A entrevistada ainda comentou sobre um casal conhecido que teria “*se enraizado mesmo*”, mas que ela não se via assim,

⁴⁴“Na relação com um “estrangeiro” ou “estranho”, em um sentido positivo, porém, o que existe é um não-relacionamento. Nos contatos possíveis ele, o estranho, é sempre considerado como alguém de fora, como um não membro do grupo, portanto, as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo, mas partindo das características essenciais de que também ele é um membro de um outro determinado grupo. Como tal, os contatos com ele são, ao mesmo tempo, estreitos e remotos, na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana em geral se encontra” (SIMMEL, 2005, p.270).

⁴⁵ Refiro-me aqui a Graça, 39 anos, profissional da área de saúde no Brasil, que migrou da Região Nordeste e será apresentada com mais detalhes no próximo capítulo.

não sabia se chegaria um dia nesse ponto ou mesmo se queria chegar a esse ponto. Uma outra entrevistada⁴⁶ trouxe a questão do não pertencimento por outra via:

Você não é pertencente a nenhum mundo mais, assim. Eu volto pra (cidade onde nasceu e morava antes de migrar), amo estar com minha família, amo tudo, comida, algumas coisas assim. Mas eu não me sinto parte daquele lugar. Eu não me sinto parte mais. E quando eu volto, eu não me sinto parte daqui. Então, assim, você não se sente mais pertencente a lugar nenhum no mundo, sabe? É... muito doída essa sensação de não pertencimento. Mas eu diria que... Tem alguma coisa que te “linka” ao lugar que você nasceu. Por mais que eu não queira morar em (cidade onde nasceu e morava antes de migrar) mais, parece que...sei lá, parece que minha alma pertence lá, parece que minha alma descansa quando eu to lá. Tipo assim, “aqui é seu lugar. Aqui você não precisa de mais nada”, sabe? E aqui [em BC] parece que eu to sempre trabalhando, fazendo algo, sempre em busca de algo. Aqui eu to sempre em busca de algo. Hoje eu me sinto um pouco mais vivendo, mas eu ainda sinto... Sempre tenho planos, né, ‘ah, eu vou estudar, vou fazer isso, vou fazer aquilo’. E lá [na sua cidade de origem], não. Lá é tipo, sabe, o coração acalma. É isso aqui, entendeu? Não sei. Eu diria isso. (Paula, 2022)

Trouxe esta lembrança à baila, antes mesmo de apresentar o grupo de brasileiras que entrevistei durante minha pesquisa, porque me chamou atenção a forma como as entrevistadas trouxeram a percepção de não pertencimento. Não se tratava de algo a ser propriamente superado, ou seja, sentir o pertencimento tal qual uma meta, como tinha sido sair do Brasil e ir para o Canadá. Para a primeira, seu estranhamento estaria relacionado à experiência em curso e as dificuldades de adaptação à nova realidade, em que investiu muito, pessoal e financeiramente, para alcançar, ou sua imagem de imigrante ainda estaria colada à uma percepção do passado, de completa integração ao novo lugar de residência? Sinalizar a diferença e o contrário, com seu corpo em mobilidade, vindo de outro país, e “sem pés” para fincar no novo solo, seria algo a ser superado e vencido, ou parte de sua vivência de mobilidade além fronteiras? Que grau de pertencimento é possível em trajetórias migratórias? É mesmo o tempo quem viabiliza este pertencer? A outra entrevistada, de quem selecionei um trecho do seu relato, apresentou como uma experiência imigrante, como algo que compunha sua vivência, sem relacionar a tempo ou a questões de adaptação. Em seu relato, não havia sinalização de dúvida sobre ficar ou não em seu novo país de residência, por exemplo. Uma outra entrevistada⁴⁷, descreveu algo parecido, mas situando no tempo. Ela afirmou que, durante o primeiro ano de seu processo como imigrante, não se sentia pertencente ao Canadá e sentia que já não

⁴⁶ Refiro-me a Paula, 34 anos, profissional liberal no Brasil, que migrou da região Nordeste e será apresentada com mais detalhes no próximo capítulo.

⁴⁷ Faço referência agora a Cecília, 38 anos, profissional de TI no Brasil sem curso superior que migrou da Região Sudeste e será apresentada com mais detalhes no próximo capítulo.

pertencia mais ao Brasil também: “(...) *eu não me sentia uma pessoa de lá e nem daqui. Então até um ano e meio eu me sentia muito mal. Muito mal por isso. Eu me sentia sem lugar.*” A entrevistada disse ainda que não conseguia olhar para as pessoas sem sentir que elas olhavam de volta para ela como se fosse uma impostora. Para ela, a sensação de estar no “*meu lugar*” chegou no momento em que conseguiu mostrar seu valor, que sentiu alguém notou seu valor.⁴⁸

Alfred Schütz (1999) toma a situação do imigrante como exemplo privilegiado em sua análise do que define como forasteiro⁴⁹. De acordo com o autor, os indivíduos que nascem em determinado grupo recebem um conjunto de “padrões culturais”, correspondente a contexto histórico específico, para interpretar o mundo social, para se relacionar com as coisas e as pessoas que fazem parte de sua realidade, com “o mínimo de esforço e evitando consequências indesejáveis”; algo que ele define como “esquemas de expressão e interpretação”. O estranho, ou forasteiro seria justamente aquele que não compartilha do conjunto de padrões culturais do grupo a que chega, e que tende a observar e interpretar a realidade com que se depara com o sistema que traz consigo, o que pode levar não só a questionamentos das regras e condutas com que passa a interagir, mas também a ações tidas por “inadequadas” pelo novo contexto em que vive. Sobre sua relação com o tempo e história que carrega e com que passa a conviver, ele nos traz pistas importantes sobre a condição de estranhamento que se estabelece na convivência daquele que chega a um grupo com cultura e história distintas da sua trajetória:

A lo sumo puede estar dispuesto a (y en condiciones de) compartir el presente y el future con el grupo al que se incorpora, en experiencias vívidas e inmediatas; pero en todas las circunstancias permanecerá excluído de tales experiencias de su pasado. Desde el punto de vista del grupo al que se incorpora, él es un hombre sin historia. (SCHÜTZ, 1999, p. 100)

Partindo deste lugar, de quem é passível de construir uma história presente e futura, a depender do tempo que pretenda permanecer ou da perspectiva de se fixar permanentemente no novo país de residência, mas que, objetivamente, nunca terá o

⁴⁸ A entrevistada faz referência ao momento em que notou seu inglês melhorar, conseguia se comunicar e foi contratada para um trabalho que, mesmo sendo difícil, não era temporário e no qual se sentiu responsável de fato por algo.

⁴⁹ O autor define forasteiro: “Para nuestros fines, el término “forastero” indicará una persona adulta, perteneciente a nuestra época y civilización, que trata de ser definitivamente aceptada, o al menos tolerada, por el grupo al que se aproxima. Como el ejemplo más notable de la situación social que deseamos examinar es el del inmigrante, los análisis siguientes han sido elaboradas, por conveniencia, teniendo presente este caso especial.” (SCHÜTZ, 1999, p. 95)

vínculo pelo passado com a sociedade de que passa a fazer parte, como pensar as imigrantes que compõem o grupo de entrevistadas desta pesquisa e seu lugar de estar no mundo? Serão sempre, em alguma medida, forasteiras? Para o olhar tanto de quem as recebe e quanto de onde partiram, é possível sejam sempre, de algum modo, diferentes das demais, produzindo estranhamentos diversos e incorporando novos conflitos? Foi inevitável lembrar de uma outra brasileira⁵⁰ que entrevistei durante a pesquisa, ao pensar aqui sobre a definição de forasteiro proposta por Schütz. A entrevistada comentou, num dado momento, que ela cresceu pobre e que ninguém lá no Canadá entenderia o que era ser pobre no lugar onde nasceu. Porque as pessoas não vão à sua cidade saber o que passou. O que ela sentia era que *“as pessoas aqui nunca vão entender direito minha história de vida, porque não tem... não sabem o que é.”* Esta participante também falou sobre os limites de compreender e de se identificar com o lugar onde está, por conta das *“referências culturais”* que ela não entende, que é um esforço para *“se encaixar um pouco”* mesmo depois de criar laços de amizade, porque *“Você percebe se, tipo, tiverem duas canadenses e você. Você vai perceber que elas vão trocar referências culturais que não necessariamente a gente vai entender.”*⁵¹

Arrisquei-me a antecipar algumas falas obtidas durante o trabalho empírico da minha pesquisa de mestrado, antes mesmo de apresentar as participantes, por considerar particularmente provocadores estes trechos para o diálogo entre teoria e campo. Ainda que se tratem de experiências pessoais, é possível divisar a profundidade do tema em questão, dos inúmeros atravessamentos que se forjam em trajetórias migratórias. Tanto para quem se muda para British Columbia e aparentemente sente que deixou “seus pés” no Brasil, quanto para quem nomeia o novo país como “seu lugar”, após se sentir de lugar nenhum, temos corpos que se relacionam com o entorno, estranhando e produzindo estranhamentos, adaptando-se e/ou resistindo aos encaixes, vendo-se não só de outro lugar, mas pelos olhos dos “outros” que ali estão entre “mesmos”. Histórias que se encontram e não se alcançam completamente, mas convivem e às vezes dialogam. A partir de que referenciais, então, vai sendo definido o “valor” por serem quem são ou pelo que fazem? Há muito que pensar sobre como se compõem imigrantes as pessoas que saem de seu lugar de origem e atravessam a fronteira de um Estado Nacional.

⁵⁰ Agora estou me referindo a Elisa, 34 anos, profissional da área de negócios no Brasil que migrou da Região Sudeste e que será apresentada com mais detalhes no próximo capítulo.

⁵¹ Elisa, 2021.

Dentre os conflitos e tensões trazidos pelas imigrantes com quem conversei, há uma questão, que será também aprofundada nos próximos capítulos, vinculada ao *estigma* por ser mulher brasileira. Erving Goffman (2008), referência fundamental ao pensarmos sobre *estigma*, destaca o quanto certos atributos, em dadas circunstâncias, podem se impor a um conjunto de características outras, mesmo as socialmente desejáveis ou tidas como normais, modificando as possibilidades de interação, inserção social, prestígio de pessoas que são estigmatizadas.

(...) um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. (GOFFMAN, 2008, p.14)

O autor argumenta a respeito dos aspectos relacionais de produção de estigmas e definição de comportamentos desviantes, evidenciando a necessidade de nos voltarmos aos ditos “comuns” se quisermos nos inteirar melhor sobre como se constituem as diferenças e os diferentes, ao mesmo tempo “que as normas de identidade engendram tanto desvios como conformidade.” (GOFFMAN, 2008, p.140) Para o estudo das tensões geradas entre imigrantes e nacionais, é bastante valioso trazer à discussão as questões levantadas por Erving Goffman. Não que a condição imigrante, por si só, seja sempre também o lugar de produção de estigma. Neste estudo, inclusive, proponho-me a investigar se não haveria na trajetória migrante possibilidades de se reconhecerem aspectos associados a “ser brasileira” enquanto produtores de favorecimento. A questão é que, ao me deparar com o que Goffman retrata sobre a forma como pessoas estigmatizadas podem se sentir inseguras⁵² e se perceber expostas, como se produzem estratégias de manipulação de tensão nas interações destas com os demais, ou formas de ocultamento, suavização de atributos estigmatizantes, foi inevitável associar às falas das entrevistadas, por exemplo, ao se referirem à inseguranças que experimentam quanto à qualidade do inglês que utilizam (mesmo as que são fluentes), ao sotaque que “dificulta” a comunicação ou indica a latinidade de sua origem, à forma como sentem ou deduzem ser vistos seus corpos de “mulheres brasileiras” pelos homens com quem convivem ou trabalham através dos olhares que percebem, das notícias a que têm acesso, às situações

⁵²Sobre esta questão, segue o trecho: “Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma. O indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e receberão.” (GOFFMAN, 2008, p. 23)

de assédio que vivenciam. Estas e outras questões são sinalizadas não somente nas entrevistas que realizei, no relato que apresentei da minha experiência como imigrante, mas foram também colhidas nas leituras voltadas ao tema das migrações, nas notícias veiculadas pela mídia sobre situações de xenofobia, entre outras fontes.

Goffman propõe, a uma altura do livro que dedicou inteiramente ao tema do estigma, que este pode ser compreendido como processo social no qual estigmatizado e normal, ou padrão, são papéis exercidos por ambos a depender da fase da vida, das conexões que mantenham e das circunstâncias em que se encontrem, ou seja, “O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro”. (GOFFMAN, 2008, p.149) Com esta formulação, ele acrescenta não surpreender, portanto, que estigmatizados manifestem também preconceito na relação que estabeleçam com outras pessoas, cujos atributos se destaquem como sinalizadores de algum tipo de discriminação. Quando trata da noção de desvio como peculiaridade de pessoas que, num grupo, não aderindo às suas normas, se fazem “destoantes”, Goffman situa os membros de minorias ou grupos minoritários étnicos e raciais como a categoria que reúne pessoas com história, cultura e origem nacional comum que se posicionariam em situação desvantajosa na sociedade, algumas vezes ocupando o lugar de estigmatizados e, por isso, inseguros acerca da recepção que podem ter nas interações face-a-face. O autor aproxima esta categoria social de outra, dos membros da “classe baixa”, os quais “de forma bastante perceptível, trazem a marca de seu status na linguagem, aparência e gestos, e que, em referência às instituições públicas de nossa sociedade, descobrem que são cidadãos de segunda classe. (GOFFMAN, 2008, p.156)

Iana Mountian e Mirian Rosa (2015) apresentam significativo debate sobre a questão da alteridade, numa reflexão que discute imigração e minorização de grupos em intersecção com gênero, raça e sexualidade. As autoras sinalizam para o risco de análises que produzem objetificação e mesmo reificação do “outro” e, ao discutirem sobre as dinâmicas sociais e políticas nos diferentes processos migratórios e suas especificidades, analisam criticamente “a celebração da diferença” em distintos contextos e estratégias de recepção, com ênfase para o encontro do imigrante com o local de chegada.

(...) em ambas as estratégias e discursos do outro como diferente (celebração da diferença e multiculturalismo) ou do outro como igual (anulando a

diferença), temos a posição discursiva do outro reiterada, ou seja, posicionando o outro como estranho (estrangeiro), em seus hábitos, caráter ou saúde mental, inimigo ou exótico. (MOUNTIAN; ROSA, 2015, p. 154)

Tomando os corpos que migram como foco da presente pesquisa, as tensões produzidas a partir do encontro das pessoas que chegam a um país diferente daquele em que nasceram com a população que se encontra no novo território a ser habitado podem ser traduzidas como novas “disposições”, possivelmente percebidas em práticas, em modos de se portar, alimentar, comunicar, consumir, de se apresentar. Contatos, trocas, reconfigurações que ora aproximam, ora distanciam, distinguindo, misturando (disfarçando também?), em novos jogos de forças que colocam em conflito e repositonam o que se traz na bagagem, o que se encontra, as possibilidades de vir a ser... E como seria, então, chegar ao Canadá?

1.3 Sobre o Canadá e sua política migratória: celebração ao multiculturalismo e identidade nacional.

Com uma extensão de 9.984.670Km², o Canadá é o maior país do Ocidente em área total e segundo maior do mundo, ocupando 42% de toda América do Norte. Trata-se de uma Federação, composta por dez Províncias e três territórios, com população de 36.991.981 e densidade populacional de 4,2 pessoas por quilômetro quadrado. De acordo com censo realizado em 2021⁵³, cujas informações começaram a ser divulgadas pelo “Statistics Canada” em 9 de fevereiro de 2022, houve aumento de 5,2% da população em relação aos dados obtidos pelo censo de 2016. Dos quase 37 milhões de habitantes, 18.226.240 são homens e 18.765.740 são mulheres⁵⁴. Foram contabilizadas 16.284.235

⁵³Statistics Canada. 2022. (table). *Census Profile*. 2021 Census of Population. Statistics Canada Catalogue no. 98-316-X2021001. Ottawa. Released November 30, 2022.

⁵⁴Sobre agrupamento por gênero, há uma nota explicativa no site afirmando que “Gênero refere-se a identidade pessoal e social de um indivíduo como homem, mulher ou pessoa não binária (uma pessoa que não é exclusivamente homem ou mulher)”. Nesta mesma nota explicativa, tem-se que “Gênero” se refere à “identidade” quando trata do gênero que a pessoa sente interna e individualmente; à “expressão”, quando trata a forma como a pessoa apresenta o seu gênero (independentemente de sua identidade) e que diz respeito à linguagem corporal, escolhas estéticas e de acessórios, entre outras coisas, os quais que podem ter sido tradicionalmente associados a um gênero específico. O texto traz ainda uma distinção de sexo da pessoa, que pode diferir do de seu nascimento e identificação em documentos legais. Há também uma sinalização de que o gênero pode mudar com tempo ou que a pessoa pode não se identificar com um gênero específico. (Statistics Canada, 2022)

de residências particulares e, no que se refere aos valores percentuais de faixa etária ampla: 16,3% têm de 0 a 14 anos, 64,8% da população tem de 15 a 64 anos de idade, 19% acima de 65 anos e 2,3% acima de 85 anos. Chamou-me atenção quando consultei uma tabela com informações mais específicas sobre os números disponíveis por faixa de idade que, das 9.535 pessoas com 100 anos ou mais que foram identificadas pelo censo, 7.710 sejam mulheres e apenas 1.830 sejam de homens. É possível encontrar também que 240.680 pessoas, das quais 115.235 se identificam como homens e 125.450 como mulheres, foram contabilizados pelo governo como tendo o Português como língua nativa. Esse número cai quando a informação medida é o idioma falado com mais frequência em casa: 118.730 pessoas declararam que o Português era a língua mais falada em casa, sendo que 56.685 eram homens e 62.045 mulheres. Ainda sobre a língua portuguesa, quando a informação é “conhecimento de idiomas”⁵⁵ o número de pessoas identificadas que afirma conhecer a língua portuguesa foi de 336.865, sendo que 164.985 são homens e 171.880 são mulheres.

No que se refere à segurança, mais especificamente aos dados disponibilizados oficialmente relativos à violência baseada em gênero (GBV)⁵⁶, ou seja, tipo de violência (física, emocional, psicológica, sexual) cometida contra uma pessoa por conta de sua identidade de gênero, expressão de gênero ou gênero percebido, de acordo com o site do governo canadense, mulheres e meninas indígenas relataram sofrer violência 2,7 vezes mais que mulheres e meninas não indígenas. Foram identificadas 34.242 agressões sexuais relatadas pela polícia no Canadá, em 2021, com aumento de 18% em relação a 2020, e sendo a maior taxa registrada desde 1996. A taxa de mulheres vítimas de violência foi quase duas vezes maior do que a de homens. Em áreas remotas do Canadá, mais de 4 em cada 10 mulheres que relataram sofrer violência praticada por parceiro íntimo mencionaram que se tratava de algo que acontecia diariamente, semanalmente ou mensalmente. As informações disponíveis do site do governo de British Columbia ainda apontam que mulheres têm três vezes mais chance de serem vitimizadas por parceiros íntimos que homens (42% x 13%) e que 80% das vítimas de violência por parceiro íntimo não denunciaram à polícia. No site consta uma definição sobre violência contra mulher como sendo um “crime de poder baseado em gênero e frequentemente cometido por um

⁵⁵ Refere-se a saber se a pessoa pode conduzir uma conversa em um idioma diferente do inglês ou francês, de acordo com o site onde estão disponíveis os dados atualizados do censo.

⁵⁶ “Gender-based violence”. Disponível em: <https://www2.gov.bc.ca/gov/content/safety/public-safety/domestic-violence>.

parceiro em relação a uma parceira.”⁵⁷ Nesta mesma seção dedicada ao tema, há o dado de 50% das mulheres no Canadá sofreram violência sexual ou física e que cerca de 20.000 mulheres em BC sofrem violência no relacionamento a cada ano.

Em 2021, foram registrados 788 homicídios no Canadá. A taxa anual aumentou 3% em relação a 2020, o que representa 2,06 homicídios a cada 100.000 habitantes. Tratam-se de eventos considerados raros, correspondendo a 0,2% de todos os crimes violentos cometidos no país. Quando as informações são analisadas, surgem informações relevantes como: 1) 190 vítimas, ou 25 %, foram identificadas como indígenas, por exemplo, o que em outros termos, significa que a taxa de vítimas foi 9,17 por 100.000 indígenas, 6 vezes mais do que foi registrado para a população que não pertence a este grupo; 2) 247 vítimas foram identificadas como pessoas racializadas, o que corresponde a 2,51 vítimas por 100.000 pessoas racializadas, 38% superior à taxa de 1,81 vítimas do restante da população. Deste número, 49% eram pessoas negras e 19% era do sul da Ásia; 3) 17% do total de vítimas de homicídios em 2021 foram mortas por cônjuge ou parceiro íntimo, sendo que destas, 76% eram mulheres. No que diz respeito a crimes de ódio ⁵⁸relatados à polícia, temos que: houve aumento de 27% entre 2020 e 2021 (de 2.646 para 3.360 casos), sendo que mais da metade destes crimes são definidos como não violentos. Destes, 884 estavam relacionados à religião, (judaica, muçulmana e católica), 423 à orientação sexual, 62 a sexo ou gênero, 137 a outra motivação (deficiência mental ou física, idioma, idade, ocupação ou crença política) e 1723 incidentes estavam relacionados a raça ou etnia, com aumento de incidência pelo terceiro ano consecutivo. As populações mais atingidas foram: árabes e da Ásia Ocidental⁵⁹ (+46%; +58 incidentes), Oriente e Populações do Sudeste Asiático⁶⁰ (+16%; +42 incidentes) e população do Sul da Ásia⁶¹ (+21%; +29 incidentes). Houve 642 incidentes contra a

⁵⁷ Texto original: “Violence against women in relationships is a power (and oftentimes) gender based crime, usually by a one partner, directed at a female partner.” Disponível em: <https://www2.gov.bc.ca/gov/content/safety/public-safety/domestic-violence/what-is-violence-against-women>

⁵⁸ Os crimes de ódio, segundo o o governo canadense, podem ser cometidos contra uma pessoa ou propriedade, tendo como alvo: orientação sexual, identidade ou expressão de gênero, sexo, idade, idioma, raça, cor, nacionalidade ou origem étnica, deficiência mental ou física, religião. Disponível em: <https://www150.statcan.gc.ca/n1/daily-quotidien/230322/dq230322a-eng.htm>.

⁵⁹ A Ásia Ocidental ou Sudoeste Asiático inclui 15 países: Arábia Saudita, Bahrein, Chipre, Península do Sinai, Irão, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Catar, Palestina, Síria, Emirados Árabes Unidos, Iêmem.

⁶⁰ O Sudeste Asiático agrupa: Myanmar, Brunei, Camboja, Filipinas, Laos, Malásia, Singapura, Tailândia, Timor-Leste, Vietnã e Indonésia.

⁶¹ O Sul da Ásia, ou Ásia Meridional, é composta por: Afeganistão, Bangladesh, Butão, Índia, Maldivas, Nepal, Paquistão, Sri Lanka.

população negra em 2021, correspondendo à taxa mais alta entre grupos racializados específicos, ainda que os números registrados signifiquem uma queda de 5% em relação ao ano anterior.⁶² Constam ainda 77 incidentes de crimes de ódio dirigidos aos povos originários (Primeiras Nações, Métis ou Inuit). De acordo com as análises também disponíveis no site do governo canadense, a Pandemia de COVID-19 teria intensificado as experiências de discriminação, incluindo os crimes de ódio. Os dados informados se referem aos incidentes que são notificados à polícia e que são assim categorizados, vale ressaltar.

Os dados do último censo canadense referentes à imigração⁶³ apontam que a população de imigrantes é de 8.361.505⁶⁴, o que representa 23% da população, ⁶⁵sendo que 3.976.160 são homens e 4.385.340 são mulheres. Além destes, 924.850, ou 2,5% do total da população, são residentes não-permanentes, dos quais 499.490 são homens e 425.365 são mulheres. Quando buscamos a distribuição por idade, temos que: 8,9% são menores de 5 anos, 17,2% têm idade entre 5 a 14 anos, 19,1% estão entre 15 a 24 anos, 45,2% estão na faixa entre 25 a 44 anos e 9,5% têm 45 anos e mais. No que diz respeito ao local de nascimento, 14,4% nasceram nas Américas, sendo que o número de brasileiros identificados foi de 48.450⁶⁶(0,6% do total de imigrantes), com 22.405 homens e 26.050 de mulheres. Os dados sobre outros continentes sinalizam que: 23,5% vieram da Europa, 9,8% da África, 51,5% da Ásia, 0,7% da Oceania e Outros locais de nascimento. Sobre imigrantes recentes, ou seja, das 1.328.240 de pessoas que obtiveram o status de imigrante entre 1 de janeiro de 2016 a 11 de maio de 2021, foram contabilizados 19.895 brasileiros (1,5%), sendo que destes, 9.340 são homens e 10.560 são mulheres. Quando observamos

⁶²Informações disponíveis em: <https://www150.statcan.gc.ca/n1/daily-quotidien/230322/dq230322a-eng.htm>.

⁶³ Statistics Canada. 2022. (tabela). *Perfil do Censo*. Censo da População 2021. Catálogo de estatísticas do Canadá no. 98-316-X2021001. Ottawa. Lançado em 30 de novembro de 2022. <https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2021/dp-pd/prof/index.cfm?Lang=E> (acessado em 11 de dezembro de 2022).

⁶⁴ No site do governo canadense, está especificado que as informações referentes ao censo de 2021 para imigração referem-se a “imigrantes que foram admitidos no Canadá em ou antes de 11 de maio de 2021.”

⁶⁵Dados do CIS (Center for Immigration Studies) apontam que os EUA chegaram a 47,9 milhões de imigrantes em 2022, o que representa 14,6% (1 em cada 7 residentes) da população do país. Este número incluiria documentados e indocumentados. Disponível em: <https://cis.org/Report/ForeignBorn-Population-Hits-Nearly-48-Million-September-2022>

⁶⁶De acordo com o censo de 2016, 21,9% da população canadense era composta por imigrantes e 1,5% por residentes não permanentes. Especificamente sobre os imigrantes brasileiros, a informação que encontrei foi que população total era de 29.315, sendo que 16.085 eram mulheres e 13.230 homens. No que se refere à Província de British Columbia, local onde residem as participantes da minha pesquisa, em 2016 foi registrado que 28,3% da população era de imigrantes e 2,2% de residentes não permanentes. O número de brasileiros classificados como imigrantes foi de 3.800, sendo que 2.255 eram mulheres e 1.545 homens.

os dados sobre locais de nascimento agrupados em Continentes, temos que: 11.6% nasceram nas Américas, 10.1% na Europa, 15.6% da África, 62,0% da Ásia, 0,7% da Oceania e outros, 0,5% da Austrália, 0,2% Outros locais de nascimento.

Na tabela que disponibiliza dados sobre origem étnica ou cultural⁶⁷, temos que 71.755 identificam como “brasileira” a referida origem. Dos 6.820.895 de imigrantes admitidos entre 1980 e 2021, 53.9% encontram-se na categoria de Imigrantes econômicos⁶⁸, 29.6% estão na categoria Imigrantes apadrinhados pela família⁶⁹, 15.2% estão na categoria Refugiados⁷⁰ e 1.3% na categoria “Outros imigrantes”⁷¹. Um dado também disponível sobre a população imigrante diz respeito ao que eles denominam “Experiência pré-admissão”, categoria que agrupa as pessoas que receberam uma autorização de residência temporária antes de serem admitidas como imigrantes ou residentes permanentes no Canadá. Considerando as informações disponíveis sobre a população de imigrantes após 1980, 6.1% estão no grupo dos que solicitaram asilo, 10.3% receberam autorizações temporárias de trabalho emitidas pelo “Immigration, Refugees and Citizenship Canada”⁷², 2.7% receberam permissões temporárias de estudo também pelo “Immigration, Refugees and Citizenship Canada”, 5.5% receberam permissões de trabalho e estudo, 0,6% estão no grupo dos que receberam Outras autorizações e 74,8%

⁶⁷No site, temos a informação que “Origem étnica ou cultural” diz respeito às origens étnicas ou culturais dos antepassados da pessoa, e que a soma total de tais origens é maior que a estimativa da população total porque uma pessoa pode relatar mais de uma origem étnica ou cultural no Censo. Há também um esclarecimento que os grupos étnicos selecionados são aqueles relatados com mais frequência no Canadá. Disponível na nota 121 em <https://www12.statcan.gc.ca/>

⁶⁸De acordo com as descrições do site do governo, são imigrantes selecionados pela capacidade de contribuir com a economia do Canadá: atendendo às necessidades do mercado de trabalho, possuindo, administrando ou construindo o próprio negócio, fazendo investimento “substancial”, criando seu próprio emprego, atendendo a necessidades específicas do mercado de trabalho de províncias e territórios. (Statistics Canada, 2022)

⁶⁹Imigrantes que foram patrocinados por um cidadão canadense ou residente permanente e se tornaram residentes permanentes por conta do seu relacionamento como cônjuges, parceiros, pais, avós, filhos ou outro parente da pessoa que patrocina. Também são utilizados classe familiar ou reagrupamento familiar como referência a esta categoria. (Statistics Canada, 2022)

⁷⁰De acordo com as informações oficiais, tal categoria inclui pessoas que tiveram um medo fundado de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertença a um determinado grupo social ou opinião política, bem como pessoas que foram grave e pessoalmente afetadas pela guerra civil ou conflito armado, ou ainda que sofreram uma violação massiva dos direitos humanos. Nestes casos, o status de Residente permanente foi concedido tanto para refugiados(e seus familiares) que já estavam no Canadá como também para os que estavam no exterior e foram encaminhados para reassentamento pela ACNUR, outras organizações ou por patrocinadores privados. (Statistics Canada, 2022, nota 108)

⁷¹Imigrantes que se tornaram Residentes permanentes a partir de programas que não se enquadram nas categorias antes citadas.

⁷²De acordo com as informações disponíveis no site, as autorizações de trabalho concedidas pelo governo estabelecem condições para o trabalhador, como tipo de trabalho e empregador, local de trabalho e cronograma de trabalho. (Statistics Canada, 2022)

não possuíam permissões para residência temporária antes de serem admitidos como Imigrantes no Canadá.

A fim de que as informações aqui disponíveis sejam melhor compreendidas, vale destacar que “residentes não permanentes” são definidos pelo Governo Canadense como:

'Residentes não permanentes' inclui pessoas de outro país com residência habitual no Canadá e que possuem uma permissão de trabalho ou estudo ou que solicitaram o status de refugiado (requerentes de asilo). Os membros da família que moram com portadores de permissão de trabalho ou estudo também estão incluídos, a menos que esses membros da família já sejam cidadãos canadenses, imigrantes ou residentes permanentes.⁷³(CANADA, 2022.)

Já no que diz respeito à categoria de imigrante, temos que:

'Imigrantes' inclui pessoas que são, ou que já foram, imigrantes ou residentes permanentes. Essas pessoas receberam o direito de viver no Canadá permanentemente pelas autoridades de imigração. Os imigrantes que obtiveram a cidadania canadense por naturalização estão incluídos nesta categoria. No Censo da População de 2021, 'Imigrantes' inclui imigrantes que foram admitidos no Canadá em ou antes de 11 de maio de 2021.⁷⁴ (CANADA, 2022)

Esta informação se faz relevante por trazer à categoria de imigrante especificidades quanto à sua classificação pelo status e suas inevitáveis implicações à experiência de quem se desloca internacionalmente, fixando residência temporária ou permanentemente em um país como o Canadá⁷⁵. Sobre a forma como brasileiros residentes no Canadá se percebem, Mariana Matthiesen e Marilda Menezes (2017) apresentam considerações a partir de uma pesquisa empírica com imigrantes qualificados,

⁷³Texto original: 'Non-permanent residents' includes persons from another country with a usual place of residence in Canada and who have a work or study permit or who have claimed refugee status (asylum claimants). Family members living with work or study permit holders are also included, unless these family members are already Canadian citizens, landed immigrants or permanent residents. (Statistics Canada, 2022.)

⁷⁴Texto Original: “ 'Immigrants' includes persons who are, or who have ever been, landed immigrants or permanent residents. Such persons have been granted the right to live in Canada permanently by immigration authorities. Immigrants who have obtained Canadian citizenship by naturalization are included in this category. In the 2021 Census of Population, 'Immigrants' includes immigrants who were admitted to Canada on or prior to May 11, 2021.” (Statistics Canada, 2022.)

⁷⁵“O Estado-Nação torna-se um ator importante no que diz respeito à temática, uma vez que após sua constituição, com delimitação de fronteiras territoriais surge o entendimento de que deve possuir sua própria população, gerando essa modalidade de pertencimento e identidades nacionais, dentre outros, suscitando tanto aberturas quanto restrições à entrada de categorias de “estrangeiros” dentro de seus “limites”. As políticas adotadas para fazer a gestão da presença desses estrangeiros de maneira a atender seus respectivos “interesses nacionais” variam, também, de acordo com questões globais que influenciam diretamente nas agora chamadas migrações internacionais” (ARRUDA, 2017, p. 15).

sinalizando o processo de invisibilização das categorias não reconhecidas como imigrantes.

Ao contatar possíveis participantes para colaboração em um questionário e entrevistas (MATTHIESEN,2017), algumas pessoas perguntaram se poderiam participar da pesquisa mesmo “não sendo imigrante”, essa referência nos chamou atenção. Quando questionamos por que essas pessoas não se consideravam um imigrante, elas faziam referência ao fato de não serem um(a) residente permanente, um tipo de visto concedido pelo governo canadense. Notamos, assim, que para alguns imigrantes brasileiros qualificados no Canadá ser imigrante parece estar diretamente relacionado a política migratória canadense e não ao seu deslocamento e condição. Diante disso estabelecemos como objetivo debater as categorias “imigrante” e “trabalhador qualificado” em diálogo com três âmbitos envolvidos nesse processo: a mobilidade internacional de mão de obra qualificada, a política migratória canadense e a perspectiva do imigrante brasileiro qualificado que imigra para o Canadá. (MATTHIESEN; MENEZES, 2020, p.1).

Historicamente o Canadá tem na imigração internacional importante recurso para sua composição demográfica e desenvolvimento econômico. De acordo com Fernando Kulaitis (2017), foi um decreto federal expedido em 1962 que marcou um novo direcionamento de sua política migratória, resultado de críticas internas e das reações da comunidade internacional acerca dos critérios discriminatórios presentes nas definições de migrantes desejáveis anteriores à Segunda Guerra. Ainda segundo o autor, mudanças profundas seguiram em debate a partir deste redirecionamento, produzindo uma política cujos critérios de seleção se deslocassem para “nível de escolaridade e experiência profissional”, ao invés de origem nacional ou étnica, assumindo, neste sentido, caráter mais individualista. Por fim, considerando a necessidade que se configurou, com a chegada crescente de diferentes culturas ao país, de tolerância e valorização das particularidades dos diversos grupos de imigrantes e consequente favorecimento da adaptação destes grupos à sociedade canadense, tem-se a adoção de uma política baseada nos princípios do multiculturalismo⁷⁶. Sobre a política canadense de recepção e integração de imigrantes internacionais, o referido autor afirma:

O Canadá inseriu, desde 1970, o multiculturalismo como variável determinante de suas políticas migratórias, sobretudo quando se tratam das políticas de integração direcionadas a grupos migrantes de diferentes origens nacionais e étnicas. A federação canadense objetivava reconhecer oficialmente grupos

⁷⁶“As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”(HALL, 2006,p.51).

culturais diversos e transmitir a ideia de tolerância às diferenças culturais para favorecer a integração à sociedade canadense (KULAITIS, 2016, p.5).

Segundo Will Kymlicka (2014, p.138), “O Canadá foi o primeiro país ocidental a adotar uma política multicultural oficial para grupos étnicos imigrantes e permanece como o único país em que o multiculturalismo é preservado na constituição.” Discorrendo sobre pontos que tornam o multiculturalismo do Canadá como um caso de exceção, ele afirma que os estudos comparativos com outras democracias ocidentais trazem como informações, por exemplo, que imigrantes no Canadá têm mais probabilidade de se tornarem cidadãos, votarem e se candidatarem a cargos públicos e que os canadenses têm mais probabilidade de afirmar sobre os efeitos benéficos da imigração e menos probabilidade de apresentar visões preconceituosas dos muçulmanos. Sobre as particularidades do multiculturalismo no Canadá, cujo regime combinaria multiculturalismo e integração cívica e privilegiaria a proteção de princípios democráticos e mecanismos antidiscriminação, temos que:

O modelo canadense é mais bem descrito como ‘integração multicultural’. O componente multiculturalista no sistema de governo é bastante amplo, refletindo grande parte dos itens do Índice de Políticas do Multiculturalismo: o reconhecimento da diversidade cultural como uma característica central da vida canadense na constituição, na legislação e nos currículos usados nas escolas; as exigências às concessões das emissoras de comunicação de que reflitam a diversidade cultural em sua programação; a isenção de código de vestimenta oficial; a permissão à dupla cidadania; a subvenção a grupos étnicos; e a ação afirmativa (‘igualdade de emprego’ no Canadá) para grupos de imigrantes em desvantagens (KYMLICKA, 2014, p.145).

Aline Arruda (2017), analisando comparativamente as políticas migratórias do Brasil e do Canadá em sua tese de doutorado, faz importantes considerações acerca das especificidades do modelo canadense de recepção de imigrantes e de como se configuram os pressupostos do multiculturalismo neste país. A autora apresenta análise das mudanças em sua política migratória ao longo dos anos, discutindo sobre como se definiam migrantes desejados e indesejados, as possibilidades de inserção social dos imigrantes em contato com a cultura canadense e as recentes alterações feitas nos programas de imigração adotados pelo Canadá, destacando as constantes atualizações por que passam tais processos.

O Canadá possui uma tradição na adoção de políticas multiculturais que vem se desenvolvendo há cerca de quarenta anos, especialmente na parte anglófona. Isso o torna um parâmetro de alto interesse na adoção desse modelo político que une uma série de fatores referentes a interesses econômicos e políticos internos, bem como procura atender a uma série de demandas internacionais de proteção dos Direitos Humanos seguindo a tradição de reconhecimento da

diversidade. Os contingentes de procura por moradia neste país são altos e a migração caracteriza-se como, na maior parte dos casos, especializada do ponto de vista de formação profissional. Portanto, trata-se de um país cujos fluxos migratórios possuem características bastante específicas, bem como a gestão do Estado, nesse sentido, é bastante ativa. (ARRUDA, 2017, p. 17)

No site do Governo do Canadá, em seção dedicada ao multiculturalismo, encontrei que o dia 27 de junho é dedicado ao multiculturalismo canadense que, em 2021, completou cinquenta anos. No banner de divulgação desta data, há uma breve descrição que inclui uma espécie de reconhecimento de que as necessidades de todos os imigrantes não são atendidas pelas políticas em curso, mas que a introdução deste termo tem como função exatamente chamar atenção para a importância da coordenação federal em relação à diversidade da população que vive no país. Há outras informações lá disponíveis, das quais eu destaco o documento “Community Support Multiculturalism and Anti-Racism Initiatives Program” (Programa de Iniciativas de Apoio Comunitário, Multiculturalismo e AntiRacismo), no qual são descritas possibilidades de financiamento de iniciativas, eventos, capacitação comunitária para o enfrentamento de questões, entre outras, relativas ao racismo e discriminação religiosa.

Outro documento disponível no referido site é um relatório publicado em 2010 (que se encontra arquivado), resultado de uma revisão feita por Stuart Soroka e Sarah Robertson, de pesquisas de opinião pública realizadas entre os anos de 2006 a 2009 acerca de atitudes dos canadenses em relação ao Multiculturalismo e à Imigração⁷⁷, do qual selecionei algumas informações que considere sugestivas. Os autores se referem ao apoio majoritário manifesto pelos participantes das pesquisas ao multiculturalismo como componente central da identidade canadense. De acordo com esse levantamento, houve alto índice de respostas dos canadenses relacionando o multiculturalismo ao fortalecimento da identidade nacional, sendo apontado, inclusive, como a característica que deveria ser celebrada na comemoração de 150 anos do Canadá.⁷⁸

No que se refere à diversidade, os autores identificaram que seis de dez canadenses considerariam a “crescente variedade de grupos étnicos e raciais” como boa ou muito boa, e uma proporção semelhante (64%) entenderia que “ter uma mistura multicultural proporciona uma sociedade mais rica e tolerante”, ainda que também tenham sido

⁷⁷ Refiro-me ao documento “A literature review of Public Opinion Research on Canadian attitudes towards multiculturalism and immigration, 2006-2009”, disponível em www.canada.ca.

⁷⁸ Aniversário celebrado no ano de 2017.

identificadas algumas reservas, especialmente observadas em respostas de componentes da população acima de 50 anos. Os autores assinalaram o amplo apoio por parte dos canadenses em relação à diversidade, mas também apresentaram dados estatísticos significativos apontando para a importância que os mesmos atribuem à integração das minorias étnicas, à adoção pelos imigrantes dos valores canadenses, com diferenças em graus a depender da faixa etária pesquisada. O relatório destacou, todavia, que não fica claro o que, especificamente, os entrevistados entendem como integração⁷⁹.

A análise das pesquisas ainda indicou que cerca de 88% dos canadenses considerariam o país acolhedor para com “membros de minorias visíveis”⁸⁰, mesmo que um percentual também expressivo (53%) reconheça a existência de discriminação como um problema em seu país. As informações aqui apresentadas sobre as pesquisas de opinião pública realizadas por diferentes instituições estão resumidas e não foram atualizadas, mas entendo que sinalizam pontos importantes a serem discutidos nesta Dissertação, relacionados não somente a receptividade e acolhimento da comunidade canadense aos diversos grupos de imigrantes, como também a possíveis problemas e contradições existentes no que diz respeito às políticas destinadas à defesa e proteção das práticas culturais de minorias adotadas pelo Canadá.

Paulo Neves (2005) chama atenção para o conceito de reconhecimento⁸¹, ressaltando sua importância em debates que ganharam força na “filosofia, na ciência política, na sociologia, nos estudos culturais, na antropologia” acerca das tensões produzidas nas reflexões e produções teóricas sobre as lutas por garantia de direitos e busca por igualdade de grupos minoritários. O autor faz referência à crise do pensamento

⁷⁹ Sobre o tema da integração de imigrantes, destaco a seguinte reflexão: “O tema da integração de imigrantes e de gestão das diferenças culturais é pleno de tensões políticas. Isso porque, dentre outros motivos, parte de um pressuposto de que há algo e alguém a serem integrados e de que as diferenças devem ser administradas. Fica, com efeito, implícita e subentendida uma relação de poder assimétrica entre o sujeito e o objeto da integração e da gestão. As sobreposições teóricas e políticas podem ser observadas na maneira como os Estados-Nação vêm tratando do tema da diversidade cultural, em especial a produzida pela presença de imigrantes.” (ENNES, 2021, p. 193)

⁸⁰ De acordo com o governo canadense, compõem “minorias visíveis” as pessoas que, excetuando-se aborígenes, não sejam de raça caucasiana, branca, ou de cor não branca. A população minoritária visível consiste principalmente nos seguintes grupos: sul-asiático, chinês, negro, filipino, latino-americano, árabe, sudeste asiático, oeste asiático.

⁸¹ Sobre esta categoria: “A premissa básica para os autores que desenvolvem uma teoria pautada no reconhecimento é que este é fundamental para o processo de formação da identidade pessoal e que, por isso, deve ser considerado um importante critério de justiça em uma sociedade” (NEVES, 2005, p. 82).

marxista, ao tratar do espaço ocupado pelas discussões em torno do reconhecimento⁸² e do multiculturalismo a partir dos anos 1980, citando as críticas de Nancy Fraser⁸³ a autores e movimentos sociais que deram destaque às questões identitárias e tornaram secundárias as de ordem material, em tempos de agravamento das desigualdades sociais em escala global.

Nas últimas décadas, as discussões em torno de temáticas como multiculturalismo, direitos culturais ou políticas afirmativas, que visam a reabilitar grupos sociais discriminados, ganharam uma projeção inusitada, tornando-se muitas vezes, em alguns países, o principal eixo do debate público. Com isso, as lutas de grupos minoritários por reconhecimento social e pelo estabelecimento de uma ação estatal que combata a discriminação, favoreça a igualdade e permita a convivência entre populações de origens culturais e étnicas diferentes fazem parte da paisagem político-cultural do mundo contemporâneo. (NEVES,2005, p. 81)

Aqui nos interessa particularmente a articulação que o autor faz de posturas críticas e de defesa do referido conceito, ao ponderar tanto sobre o alcance das políticas identitárias nas lutas contra preconceitos, discriminações e favorecimento da convivência entre grupos culturais diversos, quanto do significado da redistribuição para que se objetivem estratégias de combate às desigualdades. Isso porque, ao trazer questões relacionadas ao multiculturalismo canadense, eu me deparei com a necessidade não somente de aprofundar a compreensão das bases teóricas que o sustentam, como também de me situar a respeito de suas possíveis contradições. Em que medida, a proposta canadense de respeito à diversidade no trato com migrantes e suas práticas culturais bem como de defesa e garantia de direitos de minorias visíveis se efetivam nas relações que se estabelecem com os/as diferentes “outros(as)” que chegam ao Canadá? Indo além, quem realmente tem cruzado suas fronteiras e se fixado em suas terras?

Os debates em torno das possibilidades de entendimento e regulação das diferenças culturais e etnoraciais apresentam o interculturalismo, segundo Nuno Oliveira

⁸²O autor pontua: “Justamente por ser o reconhecimento uma das dimensões da cidadania é que ele não pode ser desvinculado nem de outras lutas sociais pela ampliação do espaço de exercício de cidadania, nem das relações de poder em vigor na sociedade. O que significa dizer que o reconhecimento não é uma dimensão à parte da vida social: toda luta social tem uma carga de luta por reconhecimento, mas isso não quer dizer que o reconhecimento por si só possa explicá-la. Ou seja, as lutas por reconhecimento são, sobretudo, lutas pela inclusão simbólica de grupos discriminados(por uma cidadania simbólica); e embora elas possam ser vetores para demandas pela inclusão social desses grupos, não bastam para fazê-lo”(NEVES,2005, p. 86).

⁸³Sobre este ponto, vale acrescentar: “Para Fraser, que toma as questões de raça e de gênero como paradigmáticas, ‘os eixos da injustiça são simultaneamente culturais e socioeconômicos’, razão pela qual é necessário unir os critérios de redistribuição e de reconhecimento na construção de uma sociedade justa” (NEVES,2005, p.84).

(2017), como paradigma concorrente do multiculturalismo. Segundo o autor, o interculturalismo não somente ocupa “progressivamente o mesmo campo discursivo, mas também emerge como sendo a solução para os defeitos do multiculturalismo, pretendendo através da aplicação de novos princípios, superá-los(...)”(OLIVEIRA,2017,p.12). Marcelo Ennes (2021, p. 191), discorrendo sobre Interculturalismo(s) e Imigração, a partir das observações feitas em pesquisa com imigrantes em Portugal e na Espanha, argumenta sobre a utilidade do interculturalismo como chave analítica nos estudos migratórios, apontando para as possibilidades de compreensão de como “(...)processos de intercâmbio, trocas, sobreposições, somas e subtrações são operadas em configurações sociais caracterizadas por diferenças culturais(...)”, ainda que haja limites para esta proposta de gestão da diversidade que estariam longe de ser superados.

Por último, é importante destacar que depois de quase uma década da implementação de políticas interculturais de gestão da diversidade, de seus avanços e recuos, pode-se dizer que o interculturalismo propõe-se ir além do multiculturalismo como política de integração ao retomar, com maior ênfase, o tema da coesão social. Este tema, no entanto, não passa necessariamente pela ação do Estado-nacional. (ENNES, 2021, p. 200)

O autor ressalta os atravessamentos produzidos pela globalização e desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação no fenômeno migratório, refletindo sobre as relações entre questões socioculturais e identitárias e a dimensão econômica, numa discussão sobre o alcance possível às políticas adotadas pelos Estados-Nação no trato com as particularidades dos fluxos migratórios contemporâneos, fenômeno que ele define como “multidimensional e multissêmico”. Multiculturalismo e Interculturalismo, em suas características e proposições gerais, têm sido debatidos e confrontados a partir de diferentes perspectivas teóricas. Ao tratar das políticas migratórias canadenses, por conta das especificidades de sua proposta multicultural (com características de interculturalidade), no trato com os diferentes grupos de imigrantes que se dirigem a este país e mesmo no que diz respeito à definição de sua identidade nacional, fui provocada a aprofundar o entendimento de suas fronteiras, distanciamentos e possíveis aproximações, tarefa que está longe de se revelar satisfatória.

Neste percurso de pesquisa, inúmeras perguntas me acompanharam, ora inspirando leituras e a busca por novas fontes, ora confundindo minhas reflexões sobre aspectos da trajetória migrante que antes pareciam evidentes. De que modo as histórias dos imigrantes se redefinem, produzindo novos tempos, rotinas diversas, necessidades diferentes, possibilidades outras. Como os corpos que migram traduzem as novas

realidades com que se deparam, como se atualizam e se modificam ao viver em um país que celebra o multiculturalismo como o Canadá? E como sua presença modifica os espaços que habitam nesta trajetória? Estas e outras questões foram sendo formuladas, reformuladas durante a pesquisa com imigrantes brasileiras que residem em British Columbia, particularmente após ter realizado as entrevistas e ter tido acesso a detalhes de suas trajetórias, tanto no que se refere aos conflitos e dificuldades vivenciados por elas, quanto nos aspectos descritos como ganhos e motivos de satisfação propiciados pela mudança de país. Importante considerar que as dinâmicas migratórias contemporâneas têm trazido desafios e possibilidades outras de investigação e análise, fermentando novas percepções e entendimentos dos modos de transitar pelo mundo e se relacionar com a diferença. A seguir, faço uma breve descrição de possibilidades disponibilizadas pelo Governo Canadense no que diz respeito a Programas de Imigração.

1.3.1 Breve descrição dos programas federais de imigração.

O objetivo desta seção é situar o leitor a respeito de programas federais disponíveis aos que desejam imigrar para o Canadá. Trata-se de um sistema complexo, com volume significativo de informações, com atualizações frequentes e mudanças relacionadas a demandas específicas, como estímulo à imigração para regiões menos procuradas, para atender a necessidades de áreas específicas de trabalho. Minha pesquisa para busca de informações com esta finalidade foi realizada em veículos oficiais do Governo Canadense, particularmente o intitulado “Immigration, Refugees and Citizenship Canada”- IRCC- página que agrupa as informações sobre como imigrar, acerca da obtenção de vistos para estudo, trabalho e turismo, sobre a proteção aos refugiados, serviços e programações que dão suporte aos recém-chegados, assim como para obtenção da cidadania e emissão de documentos de viagem a canadenses. Como o objetivo deste estudo não é investigar e analisar os programas de imigração canadense, optei por descrições mais breves, como definições curtas do objetivo de cada processo disponibilizado, com as devidas referências e links citados a fim de de que mais dados sejam rapidamente acessados aos que se interessarem. A finalidade de trazer tais descrições é apresentar, além de alguns dos caminhos possíveis para imigrar, os critérios,

requisitos utilizados pelo governo canadense para seleção de imigrantes, uma vez que estas questões, direta ou indiretamente, estão presentes nos relatos que obtive por meio das entrevistas que realizei durante a pesquisa. Sobre o “Express Entry”, sistema citado pelas entrevistadas a que tive acesso, selecionei mais informações. Especificamente para os que desejam imigrar, estão disponíveis os seguintes caminhos:

Express Entry – Sistema que gerencia três programas de imigração destinados a trabalhadores qualificados: Canadian Experience Class⁸⁴(para trabalhadores qualificados com experiência de trabalho qualificada canadense⁸⁵), Federal Skilled Worker Program⁸⁶ (para trabalhadores qualificados com experiência de trabalho no estrangeiro⁸⁷), Federal Skilled Trades Program (para trabalhadores qualificados em ofícios especializados). Para o Canadian Experience Class, não há exigências relacionadas à educação, mas no site há indicações de como favorecer sua pontuação através dos estudos, obtendo um certificado, diploma ou graduação em instituição canadense; por meio de uma credencial de educação estrangeira; ou ainda mostrar que um certificado, diploma ou graduação estrangeiros são iguais a um canadense, a partir de um relatório de Avaliação de Credencial Estrangeira emitida por uma instituição de ensino no Canadá. No que diz respeito ao Federal Skilled

⁸⁴ Os requisitos mínimos a serem atendidos são: atender aos níveis de idioma (escrever, ler, falar e ouvir) necessários ao trabalho, ter pelo menos 1 ano de experiência laboral qualificada canadense nos últimos 3 anos sendo residente temporário com autorização para trabalhar. Para tanto, a pessoa deve acumular 1560 horas de trabalho, em um ou mais empregos, em tempo integral (12 meses) ou parcial (24 meses) sem exceder 30 horas de trabalho semanal. Trabalhos voluntários e estágios não-remunerados não contam como horas a serem calculadas. Trabalho autônomo e experiência de trabalho enquanto se é estudante por tempo integral também não contam como experiência para este programa. Não são elegíveis os requerentes de refúgio, pessoas que não tenham autorização de trabalho ou que acumularam experiência de trabalho sem o status de residentes temporários. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/immigration-refugees-citizenship/services/immigrate-canada/express-entry/eligibility/canadian-experience-class.html>.

⁸⁵Experiência de trabalho qualificada – adquirida em experiências de trabalho que se enquadrem nas categorias TEER (Treinamento, Educação, Experiência e Responsabilidades) 1, 2 ou 3, de acordo com a Classificação Ocupacional Nacional Canadense (NOC). (www.canada.ca)

⁸⁶A elegibilidade para este programa depende de experiência de trabalho qualificado, habilidade com o idioma, educação. Atendendo a estes requisitos mínimos, ou seja, experiência profissional comprovada, nível de inglês/francês e nível educacional comprovado e reconhecido no Canadá, a aplicação também será avaliada pelo governo com base em idade, oferta de trabalho válida, adaptabilidade ao Canadá, numa grade de 100 pontos a serem obtidos pelo desempenho em cada um dos seis fatores. A marca atual para se tornar elegível é 67 pontos ou mais de cem. Em relação à idade, por exemplo, entre 18 e 35 anos, o aplicante obtém 12 pontos a serem contabilizados. Para os que têm 36 em diante, os pontos decrescem progressivamente até 47 anos, quando não é atribuída mais nenhuma pontuação. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/immigration-refugees-citizenship/services/immigrate-canada/express-entry/eligibility/federal-skilled-workers/six-selection-factors-federal-skilled-workers.html>

⁸⁷Para este programa, a experiência de trabalho deve ser enquadrada nas categorias TEER 0, 1, 2 ou 3, deve ser no mesmo tipo de trabalho da que foi utilizada na solicitação de imigração, exercida nos últimos 10 anos, remunerada e com pelo menos 1560h trabalhadas em um ano contínuo para dedicação integral ou dois anos contínuos para dedicação parcial, sem exceder 30 horas semanais. Trabalhos voluntários e estágios não remunerados não contam como experiência laboral.

Worker Program, vale destacar a necessidade de comprovação de fundos, ou seja, de que o aplicante tem dinheiro suficiente para se estabelecer, bem como a família se houver, no Canadá⁸⁸. Esta comprovação não será necessária, todavia, se o aspirante à residência permanente estiver apto a trabalhar legalmente no Canadá e tiver uma oferta válida de trabalho de um empregador no Canadá.

Family Sponsorship – para patrocínio dirigido à imigração de parentes, como cônjuges, parceiros, filhos, pais, avós, entre outros.

Provincial Nominees⁸⁹ - processo de imigração a que o aplicante dá entrada após ser indicado por uma província ou território canadense.

Quebec-selected skilled workers – para os que desejam imigrar como trabalhador qualificado para província do Quebec.

Atlantic Immigration Program – processo destinado aos que imigram se formando em uma escola ou trabalhando em New Brunswick, Prince Edward Island, New Scotia, ou Newfoundland and Labrador.

Caregivers – para os que desejam imigrar como cuidadores de crianças, idosos, pessoas com necessidades médicas, ou para trabalhar como cuidador residente.

Start-up Visa – para os que desejam imigrar iniciando negócios.

Self-employed – para trabalhadores autônomos em atividades culturais ou esportivas.

Rural and Northern Immigration Pilot – programa piloto aberto no final de 2019 para imigrar para comunidades canadenses menores e apoiar a economia local.

Agri-food Pilot – programa piloto para imigrar trabalhando em indústrias e ocupações agroalimentares específicas.

⁸⁸Os valores em dólares canadenses para comprovação de fundos, atualizados em 2022, são: 1 pessoa (\$13.310); 2 pessoas (\$16,570); 3 pessoas (\$20.371); 4 pessoas (\$24.733); 5 pessoas (\$28.052); 6 pessoas (\$31.638); 7 pessoas (\$35.224). Para cada membro a mais, são \$3.586 acrescidos. O dinheiro não pode ser emprestado por outra pessoa e deve estar disponível para pronto uso tanto na inscrição quanto no momento em que o visto é emitido, devendo ser comprovado o acesso legal ao mesmo quando a pessoa chegar ao Canadá. Se o aplicante tem família, a comprovação deve ser feita para manutenção de todos, independente de irem ou não para o Canadá.

⁸⁹Vou detalhar sobre o Programa Provincial de British Columbia adiante, no tópico destinado às informações sobre a Província.

Temporary Resident to permanent resident pathway – processo para obtenção de residência permanente, com tempo limitado de vigência, para certos residentes temporários que trabalham no Canadá e suas famílias.

Permanent residence pathways for Hong Kong residents – onde são disponibilizados dois caminhos para residentes elegíveis de Hong Kong que estão no Canadá.

Economic Mobility Pathways Pilot – processo destinado a refugiados qualificados elegíveis para imigrarem através de residência permanente econômica.

Refugees – processo de imigração como refugiados ou para quem vai ser patrocinador de um processo imigratório de pessoas refugiadas.

Feita a descrição sucinta, apresento na próxima seção informações sobre a província de British Columbia, local onde residem as brasileiras entrevistadas neste estudo.

1.4 British Columbia: belezas naturais, diversidade étnica e outras características da província mais ocidental do Canadá.

British Columbia é a terceira província mais populosa do Canadá, ficando atrás somente de Ontário e do Quebec. Seu nome foi escolhido pela Rainha Vitória e proclamado oficialmente em 1858. Descrita como a Província mais Ocidental do Canadá nos sites do Governo⁹⁰, BC⁹¹ tem 40.000 ilhas e o clima mais ameno do país, fazendo fronteira com o Oceano Pacífico a oeste, com as Montanhas Rochosas e a fronteira de Alberta a leste, ao sul com os Estados Unidos e ao Norte com Yukon e os territórios do Noroeste. Vancouver é a maior cidade de BC e sua região metropolitana é a terceira maior do Canadá, mas a capital da província é Vitória, localizada na Ilha de Vancouver. Suas paisagens incluem costas rochosas, florestas, lagos, praias arenosas, montanhas, desertos, planícies e mais da metade de sua população localiza-se na parte sul. Seu território corresponde ao tamanho da França, Alemanha e Holanda juntos, cerca de 14% dele é

⁹⁰ Informações extraídas nos sites <https://www.welcomebc.ca/> e <https://alpha.gov.bc.ca/gov/content/home>.

⁹¹ Abreviação Oficial de British Columbia.

formado por parques, áreas de conservação, reservas ecológicas e áreas de recreação, sendo a província com mais áreas protegidas do Canadá. A Província está dividida em oito regiões, a saber: Ilha/Costa de Vancouver, que inclui a capital Victória; Continente/Sudoeste, a região mais populosa da província definida como “lar de uma das regiões com maior diversidade étnica do Canadá”; Thompson-Okanagan, localizada no interior de BC; Kootenay, localizada na região sudeste; Cariboo, localizado no Centro de BC; Litoral Norte, região costeira do Norte, na fronteira com o Oceano Pacífico; Nechako, região de deserto; Nordeste, situada a leste das montanhas rochosas.

Janet Austin é a Vice-Governadora⁹² de British Columbia, ocupando a posição mais alta do no Governo Provincial, David Eby é o atual Primeiro Ministro⁹³ da Província e seu governo possui vinte e sete ministros de gabinete. Dos vinte e sete cargos de ministério, quinze são ocupados por mulheres e doze por homens. No grupo de Secretariado Parlamentar, que inclui quatorze Secretarias, nove são ocupadas mulheres e cinco por homens. Quando nos referimos ao Conselho de Vice-Ministros e Ministras, no grupo de trinta e três nomeados, temos vinte mulheres, incluindo a função de Vice do Primeiro Ministro de BC, e treze homens. A maioria feminina nestas funções de governança chama a atenção, em especial por tratar nesta pesquisa de mulheres imigrantes brasileiras que residem na província.

Segundo informações oficiais, vivem em British Columbia aproximadamente 200.000 indígenas, incluindo “Primeiras Nações”, “Inuits” e “Métis”, cuja história com a região se estende por mais de dez mil anos. No site do governo provincial, é descrito existirem mais de 200 “Primeiras Nações” diferentes, trinta línguas indígenas e cerca de sessenta dialetos falados em BC. Há uma breve referência à chegada dos colonos europeus no século dezoito ao território ocupado pelos povos originários e a convivência “por vezes conflituosa, por vezes pacífica” entre eles. Também de forma breve, há uma espécie de reconhecimento que “Por muitos anos, governos e religiões não reconheceram os direitos dos povos indígenas. Na verdade, eles desenvolveram políticas para eliminar

⁹² Cargo nomeado pelo Governador-Geral do Canadá, com duração de cinco anos ou mais, é a representante de Sua Majestade em nível provincial. De acordo com a descrição oficial de sua função, tem-se que, na prática, a Vice-Governadora age de acordo com o conselho do Primeiro-Ministro, embora possa se recusar a segui-lo em determinadas ocasiões.

⁹³ O primeiro Ministro é o chefe de governo da Província e principal executivo do poder executivo.

suas línguas e culturas ricas e diversas.” (BRITISH COLUMBIA, 2022).⁹⁴ Não vou aprofundar aqui a questão dos graves conflitos entre que os povos que habitavam a região atualmente nomeada por British Columbia e colonizadores, assim como as consequências que advieram do crescimento de BC para estes povos por se tratar de tema complexo, que não poderia, assim, ser abordado de forma superficial.

No site oficial do Governo de British Columbia, o “gov.bc.ca”, há uma seção dedicada à exposição das honrarias concedidas pela Província⁹⁵ para homenagear e agradecer a pessoas “cujas vidas exemplificam a excelência e as realizações do mais alto nível.” São vinte e cinco honrarias e, dentre elas, destaco a “Medalha BC de Boa Cidadania”, concedida como reconhecimento a pessoas que “tenham agido de forma particularmente generosa, gentil ou altruísta para o bem comum sem expectativa de recompensa. A medalha reflete seus atos de abnegação, generosidade e serviço à vida comunitária.” Há também a Medalha do Vice-Governador para Inclusão, Democracia e Reconciliação, que pode ser concedida a alunos excepcionais matriculados em instituições públicas de ensino superior que tenham se destacado, ao promover Diversidade e inclusão (colaborando e demonstrando tolerância e respeito aos outros), Democracia (atuando para fortalecer a democracia, reconhecendo os direitos fundamentais e dignidade para todas as pessoas) e Reconciliação (para o estudante “que que atendeu ao chamado urgente da Comissão da Verdade e Reconciliação de 2015 para transformar a sociedade estabelecendo um relacionamento renovado com os povos indígenas”). Encontrei mais quatro prêmios relacionados a feitos excepcionais relacionados à educação, tanto no que se refere às práticas inovadoras quanto a cuidados destinados à infância e juventude.⁹⁶

Por fim destaco os “Prêmios BC Multiculturalismo e Anti-Racismo”, estabelecido em 2008, que visam homenagear indivíduos e organizações que promovem e fortalecem o multiculturalismo e abordam o racismo. As categorias de nomeação deste Prêmio são: Prêmio de Confiança Intercultural – “Intercultural Trust Award”, Prêmio Quebrando

⁹⁴Texto original: “For many years, governments and religions did not recognize Indigenous peoples' rights. In fact they developed policies to eliminate their rich and diverse languages and cultures.” Disponível em: <https://www.welcomebc.ca/Choose-B-C/Explore-British-Columbia/B-C-First-Nations-Indigenous-People>

⁹⁵ Outra curiosidade é uma seção disponibilizada no site para que residentes da Província façam solicitações de mensagens de felicitação pala passagem de aniversários significativos, pessoais e de casamento, por parte de autoridades do governo provincial, canadense e da Família Real britânica.

⁹⁶Informações disponíveis em: <https://alpha.gov.bc.ca/gov/content/governments/celebrating-british-columbia/honours-and-awards>

Barreiras e Prêmio Líder Emergente.⁹⁷ British Columbia é definida no site oficial que a apresenta não somente como destino turístico, mas também um lugar para estudar, trabalhar e morar, como a província com maior diversidade étnica do Canadá. Sobre a importância do multiculturalismo para British Columbia, encontramos também no site a seguinte referência:

O multiculturalismo é um modo de vida em BC. Por lei, você deve respeitar o estilo de vida, as crenças, a religião e a cultura das outras pessoas e elas devem respeitar a sua. Ao se mudar para BC, você pode continuar praticando suas crenças religiosas e tradições culturais. Como membro de nossas comunidades etnicamente diversas, você também poderá experimentar a herança cultural de outras pessoas de todo o mundo. (BRITISH COLUMBIA, 2022)

As informações colhidas em veículos oficiais de comunicação e aqui expostas não têm função meramente descritiva ou ilustrativa de aspectos curiosos sobre British Columbia. Seja na definição de símbolos oficiais que representam a imagem BC, na concessão de medalhas e honrarias, temos mensagens, conceitos, estímulos, propostas de convivência sendo transmitidos à população e reforçadas institucionalmente. A seguir, estão agrupadas informações sobre a população de BC, recentemente colhidas pelo Censo canadense, e a respeito dos caminhos para imigração disponibilizados pela Província.

1.4.1 British Columbia e a Imigração: dados populacionais e programas provinciais.

Se não encontrei um ministério no governo de BC voltado exclusivamente para a imigração, como acontece com questão dos povos originários, por outro lado, o já citado “welcomebc.ca”, é um site oficial com informações variadas sobre a Província e seus atrativos, seus potenciais, sua estrutura e publicizada aptidão para receber visitantes, estudantes, trabalhadores e novos residentes vindos de outros países. Também estão expostos no conjunto de informações do governo sobre a Província em questão, a

⁹⁷Além dos prêmios e medalhas descritos brevemente, compõem este conjunto de honrarias: Ordem da Columbia Britânica, Prêmio do Vice-Governador por Excelência Literária, Prêmio de Alfabetização do Conselho da Federação, Prêmios Premier de Excelência em Educação, Prêmios de Excelência em Cuidados Infantis, Prêmios de Reconhecimento da Semana de Cuidados Infantis e Juvenis, Medalha de Bravura de Bombeiro BC, Comenda do Comissário dos Bombeiros, Prêmio de Segurança Comunitária e Prevenção ao Crime, Prêmio Voluntário de Segurança Pública, Prêmios BC para Pequenas Empresas, Prêmio de Reconciliação BC, Prêmio de Arte das Primeiras Nações, Prêmio Negócios Indígenas, entre outros.

referência à “Carta Canadense de Direitos e Liberdades”⁹⁸, cujo objetivo é proteger as pessoas “contra discriminação com base em raça, sexo, idade, cor da pele, religião, deficiência ou orientação sexual” bem como a garantia de: liberdade de expressão, governo democrático, direito de viver e de procurar um emprego em qualquer parte do Canadá, advogado e representação legal se a pessoa for acusada de um crime, os direitos dos povos indígenas, a igualdade entre mulheres e homens, o direito de usar qualquer um dos idiomas oficiais do Canadá, o direito dos que falam inglês e francês a uma educação em sua própria língua, proteção de culturas e tradições de outras partes do mundo dentro do Canadá, conhecida como multiculturalismo.⁹⁹

No referido site, você pode ler sobre como imigrar para a Columbia Britânica, como aprender inglês, acerca dos serviços relacionados à mudança para a província, como encontrar emprego e o que é necessário para trabalhar em BC, sobre o sistema educacional e como estudar na província. É possível encontrar também um guia em PDF com mais de cem páginas, datado de 2021, para ajudar os recém-chegados na adaptação ao Canadá, disponível em treze idiomas, a saber: Inglês, Árabe, Chinês (simplificado e tradicional), Dari¹⁰⁰, Farsi¹⁰¹, Francês, Coreano, Punjabi¹⁰², Russo, Espanhol, Tagalo¹⁰³, Ucraniano. Cópias impressas deste guia podem ser solicitadas por meio de formulário e são gratuitas, segundo o site. Em outro tópico, que direciona o visitante virtual para buscar informações no “seu idioma”, foi possível encontrar uma seção intitulada “Na sua língua” e constatei outros arquivos de um guia para iniciantes, disponíveis em Português, Persa¹⁰⁴, Hindi¹⁰⁵, Japonês, Vietnamita e alguns dos idiomas citados anteriormente. Nesta seção para onde se é direcionado, ao clicar em Português, há um PDF de uma versão com apenas 27 páginas e não atualizado em 2021, além de um vídeo de três minutos aproximadamente, com áudio em português, narrado com uma mistura de sotaques, tanto de um possível anglófono, quanto de alguns acentos, ritmo do Português de Portugal. Esta versão eu já

⁹⁸ “The Canadian Charter of Rights and Freedoms protects people from discrimination based on race, sex, age, skin colour, religion, disability or sexual orientation.” (welcomebc.ca)

⁹⁹ Informações disponíveis em: <https://www.welcomebc.ca/Choose-B-C/Why-Choose-British-Columbia-Canada/Canadian-Values>

¹⁰⁰ Ou Persa Afegão.

¹⁰¹ Ou Persa. Falado no Irã, Afeganistão e Tajiquistão.

¹⁰² Falado no Paquistão e na Índia

¹⁰³ Idioma falado nas Filipinas.

¹⁰⁴ Ou Farsi.

¹⁰⁵ Língua oficial da Índia.

havia acessado logo que iniciei minha pesquisa e fui em busca de materiais oficiais sobre e para imigrantes.

Os guias de 2021, não disponibilizados em Português, são diferentes, com arquivos maiores, mais completos, que tratam sobre a busca de um lugar para morar, sobre matrícula de filhos na escola, médico de família e demais serviços de saúde, como abrir conta em banco, sobre trabalhar na província, sobre licença para dirigir, informações sobre busca por suporte para quem precise de ajuda. Além disso, você pode ser direcionado para o “WorkBC”, com material específico a respeito de trabalho, emprego e afins, ou pode acessar o canal do Youtube também intitulado “Welcomebc.ca”, o qual disponibiliza vídeos curtos, em diferentes línguas, com as informações sobre como se mudar e se estabelecer em British Columbia. O canal foi iniciado em 2011 e contava com 6,93 mil inscritos e 838.659 visualizações quando acessei para incluir estas informações na presente dissertação, sendo que os vídeos mais recentes foram postados há seis anos. Interessante que, em nenhum vídeo disponibilizado no Youtube por brasileiros e empresas que divulgam informações sobre como imigrar para o Canadá que eu tenha assistido durante os dois anos preparatórios para me mudar, eu tenha visto qualquer tipo de referência a materiais como este disponibilizados pelo site do governo de forma gratuita. Mas vamos aos dados.

De acordo com o censo realizado em 2021¹⁰⁶, a população total de British Columbia é de 5.000.879 habitantes, com aumento de 7.6% em relação aos dados obtidos em de 2016. O total de residências particulares da Província é de 2.211.694, sua densidade populacional por quilômetro quadrado é 5.4 e a área do terreno em quilômetros quadrados é 920.686,55. A população total de imigrantes em BC é de 1.425.710, representando 29% da população total da Província. Segundo informações colhidas pelo censo, houve aumento de 4% de imigrantes recentes em relação à população total e de 13,8% de imigrantes recentes em relação à população imigrante total de BC.¹⁰⁷ Entre os imigrantes, no que diz respeito à idade, temos que: 8.2% são menores de 5 anos; 15.9% têm entre 5 a 14 anos; 19.3% de 15 a 24 anos; 44,8% de 25 a 44 anos; 11.7% acima de 45 anos. Do total de Imigrantes: 63.5% vieram da Ásia, 8.8% das Américas, 21.6 % da Europa, 3.7% da África, 2.3% da Oceania e outros locais de nascimento. Quando tomamos por base os

¹⁰⁶ Statistics Canada. 2022. (tabela). *Perfil do Censo*. Censo da População 2021. Catálogo de estatísticas do Canadá no. 98-316-X2021001. Ottawa. Lançado em 30 de novembro de 2022.

¹⁰⁷Entre 2016 e 2021, o número de imigrantes recentes foi de 197.425.

imigrantes recentes, ou sejam os que se localizam entre 2016 e 2021, temos que: 11,6% nasceram nas Américas, 12,8% na Europa, 5,3% da África, 68,1% da Ásia, 2,2% da Oceania e outros locais de nascimento, 1,7% da Austrália. Sobre o número de imigrantes brasileiros, os dados apontam que 8.675 pessoas, ou 0,6% do total de imigrantes, nasceram no Brasil, sendo que 4.120 são homens e 4.645 são mulheres. Se levarmos em consideração as informações sobre os imigrantes recentes, ou sejam os que foram admitidos entre 2016 e 2021, temos que 5.130 pessoas, ou seja, 2,6% do total de imigrantes vieram do Brasil, um movimento migratório que segue crescendo.¹⁰⁸

Dos 1.145.550 admitidos como imigrantes a partir de 1980, 57,7% são de imigrantes econômicos, 32,5% apadrinhados pela família, 8,5% são refugiados e 1,2% estão na categoria outros imigrantes. Sobre este mesmo grupo, temos que 2,4% pediram asilo antes da admissão como imigrantes, 12,1% receberam autorizações de trabalho, 3,6% receberam permissões de estudo, 6,3% receberam permissões de trabalho e estudo, 0,4% receberam outras autorizações e 75,2% foram admitidos sem experiência pré-admissão. Sobre a população de Residentes não permanentes, o censo informou que 171.000 pessoas estão nessa categoria, correspondendo a 3,5% da população total de BC.

British Columbia, assim como as demais Províncias canadenses, possui programas específicos de imigração. O **“BC Provincial Nominee Program” (BC PNP)** é um programa de imigração econômica, administrado conjuntamente por BC e pelo governo do Canadá, que seleciona e nomeia trabalhadores estrangeiros, estudantes internacionais e empresários que atendam às necessidades do mercado de trabalho da província e favoreçam a economia local. O governo trabalha com prioridades na administração das indicações de cada ano (há um número definido de indicações por ano) de acordo com as necessidades econômicas de BC e apoia, como eles mesmos afirmam, candidatos qualificados. É possível acessar, pelo site do governo já mencionado antes, o welcomebc.ca, listas de ocupações prioritárias para as nomeações provinciais, bem como guias específicos com informações detalhadas sobre requisitos e documentação necessários, procedimentos para aplicação das solicitações para residência permanente no

¹⁰⁸ Uma matéria do site BBC News Brasil, veiculada pelo site Globo.com, em 2022, fez referência a um aumento de 116% de brasileiros admitidos como residentes permanentes no Canadá, ao comparar os números em 2019 e 2021 (de 5.290 para 11.425). De acordo com a reportagem, este aumento fez o Brasil se tornar o sétimo país a exportar residentes permanentes para o Canadá em 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/14/imigracao-para-o-canada-crise-violencia-e-facilidade-de-residencia-fazem-fluxo-de-brasileiros-explodir.ghtml>.

Canadá. Além dele, há o **BC PNP Tech**, direcionado ao recrutamento e retenção de talentos internacionais da área de tecnologia, a depender das necessidades não atendidas por trabalhadores qualificados locais, sendo definido pelo próprio site como “caminho para residência permanente no Canadá.”

BC PNP Tech apoiou mais de 6.000 trabalhadores de tecnologia a serem nomeados para residência permanente desde seu lançamento em maio de 2017. O BC PNP Tech ajuda a garantir que BC possa continuar a atrair e reter o talento necessário para sustentar e desenvolver o setor de tecnologia na província. (BRITISH COLUMBIA, 2022)¹⁰⁹

Para este programa, são realizados sorteios direcionados, a fim de garantir o acesso prioritário de profissionais qualificados da área. Algumas garantias são também concedidas aos candidatos, como a possibilidade da imigração sem a Avaliação de Impacto no Mercado de Trabalho (LMIA), cartas para renovação de autorização de trabalho aos que aguardam o processo federal de residência permanente e serviço de apoio ao candidato por telefone e e-mail até a residência permanente.

Outro Programa disponível é o **Economic Mobility Pathways Pilot (EMPP)**, lançado em 2018 pelo Immigration, Refugees and Citizenship Canada (IRCC), direcionado a refugiados qualificados (com habilidades e experiência que atendam às necessidades do mercado), que já chegam à Província como Residentes Permanentes. Neste caso, funcionam como parceiros no programa piloto além do IRCC, a Província de British Columbia pelo **BC PNP**, a ACNUR - Agência das nações Unidas para Refugiados- e organizações não governamentais. Cada um dos parceiros tem funções e papéis específicos neste programa. Os critérios de elegibilidade, procedimentos e percurso para que o programa brevemente descrito aqui seja acessado e absorva refugiados qualificados estão também disponíveis nos sites da província e do governo federal. Uma outra possibilidade de imigrar ofertado pela Província está relacionada a empreendedores, através do **Entrepreneur Immigration (EI) Regional Pilot**, lançado em 2019 com o objetivo de atrair estrangeiros que iniciem negócios ou adquiram negócios já existentes na Columbia Britânica. Segundo a divulgação disponibilizada pelo site do governo provincial “Empresários internacionais apoiam o crescimento da economia de

¹⁰⁹Texto original: “BC PNP Tech has supported more than 6,000 tech workers to be nominated for permanent residence since its launch in May 2017. BC PNP Tech helps ensure B.C. can continue to attract and retain the talent needed to sustain and grow the technology sector in the province.” (BRITISH COLUMBIA, 2022)

BC e, junto com suas famílias, ajudam a criar diversidade nas comunidades urbanas e rurais de toda a província.” (BRITISH COLUMBIA, 2022)¹¹⁰

As aplicações para solicitar nomeação provincial e obter a Residência Permanente requerem o pagamento de taxas. Para os aplicantes que se enquadram na categoria “Skills Immigration”, ou Imigração por “Habilidades”, relacionada às ocupações em demanda, o cadastro é gratuito, a taxa de aplicação é de \$1,150 e solicitações de revisão custam \$500,00. Para “Entrepreneur Immigration”, ou seja, para Empreendedores, o cadastro custa \$300, a taxa de aplicação é \$3,500 e \$500,00 também para solicitações de revisão. Há também taxas para “Strategic Projects”, ou “Projetos Estratégicos”, que seriam \$300,00 para o cadastro, \$3,500 para a aplicação, \$1,000 para “pessoal-chave” ou equipe e, também \$500,00 para pedidos de revisão. Além destas, após receber a nomeação provincial, quando se envia o pedido de Residência Permanente ao IRCC, pagam-se novas taxas¹¹¹ definidas pelas categorias de programas de imigração e com possíveis adicionais como cônjuge e filhos.

Refletir sobre o impacto das políticas multiculturais canadenses voltadas à migração e à convivência em British Columbia nas vidas das pessoas que lá residem e, particularmente, das pessoas que chegam é desafiador e instigante a um só tempo. Ter acesso a estas informações, como pesquisadora, depois de ter morado em BC, foi mobilizador, uma vez que não somente as imagens e mensagens disponíveis nos sites oficiais compõem este processo de escrita, que se pretende crítica e exercitando distanciamento possível e necessário ao processo de pesquisa. As memórias que tenho como imigrante dialogam com o texto que se constrói e me vejo recordar experiências de visível respeito e proteção a pessoas vulneráveis em experiências do dia-a-dia. Fui testemunha de muitas delas. Assim como convivi muito próximo com uma expressiva população de moradores e moradoras em situação de rua na época, que viviam em um longo trecho da Hastings, na região central da cidade. Era desolador, como sempre são as cenas que objetivam as profundas e cruéis desigualdades que marcam grandes centros urbanos.

¹¹⁰“International entrepreneurs support the growth of B.C.’s economy and, together with their families, help to create diversity in urban and rural communities throughout the province.” Disponível em <https://www.welcomebc.ca/Immigrate-to-B-C/About-The-BC-PNP#HealthcareOccupations>

¹¹¹As taxas federais foram reajustadas em abril de 2022 e havia um aviso no site sobre mudanças e os motivos do aumento que tem a finalidade de corrigir a inflação.

Tive acesso a três matérias publicadas¹¹² em veículos de imprensa canadenses que tratavam de impasses gerados por uma ordem do chefe do corpo de bombeiros de British Columbia para desocupação das barracas de pessoas que viviam na referida rua em função do risco de incêndio e a dificuldade do acesso dos bombeiros na região. Não somente esta questão estava gerando movimentação e questionamentos, já que seria necessário encontrar abrigos para um número alto de pessoas em curto espaço de tempo. Havia também referência na notícia sobre uma ação controversa de “varredura de rua” na Hastings, operada por agentes do governo com o apoio da polícia, para retirada de lixo e entulho da região. O problema levantado foi que, neste processo, pertences dos desabrigados estavam sendo descartados também, o que fez com que a polícia se afastasse da ação e o departamento responsável pela ação pedisse desculpas e encerrasse os trabalhos. Somam-se a estes eventos, o aumento da violência no local. A ordem do chefe dos bombeiros aconteceu em julho de 2022, mas em janeiro deste ano (2023) ainda havia tensões porque algumas barracas ainda permaneciam no local, houve apreensão de materiais, entre outros problemas. Este brevíssimo resumo não dá conta de apresentar os possíveis problemas estruturais que levam às dificuldades com moradia na cidade de Vancouver e que ficaram estampados na East Hastings. Mas pode ilustrar os conflitos de parcela da população que reside em British Columbia e a forma como setores da administração pública se posicionam, nem sempre de maneira tão cordial.

Vejo-me também pensando nas contradições possíveis em estratégias políticas adotadas por uma cultura que propaga e se orgulha de sua identidade multicultural, protetora das diversidades que sustentam sua economia. As descrições dos programas de imigração, bem como dos requisitos necessários para aplicação dos pedidos de visto temporários ou permanentes deixam claros os objetivos de favorecer a entrada de candidatas(os) qualificadas(os) e/ou disponíveis para ocupar vagas de trabalho cuja demanda excede a oferta de mão de obra local. Com processos seletivos para imigração dispendiosos e repletos de exigências, quanto mais jovem for e quanto mais credenciais estudantis e profissionais a candidata tiver, além de comprovação de capital financeiro

¹¹²Os links para acesso às matérias são:

1) <https://www.theglobeandmail.com/canada/british-columbia/article-abrupt-order-to-clear-hastings-street-causes-scramble-to-house-people/>

2) <https://globalnews.ca/news/9026210/east-hastings-street-tent-city-remains/>

3) <https://bc.ctvnews.ca/nearly-100-tents-removed-from-east-hastings-since-summer-order-city-staff-say-83-remain-1.6239310>

mínimo exigido pelo governo, mais chances de ser aprovada em sua solicitação de mudança para o Canadá. Ou seja, desde que sejam satisfeitos todos os critérios estabelecidos para cada programa de imigração, uma vez admitida legalmente a atravessar suas fronteiras ou permanecer em seu território, a pessoa tem acesso ao modo de vida multicultural e à estrutura social, política e econômica de um país como o Canadá. Uma das questões é pensar: quem são as brasileiras e brasileiros que atendem tais requisitos?

Como será abordado nos relatos das entrevistadas, a busca por emprego de boa parte das residentes recentes esbarrou na necessidade de comprovação de experiência de trabalho canadense para atividades mais bem remuneradas, o que faz com que profissionais experientes e qualificadas no Brasil, por exemplo, sejam recrutadas e admitidas em trabalhos temporários, não qualificados, em jornadas por vezes exaustivas. Não pretendo aqui traduzir esta percepção como regra. Mas esta é uma realidade presente não somente nos relatos das brasileiras com quem tive contato, mas que pude observar localmente e também acessar nas orientações disponíveis em textos, vídeos de brasileiras(os) que se encontram no Canadá e dão dicas, sugestões sobre caminhos para imigrar, estratégias de inserção no mercado de trabalho, entre outros temas, enquanto me preparava para mudar de país. Havia quase um consenso nestas publicações de que é preciso estar preparada, preparado para as atividades “entry level”, ou seja, para as contratações em trabalhos não qualificados, mesmo que a pessoa chegue ao país com credenciais e experiência de trabalho no Brasil. Como se beneficia um país que estabelece critérios tão altos para admissão de estudantes internacionais e imigrantes em suas terras? Para além dos capitais culturais e financeiros transferidos para o Canadá e das possibilidades que a diversidade de costumes apresenta a uma Nação tão jovem, é importante pensar em como se estruturam as relações de poder e hierarquia entre sociedade de acolhimento e as pessoas que chegam, sejam imigrantes ou residentes temporários.

Considereei importante tratar sobre imigração e conceitos relacionados a este fenômeno que se complexifica na contemporaneidade, apresentando o Canadá, e especificamente British Columbia, como destino e residência do grupo de migrantes brasileiras que entrevistei durante a pesquisa, neste primeiro capítulo, por considerar este percurso um modo de situar o leitor sobre as bases que sustentam as reflexões feitas a seguir, a partir da análise dos dados obtidos com a investigação que realizei. A categoria “imigrante”, além de assumir novas possibilidades de entendimento com os estudos sobre

migrações transnacionais, tem definição própria quando nos referimos às leis canadenses voltadas à imigração. Neste contexto específico, as categorias “residente permanente” e “residente temporário”, por exemplo, situam de maneiras distintas as pessoas que portam tais permissões concedidas pelo governo, que reconhece como “imigrantes” apenas as que se encontram no primeiro grupo. As características climáticas e populacionais de British Columbia são mencionadas com frequência nas entrevistas, a partir das experiências, gratificantes ou não, vivenciadas pelas brasileiras com quem tive contato. Assim como o fato de se sentirem protegidas e respeitadas em seu novo país de residência, mesmo para quem vivenciou alguma experiência de discriminação. O contato com culturas diversas nos ambientes de trabalho e estudo, os conflitos advindos destas relações, as regras de convivência e as dificuldades vivenciadas para obtenção de vistos permanentes de residência compuseram, com mais ou menos detalhes, os diálogos que mantive com o grupo de participantes da pesquisa e a minha experiência, também, ao morar no Canadá.

Ter acesso a dados oficiais, a informações divulgadas pelo governo provincial dirigidas a potenciais imigrantes, a recém-chegados, bem como a residentes de BC de uma forma geral oferece pistas sobre a importância do multiculturalismo na formulação das estratégias de recepção de imigrantes e de políticas que objetivam promover a convivência entre culturas e origens tão diversas entre si. São muitas, como já mencionei antes, as perguntas que me movem e não consegui encontrar todas as respostas que busquei durante o mestrado. O que posso dizer por agora é que há muito chão pela frente.... E que o próximo capítulo inclui: reflexões teóricas sobre corpo e “corpomigrante”, a partir dos referenciais da Sociologia; a apresentação do grupo de brasileiras entrevistadas e a primeira parte da discussão dos dados empíricos obtidos durante a pesquisa.

CAPÍTULO II. SOCIOLOGIA DO CORPO E O ESTUDO DE “CORPOS-MIGRANTES”.

2.1 O corpo como objeto da Sociologia: Marcel Mauss, Norbert Elias e Le Breton.

Pensar a questão do corpo foi algo que se destacou nas minhas pesquisas sobre a mobilidade humana em diálogo com as Ciências Sociais. Para efeito do que pretendo trabalhar nesta pesquisa, a partir dos referenciais teóricos com que tenho dialogado, o corpo é compreendido como produzido socialmente e passível de constantes atualizações, ou seja, suas características, mesmo as que convencionamos denominar biológicas, não são dadas a priori, definidas por si mesmas. As disposições corporais apresentam, assim, possibilidades de tradução, de modificação, ressignificação, além de situar pessoas e grupos em lugares, em hierarquias produzidas histórica e socialmente, a partir de múltiplas combinações e superposições de força e poder que se configuram nas relações sociais, das tensões e disputas produzidas em cada contexto específico de inserção dos sujeitos. Trata-se de compreender o corpo para além de pretensas determinações biológicas por um lado, ou de condicionantes socioculturais por outro, tomados isoladamente, mas compreendê-lo em permanente relação e processo de construção.

Norbert Elias (2005) adverte-nos sobre a importância de se adotar nos estudos sociológicos uma perspectiva que compreenda a dinâmica permanentemente relacional entre os indivíduos na constituição mesmo dos aspectos que os definem como humanos, como a “capacidade de falar, pensar e amar”. O autor chama atenção para o fato de que as pessoas não são objetos isolados e que não somente se mantêm em movimento, mas estão envolvidas em jogos com outras pessoas, em constante relação com os demais. Tal perspectiva nos coloca diante de sujeitos cujas características, incluindo aspectos físicos, ações, expressões, emoções, são irremediavelmente sociais, podendo ser compreendidas nas relações e pelas relações sociais, ou seja; que as pessoas, as sociedades se constituem, se modificam nos contatos que estabelecem entre si e estão situadas geográfica, cultural e historicamente, em contínuo processo de construção.

David Le Breton (2004), ao discutir sobre marcas, sinais e modificações corporais, particularmente no que tange ao uso de tatuagens e piercings e seus significados sociais, refere-se ao corpo como sendo a “primeira matéria da sua ligação com o mundo” (LE BRETON, 2004, p.16). Ele ressalta sua transitoriedade e as possibilidades de sua manipulação, em dinâmicas variadas de produção, contendo em si, provisória ou de forma duradoura, a “virtualidade de outros tantos corpos”. Ao discorrer sobre uma Sociologia do Corpo¹¹³, o referido autor afirma que o corpo é “o lugar e o tempo no qual o mundo se torna homem” (LE BRETON, 2012, p. 34) e que características físicas e morais, como ser homem ou mulher, por exemplo, não são condições dadas, definidas biologicamente, mas sim construídas social e culturalmente, com caracterizações que variam infinitamente.

A sociologia do corpo aponta a importância da relação com o outro na formação da corporeidade; constata de forma irrestrita a influência dos pertencimentos culturais e sociais na elaboração da relação com o corpo, mas não desconhece a adaptabilidade que, algumas vezes, permite ao ator integrar-se em outra sociedade (migração, exílio, viagem) e nela construir, com o passar do tempo, suas maneiras de ser calcadas em outro modelo. Se a corporeidade é matéria de símbolo, ela não é uma fatalidade que o homem deve assumir e cujas manifestações ocorrem sem que ele nada possa fazer. Ao contrário, o corpo é o objeto de uma construção social e cultural. (LE BRETON, 2012, p. 65)

Le Breton afirma ser a existência, antes de tudo, corporal e reforça não haver nada de natural nos gestos, nas sensações, na expressão de sentimentos, na vivência da dor e sofrimento. O autor discute sobre o quanto é socialmente modulável a expressão corporal, ainda que seja vivida de modo singular pelos indivíduos, e toma o corpo como “vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” ou ainda como “eixo da relação com o mundo” (LE BRETON, 2012, p. 7), mencionando, entre outras questões, a aparência como o modo de se apresentar e representar socialmente, traduzida em modos de se vestir, de cuidar de si, de gesticular, etc. Ao debater sobre o lugar e importância da sociologia do corpo, o autor ainda sinaliza os possíveis estranhamentos produzidos por corpos estigmatizados e também traz à baila o desconforto que pode produzir o “estrangeiro” na relação com a sociedade de acolhimento, ao evidenciar

¹¹³“O reconhecimento da sociologia e da antropologia do corpo - na Europa de qualquer forma - foi objeto de uma luta. Foi necessário lutar para mostrar que havia uma legitimidade, um interesse em pensar sobre essas questões.”-Le Breton em entrevista concedida a Lilian Gomes e Tais Costa. (GOMES; COSTA, 2018, p. 232).

corporalmente não participar dos mesmos rituais locais, destacando-se ao invés de se diluir entre os que partilham os mesmos códigos.

Marcel Mauss (2003, p.407)¹¹⁴ afirma que “O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo.” O autor aborda sobre as imposições sociais e o processo de aprendizagem e imitação¹¹⁵ a que estamos submetidos e o quanto estão manifestos em nossas disposições corporais, na forma como nos portamos e fazemos uso do corpo, das distinções relacionadas a culturas diversas, ao que identifica e situa histórica e socialmente homens, mulheres,¹¹⁶ crianças, adolescentes. O autor, ao descrever e analisar diferentes sequências de atos, desde as técnicas para se alimentar, dormir, nadar, correr, relacionar-se sexualmente, sentar-se, até o tipo específico de marcha usado por franceses e ingleses, refere-se à noção de *habitus e hexis*:

Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do “*habitus*”. Observem que digo em bom latim, compreendido na França, “*habitus*”. A palavra exprime infinitamente melhor que “hábito” a “*exis*”[*hexis*], o “adquirido” e a “faculdade” de Aristóteles (que era um psicólogo). Ela não designa os hábitos metafísicos, a “memória” misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências, e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição. (MAUSS, 2003, p.404)

Mauss (2003), em sua abordagem minuciosa das técnicas do corpo, afirma sobre o quanto um detalhe como a posição dos braços e das mãos enquanto caminhamos é uma “*idiosincrasia social*” e não algo individual ou psíquico, destacando a eficácia das tradições na composição dessas maneiras de agir, portar e se comportar. É particularmente interessante o modo como ele relaciona certos treinamentos sociais de habilidades com o desenvolvimento de capacidades, possibilidades distintas de lidar com situações, manejar instrumentos, ressignificando o que poderia ser atribuído a potenciais biológicos, “naturais”.

¹¹⁴Refiro-me ao texto “As técnicas do corpo”, no clássico Sociologia e Antropologia (2003).

¹¹⁵O autor descreve: “O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros” (MAUSS, 2003, p. 405).

¹¹⁶Para ilustrar, destaco esse trecho: “Enfim, é preciso saber que a dança enlaçada é um produto da civilização moderna da Europa. O que demonstra que coisas completamente naturais para nós são históricas. Aliás, elas são motivo de horror para o mundo inteiro, exceto para nós” (MAUSS, 2003, p. 417).

(...) o ensino das técnicas sendo essencial, podemos classificá-las em relação à natureza dessa educação e desse adestramento. E eis aqui um novo campo de estudos: incontáveis detalhes inobservados e cuja observação deve ser feita, compõem a educação física de todas as idades e dos dois sexos (MAUSS, 2003, p. 411).

Esta discussão de caráter introdutório sobre o corpo e as possibilidades teóricas de análise em sociologia sinaliza questões fundamentais para o entendimento de corpos que se colocam em processos migratórios. Para além de compreendermos as práticas corporificadas como produzidas socialmente e nas relações entre pessoas e grupos; de entendermos como as inúmeras técnicas do corpo podem situar pessoas em tempos, culturas, sociedades, classes, gêneros, etnias distintas; ao tratarmos sobre migrantes, consideramos as tensões e possíveis mudanças advindas do contato com a diferença em seus múltiplos significados. Estranhamentos, desencaixes, adaptações, necessidades vindas de outras terras, outros climas, outra natureza. Histórias de vida trazidas em bagagens complexas que se encontram, se desencontram e redefinem rotas, tornando-se “outras”, também para si mesmas. Neste processo, curioso investigar como se mantêm, se refazem, se constroem as disposições incorporadas por migrantes em sua trajetória; como se revelam, se escondem, se disfarçam práticas, modos de ser, de se expressar e de se portar. Uma vez imersos em novas configurações políticas, sociais, culturais, geográficas, como se posicionam, reposicionam e impactam seu entorno corpos que se fazem em movimento? A seguir, vamos refletir sobre os corpos que migram e como a sociologia de Pierre Bourdieu pode nos ajudar nesta empreitada.

2.2 Reflexões sobre “corpo-migrante” em diálogo com a teoria de Pierre Bourdieu.

Mas existem umas coisas que a gente vai mudando e a gente não percebe. Eu lembro de ter um guarda roupa muito colorido no Brasil. Muita estampa, muito... Hoje, minha mãe falou assim, ‘minha filha, só tem preto, branco e cinza no seu armário’. E... Não sei, talvez isso é um reflexo do que eu vejo. A moda aqui é muito sóbria. Não existe moda aqui [no Canadá]. Os cortes, é tudo muito reto, muito sóbrio. Então eu acho que eu fui incorporando um pouco disso sem nem perceber. (Joana, 2021)¹¹⁷

Pierre Bourdieu (1980) chama de “corpo socializado” o que se denomina por indivíduo, afirmando que o mesmo é uma das formas de existência da sociedade e não

¹¹⁷Trecho da entrevista realizada com Joana, uma das participantes da pesquisa, em 2021.

sua oposição.¹¹⁸ A respeito daquilo que o corpo aprende, ele diz que “não é algo que se tem, como um saber que se pode segurar diante de si, mas algo que se é” (BOURDIEU, 2009, p.120). Em “Notas provisórias sobre a percepção social do corpo”, o autor discute o corpo como “produto social”, tanto no que diz respeito a sua conformação visível em termos de volume, tamanho e peso, quanto nas formas em que é representado socialmente e nas percepções subjetivas que os agentes formulam sobre si mesmos e os outros. Ele apresenta sua perspectiva de análise sobre o tema do corpo, problematizando-o a partir do sistema de classificação social em que os agentes se situam e utiliza os conceitos de *hêxis* corporal, corpo alienado, corpo real, corpo legítimo e a noção de desembaraço para tratar do quanto o corpo objetiva não somente uma posição atual como também sua própria trajetória. Em suas palavras:

O corpo socialmente objetivado é um produto social que deve suas propriedades distintivas a suas condições sociais de produção, e o olhar social não é um simples poder universal e abstrato de objetivação, como o olhar sartriano, mas um poder social, que sempre deve uma parte de sua eficácia ao fato de que ele encontra, naquele ao qual se aplica, o reconhecimento das categorias de percepção e de apreciação que lhe são aplicadas. (BOURDIEU, 2014, p. 250)

O conceito de *habitus*, que ocupa lugar central na teoria de Bourdieu ao lado da noção de campo, é apresentado pelo autor como “História incorporada, feita natureza, e por isso esquecida como tal(...)” (BOURDIEU, 2009, p.93), ou seja, trata-se de produto e presentificação operante do passado, mas que ao mesmo tempo confere autonomia relativa às ações em relação às condições exteriores imediatas. Sendo assim, para compreender o corpo, sua trajetória e suas possibilidades de ação a partir do posicionamento que assuma nos diferentes campos de que faça parte e a partir dos capitais de que disponha, imprescindível tomar o conceito de *habitus*:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 2009, p.87).

¹¹⁸BOURDIEU, Pierre. Uma ciência que perturba. Entrevista de Pierre Bourdieu a Pierre Thuillier. **La Recherche**, 112, junho de 1980.

Para o referido autor, a dificuldade de pensar o *habitus* estaria relacionada ao aprisionamento a alternativas que ele pretende superar como “do determinismo e da liberdade, do condicionamento e da criatividade, da consciência e do inconsciente ou do indivíduo e da sociedade” (BOURDIEU,2009,p.91).¹¹⁹Seu interesse seria justamente o de possibilitar entendimentos da vida social que não se reduzam ou se fixem aos polos de tais dualismos, mas que se coloquem além, a partir da análise das relações de força e poder que compõem os jogos e disputas entre os atores em cada campo observado sociologicamente.¹²⁰ Bourdieu alerta-nos para o risco de tomarmos em pesquisa os objetos de forma isolada, afirmando sobre a importância do campo que “É por meio da noção de campo que se pode pensar o mundo de forma relacional.”(BOURDIEU,1989, p.27).

Gabriel Peters (2013) analisa *habitus e reflexividade* na teoria de Bourdieu em artigo no qual avalia as críticas que situam sua abordagem teórico-metodológica como uma “versão sofisticada de neo-objetivismo e não como uma teoria sintética satisfatória da relação agência/estrutura”. O autor pontua sobre a relevância e atualidade da abordagem “praxiológica” criada pelo sociólogo francês e afirma sobre a pertinência somente parcial dos argumentos críticos que toma para análise em seu texto. Antes de seguir com as ponderações sobre o referido debate, destaco a articulação que ele apresenta entre *campo e habitus*, categorias com as quais vou dialogar na análise dos dados da pesquisa:

A intenção de investigar a complexa relação entre as dimensões subjetiva e objetiva da vida social manifesta-se na afirmação de Bourdieu segundo a qual a tarefa da sociologia consiste em “descobrir as estruturas enterradas de maneira mais profunda nos diversos mundos sociais que compõem o universo societário, bem como os ‘mecanismos’ que tendem a assegurar sua reprodução ou transformação” (Bourdieu, 1989,p.7), levando-se em consideração que esse universo existe sob duas formas: objetivamente como “campo” e subjetivamente como *habitus*. A noção de campo refere-se a espaços objetivos de relações entre agentes diferencialmente posicionados segundo uma

¹¹⁹Sobre o conceito de *habitus* em Bourdieu, temos que: “Porque o *habitus* é uma capacidade infinita de engendrar em toda liberdade(controlada) produtos - pensamentos, percepções, expressões, ações - que sempre têm como limites as condições historicamente e socialmente situadas de sua produção, a liberdade condicionada e condicional que ele garante está tão distante de uma criação de imprevisível novidade quanto de uma simples reprodução mecânica dos condicionamentos iniciais.” (BOURDIEU, 2009, p.91).

¹²⁰Destaco nesse ponto um trecho que considero bastante esclarecedor: “A tentativa de superação da dicotomia objetivismo/subjetivismo está na raiz do quadro teórico- -metodológico de análise da vida social formulado por Pierre Bourdieu. Buscando integrar as ferramentas analíticas legadas por ambos os tipos de enfoque e escapar, ao mesmo tempo, às suas limitações, o sociólogo francês desenvolveu uma abordagem praxiológica cujo cerne é a relação dialética entre condutas individuais propelas por disposições socialmente adquiridas e reunidas em um *habitus*, de um lado, e estruturas objetivas ou “campos” de relações entre agentes diferencialmente posicionados e empoderados, de outro.” (PETERS, 2013, p.47)

distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos, isto é, de capitais múltiplos que operam como meios socialmente eficientes de exercício do poder. O conceito de *habitus* aponta, por sua vez, para esquemas simbólicos subjetivamente internalizados de geração e organização da atividade prática dos agentes individuais, esquemas que tomam a forma de disposições mentais e corporais, isto é, modos potenciais socialmente adquiridos e tacitamente ativados de agir, pensar, sentir, perceber, interpretar, classificar e avaliar (PETERS, 2013, p. 48).

Sua reflexão sinaliza a ênfase (que ele considera valiosa, mas que se revela “unilateral”), “ao caráter tácito da operação do *habitus*”, apontando para suas implicações no que diz respeito às possibilidades da “consciência reflexiva” dos atores acerca das propriedades de seus *habitus*, bem como das possibilidades criativas de transformação dos mesmos, particularmente quando se refere aos “motores subjetivos da conduta do ator leigo”. Sobre o conceito de campo, chamou-me atenção também o que o autor pontua a respeito de sua conotação de “relativo ‘fechamento’ e coerência”, de “certa estabilidade”, de “fronteiras bem demarcadas” - ainda que se refira à realidade historicamente em constante movimento e permanente atualização-, como insuficiente para captar a fluidez, a instabilidade das relações sociais contemporâneas em tempos de globalização.

Márcio Oliveira e Fernando Kulaitis (2017)¹²¹ propõem os conceitos de *habitus imigrante e capital de mobilidade*, quando acionam a teoria de Pierre Bourdieu “para compreender as estratégias de agentes em processos migratórios”. Os autores analisam depoimentos colhidos em pesquisas com brasileiros em Quebec e haitianos no Brasil com o objetivo de verificar em que medida processos migratórios estão relacionados com um conjunto de disposições específicas denominado por eles de *habitus imigrante* e de que maneira ele se converteria no que eles definem como *capital de mobilidade*. Além de destacar e situar o leitor sobre a centralidade dos conceitos de *habitus, capital e campo* na obra de Bourdieu, tríade que fundamenta a sua teoria da prática, os autores articulam os conceitos com a questão migratória a partir das seguintes perguntas:

Isso dito, enfrentamos aqui as seguintes questões: existem nas práticas migratórias, ou mais especificamente, na decisão de migrar, elementos decorrentes de um específico sistema de disposições, transmitido, incorporado e gerado a partir da experiência de vida de migrantes? Esse sistema de disposições, que facilita ou induz a migração e os processos de integração dela decorrentes, constituir-se-ia um particular *habitus imigrante*? Por outro lado, a experiência efetiva, o aprendizado de novas línguas, o conhecimento das formalidades jurídico-burocráticas e a aquisição dos meios materiais

¹²¹Refiro-me ao artigo: OLIVEIRA, Márcio de. KULAITIS, Fernando. *Habitus Imigrante e Capital de Mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos Estudos Migratórios. Dossiê Migrações Internacionais Contemporâneas. Revista Mediações*, Londrina, vol 22, N. 1, P. 15-47, jan-jun 2017.

necessários à migração podem ser considerados um novo capital, uma espécie de *capital de mobilidade*? (OLIVEIRA&KULAITIS, 2017, p. 17)

Discutindo os referidos conceitos de Bourdieu e articulando com o material da pesquisa empírica que realizaram, os autores concluem que a decisão voluntária de migrar e os processos de integração estão interligados e dependem “da força do *habitus* interiorizado e da quantidade de capital acumulado.” Antes de definirem as especificidades do *habitus imigrante* e *capital de mobilidade*, variações, portanto, dos conceitos originais, os autores discorrem cuidadosamente sobre os mesmos, e eu destaco aqui sua ponderação sobre a necessidade de “relativizar o conceito de campo, torná-lo mais fluido e poroso”¹²² dadas as particularidades atinentes aos estudos migratórios. Este entendimento foi ao encontro das minhas dificuldades sobre como trabalhar com a noção de *campo* na pesquisa que realizo, além de provocar novas reflexões acerca da multiplicidade de conceitos, áreas de conhecimento e possibilidades de análise para os estudos migratórios.

Uma vez reconhecido pelos autores o papel de conjuntos de disposições relacionados à mobilidade migratória, lentamente inculcadas na história dos participantes da pesquisa, a importância dos “bens” acumulados neste processo e que impactam não somente as estratégias de elaboração e empreendimento da experiência migratória, como também para a integração à sociedade de destino e na possibilidade de remigração, temos que:

Em síntese, *habitus imigrante* é o conjunto de disposições adquiridas que funcionam como princípio gerador de representações e práticas migratórias. Tem sua origem e formação nas experiências migratórias pessoais ou vivenciadas no interior do grupo étnico e/ou familiar. Esse tipo de *habitus* se apresenta como fonte de inspiração e como facilitador dos percursos migratórios. O capital de mobilidade, como qualquer outro capital na teoria de Bourdieu, tem papel preponderante na dinâmica social. Tal qual o capital cultural, trata-se de um conjunto de bens (simbólicos e materiais) que se apresenta sob a forma de conhecimentos migratórios - formalidades administrativas, procedimentos de viagens, línguas e costumes - e documentos (cartas de estadia, passaporte ou contratos de trabalho) adquiridos pelo indivíduo através de experiências próprias ou de indivíduos próximos, oriundos de seu grupo familiar ou étnico. Apresenta ainda dimensão jurídico-política quando o indivíduo adquire outras nacionalidades ou um novo status

¹²²Trecho do artigo a que me refiro na íntegra: “De fato, a maior dificuldade aqui está em estabelecer correspondências entre, de um lado, os diversos tipos de capital acumulados e, de outro, a pluralidade de espaços sociais efetivamente vividos nas sociedades-destino. Para evitar isso, torna-se necessário relativizar o conceito de campo, torná-lo mais fluido e poroso para, assim, analisar a multiplicidade de escolhas de cada imigrante, inclusive aquela de remigrar e não mais integrar-se à sociedade de destino.” (OLIVEIRA; KULAITIS, 2017, p. 30)

de cidadão. Reflete-se no aumento da capacidade individual de integração, de empregabilidade, de mobilidade e/ou de migração. Em associação com os capitais cultural, simbólico, social e econômico, tende a produzir indivíduos-mundo. (OLIVEIRA; KULAITIS, 2017, p. 42)

Marcelo Ennes (2020), ao tratar sobre o "corpo-migrante" também a partir das contribuições de Pierre Bourdieu, destaca ser o corpo uma dimensão fundamental do fenômeno migratório, cuja reflexão inclui inevitavelmente questões como estranhamento e a diversidade cultural, diferença e desigualdade. De acordo com o autor, é necessário considerar como as dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais do fenômeno migratório se objetivam no corpo do migrante produzindo-o, ou seja, que sua existência, para além da sua dimensão inexorável, é resultado das relações que estabelece com o mundo em que vive. Ao enfatizar a "corporalidade da experiência migratória" e discutir a questão do corpo a partir dos conceitos de *habitus*, *hêxis*¹²³, *estratégia*¹²⁴ e *campo*, com ponderações acerca dos processos de "inserção, posicionamento e reposicionamento" de imigrantes em seus campos de atuação, o referido autor propõe uma reflexão sobre o conceito de *incorporação* para pensar como estes corpos são socialmente produzidos e como se expressam as relações de força e poder ao longo da trajetória entre o país de origem e o país de destino.

De partida, proponho que o "corpo-migrante" é a objetivação das relações de força e poder sob a forma de traços físicos, formas de cuidado do corpo, técnicas corporais etc. Isto é, o corpo-migrante resulta do jogo entre as pressões sociais e as formas de enquadramento, resistência e/ou transgressão operadas pelo migrante em toda sua trajetória. Refiro-me, também, ao fato inerente aos processos migratórios de que a mobilidade resulta em um corpo em mobilidade. Neste sentido, o "corpo-migrante" gera estranhamento, aciona os alarmes da alteridade, levanta fronteiras físicas e simbólicas. O "corpo-migrante" é uma condição irremediável, já que ninguém pode migrar sem seu corpo que, ao mesmo tempo, carrega a história do migrante. (ENNES, 2020, p. 29)

Tais considerações, segundo o autor, apresentam importantes questões para a compreensão do migrante, aquele que se desloca com sua história, cultura, hábitos, vínculos, impressos em seus corpos, de forma visível ou não, sinalizando e produzindo a diferença, o não pertencimento, a diversidade, o estigma. Ao refletir sobre "corpo

¹²³“A *hêxis* corporal é a mitologia política realizada, incorporada, tornada disposição permanente, maneira durável de se portar, de falar, de andar, e, dessa maneira, de sentir e de pensar.” (BOURDIEU, 2009, p.114)

¹²⁴Sobre este conceito, temos que: “Para Bourdieu, estratégias são ações adotadas em determinados momentos e sob determinadas circunstâncias, definidas pelas posições de poder e pelo volume do capital simbólico que circula num campo. Estas ações estratégicas ‘só raramente têm origem numa verdadeira intenção estratégica’ (BOURDIEU 2001:110), enquanto ações deliberadas, racionais e projetadas num futuro, que visam ganhos calculados.” (NOBRE, 2006, p. 128)

herdado” e “corpo estratégico”¹²⁵, tratando das possibilidades de “visibilização e invisibilização” do corpo-migrante, o autor problematiza o corpo como possível capital na trajetória migratória, em jogos que posicionam e reposicionam migrantes em campos específicos e nas relações que estabelecem com agentes diversos. A relação entre as disposições trazidas pelo migrante e as novas configurações com as quais ele se depara compõem este corpo que se forma, que se constitui nessa trajetória a partir de diferentes estratégias de aprendizado e inserção nos contextos sociais de que venha participar. Nesse processo, experiências de discriminação, exclusão, estigmatização por conta de estereótipos podem marcar de maneiras e intensidades diversas as trajetórias migrantes, uma vez que podem se configurar estratégias de resistência e transgressão, de conversão de marcadores estigmatizantes em emblemas. Vale notar que tais possibilidades não são tomadas como atribuições exclusivamente individuais, mas sim como caminho de observação, análise e compreensão das relações entre os agentes e a realidade vivida, num jogo em que múltiplas forças e poderes se articulam e não podem ser dadas *a priori*.

Feitas essas ponderações, é possível questionar: como as disposições que compõem os corpos de mulheres que migram são passíveis de assumir novos significados no contato com culturas distintas? Gestualidade, expressões de afeto por meio de contato físico, escolha por itens específicos de vestuário, uso ou não de maquiagem e acessórios, formas de se comunicar e se posicionar nos diferentes contextos pelos quais transitam em sua experiência como estrangeiras, o tom de voz nas conversas em espaços públicos, a forma de gestar, parir e cuidar de filhos, entre outros, são exemplos de práticas corporificadas, de traduções da realidade social. De que forma, tais atributos identificam grupos de pertencimento em trajetórias migratórias? Como se constituem, se modificam e se reconfiguram nas relações estabelecidas com grupos culturais diversos nas modalidades diferenciadas de experiência migrante? Considerando que um grupo de pessoas de mesma nacionalidade, por exemplo, não necessariamente apresentará a homogeneidade que se pode deduzir ao reuni-las nesta categoria, que possibilidades de

¹²⁵No trecho a seguir, o referido autor explicita a operacionalidade destas categorias para a compreensão do corpo-migrante: “As categorias de “corpo-herdado” e “corpo-estratégico”, por sua vez, foram úteis para dar maior clareza a processos de “reconversão do estigma em emblema”. Exemplos podem ser encontrados nos estudos aqui acionados como o caso de imigrantes que convertem características corporais, tais como sensualidade e vigor físico, em formas de inserção no campo econômico. Isto sugere que, ainda que, adversa, a condição do imigrante gera possibilidades resistência e de transgressão impostas pelas forças hegemônicas tanto na sociedade como um todo como em campos específicos.” (ENNES, 2020, p. 47)

análise melhor se apresentam às pesquisas em Sociologia? A seguir, vamos conhecer o grupo de brasileiras que participou desta pesquisa e refletir sobre como a noção de “corpos-migrantes”, sugerida por ENNES (2020), pode nos ajudar no processo de análise dos dados colhidos durante as entrevistas feitas por esta pesquisadora.

2.3 Corpos em trânsito: trajetórias migrantes como lugares de ser, não-ser, vir-a-ser...

2.3.1 Apresentando o grupo de participantes da pesquisa empírica.

Que no Brasil a gente é muito vaidosa, né. A gente gasta muito tempo nisso e muitas vezes é para as outras pessoas. (Marcela, 2021)

Para a presente pesquisa, entrevistei remotamente, pela plataforma Zoom, doze brasileiras residentes em British Columbia, com vistos temporários ou permanentes de residência. As entrevistas, que aconteceram entre 18 de novembro de 2021 e 05 de julho de 2022, foram gravadas em vídeo e áudio, sendo posteriormente transcritas por esta pesquisadora. A conversa mais curta teve 45 minutos de duração, a mais longa 2 horas e 36 minutos e apenas um dos encontros virtuais foi composto por duas etapas, em dias seguidos, por conta da rotina da entrevistada. Em agosto deste ano¹²⁶, foram feitos novos contatos com as primeiras entrevistadas, a fim de atualizar dados sobre status migratório, trabalho, entre outras questões, assim como para esclarecer pontos como a autoidentificação racial e suas diferenças no Brasil e no Canadá. Todas as participantes retornaram o contato e as que consideravam a necessidade de atualizar alguma informação o fizeram por meio de áudio ou por escrito também através do WhatsApp. Para que as participantes sejam preservadas e seguindo os requisitos éticos pesquisa, serão omitidas informações que revelem suas identidades como seus nomes e nomes de amigos/as, familiares, por exemplo. Adotei, assim, nomes fictícios para todas elas,

¹²⁶ Refiro-me aqui ao ano de 2022.

distribuídos de forma aleatória, a saber: **Cecília, Carolina, Tainá, Livia, Elisa, Clarice, Joana, Graça, Paula, Amanda, Marcela, Sônia.**

Para situar brevemente o leitor sobre o grupo de mulheres brasileiras que aceitaram participar da investigação que realizei durante o mestrado, apresento aqui informações gerais sobre as imigrantes entrevistadas. As participantes da pesquisa tinham entre 28 e 47 anos de idade, sendo que oito delas estavam na casa de trinta anos. Duas destas imigrantes chegaram a British Columbia em 2017, cinco em 2018, quatro em 2019 e apenas uma em 2020. Isso quer dizer que elas estavam no Canadá há mais de um ano quando conversaram comigo. Considero importante também antecipar que oito entrevistadas já haviam visitado ou morado temporariamente no Canadá antes de se transferirem definitivamente. Das quatro que não conheciam o país antes de migrar: uma já havia estudado nos Estados Unidos, uma fez viagens de turismo para países da Europa e para os EUA e apenas duas não relataram sobre viagens para o exterior. Vale dizer que não fiz esta pergunta diretamente, então não posso afirmar pelos relatos destas duas participantes que elas não tenham realizado viagens internacionais antes de se transferirem para o Canadá. No que diz respeito à região do Brasil onde residiam antes de migrar: cinco partiram do Sudeste, quatro do Nordeste e três do Sul. De todas as participantes, apenas duas estavam morando em localidades diferentes daquelas em que haviam nascido quando se mudaram de país: Amanda, que migrou da Região Nordeste para o Sul e Elisa que estava morando em outro estado na própria Região Sudeste.

Das doze brasileiras entrevistadas, cinco migraram solteiras e sete casadas. Quatro delas se mudaram de país acompanhadas de filhos, seus ou de seus cônjuges, e sete das participantes não tinham filhos ao sair do Brasil. Três entrevistadas atravessaram processos de separação conjugal de companheiros/a brasileiros/a durante a trajetória migrante, sendo que duas relataram estar em novos relacionamentos, uma com um canadense e outra com um italiano. Ainda sobre as três que atravessaram processos de separação, Joana e Marcela mantinham-se casadas legalmente quando concederam a entrevista.¹²⁷ Das que foram solteiras para o Canadá, uma se casou legalmente com um brasileiro (e se separou) e duas relataram estar morando com seus namorados quando concederam a entrevista: ambos eram brasileiros, sendo que um já havia obtido cidadania canadense. Apenas uma das entrevistadas se identificou como homossexual. Alguns

¹²⁷ Esta informação está relacionada aos tempos de processamento de pedidos de divórcio no Canadá, assim como a solicitações de pedido de residência permanente em andamento.

meses após a entrevista, tive notícia de que uma das entrevistadas que havia migrado solteira estava em um relacionamento com um canadense e estavam morando juntos. Isso quer dizer que, durante a pesquisa, três entrevistadas relataram estar namorando homens de outras nacionalidades: dois canadenses e um italiano.

Todas as entrevistadas foram para o Canadá com vistos temporários, sendo que sete entraram com visto de estudante, três com vistos de trabalho associados aos vistos de estudos de seus cônjuges e duas com visto de turismo. Das sete participantes que migraram para o Canadá com visto de estudos, cinco cursaram “Business Administration” – Administração de Empresas -, uma cursou “Kinesiology” – Cinesiologia¹²⁸ - e uma fez dois cursos: primeiro de “Business Communication” – Comunicação Empresarial, apenas por conta do visto e, depois, de “Designer de Interiores”, mesmo curso de sua formação e profissão no Brasil. Quando concederam entrevista, seis portavam visto de trabalho (tipo de visto temporário) e seis já haviam recebido o visto para Residência Permanente. Alguns meses após o início das entrevistas, tive informação de que três das seis entrevistadas com vistos temporários se tornaram também Residentes Permanentes. Importante lembrar que, para o Canadá, é considerada “imigrante” a pessoa que foi admitida como Residente Permanente. Aquelas que portam vistos de trabalho e/ou estudo são denominadas Residentes Temporários. As participantes desta pesquisa não fizeram referência em seus relatos a esta distinção em nenhum momento da entrevista, ao contrário da experiência que Matthiesen (2017)¹²⁹ teve durante sua pesquisa e a que eu me refiro no primeiro capítulo desta dissertação.

Dez imigrantes saíram do Brasil com curso superior e, destas, nove trabalhavam em suas áreas de formação acadêmica quando estavam no Brasil. Das duas que não tinham nível superior, uma relatou ter estudado em uma Instituição de nível superior canadense em seu processo migratório e concluído o curso. Todas as entrevistadas relataram experiências de trabalho no Canadá fora de sua área de atuação profissional brasileira durante a trajetória migratória. Estas atividades laborais incluíram: atendimento a clientes e venda em lojas de roupas, de sapatos ou lojas de departamento, trabalho em estoque, em fábrica de produtos cosméticos (em diversos departamentos), em

¹²⁸A entrevistada esclarece que se trata do estudo do movimento dos músculos. Em português é Cinesiologia, sendo parte da educação física, da fisioterapia e da ortopedia. Ela, que era Atleta profissional no Brasil e não tinha concluído o curso de Direito porque não se identificou, disse que o motivo de morar em Vancouver/BC se deu em função do curso escolhido.

¹²⁹Refiro-me à publicação de Matthiesen e Menezes (2020), citada no Capítulo I, cuja referência encontra-se no final desta Dissertação.

supermercados (tanto no atendimento a clientes como em escritório), em galpões de empresas de entrega, atendimento e serviço de limpeza em restaurantes, lanchonetes ou bares, serviço de faxina, servindo em eventos, trabalho em escritório de arquitetura, em gerência, recepção e departamento administrativo de clínicas ou de empresas privadas, em empresa de consultoria de imigração, na fabricação de alimentos, como assistente de dentista, em setores do governo como o que se destina à concessão de licença para dirigir, emissão de documentos e de recursos de assistência por conta da COVID-19.

Sobre as atividades laborais exercidas por cada uma delas, quando concederam a entrevista, temos que: Cecília(entrevista-piloto) – relatou experiências com trabalhos “entry level”(não especificou que atividade estava fazendo na época do nosso contato) e aparentemente não estava com atividade fixa; Carolina – assistente administrativo de vendas em uma multinacional (ela se descreveu como sendo o trabalho de uma recepcionista); Tainá – Designer de Interiores (mesma área de sua formação e atuação no Brasil); Livia - coordenadora de programas numa empresa de saúde privada; Elisa – analista de estoque ou de estimativa em empresa privada; Clarice – recepção e parte administrativa de uma clínica de odontologia; Joana – secretária executiva em empresa privada; Graça – assistente de dentista (ela é odontóloga e trabalhava como uma auxiliar de dentista¹³⁰); Paula – assistente jurídico (ela era advogada no Brasil); Amanda – trabalho administrativo em clínica de ortodontia; Marcela – gerente em uma clínica de ortodontia; Sônia – era consultora de imigração e também trabalhava para o Governo Federal, num departamento referente a benefícios relacionados à COVID-19.

Seis entrevistadas responderam afirmativamente sobre perceberem sua imagem representada em campanhas publicitárias comerciais e governamentais e seis responderam negativamente. É comum a referência a haver “diversidade” nas campanhas e sobre as imagens de asiáticos, particularmente com menções a chineses e indianos, aparecerem nas campanhas, nos comerciais. O que pude notar é que a percepção de se

¹³⁰Pedi para Graça descrever suas atividades, sua função como assistente de dentista. Ela relatou que lá existem: a função dela, auxiliar de dentista; a “CDA”, que pode fazer os procedimentos odontológicos e que precisa de certificado; a função de dentista, que, segundo a entrevistada, “*só senta pra olhar se está bom ou não*”. Segue o trecho de seu relato sobre as atividades: “*Escravo da clínica. Faz tudo. Faço tudo. Da esterilização à assistência mesmo, que eles chamam de “chair side”. Eu fico do lado do dentista, sabe? (...) Aí, eu fico nessa parte de limpar, tipo, tirar as bandejas e botar uma nova, fazer a esterilização, eu faço foto (porque tudo aqui é uma foto), faço escaneamento da boca do paciente (isso pode fazer), posiciono o paciente no raio X, pra elas apertarem o botão. (...) Aí eu to nessa função daqui, que é aquele faz tudo, deixa preparado pra CDA fazer, que deixa preparado pro dentista chegar e dar o ‘cheque mate’. Aí você pode imaginar... Aí, às vezes eu fico olhando pro dentista e pensando, o meu lugar é aquele ali, né?” (Graça, 2022)*

sentirem representadas parecia estar vinculado ao fato de serem imigrantes e compõem a “diversidade” em British Columbia, não propriamente porque viam imagens de mulheres brasileiras ou mulheres latino-americanas sendo divulgadas em campanhas publicitárias na TV, em outdoors, em lojas, entre outras. Falas como *“Tem, porque eles, eu acho assim, eles sempre incluem todas as cores, todas as raças. Não sei se tem pra brasileiros, mas você se sente representado de algum jeito.”* (Graça, 2022) ilustram o que estou aqui apresentando. Ou ainda como expressou Sônia, uma das poucas que não citou indianos, chineses e filipinos como imagens frequentes em campanhas, mas sim tratando de forma generalizada: *“Ah, eu me sinto! Acho que é igual, assim, eu vejo muito, assim, pra todos. Muito abrangente. Não é nada específico pra canadense. É tudo pra população que mora no Canadá, em geral, eu acho.”* Joana, ao discorrer sobre o mesmo assunto, foi a única que citou mais diretamente a imagem da Latina sendo representada, embora não tenha dado exemplos e mesmo tenha dito, ao final, não estar atenta a esta questão: *“Sinto. É...eu acho que é uma coisa do Canadá. Essa inclusão. É... da mulher negra, da mulher asiática, da mulher muçulmana, da mulher latina, é... Eu sinto. Eu não me sinto deixada de fora, assim.”* No que diz respeito às respostas negativas, já que o grupo de entrevistadas ficou dividido em relação a esta questão, houve quem dissesse notar a imagem de asiáticas, mas não de latinas sendo representadas, como afirmou Amanda: *“Eu...não sei dizer muito porque realmente eu não assisto tv, não vejo nada, mas assim, as poucas coisas que eu vejo de imigrante eu só vejo foto de asiático, chinês, japonês ou indiano. Então assim eu sinto que o nosso povo latino, aqui, acaba sendo mais excluído.”* Elisa também compartilhou desta percepção, dizendo que:

“Não... Eles tentam. Eu vejo que eles tentam. A gente [ela e a amiga com quem divide a casa] tem uma TV agora e eu vejo que os comerciais... mas é muito... Você vê que tá tentando... Bota uma mulher negra, bota uma pessoa asiática, uma pessoa branca, mas essa área que eu to, que não é nem ali nem aqui... Bota uma menina indiana... Não, o latino, não. Não vejo.” (Elisa, 2021)

Paula falou que não sente sua imagem de pessoa negra sendo representada nas campanhas, referiu-se a chineses e indianos e afirmou também que em British Columbia não há tantas pessoas negras como acontece em Ontário. Esta pergunta fez parte do roteiro de entrevista por conta de um dos objetivos do meu projeto de pesquisa, que foram reformulados após a qualificação. Considero importante trazer esta informação, ao tratar da relação que as entrevistadas descrevem estabelecer com o corpo durante a trajetória migratória, para sinalizar a forma como sentem sua imagem de mulheres brasileiras, agora identificadas como latino-americanas, inserida e representada localmente. Entendo seja a

publicização de imagens que representem diversidade étnico-racial e cultural em um país multicultural como o Canadá um objeto interessante de investigação para futuras pesquisas em sociologia voltadas a corpos-migrantes.

2.3.2 Corpos em mobilidade, corpos em transformação constante.

Eu acho que eu sou bem menos consumista hoje. Bem mais tranquila. Eu não preciso ter a roupa do momento, igual era em São Paulo. Ah, eu preciso ter um vestido branco pra ir no ano novo, vou usar só naquele momento e acabou. Não, aqui você compra o vestido branco pra usar no momento e você vai continuar usando várias vezes. Eu, falando assim, eu fico até com vergonha de quem eu era no passado, tá? Mas eu fico orgulhosa de quem eu sou hoje. Mais feliz. (Tainá, 2022)

Nesta seção apresento questões relacionadas a mudanças vividas pelas brasileiras imigrantes no que diz respeito a aparência, vestuário, uso de maquiagem, hábitos de cuidado com o corpo, alimentação, rotina de exercícios, entre outros. A proposta é elencar algumas dessas alterações, particularmente as que se repetem em várias trajetórias, e discutir a experiência migrante a partir do corpo e dos processos de incorporação. Longe de abordar tais mudanças numa relação de causa-efeito, o que pretendo aqui é trazer à baila aspectos da vivência destas brasileiras experimentados corporalmente, em movimento, considerando possíveis impactos produzidos nesta travessia na forma como se veem, como se percebem, com se relacionam com suas necessidades (tanto as novas quanto as já conhecidas), como modificam o entorno e se mostram diferentes.

1) Cecília, 38 anos, morava na Região Sudeste do Brasil e trabalhava numa divisão de uma grande empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de internet, antes de migrar para o Canadá com o marido, um filho adolescente e uma filha com três anos em 2019. Ela comentou sobre ter começado vários cursos no Brasil, mas não chegou a concluir nenhum deles, e disse que sempre trabalhou com projetos de Tecnologia da Informação, na área comercial. Ao me responder sobre possíveis mudanças na relação com o corpo, ela afirmou que sempre soube ser uma pessoa de “compleição forte”, mas que não usava essa força no Brasil. Disse também que mais jovem fez judô, por muitos anos, e que parou por conta de um problema nos joelhos. Em sua experiência no Canadá, particularmente ao se referir aos trabalhos mais pesados que já executou, ela diz que se lembrou dessa força física.

Aqui, como os trabalhos que você tem são basicamente físicos, então eu sempre fui a pessoa que, no mercado, por exemplo, trabalhava com muitas outras mulheres, mas mulheres já de idade, né, de idade mesmo, idosas. E eu não conseguia ver essas pessoas nessa idade.... Porque já é difícil, você já fica de pé oito horas. Ai você vê uma mulher idosa carregando uma caixa de frango de 25 quilos? Ah não... Então eu dizia 'deixa que eu carrego'. Carrega o carrinho, bota 10 caixas de 25 quilos e tá tudo certo. (Cecília, 2021)

Cecília falou sobre sempre ter sido uma pessoa “desencanada com o corpo”. Ela disse que não “abandonou o corpo”, mas que está mais desencanada, que se cobra menos atualmente, fazendo referência à distância da família e a comentários sobre mudanças no seu peso após engravidar pela segunda vez, ainda morando no Brasil. A entrevistada cita a dificuldade que passou quando teve sua filha e engordou, afirmando que agora sofre menos com essas coisas. Ela contou também que saiu do Brasil “rata de academia”, que estava feliz com isso, mas que no Canadá mudou, que ela tentou manter os exercícios, mas os trabalhos são muito pesados e falta disposição. Acrescentou, todavia, que percebe suas pernas mais bonitas agora, porque anda muito lá. Quando se referiu a cuidados estéticos, ela disse que “*Estética... a gente lava o cabelo, lava o corpo e é o máximo que você consegue fazer. Tá todo mundo sempre muito cansado, né? Você perde peso, você ganha peso...*” e continuou falando sobre a percepção que tinha da passagem do tempo, das mudanças que ela relaciona à idade, dizendo, por exemplo, que passou “a ser muito dolorida” que “tudo dói”, ponderando sobre terem sido essas as diferenças que percebeu.

Durante a entrevista, ela se referiu a ter notado mudanças como: não faz a unha há muito tempo, usa basicamente legging e camiseta “pra tudo”, usa menos maquiagem (adorava usar batom vermelho no Brasil), o scarpin preto e os blazers que havia trazido do Brasil estavam guardados, porque não usa mais esses itens. Sobre alimentação, Cecília pontuou que não houve mudanças, pois ela e a família continuam “comendo bem e com qualidade”, algo que notei poderia ter sido mais aprofundado, melhor especificado durante nosso contato, assim como sobre a afirmação de usar menos maquiagem e fazer referência, especificamente, a gostar de batom vermelho quando morava no Brasil. Sobre consumo, a participante afirmou que ela e o marido nunca foram consumistas, que considerava estar a mesma coisa, ou até menos. Falou nesse ponto sobre nunca terem comprado muitas roupas, que a alimentação se manteve e que ela e o marido gostam de tecnologia, sempre trabalharam com isso, mas que era o básico mesmo o que adquiriam.

Importante considerar aqui que a entrevistada fez menção a mudanças mais específicas relacionadas à residência em um novo país, como trabalhar carregando peso

e notar que usa mais a força física (que sempre teve), além de aspectos como diferenças na vestimenta, no uso de maquiagem e calçados, na frequência à manicure. Quando Cecília falou sobre a idade e associou ao fato de sentir seu corpo doer, aparentemente temos um dado que não se remete diretamente ao processo migratório. Todavia é possível refletir sobre o contexto em que se encontra uma profissional que trabalhava com tecnologia da informação no Brasil e passou a executar longas jornadas de trabalhos não qualificados em outro país. Este corpo que dói, que sente a passagem dos anos, também é um corpo que passou a se manter financeiramente com atividades laborais diferentes das que eram realizadas em seu país de origem, tarefas que exigem mais esforço físico e a posicionam hierarquicamente em outro lugar profissional.

Se considerarmos a mudança na rotina de atividades físicas a que ela se refere, temos mais um componente significativo para este corpo em mobilidade, descrito como forte, um tipo de capital a ser utilizado nesta fase da imigração descrita por ela, mas também dolorido, adaptando-se a novas práticas, rotinas e demandas. O cansaço a que se refere e o uso de roupas e sapatos práticos e confortáveis, nesta experiência, podem ser compreendidos como relacionados a novas necessidades e também a menos exigências no que diz respeito à forma de se apresentar em seus locais de trabalho. Não somente a força física deste corpo é acionada de modo diferente, mas diferentes relações de poder, prestígio e reconhecimento são constituídas neste novo campo de atividades profissionais. Além disso, ela se descreveu como mais “desencanada” com características e mudanças corporais (como engordar), relacionando em parte à distância da família, que a criticava. Novos espaços habitados, novos vínculos, constituição de uma rede de apoio diferente da família, modos distintos de se ver, se apresentar e se portar. Nos próximos relatos, estas e outras questões sobre aparência e modificações de práticas relacionadas ao corpo vão reaparecer com mais detalhes.

2) Carolina, 38 anos, morava na Região Sudeste do Brasil com o marido e o filho e trabalhava na área de sua formação, como analista de marketing em uma multinacional, antes de migrar. Ela está em British Columbia desde 2019 e começou a responder sobre possíveis mudanças relacionadas ao corpo durante a trajetória migrante, contando sobre a alergia que tem a perfumes, cremes, maquiagem. Ela disse que adora um “cheirinho”, um “creminho”, mas não pode usar nada, nem shampoo, desde que morava no Brasil. Carolina comentou que sentia estar engordando mais naquele inverno (fizemos a entrevista em dezembro de 2021) e não saberia precisar a causa, achava que eram muitos

fatores, entre eles o medo da COVID-19 e também por conta de ansiedade, já que estava prestes a viajar para o Brasil e iria rever “todo mundo”.

Eu acho que no Brasil se cultua muito mais o corpo, talvez culturalmente. Talvez porque seja mais calor, você mostra mais o corpo. Aqui [em British Columbia] eles têm muito esse movimento de mulher peluda. De não ter vergonha. Eu já vi assim em metrô, em praia, em parque, mulher que não se depila. E elas não escondem. Perna peluda igual a de homem, axila peluda igual a de homem e elas não escondem. É um movimento. Eu continuo depilando(...) (Carolina, 2021)

Carolina disse que não via muitas mudanças na relação com o corpo, citou que já não usava maquiagem, por exemplo, e descreveu a fase inicial do processo migratório como sendo um período mais restrito mesmo, em que é preciso ter prioridades, que eles gastaram todo dinheiro que tinham para mudar de país e que têm uma planilha para controlar os gastos e guardar uma parte do que recebem. Ela se disse “desesperada” com essas questões, que precisa ter sempre uma reserva financeira. Em relação a vestuário, ela contou que, no início da vida lá em British Columbia, só gastavam 20 dólares por mês com esse item e normalmente era algo para o filho. Com o término dos estudos do marido e ambos trabalhando em tempo integral, ela contou que jogou fora todas as roupas que estavam rasgadas (e que ela ainda usava), desbotadas ou ruins e foi comprar peças novas, colocando-se como prioridade, pois cansou de ser “pobre”. Ela comentou que usa roupa social para trabalhar, que “o pessoal não usa”, explicando que ela vai assim não porque gosta, mas porque faz uso o que tem no armário mesmo. Segundo a entrevistada, são peças baratas que comprou no Brasil e que “vai usar até rasgar”.

Carolina reforçou novamente que não vê muitas diferenças, mas que sentia falta de usar “*short, regatinha, sair de chinelo e sentar na calçada*”. Que são poucos meses lá, apenas três ou quatro, quando é possível fazer isso e que estando no Brasil “*a gente nem dá bola pra isso*”. Embora tenha falado em não perceber tantas mudanças na relação com o corpo, descrever muito menos que as demais entrevistadas sobre vestimenta, alimentação, práticas relacionadas à estética, Carolina falou bastante sobre a percepção que tem do seu entorno, sobre a vivência da maternidade, sobre o que percebe da educação que o filho recebe na escola, sobre a forma como vê a postura de brasileiros com quem interage e sobre questões de trabalho. Morando em Burnaby¹³¹, por exemplo, ela descreveu a cidade como uma “fazenda” se comparada a São Paulo.

¹³¹ Cidade de British Columbia que compõe a região metropolitana de Vancouver.

Houve um momento da entrevista que ela se desculpou, dizendo que é mãe, só sabe falar de filhos e que *“Eu não tenho minhas vontades próprias”*. As descrições que ofertou sobre a escola, sobre as coisas que o filho aprende são bem detalhadas e ela se referiu ao Canadá como uma “mãe” mais de uma vez, destacando os benefícios que percebeu com a mudança, a forma como sentiu o suporte do governo às demandas relacionadas ao filho, à maternidade. Em seu relato, sua trajetória migrante passa muito objetivamente pela maneira como se percebe mãe no novo país, pelas preocupações com o desenvolvimento do filho, as amizades que ele vai fazer, as famílias brasileiras com quem interage e também as comparações que faz com a forma como as famílias vivem as licenças maternidade e paternidade no Canadá e a maneira como viveu esse processo quando era funcionária de uma multinacional no Brasil.

Ela falou também que o Canadá é um país que dá muitas oportunidades, mas que é uma transição difícil sair do Brasil como classe média, *“como gente que comia carne no café da manhã, almoço e na janta”*, que podia ter faxineira. Lá no Canadá, mesmo ganhando bem, ela destaca que a pessoa não tem faxineira. Para ela, a saúde em seu novo país de residência “deixa a desejar”, então até pensou em manter um plano de saúde no Brasil. *“Mas a gente, como brasileiro, a gente acostumada a ir em médico especialista de cinco em cinco dias, às vezes a gente fica meio insegura, mas o sistema funciona, parece que funciona.”* Falou também sobre a pandemia, as incertezas que viveu e o quanto isso tirou seu sono, gerou “ataque de gastrite” (que nunca tinha tido antes). As referências que Carolina fez ao processo de transição de classe média brasileira para ser uma imigrante no Canadá, que passou meses aguardando a mudança de visto para ter autorização para trabalhar e se manter financeiramente no novo país, os conflitos vividos em meio a uma pandemia retratam o processo de constituição de um corpo compondo-se imigrante. No capítulo três, outras questões de sua experiência migrante vão ser destacadas, já que a entrevistada é descendente de japoneses e esse fato trouxe especificidades a sua vivência em BC.

3) Tainá, 34 anos, saiu da Região Sudeste do Brasil para morar em Vancouver em 2019. Profissional liberal, ela trabalhava na área de sua formação no Brasil e emigrou solteira. A entrevistada contou que estava namorando um brasileiro. Residente no Canadá há muitos anos, seu namorado já havia obtido a cidadania e ela o descreveu ser mais

canadense do que brasileiro.¹³² Tainá disse que, sim, o corpo muda. Ela relatou que, enquanto era estudante, sua rotina era muito “louca”, exaustiva e ela emagreceu um pouco, porque não se alimentava bem. Depois de terminar o segundo curso em que havia se matriculado no Canadá (mesmo curso de sua formação e atuação profissional no Brasil), engordou quatro quilos em dois, três meses e estava se sentindo mal com o peso corporal, por isso começou a frequentar a academia. Ela falou que sua alimentação nunca foi boa, que seus hábitos nesse sentido não se modificaram tanto, mas que está tentando melhorar, se alimentar melhor. Ela entende que, em Vancouver, há estímulo para isso, que as pessoas sempre estão se exercitando:

(...) eu acho que aqui eu me sinto mais incentivada a cuidar do corpo. Não porque... Ninguém é uma Gisele Buntchen na rua, mas tanto o gordo quanto o magro tá todo mundo andando, se exercitando. Então eu me sinto na obrigação de fazer igual. Eu adoro andar na rua, a segurança me possibilita isso, porque no Brasil não tem como, em São Paulo... Roupa, eu confesso que eu fiquei mais largadinha. Porque aqui ninguém “tá nem aí”. Eu vou de pijama no mercado. Às vezes eu boto só um casaco. O mercado é embaixo do meu prédio, então pra que eu vou me arrumar? Eu to com a calça do pijama, a blusa do pijama, boto o casaco e desço. Isso, em São Paulo, nunca. Imagina! Você vai sair “fubanga” no mercado? Não. Pra trabalhar eu trabalho mais arrumada, obviamente, mas no dia-a-dia eu acho que eu... Não sei. Eu vou ali na Dollarama¹³³? Eu iria vestida assim. Eu to com calça de moletom e camiseta. Eu iria assim. Pra sair, lógico que eu vou me arrumar, pra ir trabalhar lógico que eu vou me arrumar, mas eu acho que eles tão nem aí, entendeu? Você já morou aqui, você sabe. Então você liga uma coisa na cabeça, dá um, não sei, uma coisa mental assim, libertação. É bom. E você pode tá pelado que ninguém vai olhar pra você, ninguém vai te julgar se você estiver rasgada, se estiver pelada, se estiver fantasiada da barbie... Tá tudo certo. Não tem julgamentos. Então isso é bom. (Tainá, 2022)

A referência que faz à “libertação” é algo que se pode perceber revelado na dimensão incorporada da experiência migratória. Sentindo-se desincumbida de atender a normas e costumes da sociedade de origem, a entrevistada descreveu novas formas de se vestir e se apresentar em situações públicas, ao usar pijama para ir ao supermercado próximo de casa, reafirmando que, em seu local de nascimento, não faria isso. A possibilidade de se comportar de forma diferente está circunscrita ao que ela observa e interpreta dos costumes e práticas locais, como também do que define e experiencia por julgamento. Esta noção de que as pessoas “não ligam” para o que se veste, para a forma

¹³²A entrevistada refere-se ao relacionamento com o namorado do seguinte modo: “Isso foi um desafio, viu? Acho que ele não é culturalmente brasileiro. Foi difícil.” (Tainá, 2022)

¹³³ Cadeia de lojas de varejo canadense com sede em Montreal. Nestas lojas, os produtos custam até no máximo 4 dólares.

como se apresenta a aparência, também no que diz respeito às unhas, à maquiagem, os cabelos, ou o tipo de sapato usado para trabalho e lazer, aparece em alguns relatos, como uma experiência relativamente comum entre as participantes da pesquisa. E isso não diz respeito ao corpo deixar de ser importante, já que ele se mantém no centro da questão, mas sim ao modo como as entrevistadas notam, sentem, percebem, interpretam os corpos sendo ou não observados, apresentados, tratados, referidos em British Columbia, assim como das comparações que fazem com as experiências que tinham no Brasil, nos locais onde moravam. Há, assim, práticas entendidas e incorporadas como “liberações”, como as descritas acima, mas também existem as restrições, os impedimentos, sentidos como desconfortáveis por algumas delas, como a questão do uso do perfume, da presença de cheiros fortes em espaços públicos serem interpretados, na nova morada, como incômodos, indesejáveis. Este é um dos pontos interessantes, que será dito e repetido nos próximos relatos.

Tainá seguiu descrevendo algumas de suas práticas e afirmou não ter mudado em relação à maquiagem, que já usava algo bem básico no Brasil. Sobre o uso de acessórios, afirmou que também se mantém da mesma forma que antes e não detalhou como se dava esta relação. Perfume ela relatou que tenta usar menos, não usa todos os dias, porque sabe sobre as alergias e sobre a proibição em alguns lugares. Especificou sobre esse tema que usa perfume para “sair” (referindo-se a lazer) e, mesmo assim, procurava usar menos quantidade. Quando está no elevador e percebe que o perfume está forte, ela se chateia consigo e disse que já providencia diminuir da próxima vez. Tainá argumentou que, diferente do Brasil, lá em British Columbia as pessoas pensam mais no próximo, avaliando que sua percepção foi mudando nesse sentido, “(...) aqui você cria essa percepção do próximo, porque todo mundo pensa no próximo. Então você cria esse hábito de pensar no próximo.” Além de fazer esta referência, ao falar sobre o uso do perfume, a entrevistada também usou como exemplo a pandemia de COVID-19, contando que lá as pessoas respeitavam demais, então que “você quer fazer parte do mesmo respeito”. Ela comparou com o comportamento de muitas pessoas no Brasil, que, segundo a entrevistada, “não estavam nem aí”, viajavam, infectavam outras pessoas. Ela ponderou “(...) aqui, não. Não pode viajar, ninguém viajava. Só que eu penso, talvez, se eu tivesse no Brasil, enraizada nessa cultura, eu teria viajado também. Mas aqui eu vejo de outra forma (...)”. Ela seguiu comentando que brigou com amigas no Brasil por conta disso, reforçando que era preciso pensar mais no próximo.

Tainá afirmou que mudou muito ao imigrar e que ela teve essa clareza, “*estampada na cara*”, ao visitar seu país e reencontrar as pessoas. Ela teve a dimensão do quanto mudou e de como “*todo mundo continua igual*” no Brasil. Nesse ponto, retomo a discussão sobre as faces da imigrante e seu lado emigrante em contato com as referências do local de origem. O estranhamento experimentado não somente ao ser imigrante no Canadá, estar no lugar de ser “outra”, lugar da diferença, da forasteira e as questões atinentes a pertencimento, mas também às tensões ao se perceber agora como “outra” num contexto em que vivia com seus “mesmos”, com “iguais”. A relação entre distâncias e proximidades a que se refere Simmel (2005), na reflexão sobre o estrangeiro em contato com o novo habitat faz-se complexa, revelando novas camadas da trajetória migrante e sua dimensão de incorporação. Trata-se agora do emigrante que visita seu berço e suas relações do passado. Novas referências foram trazidas por Tainá, ao compartilhar com as pessoas com quem convivia sua percepção sobre o modo de se comportar, por exemplo, diante dos protocolos e recomendações durante a pandemia.

Dando continuidade aos dados colhidos durante a entrevista, quando perguntei sobre cuidados com a saúde, ela disse que não sabe, mas acha que cuida mais lá em BC. Tainá comentou que não conseguia fazer seus exames como procedia no Brasil, então que se “*força*” a cuidar mais da saúde. Em relação a procedimentos estéticos, de beleza, ela sinalizou a questão financeira, dizendo que, em British Columbia, os serviços são mais valorizados e mais caros do que no Brasil, então é preciso escolher o que priorizar, o que fazer. Ela descreveu ainda que, no Brasil, fazia sempre drenagem linfática, fazia depilação a laser, mas que lá no Canadá não tem condições, sinalizando a relação entre o custo de vida no contexto migratório e práticas estéticas e de cuidado com o corpo. Daí, como a maior parte das entrevistadas, referiu-se à unha que não está “feita” e disse que esta não era sua prioridade. Sobre a imagem que fazia de si mesma, após imigrar, Tainá disse que se percebe em processo, sente-se melhor como pessoa, que amadureceu, sente-se mais humana, menos egoísta.

4)Lívia, 36 anos, morava na Região Sudeste do Brasil, trabalhava na área de sua formação, em uma multinacional com sede nos Estados Unidos, e migrou para British Columbia, solteira, com recursos próprios. Quando concedeu a entrevista, ela me disse que estava morando com o namorado, também brasileiro. Ao falar sobre mudanças na percepção e relação com o corpo, Lívia destacou a questão da alimentação e se referiu ao contexto da pandemia de COVID-19, afirmando que nunca teve uma relação saudável

com a comida, que tem ansiedade e tanto pode comer demais como ficar sem se alimentar. Lívia relatou que, quando chegou em British Columbia, em 2018, não tinha tempo para comer porque estudava e trabalhava, então emagreceu muito. Com a pandemia, ela afirmou ter engordado muito, que tentava “cobrir o vazio” que tinha com comida, mas que estava tentando reequilibrar, tinha voltado a fazer tratamento recentemente com uma nutricionista. Nesta fase em que se encontrava, ela afirmou não gostar de tirar fotos, porque não se reconhecia ali naquela imagem, e achava que esse processo todo estava afetando sua autoestima. Lívia descreveu que, ainda durante a pandemia, começou a tomar remédio para ansiedade e depressão. Ela achava que teria sido diferente, se tivesse atravessado esse momento no Brasil, porque estaria perto da família e isso mudaria muito a experiência.

A entrevistada também descreveu a mudança em relação à atividade física, dizendo-se muito mais ativa quando morava no Brasil, pois sempre fazia alguma coisa. Desde que chegou ao Canadá, isso se modificou: no início por falta de tempo e, depois, por ter perdido o hábito mesmo de se exercitar. Ela comentou que fazia, no máximo, caminhadas, mas que estava tentando retomar a atividade física. Sobre o uso de perfume, algo frequentemente comentado pelas brasileiras que entrevistei, ela relatou:

Perfume não se usa aqui, né. Eles têm aquela política de “sem essência”, “cheiro neutro”. Eu acho que isso é uma coisa que afeta muito pra gente, porque a gente vem de uma cultura que você passa desodorante, você passa hidratante, você passa o perfume... Eu acho que isso afeta demais. Inclusive, afeta a autoestima. Eu comecei a usar perfume agora, mesmo trabalhando de casa, pra ver se... Eu acho que tá me ajudando. Que é uma coisa que você se sente melhor, né? É uma coisa minha, eu usava perfume sempre, tinha três quatro, e, aqui, os perfumes que eu trouxe eu não tava usando. Eu comecei a usar agora porque falei ‘vou usar pra me sentir melhor’.¹³⁴ (...) No trabalho não pode. Nenhum ambiente público na verdade. Eles recomendam não usar perfume por causa de alergias, que você pode tá usando um perfume que influencia na alergia do outro. Então em ônibus, se você tá usando perfume forte, as pessoas te olham estranho... de forma... feia... Na escola¹³⁵ também, se você tivesse usando muito perfume, era capaz do professor falar...Então... A (nome da amiga), minha amiga, ela teve uma situação em que ela tava no elevador e a pessoa começou a comentar do cheiro dela, que tava exagerado de cheiro forte... Então isso incomoda muito eles, o cheiro forte de perfume. E, agora, como eu to trabalhando de casa, eu voltei a usar porque isso me faz bem. (Lívia, 2021)

¹³⁴Quando fiz a entrevista com Lívia, por conta das medidas relacionadas à Pandemia, ela estava trabalhando remotamente e me descreveu que estava usando perfume em casa, para se sentir melhor.

¹³⁵Referência ao “College” ou Faculdade.

A possibilidade de afetar outras pessoas com o cheiro forte de perfume, seja por provocar reações alérgicas ou mesmo incomodar pela intensidade do cheiro, é algo que chama atenção nos relatos das entrevistadas sobre as regras de convivência em British Columbia e as posturas que dizem adotar. Algumas delas afirmaram aderir completamente, outras falaram sobre não modificar a prática de uso do perfume. Este é um elemento interessante por trazer à baila o estranhamento tanto da parte de quem chega, trazendo elementos de uma cultura onde o uso de perfume e outros itens perfumados é valorizado, ou ao menos bem recebido; quanto da parte de quem aprende ser incômodo ou impróprio exalar um cheiro forte em espaços públicos. Não somente de perfume, pelo que pude entender. Sônia, uma das entrevistadas, referiu-se à orientação que recebeu em uma loja onde trabalhou sobre não usar perfume, mas colocar desodorante. Ela afirmou que tal reforço era feito por conta de “funcionários indianos” que supostamente não usariam desodorante, como será visto em seu relato. Interessante pensar tanto em limites de uso do espaço público, respeito às necessidades e características individuais (alergias), como sinalizou Tainá, ao se dizer modificada nesta percepção de “pensar no próximo”; quanto também do alcance de certas regras ou convenções sociais, no controle dos corpos, nas restrições sobre seus cheiros e nas possíveis intervenções sobre como devem se apresentar em público. Os estranhamentos e desconfortos dos dois lados (dos que chegam e dos que já habitam o país em questão) sobre os ditos cheiros exalados pelos corpos bem podem ilustrar as possíveis tensões no contato entre diferenças culturais de que tratamos neste texto, ao refletirmos sobre “corpos-migrantes”.

Lívia descreveu ter notado outras mudanças após se mudar de país, como no uso da maquiagem, que ela caracterizou ser “mais pesada” no Brasil e devendo compor a imagem das mulheres para não serem vistas como “desleixadas”. Então ela relatou que, em seu país de origem, maquiava-se pela manhã, antes de ir para o trabalho, e retocava no horário do almoço, acrescentando que gostava muito de usar maquiagem e sabia fazer as marcações, etc. No momento em que se encontrava, afirmou ter perdido o hábito, usava bem menos e, com a pandemia, trabalhando em casa, praticamente parou de usar. Ela disse que lá em British Columbia as pessoas vão trabalhar de “*cara lavada*” e está tudo bem, pois “*ninguém liga*”. A entrevistada disse que achava isso bom, por um lado, porque a pessoa usa se quiser, não é obrigada: “*Porque, no Brasil, a mulher que não usa maquiagem é desleixada... E realmente as pessoas te veem com maus olhos, porque você é desleixada, não cuida da aparência...*”. Sobre o hábito de pintar as unhas, Lívia disse

que ainda manteve, durante um tempo, como prática semanal, mas depois deixou de lado, não tinha mais tempo. Falou ainda que sua unha estava horrível, que fazia já uns dois anos que nem comprava esmalte porque o que tinha ainda estava bom.

Lívia também achava que “*não sabe mais usar salto alto*”, outra mudança descrita pela participante como significativa. A entrevistada lembrou que, em seu trabalho no Brasil, havia “*meio que uma competição*” sobre o salto mais alto, o sapato mais bonito. Após se mudar de país, ela disse que passou a usar bota rasteira para tudo: escola, trabalho, sair à noite. E que as pessoas lá nem veem o que você está usando.

É isso, eu acho que é um lado positivo e negativo ao mesmo tempo. É negativo porque a gente vem de uma cultura e isso nos faz sentir bem, porque você se arruma, mas é positivo porque você faz se você quer. Se você não quer, você não é obrigada e ninguém... E tá tudo bem. Você é um ser humano e você faz o que você achar melhor pra você. E tá tudo bem. As pessoas pintam o cabelo de “pink”, arrepiam... tudo bem... Você quer? Você tá feliz assim? Ninguém vai te destratar ou tratar melhor por isso, né. Isso é uma das coisas positivas. Positivas pra mim. (Lívia, 2021)

Novamente temos a ideia de não ser obrigada a fazer algo relacionado à aparência, ao modo de se apresentar, próximo do que foi apresentado por Tainá como “libertação”. A diferença no relato de Lívia é que aparece o lado descrito por ela como negativo, já que tais práticas estariam relacionadas, em termos gerais, a sua cultura, a “sentir-se bem” estando arrumada, fazendo uso de acessórios e maquiagem. Sobre uso de acessórios, inclusive, Lívia lembrou que, no Brasil, já chegou a voltar a sua casa por perceber que havia esquecido de colocar brinco, por exemplo. Não saía sem este acessório de forma alguma. Agora disse que não estava mais usando brinco e isso se modificou tanto que, no dia anterior à entrevista, tinha saído para jantar com seu companheiro e precisou tirar o brinco que havia resolvido colocar por estar machucando sua orelha. Ela entendeu que a orelha não está aceitando mais o uso de brincos.

E aqui tem essa cultura também de a mulher não é obrigada a usar brinco, né. Inclusive eles não furam a orelha do bebê pequenininho. Eles deixam pra bebê crescer, pra ela decidir se ela quer furar a orelha. Porque é uma invasão no corpo da criança, não é, se você pensar?... Você fura a orelha do bebê sem saber se ela vai querer usar brinco. Machuca... Eles não furam a orelha da criança e ela usa, se ela quiser, mais velha. (Lívia, 2021)

Além de trazer esta experiência de perceber sua orelha reagindo ao uso de brinco, a entrevistada relatou que seus hábitos de consumo também se modificaram, o que atribuiu à diminuição do seu poder aquisitivo. No Brasil, segundo Lívia, ganhava mais, podia comprar as coisas que queria, podia parcelar compras; no Canadá não é assim, pois

tem que planejar mais e comprar tudo à vista. Ela ponderou que acha isso bom, por um lado, e que não tem consumido muitas coisas industrializadas para comer, por exemplo, aderindo mais à “vibe” de lá, de coisas mais saudáveis.

Sobre o sistema de saúde em sua nova morada, antes mesmo que eu perguntasse sobre possíveis cuidados neste sentido, Lívia comentou que “*é muito ruim*”. Falou que tinha plano de saúde pela empresa, quando morava no Brasil, e que o atendimento era muito bom. Em relação à BC, comentou que não há plano de prevenção para fazer exames de rotina, como há no Brasil, que a pessoa só é atendida em caso de urgência e que isso para ela era muito difícil. Esta referência ao funcionamento do sistema de saúde no Canadá é também frequente nos relatos das entrevistadas, como ficará visível nas próximas descrições. A entrevista com Lívia trouxe uma descrição importante de impactos produzidos pela pandemia de COVID, junto com sua observação de que, se estivesse no Brasil e perto da família, ela teria atravessado essa fase de forma diferente. Esta foi uma declaração que me surpreendeu, em função dos graves problemas que atravessamos durante a pandemia no Brasil. Ao mesmo tempo, sinaliza para diferentes modos de viver a distância da família no processo migratório, se lembrarmos as falas de Cecília sobre as críticas familiares que recebia.

Suas descrições mais detalhadas sobre práticas relativas à aparência como a forma de se maquiar, de usar acessórios, de se relacionar com itens bonitos, por exemplo, dão nota das alterações pelas quais tem passado em sua experiência como imigrante, assim como os incômodos que percebe sobre não poder usar perfume e não ter como manter a mesma rotina de exames preventivos de saúde. Retomo aqui também a reação corporal que percebeu ao usar um brinco para sair, o fato de ter tido que tirar o acessório, sendo que, no Brasil, ela era capaz de voltar a sua casa para colocar um brinco esquecido. Esse tipo de reação corporal será verificado também em relação ao uso de perfume, nos relatos de duas participantes da pesquisa que serão apresentadas em breve. Antes, vamos conhecer um pouco sobre Elisa.

5) Elisa, 34 anos, morava na Região Sudeste do Brasil antes de migrar, solteira, para o Canadá. Sua atuação profissional no Brasil (diferente de sua formação acadêmica), na área de negócios e planejamento estratégico, era a mesma em que estava atuando no Canadá quando conversou comigo. Ela respondeu prontamente à minha pergunta sobre mudanças na relação com o corpo, dizendo “*Olha minha unha! Tá sem fazer. Eu fiz dois*

fins de semana atrás porque eu tava, acho, um ano sem fazer a unha.” Sua reação foi semelhante à de outras entrevistadas, quando descreveram práticas diferentes relacionadas ao corpo e à aparência. Elisa ainda reforçou que fazia a unha de vez em quando, só quando tinha vontade, que reduziu muito. Ela também se remeteu à pandemia, dizendo que foi um pouco mais difícil, porque engordou nesse período. Diferente de Lívia, não vinculou este fato ao processo migratório, afirmando que isso também teria acontecido se ela estivesse confinada em casa no Brasil. Para Elisa, a principal mudança tem sido não se sentir obrigada a fazer certas coisas, como frequentar o salão de beleza regularmente ou pagar tratamentos de beleza, como fazia no Brasil, em parte porque se sentia pressionada pela família.

Eu acho que dessa parte de ficar mais tranquila com relação à aparência, de coisas, de processos, de procedimentos, tanto de coisas simples de unha quanto um botox, quanto pintar o cabelo, ou coisas que eu sei... Não, eu realmente quero pintar meu cabelo porque eu gosto. Ou, ao contrário: “caraca”, fazer unha toda semana é um inferno, como é que eu aguentava? (Elisa, 2021)

Sobre a forma como se vê, ela disse que se sente mais bonita, mais feliz, mais humilde e mais calma também, diferente de como se sentia no Brasil, perto da família: *“(...) eu não me achava bonita, sabe? Eu fico olhando foto minha e eu tava com corpo tanquinho, eu tava, tipo, com a pele maravilhosa. E, caramba, como é que eu não me achava bonita, se eu me acho bonita hoje, que eu to aqui com a minha gordurinha e tal?”*. Além de citar sua família como crítica em relação a engordar, por exemplo, ela disse que se livrou um pouco disso, de querer provar, de ficar preocupada em comprar roupas de marca, por exemplo, para ir a uma festa.

Segundo Elisa, alimentação e atividade física ficaram mais “confusas” com a pandemia. Pelo que pude entender, em British Columbia, ela diminuiu a frequência à academia, pois disse que não ficava mais obcecada com isso, que no Brasil sempre se pesava antes de ir para a academia e que foi abandonando isso aos poucos. Sobre vestimenta, ela relatou que se *“veste bem menos perua”*, agora e que: *“Eu não acho que eu me vista mal, ainda. Eu acho que eu me visto direitinho, mas não me visto desconfortavelmente, né?”*. A entrevistada contou também que doou quase todos os seus sapatos de salto alto, uns dois meses antes da entrevista: *“Eu tinha uns dez. Mas que eu não usava há quase quatro anos, então eu doei”*.

Ela acrescentou que mantinha alguns hábitos como passar seus “creminhos”, usar hidratante, fazer depilação. Mencionou o clima seco lá em British Columbia e o fato de sentir sua pele ressecar por conta disso, mas que os procedimentos estéticos ela diminuiu muito. O último que havia feito tinha sido há dois anos¹³⁶, quando esteve no Brasil. Elisa contou que fazia procedimentos de seis em seis meses, chegou a cogitar de fazer lipo, colocar silicone, quando ainda residia no Brasil, e que as conversas com primas, amigas e na academia tinham como foco sempre a aparência física. Sobre o momento em que se encontrava, afirmou que a vontade que ainda tinha de cuidar das linhas (de expressão) não tinham a mesma urgência, que já havia “enterrado” a questão do silicone e da lipo (já no Brasil ela não pensava mais nisso) e sentia que talvez o botox de seis em seis meses não fizesse tanta diferença assim na vida dela. No que diz respeito à maquiagem, ela afirmou que continuava usando, mas reduziu por conta de estar com acne. Elisa fez questão de frisar que estava maquiada, ao conversar comigo, porque iria sair depois da entrevista, que costuma passar uma “basezinha”, mas não usa mais “*aquela sombra louca*”.

Em relação a hábitos de consumo, ela afirmou ter percebido mudanças e disse que estava bem menos consumista. Elisa descreveu que escolhe comprar mais eletrônicos e coisas que facilitem a vida, menos roupas caras e de marca, dando como exemplo: “(...) *eu quero comprar um aspirador bom pra limpar minha casa, porque não tem a faxineira, né? Tipo comprar é... a luz que acende, que desliga na voz, coisas assim.*”. Sobre o uso de perfume, a entrevistada descreveu que:

Perfume eu quase já não uso mais(...) o pessoal não gosta de perfume. Então eu uso bem pouquinho aqui e me incomoda se alguém estiver cheirando a perfume. Engraçado, né, antes eu achava cheiroso e hoje em dia já me incomoda, então realmente isso mudou. (Elisa, 2021)

Voltando à questão dos limites e restrições sobre perfumes, vale destacar que a entrevistada não somente modificou sua prática, mas também se percebe reagindo de forma diferente ao sentir uma fragrância mais forte. Algo que era agradável, passou a ser incômodo para ela, sugerindo como a relação com o novo espaço habitado se corporificou.

A forma como Elisa descreveu: vestir-se menos “perua”, ir menos ao salão por ter percebido que “não precisa tanto”, ser um “inferno” fazer a unha semanalmente, ver-se

¹³⁶ Essa entrevista aconteceu em 2021.

mais bonita agora, dentre outras expressões que usou durante nosso contato, sinalizam novas práticas e aspectos diferentes sobre a imagem de si. O fato de não se sentir pressionada a cuidar da aparência, como fazia no Brasil, é algo descrito por ela como positivo e algumas questões sobre a forma de lidar com o corpo foram relacionadas à mudança de país e à distância da família. Ainda que não somente esses fatores expliquem as mudanças que ela descreveu em sua nova rotina de vida, entendo que se tratam de alterações relacionadas com a experiência migratória, incorporadas como modos de se cuidar, de se ver e de perceber o entorno, algumas objetivamente relacionadas ao novo contexto que em que vive.

6) Clarice, 34 anos, morava na Região Nordeste antes de migrar com o marido e o enteado (ele estava com 17 anos) para British Columbia em 2018. Ela não havia concluído o ensino superior no Brasil e foi para o Canadá com visto de estudante, para cursar “kinesiology” (estudo dos movimentos dos músculos). Clarice estava trabalhando na recepção e na parte administrativa de uma clínica, quando conversei comigo, apresentando um relato que me chamou bastante atenção. Atleta profissional em seu país de origem, Clarice contou sobre as mudanças na relação com seu corpo durante o processo migratório. No Brasil, ela se exercitava todos os dias, em média, de quatro a cinco horas. Em seu novo país de residência, disse que não consegue ter mais uma rotina de exercícios físicos, embora o marido a incentive, diga que ela precisa voltar a fazer esporte.

Eu me sinto sem forças pra fazer e, desde três anos e meio¹³⁷, minha alimentação é uma porcaria. Na época de escola [College] era pior ainda. Mas meu exercício eu só fiz na época que era obrigatório, porque meus cursos tinham uns exercícios que eram obrigatórios e agente tava sempre envolvido com isso. Mas, é... Muito... To totalmente desleixada, literalmente. É uma mudança horrorosa. Tudo com relação a isso tá bem horrível. Vou tentar mudar. Eu continuo tentando. (Clarice, 2022)

Clarice citou as expectativas que tinha após terminar os estudos e alcançar a residência permanente, mas que não conseguiu, que nada mudou. Ela falou também sobre o processo de conseguir o trabalho em tempo integral e o quanto sua nova atividade era estressante, que tinha pesadelos com o trabalho, que se sentia “fora dos trilhos” com todas essas mudanças. Sua história como atleta profissional e sua relação com uma rotina diária de exercícios físicos converteram-se à escolha por um curso superior que trata de um ramo da fisioterapia, mas que ela não exercia quando me concedeu a entrevista e que não a motivou na manutenção de práticas esportivas ou de exercícios físicos. Sua rotina se

¹³⁷ Ela faz referência ao tempo em que mora no Canadá.

modificou intensamente em vários sentidos: ela migrou sem curso superior e se tornou uma estudante internacional no Canadá; passou a exercer atividades laborais completamente diferentes da que mantinha no Brasil; morou durante sete meses somente com o enteado (ele passou por um processo depressivo durante a mudança de país), antes de o marido se mudar definitivamente (ela e o marido faziam tudo juntos no Brasil); além de ter saído de uma cidade de clima quente e ter se transferido para um país reconhecido pelas baixas temperaturas. Em um trecho do seu relato sobre as dificuldades que enfrentou, especialmente no início, ela contou: “*Eu lembro que, quando eu peguei o trem pela primeira vez pra ir em Downtown¹³⁸, sozinha, e aí eu disse, meu deus, eu não vou conseguir fazer isso, o que foi que eu aceitei fazer...*”.

Sobre hábitos, acessórios e possíveis mudanças neste processo, ela comentou que só estava usando tênis e bota e que saía para passear com a cachorra vestindo moletom, mesmo que o traje estivesse manchado, algo que não faria no Brasil. Clarice também contou que:

Eu não tenho mais nem salto mais em casa. Sapato de salto. Que eu tinha no Brasil. Aonde eu ia, se eu fosse sair, eu ia de salto, eu ia mais arrumadinha, sempre colocava uma maquiagem e tal. Hoje em dia eu tenho as maquiagens, comprei por aqui, né, que a gente tem muito acesso, mas não uso direito. Eu trabalho sem maquiagem. Eu acostumei. Inclusive, eu uso um pouquinho de água de banho, mas até perfume... Minha sogra gosta de perfume francês e aí ela me manda. Toda vez que vem alguém do Brasil, ela me manda. Aí eu to com uns cinco perfumes franceses aqui que eu não uso. Porque eu passei [o perfume] um dia desses - isso foi uma mudança pra mim - e eu fiquei, “meu deus, eu sou outra pessoa” ... Eu passei um perfume, pouquinho. Eu uso um pouquinho aqui. E eu comecei a ficar enjoada, literalmente, no trem pra ir para o trabalho. Eu disse, “meu deus, o perfume tá me causando isso”. Simplesmente eu acostumei a não usar mais. Eu uso só uma água de banho, nada mais que isso. (Clarice, 2022)

Ela relatou que no Brasil sempre usava perfume para jogar, sair, depois de tomar banho, mas que parou durante o curso no “College” canadense, por conta de reclamações sobre uso de perfumes (não foram reclamações sobre ela) e acha que se acostumou.

Clarice ainda descreveu algumas questões de saúde que precisam de exames regulares e de acompanhamento e o quanto sentia dificuldade com o sistema de saúde em BC, que não é preventivo e é público, ou seja: “*Pra ser igual, você vai ter que esperar como todo mundo*”. Mesmo podendo pagar, ela disse que não tem como marcar uma consulta particular e que demora meses para conseguir uma consulta com um especialista.

¹³⁸ Centro da cidade de Vancouver.

Ela tem acesso a um médico de família, disse que “*ele é até tranquilo*” se comparado com o que ouve de outras pessoas. Ao descrever sobre essas questões relacionadas à assistência à saúde, ela afirmou que acaba negligenciando, porque “*(...)você vai de acordo como a banda toca aqui.*” Clarice também disse que se percebia mais consumista nessa trajetória, afirmou que a casa estava cheia de “cacarecos” que ela e o marido compram pela “Amazon” e atribuiu esta mudança ao poder de compra maior lá no Canadá. Sobre a imagem que faz de si mesma após migrar, ela afirmou que se via mais adaptável e mais forte.

7) Joana, 28 anos, migrou solteira da Região Nordeste do Brasil para British Columbia. No Brasil, ela trabalhava na área de sua formação, o Direito, e no Canadá atuava como secretária executiva em uma empresa privada. A entrevistada iniciou sua resposta sobre possíveis mudanças na relação com o corpo em sua trajetória migrante, dizendo que a vida em seu novo país era tão corrida, que o corpo passou a ser “secundário”. Joana citou, de forma genérica, tanto a “compulsão alimentar”, na ingestão de doces, por exemplo, quanto perda de apetite e emagrecimento intenso por parte de algumas pessoas que conhece, sendo que a primeira ela associou particularmente a mulheres quando estão ansiosas. No seu caso, ela disse que comia mal, comia muitos doces, lanches e não fazia exercício, porque “*Minha prioridade era fazer a prova, era entregar o projeto, era... Então, no primeiro momento, meu corpo era completamente supérfluo. E eu tratei muito mal, eu cuidei muito mal do meu corpo.*” Ela dá a entender, nesse momento, que o corpo ser tratado como “secundário ou supérfluo” está relacionado ao estresse a que estava submetida, à ansiedade que sentia nesta fase da sua trajetória migrante. Sua prioridade era, como descreveu, realizar as tarefas, atividades como estudante e trabalhadora.

Para efeito desta pesquisa, importante distinguir que não é o corpo, necessariamente, que se torna supérfluo, já que o mesmo se mantém em evidência na descrição feita da realização de tarefas, na mudança de rotina de estudo e trabalho, na forma de se alimentar e apresentar, mas sim um conjunto de práticas, de hábitos relacionados ao corpo que foram significativamente modificados e traduzidos pela entrevistada como “cuidar mal do corpo”. Práticas alimentares e de cuidados pessoais, relacionadas à aparência, num contexto de adaptação a novas atividades pessoais, de trabalho e estudo - vivenciados em um país diferente de seu local de nascimento, com tradições culturais próprias e de muitos outros povos ali reunidos, com sistemas social e

político diferentes, com clima e recursos ambientais distintos dos que caracterizam seu local de nascimento - que foram particularmente alteradas e produziram, pela descrição de Joana durante a entrevista, muitas sobrecargas. Sobrecargas percebidas corporalmente, objetivadas em seu corpo, como podemos perceber nas próximas linhas.

Ela acrescentou, ao responder sobre a imagem que fazia de si mesma durante esse processo, que não se vestia bem, não cuidava do cabelo, da unha, que “*não existia vaidade nenhuma*”, que tinha uma imagem de si muito sofrida. Joana falou que, de certa forma, se vitimizava um pouco, porque tinha que trabalhar, estudar, fazer comida, limpar a casa. A entrevistada ainda afirmou que, no início do processo migratório, as prioridades são outras, então deveria ter levado para o Canadá mais coisas que tinha no Brasil, como perfumes, roupas bonitas, joias, sapatos, etc, porque “*quem é que vai gastar dinheiro com perfume, sendo que carne é tão caro! Você precisa comer antes*”. Ao comparar as necessidades que tinha em seu país de origem e sua vida após imigrar, ela comentou que:

(...) eu acho que, no Brasil, a vaidade ela é necessária. Eu trabalhei no tribunal e eu lembro que, quando eu tinha que fazer audiência de conciliação, ou quando eu ia acompanhar a juíza na audiência, eu colocava maquiagem pesada, eu colocava salto alto, eu colocava batom, porque eu precisava que as pessoas me enxergassem com uma posição de autoridade. A primeira vez que me chamaram de menina numa audiência de conciliação, aquilo deu um sentimento de revolta...Falei, mas eu não sou menina, eu to, sabe, assim, quem tá conduzindo a audiência sou eu... Você tem que me respeitar. Então eu acho que no Brasil, muito da nossa vaidade, é uma necessidade. De impor respeito. Isso não existe aqui [no Canadá]. (Joana, 2021)

Joana ainda descreveu a impressão inicial, no Canadá, de se deparar com as pessoas num barzinho, por exemplo, vestidas com jeans e bota de trilha, porque ninguém “*estava nem aí*”, e de achar “*até demais*”, que podia dar uma “*arrumadinha*” pelo menos. No momento em que se encontrava, ela entendia que havia achado um “meio termo”, de se arrumar “*do jeito que a gente faz no Brasil*”, mas, segundo ela, “*sem ser demais*”, “*sem extrapolar*”, escolhendo, assim, o que queria usar ou fazer. Houve um momento na entrevista em que Joana falou sobre mudanças que aconteceram na sua vestimenta, sem que tivesse percebido, que me remeteram muito diretamente aos possíveis processos de incorporação relacionados aos “corpos-migrantes”. A parte inicial de seu relato, que descreve seu guarda-roupa após migrar, abriu a seção 2.2 deste capítulo e, a seguir, temos a continuação de sua fala:

E hoje, realmente, eu não compro roupa estampada há anos. Assim, tem uns dois anos que eu não compro uma roupa estampada. Porque não... Não gosto mais. Acho que... Não é que eu não goste porque eu nunca gostei. Eu amava. Mas eu acho que eu não vejo tanto mais e aí acaba, inconscientemente,

mudando, né. Então eu acho que a gente vai também absorvendo algumas coisas dos hábitos daqui sem nem perceber. (Joana, 2021)

Joana ponderou que, após ter concluído os estudos e ter passado a fase inicial do processo migratório, ela estava numa fase com mais estabilidade, então voltou a se cuidar, a se alimentar melhor, a comprar maquiagem, inseriu atividade física na rotina, porque já não tinha tanto estresse e tanta ansiedade como antes. *“Eu olho pra mim e, assim, eu vejo uma mulher muito forte, feliz, né, realizada, cuidando melhor do corpo, do cabelo, da imagem(...)”*. A entrevistada afirmou que estava priorizando a “Joana mulher”, que antes (na fase inicial do processo migratório) não existia. Primeiro foi a “Joana estudante”, depois a “Joana garçoneite” e, nesse momento mais estável, ela se sentia melhor com seu corpo, se olhava e se via feliz e vitoriosa, ao invés da imagem de “derrota” que enxergava no começo. Ela disse que a imigração, assim como algumas outras situações que passou na vida, “jogam” a pessoa “lá baixo”, *“só que dentro do processo migratório isso é muito mais difícil porque você tem que se tirar daquele lugar. Não tem ninguém... Até tem, até tem os amigos, até tem um psicólogo que você pode conversar, mas... É muito você(...)”*. Neste momento, Joana deu a entender, entre outras coisas, sobre a dimensão da solidão que sentiu (embora não tenha usado este termo) e das mudanças significativas em sua rotina de vida durante a trajetória migratória, uma vez que se dividia entre cuidados da casa, atividades de estudo e trabalho. Ela falou que *“(...) imigração me fez muito mais forte do que se eu tivesse passado por tudo que eu passei em casa.”*

8) Graça, 39 anos, também morava na Região Nordeste quando migrou com o marido e um filho pequeno para British Columbia, pouco antes da pandemia de COVID-19. Profissional da área da saúde, tinha consultório próprio em sua cidade natal, imóvel que foi vendido durante o processo de mudança de país para custear uma parte das despesas. Em BC, Graça estava trabalhando como assistente de dentista e respondeu prontamente à indagação sobre ter observado ou não mudanças na relação com seu corpo durante sua experiência como migrante com: *“Ah, desleixo total! Coloca aí, desleixo total.”* Ela descreveu sobre a retomada recente de uma rotina de atividades físicas (andar duas vezes na semana/correr e fazer musculação em casa no aparelho comprado pelo marido) e, logo em seguida, se referiu às unhas, como foi comum acontecer nas entrevistas, dizendo que estavam “acabadas”. Falou também sobre os cabelos e o fato de fazer, ela mesma, sua “selagem”, um procedimento conhecido para alisar os fios. E repetiu mais uma vez que é *“desleixo geral”*. A entrevistada reclamou do preço e da

qualidade dos serviços ofertados por brasileiras nos salões de beleza onde reside atualmente e descreveu sua rotina semanal de cuidados estéticos antes de migrar, quando morava em sua cidade natal: todas as sextas ou sábados ia ao salão para manicure, pedicure, hidratação dos cabelos, escova. Ela disse também que sentia saudades de ser cuidada: *“Porque aqui você tem que fazer tudo. Você tem que cuidar de você, cuidar do seu marido, cuidar do filho, cuidar da casa, cuidar do trabalho, cuidar... Você nunca é cuidada. Ninguém cuida de você, né? Você tem que fazer tudo.”*

Quando perguntei sobre vestuário, Graça me contou sobre ter ido comprar um short, relatando algo que me remeteu a uma sensação bem próxima que experimentei sobre meu corpo no período em que morei em Vancouver: *“Eu botei um short ontem, experimentei. Quando olhei no espelho, meu deus, meu corpo. Eu to vendo meu corpo. Você não vê o corpo.”* Ela ainda compartilhou o estranhamento que sentiu com o tamanho da peça de roupa, dizendo que perguntou ao marido se ele achava curto, sendo que, no Brasil, ela usava short curto e não se incomodava. Sobre os itens de vestuário que usa atualmente com mais frequência, ela disse que:

Aí, mudei totalmente o estilo...Não boto mais uma sandália, só de tênis, tênis, tênis, tênis, sapato fechado ou bota...Aí... Sapato alto eu não uso mais...A roupa do trabalho, aí [no Brasil] eu me arrumava. (...) ia arrumada, botava scarpin, não sei o quê... Para o trabalho aqui, eles botaram uma farda, agora, horrorosa. Pronto, eu só me vejo... a minha vestimenta hoje é uma farda, uma camisa preta com uma calça preta e um casaco preto. E, no final de semana, uma calça, essas coisas, assim... calça, casaco. Agora começou a esquentar e hoje eu acho que vou sair já de shortinho. Mas, assim, mudou a vestimenta. (Graça, 2022)

A entrevistada falou também sobre as mudanças na alimentação, dizendo que no Brasil mantinha uma alimentação *“bem regrada”*, comia salada, *“tudo certinho”*. Em BC, ela ponderou que tenta manter, que seu almoço é bem brasileiro, que come cuscuz diariamente, por exemplo, mas que sentia falta de comer raízes, como fazia no Brasil, pois as que encontra lá não são a mesma coisa, não são gostosas. Ela relatou que tem tomado mais refrigerantes, *“umas águas saborizadas que são baratas”*, mas que, em relação a *“comer besteira”*, tem conseguido se controlar, porque não é fã de doces como os famosos *“donuts”*: *“Eu vou engordar pra comer isso? Não vou. Estragar minha saúde pra comer isso? Não vou.”* Ao descrever as atuais práticas culinárias, Graça disse que: *“Mas aqui, como sou eu quem faço, às vezes tenho preguiça e faço só o trivial: arroz, feijão, carne, não faço salada, etc. Mas, assim, de comer besteira, eu consigo controlar. Porque tem gente que vem pra cá e ‘desbandeira’, né?”*

Graça disse ainda que não fazia questão de maquiagem e, mesmo quando ainda estava no Brasil, usava uma maquiagem bem básica. Ela relatou que não costuma se maquiar para trabalhar, apenas algumas vezes, quando acorda de bom-humor ou quando vai sair para algum evento. Ela falou sobre gostar muito de perfumes, que mantém o hábito de usar todos os dias e disse que sair sem perfume é como “*sair sem roupa*”. Sobre acessórios, como colar e brinco, afirmou gostar, descrevendo brevemente o que mudou: “*Mas assim, bijuteria, que eu amava no Brasil, eu não uso muito aqui. Aquele casaco, né, vai usar colar?*”¹³⁹(...) *é um brinco no máximo. Esse brinco aqui, eu vim do Brasil com ele, na orelha, quase não sai da orelha. Mas, aí no Brasil, todo dia era um diferente*”. Sobre como se vê, Graça descreveu:

Eu acho que eu to, assim, né, como eu falei, desleixada mesmo. Não faço mais questão de tipo... É porque parece que os valores mudam, não sei. Mas eu acho que isso não tem nada a ver. Tem que se cuidar. Mesmo com esse negócio de valor que mudou, a pessoa tem que se cuidar, né? Mas é porque é a falta de tempo mesmo. Eu parei de me cuidar mesmo, assim. Aí no Brasil, eu tinha personal trainer. Repare! (ri sonoramente) Eu tinha personal trainer, fazia academia, ia três vezes na semana, fazia dança e aqui não faço nada. (Graça, 2022)

No que se refere a hábitos de consumo, ela disse que, no Brasil, comprava mais, comprava muito, porque tinha mais dinheiro. Se fosse a uma festa, por exemplo, Graça comprava uma roupa nova e: “*Era todo mês uma roupa nova. Um sapato novo, uma bolsa. E aqui eu não faço isso, porque eu não tenho dinheiro, mas, se eu tivesse, ave maria...*”. A entrevistada comparou os dois contextos, dizendo que no Canadá o poder de compra é maior, que as coisas que compra são boas, “*de marca*”, mas que eles têm menos dinheiro, estão na fase inicial, então ela sentia diferença, sim.

Sobre a imagem que faz de si mesma após migrar, ela disse “*coragem*” e reforçou que é preciso muita coragem. Depois falou em “*força*” e também “*muita dúvida, muita interrogação*”. Ela relatou a sensação de não pertencimento, o receio de ser ingrata, porque quis muito ir para o Canadá, mobilizou a igreja que frequentava pedindo orações, mas não sentia ter se adaptado, pensava muito em ir embora, mesmo sendo um lugar lindo. Ela disse também que se trata de um lugar que prepara a pessoa para a guerra, afirmou que é muito bom e ao mesmo tempo muito ruim (e repetiu isso enfaticamente, comparando com uma expressão usada no Brasil) e reclamou do clima, da escuridão no

¹³⁹Esta foi outra fala da entrevistada que me remeteu a algo que pensava, exatamente assim, estando em Vancouver. E eu sentia falta de usar colar, embora não faça uso deste acessório todos os dias estando no Brasil.

inverno. Sobre essa questão, Graça disse que se surpreendeu: antes achava que gostava do frio, mas agora percebeu que um lugar frio não é lugar para ela. O marido, pelo que ela deu a entender durante a conversa, parece não ter interesse em ficar em British Columbia por muito tempo. Quando realizamos a entrevista, eles já poderiam, inclusive, ter dado entrada na solicitação da residência permanente, mas até aquele momento não haviam encaminhado o pedido. Graça descreveu o local onde mora como “*muito parado*”, comparou com um “cemitério”, reclamou de não ter vida social ou um vizinho para bater papo e disse que essa “calmaria” pode agradar outras pessoas, mas não combinava com ela.

Eu moro num complexo de “townhouse”, é a coisa mais linda. Pense numa coisa linda é onde eu moro. Lindo. Mas você não tem, você não sente vida, sabe? Você não sente que você tá viva aqui. Você não sente, parece que você tá só passando pela vida. Você tá sobrevivendo, você não tá aquela coisa assim, de gente, de conversa, de gente falando, de criança gritando, você não sente nada. (Graça, 2022)

Graça reforçou em vários momentos da entrevista a sensação de não pertencimento, a dúvida sobre ficar ou não em British Columbia e no Canadá. Mesmo elogiando alguns aspectos do lugar onde vive, seu relato destacou os aspectos que não gostava em sua aparência após imigrar e no lugar onde morava. Sobre o próprio corpo, além das expressões “desleixo total, desleixo geral”, ela falou sobre como vê partes do corpo como “barriga está maior”, “pernas estão mais finas”, quando comparou o ritmo de atividades físicas no Canadá e no Brasil. A citação acima, sobre o modo de vida da vizinhança e seu incômodo com a “calmaria”, a ausência do que ela define como vida, dão pistas sobre sua relação com o novo espaço social que habita e suas práticas, diferentes das que ela trouxe consigo como referências de sociabilidade, vitalidade. Ela não se sente adaptada e não parece desejar também se enquadrar, se acostumar com um modo de vida com o qual não se identifica, com que não dialoga socialmente. Ao mesmo tempo que a entrevistada relatou mudanças, descrevendo-as corporalmente não somente nas alterações físicas, mas também no modo de se apresentar (uso de tênis, obrigatoriedade de trabalhar com uniforme, o mesmo brinco sempre, sem colar, mudanças na alimentação) ela sinalizou práticas de resistência como manter o uso de perfume, manter hábitos culinários que remetem ao Brasil e à região de onde migrou como comer cuscuz diariamente.

9) Paula, 34 anos, morava na Região Nordeste antes de migrar, com seu companheiro à época, para British Columbia em 2018. Profissional liberal no Brasil, ela

trabalhava na área de sua formação antes de migrar. Em British Columbia, exerceu outras atividades profissionais, mas, no momento da entrevista, estava atuando na mesma área de formação do Brasil. Paula começou descrevendo as mudanças que percebe na relação com o corpo pela vestimenta e se referiu ao estilo de roupas disponíveis em seu novo país de residência como coisas mais pragmáticas, um “*estilo clean*”, com cores mais básicas. Paula falou da falta que sente das cores, dos materiais, das estampas facilmente encontradas nas lojas de roupas brasileiras “(...) *eu acho que você acaba se vestindo muito conforme o que você vê, né, o que as pessoas tão vendo e o que é oportunizado pra você comprar.*” Sobre maquiagem, ela disse não ser muito diferente após migrar, que já gostava de algo mais básico mesmo, como base, corretivo, blush e rímel, mas cita que, em BC, usa menos batom “forte”. Segundo a entrevistada, no Brasil ela usava batom “*mais forte*”, o que relacionou ao fato de sair muito mais para festinhas também. Sobre hábitos alimentares, ela relata:

Minha alimentação mudou, com certeza. Eu senti. Principalmente nos primeiros anos, que eu engordei. Porque a alimentação muda, né, o estilo de vida muda. Você come... O acesso à comida aqui que mais que engorda, né, em resumo, é mais acessível. Em relação à fruta e verdura é menos. E.. Atividade física eu não fazia porque a vida do imigrante não é uma vida fácil. Não é uma vida fácil, né? A gente não tem tempo pra fazer atividade física, pra cuidar do corpo, é sempre correria. Lógico, depois de um tempo, desde o ano passado até aqui, eu tenho me cuidado muito mais. Cuidado do meu corpo, tenho ido pra academia, faço dieta, esse tipo de coisa. (Paula, 2022)

Paula comentou ainda sobre o poder de compra ser muito diferente, elogiando sua experiência atual de trabalho como assistente jurídica em comparação ao que vivenciava como advogada no Brasil. Ela disse que paga todas as contas com o que recebe, guarda uma parte e ainda consegue comprar “*uma coisinha aqui, outra lá*”. Sobre consumo, ela qualificou como sendo mais consciente lá no Canadá e disse que compra o que precisa. Novamente citou as lojas de roupas no Brasil, dizendo que acabava comprando certos itens porque eram fáceis de encontrar. Sobre sapatos, ela afirmou nunca ter sido fã de salto, que usava muita sapatilha no Brasil. Agora ela usa um tipo de tênis que combina com vestidos, com roupas mais formais e tem “horror” de sapatilha, não consegue mais usar. Ela acrescentou que manter o cabelo “natural” é positivamente visto no Canadá, diferente do padrão do Brasil, que ela descreveu como “cabelo alisado”. Paula estava fazendo referência ao seu cabelo crespo e ao fato de se sentir à vontade em seu novo país de residência para não fazer uso de técnicas de alisamento. Sobre outras mudanças percebidas neste processo, a entrevistada descreveu:

Acessórios, eu quase não consigo usar acessório. No Brasil eu usava mais brinco e hoje meu brinco é o básico, é um pontinho aqui, um colarzinho muito simples nada demais. Perfume... Aqui tem muitas coisas falando sobre não usar perfume, incomoda muita gente, então não uso muito perfume. Por muito tempo eu nem tinha perfume aqui. Eu comprei um perfume recentemente pra sair à noite, às vezes, alguma coisa assim. Mas não é dia-a-dia. No Brasil é dia-a-dia. Você sempre bota um perfume no dia-a-dia. Aqui é um momento especial pra botar um perfume. E não é muito pra não incomodar as pessoas. Não é tomar um banho de perfume. Eu senti isso. (Paula, 2022)

Assim como aconteceu com outras entrevistadas, Paula referiu-se à questão das restrições ao uso de perfumes em British Columbia como algo “sentido” por ela, como uma mudança de hábito significativa quando comparada ao comportamento no Brasil. E, em breve trecho aqui selecionado, falou duas vezes sobre o perfume como algo que incomoda as pessoas lá, ou seja, uma prática que, uma vez mantida, pode produzir reações de desagrado, reclamações. Esta informação é importante, já que distingue de um contexto, por exemplo, em que apenas não fosse comum o uso de perfumes, e não algo reprovado socialmente, assim como parece ser o cheiro de suor de quem não faça uso de desodorantes.

Sobre a forma como cuida dos seus cabelos crespos e como percebe ser tal prática vista positivamente no Canadá, é algo também significativo, já que ela está trabalhando em um grande escritório de advocacia em British Columbia. O que quero destacar é o contexto profissional próximo ao do Brasil, onde trabalhava como advogada, e a diferença percebida no que diz respeito a manter o cabelo sem técnicas de alisamento. No capítulo III, vamos retomar esta questão trazida por Paula, numa reflexão voltada a questões étnico-raciais. Assim como Cecília, ela também fez referência à vida inicialmente corrida de imigrantes e ao fato de haver retomado, mais recentemente, alguns cuidados com o corpo que não conseguia manter logo que chegou a sua nova morada. Mudanças na alimentação e na prática de exercícios físicos têm sido referidos com frequência, como é possível notar nos relatos, estando associados a rotinas de trabalho e a questões financeiras que permeiam a vida destas imigrantes logo que chegam ao novo país. A comida mais prática e mais acessível financeiramente é também a que parece ser menos saudável, que pode impactar o peso corporal e outros aspectos de saúde. O tempo dedicado a estudo e/ou trabalho, algumas vezes em rotinas que acumulam mais de um vínculo empregatício, assim como a falta de disposição em alguns casos, têm sido associados à diminuição da prática de atividade física, o que traz mudanças nos corpos (engordar, emagrecer, falta de disposição, etc.) e na relação destes mesmos corpos com

as demandas que podem surgir na trajetória migrante, como trabalhar em pé por muitas horas, executar tarefas mais pesadas fisicamente, entre outras questões.

Sobre cuidados com a saúde, Paula também apresentou a percepção de a assistência ofertada no Brasil ser melhor e de sentir falta do acesso que tinha a cuidados preventivos, à facilidade para realizar exames e resolver mais rapidamente certas demandas. Ela frisou que considerava assim não somente porque tinha plano de saúde quando morava em sua terra natal, mas no que se refere ao funcionamento do próprio SUS no Brasil. Para que se tenha ideia mais clara sobre o tipo de reclamação que ouvi das entrevistadas sobre a assistência à saúde, trago um trecho da fala de Paula, bem ilustrativo:

Aqui é muito, muito mitigado. Muitas coisas. Enfim, eu tenho praticamente que implorar pro médico pra fazer um exame. Sabe? Se eu não tiver ligada no meu cuidado, o médico não é. Então, por exemplo, eu to com uma dor, tenho uma hérnia na coluna e, aí, o nervo ciático ele me puxa um pouco. Então, assim, minha perna tá doendo muito, tem um tempo já. Então, assim, uma dificuldade... Por isso que eu vou lá hoje¹⁴⁰, pra... Depois de eu ligar pra ela e dizer 'tá doendo, tá incomodando, tive crise de coluna'... [a médica responde] 'Eu quero ver você antes de pedir o exame'. E aí eu vou lá pra ela olhar pra minha perna, ver se realmente eu to com dor, pra passar o exame. Deus sabe quando é que eu vou poder marcar esse exame, porque é difícil, né, tem muita gente na fila. E, enquanto isso, eu sigo com dor na perna, entende? Então, assim, é muito difícil você fazer esses check-ups. No Brasil, a medicina ela é, é... Como é aquela expressão? Medicina preventiva. E aqui ela é o oposto, né? Ele vai atacar se você tiver um sintoma. Tá sentindo alguma coisa? Não. Então tá bom, você tá bem. Entendeu? É tipo isso. Um ponto bem negativo que eu acho. (Paula, 2022)

O descontentamento com as possibilidades de acesso a exames e médicos especialistas apareceram nas entrevistas, como dos poucos pontos negativos observados no novo país de residência, onde se mantém um sistema público de saúde acessível a residentes temporários, residentes permanentes e cidadãos. Pessoas com visto de turismo não têm acesso ao sistema de saúde canadense como acontece com o SUS no Brasil. Mudanças na rotina e nas possibilidades de acesso a cuidados de saúde envolvem muitas práticas e questões que não serão aqui detalhadas, especificadas, por conta dos objetivos da pesquisa. Mas é importante sinalizar aspectos gerais deste novo contexto de vida, que sugerem sobre como as imigrantes se relacionam com esta dinâmica de cuidados de saúde que caracteriza a assistência médica no Canadá e os possíveis impactos deste processo de adaptação em seu novo país de residência.

¹⁴⁰Paula havia me avisado sobre ter um agendamento marcado com a médica no dia da entrevista e combinamos o horário em função também deste compromisso dela.

10) Amanda, 40 anos, vive em British Columbia desde 2019. Ela morava na Região Sul antes de migrar, solteira e com recursos próprios, para o Canadá. Profissional da saúde, Amanda só havia trabalhado na sua área de formação enquanto vivia no Brasil. Em British Columbia, ela atuava na parte administrativa de uma clínica de odontologia quando conversou comigo. Há uma particularidade em sua trajetória que me chamou atenção. Amanda disse que sempre teve vontade morar fora do Brasil, conhecer outras culturas, então decidiu migrar primeiro do Nordeste para o Sul do Brasil, por ser, de acordo com ela, um lugar frio e bem diferente de sua terra natal. Segundo Amanda, depois de viver um tempo lá, ela então decidiu migrar para British Columbia, onde já havia estado durante dois meses quando fez um intercâmbio. A entrevistada contou que lembra ter voltado dessa experiência já com “a cabeça mudada” e a decisão de ir viver em outro lugar, porque “mundo é grande demais”. Quando perguntei sobre ter percebido ou não mudanças na relação com o corpo em seu processo migratório, Amanda relatou que:

Percebi. Eu envelheci dez anos em dois aqui. De uma hora pra outra, no meu primeiro ano aqui, enchi de cabelo branco, emagreci muito, engordei um pouquinho, emagreci de novo, engordei um pouco. É... Percebi que eu ficava muito cansada, muito sem energia... Sempre cansada. E com dor na coluna, sempre, sempre... Eu realmente senti que eu tive um desgaste físico imenso aqui. (Amanda, 2021)

Amanda comentou que o primeiro ano da mudança de país foi o mais difícil para ela, uma experiência “*massacrante mental, emocional e física também*”, porque foi a primeira vez que ela precisou trabalhar em atividades diferentes de sua profissão. Ela disse que sentia dor de coluna desde que chegou em BC, por exemplo. Amanda relatou que sua prioridade, no início, era sobreviver e ter o dinheiro para pagar o “College”, e que, somente um ano após concluir o curso, ela começou realmente a viver, a ter uma “*vida digna*” lá. A entrevistada afirmou que sua alimentação mudou, que ficou menos saudável nesse processo, situando que o motivo da mudança foi a correria, que ficava cansada para cozinhar e que sentia falta de “buffet a quilo”, como tinha no Brasil. Sobre a aparência, ela se disse vaidosa, afirmou gostar de se arrumar, mas também citou o tempo, o cansaço, dizendo que fica com preguiça e é comum sair pra trabalhar de “*cara lavada*”, algo que não acontecia no Brasil.

Eu não virei canadense. Eu gosto de roupa brasileira arrumadinha, mas, sim, eu sinto falta de usar meus scarpins, minhas coisinhas, porque a minha vida aqui é correr atrás de ônibus e de metrô. Então eu acabo ficando mais confortável, assim, eu prefiro ficar mais confortável. Mas mudei, sim, então eu to menos vaidosa, infelizmente. (Amanda, 2021)

Amanda disse que usa menos maquiagem, menos acessórios, mas que mantém o uso de perfume, apesar da recomendação do “scent free”. Ela comentou que no seu trabalho não havia essa regra, então ela “bota perfume mesmo”. Quando pergunto se houve mudanças durante o processo migratório em relação a procedimentos estéticos, ela respondeu que estudou medicina estética e que, no Brasil, ela mesma fazia seus procedimentos, que não eram muitos, nem nada invasivo, apenas peeling. Mas que agora ela simplesmente esquecia e havia coisas(produtos) saindo da validade, porque ela “deixou de lado”. A entrevistada afirmou que era mais cuidadosa antes. Após a mudança de país, mantinha, pelo menos, hidratante no rosto, alguma coisinha para a pele da face. Falou ainda que estava retomando essas práticas, mas que fazia bem menos procedimentos. Num dado momento da entrevista, Amanda acrescentou uma informação sobre as mudanças vivenciadas por ela que me chamou atenção, por considerar que sinaliza para como processos de adaptação a um novo país podem ser pensados a partir do corpo e suas diferentes expressões:

Realmente, por exemplo, no Brasil a gente tem mais essa cultura de se arrumar e tudo. E pra mim foi uma grande mudança mesmo esse negócio da vaidade, tudo. Mas aqui eu vejo que, por exemplo, se tá todo mundo de cara lavada, de qualquer jeito, eu, assim... Talvez eu fique até com medo de me arrumar, de me produzir tanto, porque parece que eu vou me sobressair demais, tipo, que só vai ser eu o “peixe fora d’água” ali. (Ela ri). Toda arrumadinha, ali, entendeu? (Ela ri novamente) (Amanda, 2021)

Amanda já havia usado a expressão “peixe fora d’água” antes, durante a entrevista, dizendo que não se sentiu assim quando chegou a British Columbia, porque encontrava mais imigrantes do que canadenses, que não se sentia estrangeira porque sempre havia estrangeiros ao seu redor. Ela afirmou sobre sentir-se incluída. Nesse ponto é possível retomar as noções de forasteiro, estrangeiro e, principalmente, de pertencimento. Para ela, estar entre estrangeiros, entre imigrantes é o que parece fazer com que se sinta parte e não se sinta, portanto, um “peixe fora d’água”. Ao mesmo tempo, em sua reflexão durante a nossa conversa, ela pondera sobre o próprio comportamento de não se apresentar em seu novo habitat da mesma forma que se mostrava no Brasil, “toda arrumadinha”, como maneira de não se sobressair, não chamar atenção para si e sua diferença de costumes em relação à aparência.

Nesse momento da entrevista, ela estava partilhando uma indagação comigo, mais do que uma percepção sobre como se porta e se relaciona com o corpo e a aparência. Diluir-se, entre as “outras”, como estratégia de se integrar, ainda que o novo modo de se

apresentar não represente a forma como a entrevistada afirma gostar de se ver, seria uma estratégia? É possível que sim, entre outros fatores de sua rotina que modificaram a relação com o tempo e as práticas de cuidado com o corpo a que parecia estar acostumada. Quando se referiu ao local onde estava trabalhando na época em que a entrevistei, por exemplo, Amanda disse que pagava melhor, era mais organizado, ela trabalhava sentada numa sala, sem “corre-corre” e podia trabalhar mais arrumada, coisa de que sentia falta. Seu relato trouxe questões bem claras sobre a trajetória migrante objetivada no corpo em mobilidade, como propõe Ennes (2020). Ao descrever, assim como fez Cecília: sobre as dores que sente desde que chegou; o processo de envelhecimento e desgaste do corpo, que ela relaciona às dificuldades que enfrentou, especialmente no início do processo migratório; às mudanças na alimentação e nas práticas relacionadas à aparência. Sobre a imagem que faz de si mesma após migrar, Amanda disse que se via mais fortalecida e preparada, após os dois últimos anos, para enfrentar a vida, as dificuldades, os embates, que está mais resiliente. Ela também falou sobre valorizar as pequenas coisas, pequenas vitórias e celebrar mais as coisas boas que acontecem neste processo.

11) Marcela, 29 anos, morava na Região Sul do Brasil e se mudou para o Canadá em 2018 com sua companheira à época. Ela contou que, em 2014, foi fazer um curso de inglês em British Columbia, experiência que a fez pensar em morar fora do Brasil um tempo. Profissional da saúde e sócia de uma clínica, Marcela trabalhava em sua área de formação quando morava no Brasil, não somente em consultório particular, mas também na rede hospitalar. No Canadá, ela estava atuando como gerente em uma clínica de odontologia quando conversei com ela. A entrevistada relatou que passou a “*conhecer e ouvir mais seu corpo*” neste processo de mudança de país e deu destaque ao fato de poder lidar com a orientação sexual¹⁴¹ de forma diferente. “*Então, sim, pra mim eu me conheci melhor, porque eu não tinha preconceito, eu não tinha julgamento, eu podia ser quem eu quisesse, eu podia ser mulher, eu podia ser gay, eu podia ser tudo. Então eu passei a me entender melhor.*”

Mesmo assim, durante os dois primeiros anos, disse que não cuidava do corpo, da alimentação e da mente, que não se colocou como prioridade, já que a prioridade era estar no Canadá, era muita coisa acontecendo e “*Você não consegue trabalhar, ter uma vida*

¹⁴¹Marcela foi a única participante a identificar-se como homossexual. Após uma experiência particularmente difícil com a família, descrita por ela durante a entrevista, decidiu ir para o Canadá com sua parceira e se fixar em British Columbia.

social e ter saúde.” Ela citou o custo de vida alto e a dificuldade de comer bem, o fato de imigrantes recém-chegados não serem bem remunerados e os efeitos disso na fase inicial do processo migratório: “*Você não tem como comprar carne, entendeu? Não tem como ir na academia. Não tem como fazer a mão. No Brasil, eu ia à manicure toda semana, aqui eu to há dois anos sem ir na manicure*”. Ela afirmou sobre ter mudado em relação à vestimenta, à aparência e tenta esclarecer sobre como se percebe atualmente:

Que no Brasil a gente é muito vaidosa, né. A gente gasta muito tempo nisso e muitas vezes é para as outras pessoas. Então, aqui, por eu ter passado, agora, a me conhecer melhor e por eu entender que eu venho em primeiro lugar, eu mudei, sim, meus hábitos de vestimenta, meus hábitos de cuidado. Mas eu mudei no sentido de que, antes, no Brasil, eu fazia para os outros e hoje em dia eu faço por mim. Por isso que é bem menor. Porque eu não tenho necessidade de fazer a unha toda semana. Entendeu? Mas não é pelas circunstâncias, é só as prioridades da minha vida que mudaram um pouquinho. (Marcela, 2021)

Embora Marcela tenha se referido a mudanças em seus hábitos, não pelas circunstâncias, mas sim porque mudou suas prioridades de vida, é possível observar em outros trechos de seu relato o quanto essa afirmação, analisada sociologicamente, soe contraditória. Talvez Marcela quisesse dizer que poderia retomar alguns dos hábitos que tinha quando morava no Brasil, já que estava trabalhando em tempo integral quando me concedeu a entrevista, e o momento inicial como estudante e trabalhadora, com mais restrições financeiras, já havia findado, mas que mudou suas prioridades e não sentia mais as necessidades que tinha antes. A questão é que autores citados neste estudo como Le Breton, Mauss, Bourdieu, além de Ennes, ao discutir mais especificamente o “*corpo-migrante*”, refletem exatamente sobre o quanto o corpo se constitui relacional e socialmente. Percepções, necessidades, modos de se portar, se apresentar, práticas diárias ou esporádicas, como as que estão sendo descritas pelas entrevistadas, são construídas socialmente, constituem-se e se refazem a partir de regras, códigos, símbolos aprendidos durante a vida e internalizados como individuais; tais disposições também podem ser modificadas a partir da incorporação de novas práticas, em experiências de contato com outras culturas, como a que investigo neste estudo. Assim, novas “*circunstâncias*” podem apresentar novas necessidades, diferentes modelos de interpretação da realidade, possibilidades outras de relação e composição de indivíduos e grupos com seu entorno. Marcela, por exemplo, descreveu mudanças pelas quais passou durante sua trajetória migratória, como ter perdido dezoito quilos, ter percebido queda de cabelo e a dificuldade de se acostumar com a orientação de não usar perfume em espaços públicos, no trabalho,

conhecido como “scent free”¹⁴². Disse ainda que fazia mais exercícios físicos no Brasil e, sobre sua rotina antes de migrar, ela acrescentou que não precisava ir ao mercado, lavar roupa, lavar louça, cuidar da casa. Morando no Canadá, ela descreveu sobre ocupar o tempo de forma diferente, fazendo referência a estas atividades que agora são realizadas por ela.

Sobre acessórios, diferente da experiência de Graça, ela disse ter voltado a usar colar, porque, no Brasil, havia o risco de ser roubada, e que sempre usou brincos simples como o que estava usando naquele momento. Ela se referiu também a mudanças na vestimenta, às quais atribuiu não somente à idade, mas também à posição que ocupava no trabalho, descrevendo que se vestia agora com roupas mais formais, que usava terno para trabalhar, porque estava numa clínica “de ponta”. Ou seja, a participante apresentou não só a percepção de mudanças físicas, mas também descreveu algumas de suas práticas com o corpo que considero mais diretamente relacionadas à experiência migratória, como as alterações na alimentação, na forma de se vestir, em não usar perfume, na rotina de exercícios e de tarefas domésticas diferentes da que tinha no Brasil. Marcela disse ainda que sempre usou maquiagem como a que estava usando, que mantém este hábito em BC e que está se alimentando melhor agora, passada a fase inicial do processo migratório. A menção que fez ao menor poder aquisitivo, especialmente no início do processo migratório, na definição de “prioridades”, na referência ao preço(alto) da carne, entre outras questões, também apareceu em outros relatos, como tenho descrito até aqui.

12) Sônia, 47 anos, morava com o marido e dois filhos na Região Sul do Brasil, quando decidiu migrar para o Canadá em 2017. Profissional liberal, ela trabalhava na área de sua formação acadêmica antes de migrar, mas relatou que já tinha sido também funcionária pública e empresária no Brasil. Ela disse que tentou tudo que podia em seu país, chegando mesmo a candidatar-se para ser vereadora. Em British Columbia, ela estava atuando como funcionária do governo federal, além de consultora de imigração, no momento em que realizamos a entrevista. Quando perguntei sobre possíveis mudanças relacionadas ao corpo durante a trajetória migrante, ela me respondeu que engordou quase vinte e cinco quilos depois de migrar. Sônia me falou também que, naquele dia mesmo [da entrevista], às seis horas da manhã, havia retomado a atividade física e que precisava remodelar seus hábitos não somente para perder peso, mas para cuidar da saúde.

¹⁴² Sem perfume.

A entrevistada relatou sobre problemas de saúde que teve neste processo e reforçou que precisava perder peso. Sobre autoestima e acerca desse processo de mudança de peso, ela comentou: “*Então, assim, eu simplesmente me abandonei. Me abandonei. Eu fiquei em função de trabalho e PR¹⁴³, né? Daí, como recompensa, eu vou comer o que me der vontade, né*”. Ainda sobre hábitos alimentares, Sônia contou que aprendeu a cozinhar durante os seis meses em que ela e a família se preparavam para mudar de país. No Brasil, durante a maior parte do tempo, havia uma funcionária em casa para cozinhar. Depois, quando se mudaram de cidade (no mesmo estado em que moravam), a família passou a comer fora, no shopping ou em um “restaurante a quilo” que ficava perto de casa. Nessa época, ela sempre almoçava um shake, no espaço herbalife¹⁴⁴, e disse que essa é das coisas que mais sentia falta do Brasil, pois aquele era o momento dela, era sua alegria. Depois de migrar, nos dois primeiros anos de Canadá, Sônia falou que comia basicamente “fast food”, pizza e coisas do gênero. Em relação à atividade física, ela afirmou que nunca foi de fazer exercícios, mesmo quando estava no Brasil.

Quando se referiu à maquiagem, Sônia disse quase nunca usava, mesmo no Brasil. Ela afirmou que fazia uso somente batom e rímel, que praticamente se obrigava a se maquiar e que já era assim antes de se mudar para British Columbia. Com a pandemia e o trabalho em casa, diminuiu ainda mais a prática de maquiagem. Sobre acessórios, ela comentou que usava mais no Brasil, que teve loja durante um tempo e que, nessa época, comprava acessórios e usava bastante. Começou a diminuir o uso já no Brasil, quando não tinha mais a loja, e agora escolhe itens que não precisam ser trocados, que são mais permanentes. Ela se referiu também ao uso de sapatos confortáveis, “*porque você se mata de trabalhar em pé quando chega aqui*” e que as pessoas lá não ligam para salto alto, não ligam para o sapato que se usa. Sobre mudanças no vestuário, ela relatou que:

Aqui não tem assim tanto evento social quanto tem no Brasil. Quando você sai, você vai pra natureza, no restaurante todo mundo é simples, usam as mesmas roupas do dia-a-dia... Tu não se arruma pra ir num restaurante aqui. Você vai com a roupa que você tava trabalhando. No máximo, uma calça jeans, arruma o cabelo assim [ela mostra como], quando você quer fazer um evento, né. Mas, assim, não tem assim... Ninguém liga pro que você tá vestindo, ninguém te julga pelo que você tá vestindo... (Sônia, 2022)

¹⁴³ Residência Permanente.

¹⁴⁴ Descritos pela marca Herbalife Nutrition como “Espaços de Vida Saudável”, resumidamente tratam-se de locais operados por consultores independentes da referida marca destinados à divulgação e comercialização dos seus produtos por meio de socialização de seus/suas consumidores.

Sobre o uso de perfume, ela afirmou nunca ter gostado muito, especialmente dos femininos, os quais considera muito doces. No Brasil, ela não colocava perfume em grande quantidade e optava por uma fragrância masculina, então não sentiu muita diferença no Canadá. Como citei rapidamente antes, ela acrescentou uma informação sobre a restrição ao uso de perfumes, dizendo que, em mais de um local onde trabalhou, havia a orientação de não usar perfume, mas colocar desodorante. Esta recomendação ela atribuiu à presença de indianos (segundo Sônia, eles não usam desodorante, por isso a orientação clara). Para integrar-se e também não ser alvo de reclamações ou reações hostis, é preciso, segundo as entrevistadas brasileiras, diminuir ou mesmo suprimir o uso de perfumes, o que é visto por muitas delas como algo difícil, também incômodo, ou mesmo não passível de se modificar. Não foi o caso de Sônia, que me disse, inclusive, ter adotado esse mesmo princípio com funcionários em sua loja, quando ainda morava no Brasil. Refiro-me a Graça e Amanda, que relataram não mudar o hábito trazido do país de origem. Vale destacar, igualmente, que ambas se referiram também ao local onde trabalhavam como um lugar onde não havia tal exigência. Por outro lado, para além de descreverem as estratégias de suspender o uso ou diminuir a quantidade de perfume (no trabalho e em espaços públicos), e, assim, integrarem-se às normas e cultura locais, não provocarem reações no entorno por conta de um hábito trazido de seu país de origem, duas das participantes chegaram a descrever o incômodo físico que elas próprias passaram a sentir, após migrarem, quando entraram em contato com o cheiro mais forte de perfume. Para relembrar, estou falando de Clarice e Elisa. Seria o perfume um sinalizador de alguém que não conhece ou não concorda com uma regra de boa convivência em BC?

Voltando ao relato de Sônia, perguntei se ela se lembrava de mais algum hábito, alguma mudança e ela disse que:

Assim, a unha, né, que demorou. Foi um ano até ir no salão fazer a unha. Agora eu vou a cada... No Brasil, eu ia a cada quinze dias, aqui eu vou a cada três meses bem feliz. (Ela ri) Aquela falsa pra durar mais e, quando acaba, eu começo a roer e assim vai. Luzes eu fazia a cada quatro, cinco meses, agora eu faço a cada um ano, um ano e meio. E, assim, todo mundo diz, 'ah, é muito caro'. Não. Não é por isso. O preço, se você comparar dinheiros por dinheiros, é a mesma coisa, porque a gente ganha em dólar, então pra mim é a mesma coisa. Claro que, se você for converter, é diferente, mas aqui a gente ganha em dólar, então não dá pra você dizer, 'ah, é muito caro', porque não é. No Brasil, você vai pagar quatrocentos, sei lá, quinhentos, trezentos e pouco pra fazer luzes e aqui também. Só que, aí, o tempo pra você... Quando você tem tempo disponível, você não tá muito a fim de fazer isso. Sabe? Você tá a fim de fazer nada. (Sônia, 2022)

A entrevistada também sinalizou a alteração na frequência ao salão de beleza, mas não associou ao custo dos serviços oferecidos em sua nova morada, nem à mudança de valores, prioridades ou por conta de não se sentir obrigada a atender a tais rituais relacionados à aparência. Ela deu a entender que mudou sua rotina de cuidados com o corpo por conta do tempo dedicado ao trabalho e à busca de preencher os requisitos para obtenção do PR. Também se referiu ao cansaço e à falta de disposição de usar o tempo livre para tais práticas, escolhendo descansar e não fazer nada. Sônia não foi a única a fazer esse tipo de relação entre mudanças de rotina de trabalho e de cuidados pessoais e com a aparência. Ao afirmar que se “abandonou”, aparentemente isso se refere a cuidar menos do corpo, a ter uma rotina de práticas relacionadas à aparência diminuída. Tais alterações nas práticas adotadas ou suprimidas, todavia, são também informações relacionadas ao corpo, assim como suas escolhas alimentares, o aumento de peso, os conflitos que manifesta sobre a necessidade de acrescentar exercícios físicos a sua rotina.

Sônia descreveu não somente mudanças na alimentação, ao deixar o Brasil e iniciar sua vida no Canadá, mas também o desenvolvimento de práticas culinárias diretamente relacionado ao fato de mudar de país: aprendeu a cozinhar durante os seis meses em que se preparava para sair do Brasil e disse que agora cozinha praticamente tudo. Ela descreveu as coisas que costuma cozinhar em casa para a família (carne de panela, arroz, feijão, carne moída, batata, farofa) e que está tentando incorporar novos hábitos, que está incluindo salada, por exemplo. No que se refere à saúde, aos cuidados médicos, Sônia também relatou dificuldades, não somente vividas por ela, mas também pelo marido. Ela disse que lá “*não tem pagou e foi*” e descreveu a diferença de atendimento para casos eletivos, que demoram bastante a ser atendidos, e as situações de emergência. Segundo a entrevistada, nestes casos, o atendimento é ótimo, rápido: “*(...)nossa, o atendimento foi perfeito porque era emergência. Aí, rapidinho a médica, quando descobriram que eu tinha apendicite, em meia hora ela tava lá e me operaram. Então, assim, emergência eu não posso reclamar, sabe?*”

Durante os dois anos iniciais de residência em British Columbia, ainda como residente temporária, Sônia me relatou uma rotina intensa e exaustiva de trabalhos, muitos deles não qualificados, e todo seu investimento em conseguir acumular as informações necessárias para que sua aplicação para residência permanente fosse bem sucedida. Somente nos seis primeiros meses, por exemplo, ela trabalhou em treze empresas

diferentes, em mais de um lugar ao mesmo tempo, chegando a acumular três trabalhos simultâneos.

No primeiro ano, eu trabalhava... Eu acordava às 5:30, daí eu pegava dois transportes públicos, ia pro aeroporto, começava o “shift¹⁴⁵” às 7 horas. Aí saía do aeroporto, pegava o transporte público, dois transportes públicos, e ia até English Bay¹⁴⁶, daí trabalhava limpando mesas até meia-noite. Depois eu ia pra casa, chegava uma da manhã e no outro dia eu ia pra Burnaby¹⁴⁷, [trabalhar] no Canadian Tire¹⁴⁸, depois eu ia limpar mesa de novo e... É. O primeiro ano foi isso. Foi bem, bem puxado, assim. Mas a gente chegou, todos nós, com o objetivo de pegar o PR. (Sônia, 2022)

Foi uma conversa bastante rica em detalhes desta trajetória como imigrante e dos passos, das etapas para conseguir a residência permanente, meta que alcançou com dois anos e meio de Canadá. Neste processo, seu corpo em mobilidade aparentemente ajustou disposições trazidas, como a disponibilidade para realizar atividades profissionais diferentes, ao contexto de uma imigrante sem experiência de mercado canadense que precisava comprovar tempo de trabalho em categorias específicas de atividade laboral que atendessem aos requisitos do IRCC¹⁴⁹. Quando perguntei, em dado momento, sobre a imagem que fazia de si mesma, ela disse que, tirando a parte física, de que não está gostando, ela se vê “*um milhão de vezes melhor*”, no geral, e que o que aprendeu em quatro anos e meio lá não aprendeu durante toda vida no Brasil. Afirmou que o processo é muito rico, há muito aprendizado:

Assim, comecei a ver as coisas de uma forma muito diferente. Eu sempre fui de me colocar no lugar do outro, sempre fui. Mas tinha coisas... Quando a gente não vivenciou aquilo, você não tem ideia, digamos assim. Então, por exemplo, ‘ah, vai dar tip¹⁵⁰’. Eu sempre dou ‘tip’, porque aquilo lá fez a minha vida no primeiro ano. (Sônia, 2022)

Sônia mostrou-se muito disponível para detalhar sua trajetória migrante, falar das atividades laborais a que se dedicou, tanto no Brasil como no Canadá. Seu relato, de onde selecionei apenas trechos e informações mais relevantes e específicas de mudanças em suas práticas, dá muitas pistas sobre reposicionamento em campos profissionais distintos no país de origem e no de destino. Por exemplo: ela descreveu ter sido empresária no Brasil e teve uma loja onde vendia cosméticos, roupas femininas e infantis. No Canadá,

¹⁴⁵ Turno.

¹⁴⁶ Uma região de praia bastante populosa no centro de Vancouver.

¹⁴⁷ Cidade de British Columbia que compõe a região metropolitana de Vancouver.

¹⁴⁸ Empresa de varejo canadense que atua em vários setores, como automotivo, lazer, esportes, utilidades domésticas, entre outros.

¹⁴⁹ *Immigration, Refugees and Citizenship Canada*.

¹⁵⁰ Gorjeta que se paga por serviços em bares, restaurantes e afins.

trabalhou como vendedora, assistente de gerente e gerente em mais de uma loja, ou seja, em funções hierárquicas abaixo das que se encontrava no Brasil, além de ter trabalhado em restaurantes, hotéis, loja de departamento e como recrutadora de mão de obra. Ela detinha o capital relacionado ao trabalho no comércio e no escritório de advocacia, acumulado em seu país de origem, tanto no atendimento a clientes quanto para lidar com funcionários, mas no Canadá passou a ocupar funções em que era subordinada a outras pessoas: *“Eu nunca tive chefe na minha vida no Brasil. Aqui eu tive chefe de toda nacionalidade, toda idade, toda... aí eu escutava uns absurdos, assim, meu deus...”*.

No contato que fiz com o primeiro grupo de entrevistadas, posteriormente, para colher possíveis mudanças e atualizações, **Cecília**, residindo agora em Ontário, disse não ter ainda saído a aprovação da residência permanente¹⁵¹, trouxe dados sobre autoidentificação racial que me chamaram atenção e serão expostos no capítulo III, numa seção específica sobre este tema. **Carolina** relatou uma mudança de trabalho, para ela bem significativa. Após três anos e meio de Canadá, ela e o marido haviam conseguido trabalhos na mesma área em que atuavam no Brasil. Ela, que estava trabalhando na recepção, como assistente de vendas, em uma multinacional, havia sido contratada, agora por uma empresa canadense, para trabalhar como “forecast analyst”, ou analista de previsão, e se disse bem “animada” com a nova empresa, com este passo na carreira. No mais, segundo ela, haviam entrado em um período de estabilidade. **Lívia** retornou minha pergunta sobre atualizações dizendo que havia mudado de emprego no começo de 2022. Em seu novo trabalho, uma grande empresa dos Estados Unidos do ramo da computação e produtos eletrônicos, ela entrou inicialmente como terceirizada e, seis meses depois, foi efetivada como funcionária.¹⁵² Ela acrescentou que estava recebendo um salário melhor neste novo trabalho (comparado ao que recebia na outra empresa), mas não considerava ainda justa sua remuneração, o que especulou ser pela condição de imigrante. Um tempo depois, por iniciativa própria, a entrevistada me contou, por mensagem do Instagram, que sua residência permanente havia sido aprovada, após um ano e dez meses de espera.

¹⁵¹Cecília esclarece, sobre o tempo de processamento dos pedidos de Visto Permanente, que o Canadá recebeu muitos refugiados ucranianos por conta da Guerra e que eles tinham prioridade na emissão do visto.

¹⁵²Lívia compara os dois locais de trabalho e comenta: *“Na (nome da empresa) eu não tenho tido, sentido, o preconceito que eu sentia no emprego anterior. Até por que o emprego anterior era uma empresa pequena, a maioria tudo canadense, australiano, pessoas do reino unido, então, pessoas que falavam o inglês, a língua era nativa, né? Então eu sentia muito preconceito com imigrante, porque eu acho que eu era a única imigrante assim recém-chegada que tava lá.”* (Lívia, 2022)

Elisa retornou meu contato, dizendo não haver nada relevante. **Joana** informou sobre a aprovação, somente em março de 2022, da solicitação de residência permanente feita em 2020. Sendo uma das participantes que também relatou durante a entrevista ter se separado do cônjuge sem oficializar o divórcio, ela entrou em detalhes deste processo nesse novo contato que fizemos e falou brevemente sobre seu novo relacionamento, agora com um canadense. Sobre o trabalho, ela estava aguardando uma promoção prevista também para 2022, quando passaria a ocupar um cargo de gerência na empresa onde trabalha há três anos, desde setembro de 2019 portanto¹⁵³. **Amanda** relatou ter parado de trabalhar para se dedicar integralmente aos estudos, a fim de voltar a exercer sua profissão futuramente. Ela contou também que havia conseguido a residência permanente após oito meses de aplicação e que estava morando com o “*namorado*” canadense e dois enteados, os quais ela descreveu como “*São minha família aqui, e meu porto-seguro agora.*” **Marcela** apenas informou sobre estar próximo o prazo (seria novembro de 2022) para dar entrada no divórcio e oficializar a separação de sua parceira, também brasileira, com quem imigrou para o Canadá.

Ouvir das brasileiras que entrevistei sobre algumas das inúmeras mudanças que experienciaram e observaram em suas trajetórias migrantes, refletir sobre como percebem práticas relacionadas ao cuidado do corpo, fazeres que dizem respeito à aparência, o olhar delas sobre a própria rotina e a aparente ressignificação de alguns comportamentos a partir da relação que elas estabelecem com o entorno, com as diferentes culturas que habitam British Columbia, com as novas atividades laborais e no espaço doméstico é sugestivo sobre as possibilidades diversificadas de se pensar o tema das migrações pelo corpo e, especificamente, sobre o trânsito de mulheres brasileiras pelo mundo. Ou, melhor dizendo, é possível colher pistas (uma vez que se trata de pesquisa qualitativa) a partir de trajetória migrantes de uma parcela das mulheres brasileiras que se deslocam. Isso porque o grupo de participantes desta pesquisa é composto por pessoas que faziam parte da classe média brasileira, cuja mudança de país significou expressivo investimento financeiro e mudanças significativas de status social.

Vale, por exemplo, considerar aqui que, durante as entrevistas, todas se referem, direta ou indiretamente, às vidas profissional e economicamente estáveis que tinham, a bens e recursos de que dispunham e ao custo elevado desta mudança para o Canadá. Em

¹⁵³Não incluí esta informação nas ocupações laborais das entrevistadas porque não confirmei sobre ter se realizado ou não a promoção para o cargo de gerência.

seus relatos, há informações sobre: a forma como se apresentavam vestidas no trabalho, em atividades de lazer, em práticas cotidianas como ir ao supermercado ou levar o cachorro para passear; seus hábitos de consumo, bem como as diferenças experimentadas em seu novo habitat; aos comportamentos e percepções da realidade e de si mesmas que adotam em seu novo país de residência. A regularidade com que frequentavam o salão de beleza; a maneira de se maquiarem em descrições como “bem marcada”, o batom vermelho, ou “mais forte”, a “sombra louca”; os tipos de acessórios utilizados como brinco, colar e salto alto; a escolha por roupas mais coloridas, estampadas ou “de marca”; a forma como se alimentavam e suas preferências, bem como outros aspectos de suas rotinas no Brasil são trazidas em vários momentos dos nossos diálogos, a partir das perguntas que fazia, sendo que tais descrições não somente dizem respeito a escolhas pessoais, mas situam-se em grupos profissionais, refletem poder aquisitivo, remetem a demandas familiares e sociais, lembram gostos e práticas culinárias regionais brasileiras.

Sobre hábitos modificados, a prática de ir à manicure com frequência no Brasil e alterar esta rotina na nova morada, aspecto pontuado por quase todas as entrevistadas, às vezes como a primeira alteração que descrevem, ao responder sobre possíveis mudanças na relação com o corpo, foi algo que me chamou atenção. A prática de esmaltar as unhas regularmente, a partir de suas falas, parecia não conter mais o mesmo significado que tinha quando moravam no Brasil; ao mesmo tempo, mantém-se como algo que se destaca, seja por se descreverem mais “desleixadas” neste processo de mudança, ou porque se perceberam mais “livres” para adotarem rotinas diferentes relacionadas à aparência ou formas diversas de se apresentar. Esta sensação de liberdade de escolha e de não imposição, cultural, social, familiar para que façam procedimentos estéticos, estejam magras, usem maquiagem, salto alto, estejam com unhas “feitas” aparece com um tom que eu diria de alívio por parte de algumas delas. Se, “objetivamente”, é possível afirmar que mulheres brasileiras não são “obrigadas” a adotar tais práticas e rotinas associadas a “cuidados pessoais ou de aparência”, à escolha por itens específicos de vestuário, vale considerar, igualmente, que não se tratam unicamente de escolhas individuais, já que meios profissionais, ambientes de lazer, grupos familiares, inseridos em culturas específicas, apresentam códigos e atribuem valor, reconhecimento ou discriminação, tratando comportamentos, modos de se apresentar, de se vestir, de se portar como mais desejáveis, belos, atraentes. O deslocamento para um novo país apresenta novas práticas, novas regras, possibilidades diferentes e seus códigos específicos, nem sempre traduzidos

prontamente ou reconhecidos pelas migrantes como pertinentes, a fim de que sejam adotados como hábitos.

Se esta sensação de liberdade no que se refere à aparência é referida em boa parte dos relatos, assim também acontece com a sensação de segurança que experimentam no Canadá. Não ter medo de andar na rua a qualquer hora ou em qualquer lugar foi algo que pessoalmente experimentei estando lá e de que senti muita falta ao retornar ao meu país. Algumas participantes relataram experiências no Brasil com assaltos, como aconteceu com Carolina e Tainá, por exemplo. A primeira disse que foi assaltada mais de uma vez e descreveu a última situação, em que teve o vidro do carro quebrado, seu braço e o de sua mãe feridos com os estilhaços. Ela fez referência também ao que percebeu da reação do filho pequeno após o episódio, mesmo sem presenciá-lo, apenas ao ver os ferimentos e o modo como ficou danificado o carro. Tainá contou que foi feita de refém durante um assalto a uma loja, também em São Paulo, dizendo que poderia ter morrido nessa situação e comparou em seguida com a possibilidade que tem de caminhar com tranquilidade em sua nova morada. Elisa falou que foi assaltada várias vezes, Marcela descreveu que chegaram a jogar lixo nela na rua por conta de sua orientação sexual, Paula confidenciou ter presenciado cenas muito difíceis, que tinha muitos pesadelos e várias alergias que simplesmente desapareceram, ao sair da cidade onde nasceu e morava antes de migrar. Quando são levadas a falar como foi a trajetória, como se deu o momento de decisão por sair do Brasil, as iniciativas para efetivar a mudança e os primeiros meses em British Columbia, surgem outras informações como: tipo de habitação em que residiam no Brasil, o medo da instabilidade econômica e seus efeitos na própria vida ou dos filhos, formas de obtenção dos recursos financeiros para a mudança de país, as estratégias utilizadas na trajetória (vender bens, aprender a cozinhar, definir sobre obtenção de visto de entrada no Canadá, estudo ou aprimoramento de inglês, entre outras). Essas e outras questões figuram nos diálogos que travamos, compondo histórias que se constroem neste processo e se refazem no país de destino.

Cecília, Carolina, Tainá, Livia, Elisa, Clarice, Joana, Graça, Paula, Amanda, Marcela e Sônia ainda têm história para contar. Mas antes de conhecermos mais um pouco sobre as experiências migrantes destas brasileiras e passarmos às reflexões sobre gênero e autoidentificação étnico-racial, imprescindível retomar o diálogo do início deste capítulo, com os autores que compõem o referencial teórico da pesquisa que realizei. Estes corpos em trânsito chamam atenção para o quanto, por exemplo, práticas habituais

em um contexto podem não somente se modificar, como também ser substituídas por outras completamente distintas, refletindo regras de conduta e convivência, expectativas relativas a imagem e postura, demandas por questões de ordem climática, possibilidades em função dos códigos partilhados pelo grupo. O olhar a que me proponho aqui é para as mudanças que um grupo de imigrantes brasileiras pode perceber durante sua trajetória, como podem se situar social, cultural e politicamente as composições de corpos-migrantes femininos e o papel da incorporação nesse processo, vivenciado em um país como o Canadá.

Assim como Mauss (2003) nos adverte sobre a posição dos braços ao caminhar não ter nada de individual e Le Breton (2012) afirma sobre não haver nada de natural nos gestos, expressões e mesmo na vivência da dor, podemos pensar que adotar ou não certas práticas relativas à aparência, deixar de gostar ou não do uso e cheiro de perfumes, priorizar ou não certos procedimentos estéticos, valorizar ou não atividades físicas, ainda que expressados de forma singular por cada participante, são constituídos socialmente nas relações que estas imigrantes vivenciam com elas mesmas, com pessoas íntimas e estranhas, próximas ou distantes, com a sociedade que as acolhe, além de símbolos, estímulos, imagens do entorno, sendo passíveis de sofrer traduções, modificações, atualizações. As imigrantes entrevistadas trazem consigo conjuntos de disposições, ou *habitus*, são dotadas de capitais econômicos, sociais e culturais, algumas também o de mobilidade (OLIVEIRA; KULAITIS,2017), que, se não tornam o grupo propriamente homogêneo - já que migraram de regiões diferentes, não fazem parte de um mesmo grupo profissional, têm idades diferentes -, dizem respeito a posições hierárquicas que ocupavam, a práticas reconhecidas e estimuladas pelos grupos e classe social de que faziam parte no Brasil, localizam social e historicamente estas mulheres, pautam questões que compõem seus corpos em seu país de origem e que podem em maior ou menor grau reposicioná-las em outras culturas, em novos países de residência.

Em seus relatos, as participantes apresentaram exemplos do quanto se percebem afetadas pela experiência de morar no Canadá, ao se referirem à segurança, às novas regras de convivência, às mudanças nas atividades laborais e nas posições hierárquicas ocupadas, aos itens disponíveis para alimentação (em se considerando possíveis restrições financeiras, de tempo e de ocupação do espaço doméstico no período inicial de mudança de país), às mudanças físicas e reações corporais experimentadas, assim como novas necessidades e escolhas de itens de vestuário, relacionadas à disponibilidade das lojas, ao

clima do novo país de residência e aos espaços pelos quais transitam. Estas são apenas algumas das questões que poderiam ser elencadas das entrevistas, mas já apontam as possíveis tensões com que lidam imigrantes ao entrarem em contato com o novo habitat e a sociedade de acolhimento, com suas características geográficas, sociais, econômicas, políticas, culturais. As descrições selecionadas a partir dos relatos das participantes sobre as formas de perceber, apresentar e cuidar do corpo, em práticas estéticas, nas maneiras de se vestirem, nos costumes alimentares, nas rotinas de atenção à saúde e acesso à assistência médica, bem como as mudanças que se processam durante a trajetória migrante, sinalizam a importância de tomarmos a perspectiva da dinâmica relacional na constituição de indivíduos e sociedades nos estudos em sociologia, como nos lembra Elias (2004).

O encontro com novas práticas, que não dizem respeito somente aos costumes canadenses, mas também hábitos de grupos culturais os mais diversos que habitam BC, e as possibilidades iniciais de inserção destas migrantes nos diferentes campos pelos quais passam a transitar, podem ser traduzidos em seus corpos, nos distintos modos de apresentar, de consumir, de se relacionar com necessidades físicas, de se expressar. Evitar ou não o uso de perfumes, diminuir ou não o uso de maquiagem, modificar ou não adereços como brincos e colares, escolher cores mais sóbrias em suas vestimentas, deixar de usar sapatos altos, engordar ou emagrecer muito significativamente foram relatados no contexto da trajetória migratória destas mulheres. Para além de escolhas e práticas individuais, tratam-se de objetivações das experiências destes corpos em trânsito, compondo-se em contato permanente com a alteridade. Em que medida podem ser traduzidas como estratégias de inserção nos novos grupos, dizem respeito a processos de integração ao Canadá, são definidas pelas necessidades moduladas de pertencimento à nova cultura, tornam-se recursos de suavização ou mesmo apagamento de disposições forasteiras? Por outro lado, como se fazem as estratégias de resistência, de manutenção de práticas que vinculem estes corpos a símbolos associados ao Brasil e à brasilidade de mulheres que vivem no exterior? No próximo capítulo, vamos continuar trilhando com elas os caminhos da imigração e do corpo, ampliando nossa reflexão para as questões de gênero e raça. Neste percurso, as imagens e conceitos até então discutidos ganham contornos significativos, potencializados pela perspectiva interseccional.

CAPÍTULO III – GÊNERO E MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: MULHERES EM MOVIMENTO

3.1 Mulheres e os estudos migratórios: invisibilidades, estereótipos, estigmas, estratégias de resistência

Reflexões em torno do apagamento, silenciamento e invisibilidade das questões relacionadas à diferença e à fluidez dos marcadores identitários, aos femininos possíveis, às contribuições das mulheres nos mais diversos campos de atuação são mais frequentes na atualidade, fomentando perspectivas mais críticas e consistentes de análise. Valioso, nesse percurso, atentar em não reproduzir conceitos essencialistas, que naturalizam, portanto, “corpos-migrantes femininos”, que tratam a diferença de forma totalizante, atribuindo a priori características, funções, papéis, restrições, expressões, habilidades, impossibilidades, identidades estanques, reforçando estigmas¹⁵⁴ e preconceitos de diversas ordens. Avtar Brah (2006) discorre sobre as generalizações e estereótipos etnicistas presentes nas definições de necessidades culturais e reforça ser preciso mais “clareza conceitual” ao analisar a diferença, sinalizando que a questão-chave é quem a define e se a diferenciação se dá “lateral ou hierarquicamente”.

Nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais, não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes”. Cada descrição está referida a uma condição social específica. Vidas reais são forjadas a partir de articulações complexas dessas dimensões (BRAH, 2006, p.341).

Iana Moutian e Miriam Rosa (2015) apontam que o que se entende e se performatiza por gênero é definido em contextos sociais e históricos específicos e destacam a relevância de se tratar das especificidades de gênero, especialmente no que se refere a mulheres e minorias sexuais, nas análises das relações de poder relativas à imigração.

¹⁵⁴ Para efeito do que pretendo discutir neste texto, considero válida a seguinte referência: “O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso.” (GOFFMAN, 2008, p. 13).

Dessa forma, torna-se crucial identificar a posição simbólica que os imigrantes ocupam no discurso e como gênero, classe e outras categorias sociais intersectam com essa posição, que são produzidas e reproduzidas nas estruturas políticas e sociais, reiterando discursos que oscilam entre vítima, exótico e ameaça, reiterando a posição fetichizada do outro (MOUNTIAN; ROSA, 2015 p.158).

Glaucia Assis e Ethel Kominsky (2007) sinalizam que as mudanças nos “movimentos internacionais de população” do final do século XX, além de se caracterizarem por maior diversidade étnica, de classe e por intrincadas redes de relações próprias de fluxos transnacionais, contaram igualmente com aumento significativo da participação feminina. As autoras destacam sobre a maior visibilidade numérica das mulheres nestes deslocamentos, os questionamentos provocados por teóricas feministas acerca da necessidade de estudos que tratassem da articulação entre gênero e migração e afirmam sobre a perspectiva que adotam, ao refletir sobre gênero e migrações na atualidade: “(...) não se trata de reconhecer a importância proporcional das mulheres ou sua contribuição econômica e social nos processos de migração e adaptação, mas de considerar como os discursos e as identidades de gênero se redefinem nesses processos” (ASSIS; KOMINSKY, 2007, p. 696).

Rosana Albuquerque (2005) também faz pertinente discussão sobre a importância em focar a situação de mulheres nos estudos migratórios, com destaque às suas trajetórias e às teias de relações em que estão inseridas, evitando-se adotar rótulos, identidades fixas. A autora alerta, igualmente, que sejam consideradas questões sobre raça, classe, etnicidade, devidamente situadas histórica, social e culturalmente e que a própria categoria “mulher” seja compreendida como não uniforme.

As recentes abordagens feministas das migrações têm sido unânimes em salientar que a situação das mulheres passa por uma análise multidimensional que proceda à articulação das questões de gênero, de classe e de pertença étnica e da análise do modo como cada uma destas variáveis influencia as outras e, em simultâneo, é por elas influenciada. Assim, as vivências das mulheres imigrantes e ou de minorias – a sua posição no mercado de trabalho, as relações com a família, o seu grau de autonomia, de participação ou de inserção social – dependem da forma como estas variáveis se conjugam. Outras variáveis como a orientação sexual e a idade são também consideradas importantes para compreender a complexidade e pluralidade das trajetórias de cada mulher (ALBUQUERQUE, 2005, p. 38).

Em se tratando da experiência de mulheres migrantes, é possível observar que algumas questões costumam ter destaque, como os estudos que abordam as possibilidades de inserção feminina no mercado de trabalho nos países de destino, a respeito das mudanças nas relações familiares e de gênero, acerca de especificidades atinentes à saúde

sexual e reprodutiva bem como a modos diversos de vivenciar gestação e maternidade. Sobre este último tópico, há pesquisas importantes sobre como equipes de assistência social e de saúde em países como Portugal, por exemplo, abordam imigrantes vindas de países do continente africano, cambiando entre posturas fortemente assistencialistas e/ou marcadamente preconceituosas, uma vez que boa parte de seus comportamentos sexuais, gestacionais e de cuidado/maternagem são considerados inapropriados, problemáticos e carentes de orientação profissional para que sejam modificados. Desde a pressão para uso de implantes contraceptivos e “ameaças” de não serem mais atendidas caso engravidem novamente, aos questionamentos inconsistentes sobre a educação de seus filhos e filhas, estas imigrantes se veem submetidas a uma série de julgamentos sobre suas crenças, ações e estilos de vida quando buscam atendimento médico ou solicitam algum tipo de suporte social, como nos apresentam Elizabeth Challinor (2012) e Chiara Pussetti e Vitor Barros (2012)¹⁵⁵ em suas publicações.

Em termos gerais, estes estudos nos alertam tanto para formas de violência sofridas por estas imigrantes, como também para os processos de estigmatização e discriminação a que grupos específicos estão sujeitos a depender das políticas de recepção de migrantes adotadas por cada país. Tanto nos chama atenção o despreparo de equipes profissionais de saúde acerca de questões básicas sobre diversidade cultural, quanto fica evidente a necessidade de ampliarmos as discussões sobre como as hierarquizações baseadas nas diferenças de gênero, classe, raça, etnia impactam a vida e a segurança, particularmente, de imigrantes que compõem os grupos mais vulneráveis. Um número considerável de pesquisas tem também buscado conhecer e analisar as diversas formas de violências sofridas por mulheres e meninas imigrantes, ao tratar sobre tráfico de pessoas, prostituição, turismo sexual, exploração sexual, assédio, precarização do trabalho, destacando como diferentes níveis de desigualdade, expressões variadas de preconceito e discriminação, assim como os estigmas vinculados à nacionalidade podem colocar em

¹⁵⁵ Considero válido destacar o trecho a seguir, a fim de situar parcialmente a discussão apresentada pelos autores sobre a assistência ofertada a imigrantes em Portugal: “Mesmo quando tal não é claramente formulado, devido às suas assunções de base, os sectores de apoio social têm visado cada vez mais as populações migrantes, entrando, por exemplo, nos bairros sociais através de projetos de proximidade às comunidades. Programas que têm tido a particularidade, nos últimos tempos, de ir além de aliviar as condições de pobreza destas populações: eles desenvolvem atividades que intervêm profundamente na organização do seu quotidiano, orientando o seu comportamento, corpos, moralidade e estilos de vida” (PUSSETTI; BARROS, 2012, p. 1).

risco a vida e a segurança dessas migrantes, ou mesmo situá-las em posições menos favorecidas no mercado laboral. Sobre as ofertas de trabalho, por exemplo, temos que:

Os estudos sobre relações de trabalho chamam a atenção para os efeitos da mundialização, que torna os empregos mais precários e vulneráveis, inclusive na Europa: os empregos são instáveis, mal pagos, desvalorizados, sem possibilidades de promoção e com direitos sociais limitados ou inexistentes, características que afetam particularmente as mulheres e as/aos migrantes. Nesse marco, latino-americanas e, entre elas, brasileiras que pertencem às camadas médias, nos locais de origem, tendo, inclusive, diplomas universitários, acabam se sujeitando a empregos desvalorizados em países do Norte. No processo migratório, essas migrantes pertencem a duas categorias sociais diferentes de acordo com sua inserção no país de origem e no país de destino (PISCITELLI, 2007, p.738).

Tais evidências nos apontam a necessidade de trazer ao debate as especificidades com que se deparam mulheres que se deslocam, temporária ou permanentemente para outros países. Não se trata aqui de refletir sobre esse campo de pesquisa como algo homogêneo. A proposta é enfatizar exatamente sua rica heterogeneidade, considerar as questões atinentes a cada situação de possível vulnerabilidade, tratar de aspectos pouco explorados ou mesmo invisibilizados acerca dos deslocamentos internacionais, aqui particularmente abordando a vivência de brasileiras que saíram do Brasil e residem no Canadá. Uma vez que os processos de mobilidade humana se modificam e se complexificam é fundamental que novos olhares sejam produzidos, possibilitando análises mais profundas e consistentes das realidades sociais na atualidade. Na próxima seção, proponho uma breve discussão sobre a categoria gênero para situar sobre suas possibilidades de articulação com raça, classe, etnia nesta pesquisa.

3.2 Os estudos de gênero e a importância de compreendermos “corpos-migrantes” para além de binarismos.

Miriam Grossi (1998, p. 1)¹⁵⁶ afirma que os estudos de gênero seriam consequência das lutas e movimentos libertários da década de 1960, como “as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os Black Panthers, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil”. Sob a inspiração da busca por igualdade, segundo a autora, as mulheres que deles

¹⁵⁶ Artigo revisado em 2010.

faziam parte perceberam que mantinham papel secundário, embora lutassem “em pé de igualdade com os homens” (GROSSI, 1998). Para a autora, destacam-se os movimentos feminista e gay nos questionamentos das relações afetivo-sexuais que compunham a intimidade das vidas privadas.¹⁵⁷ Ela ainda situa que, a partir dos anos 80, o foco deixa de ser “a condição feminina” para estudos sobre as mulheres, abrindo espaço às diferenças entre as mulheres brasileiras, como as de classe, relativas à regionalidade, as de *ethos*, entre outras. O que ainda persistiria neste momento seria a referência biológica para a definição das mulheres, a partir do entendimento de uma determinada “morfologia do sexo feminino”¹⁵⁸, algo que passa a ser questionado pelos estudos de gênero.

(...) a ciência que aprendemos desde a escola reflete os valores construídos no Ocidente desde o final da Idade Média, os quais refletem apenas uma parte do social: a dos homens, brancos e heterossexuais. Sempre aprendemos que Homem com H maiúsculo se refere à humanidade como um todo, incluindo nela homens e mulheres. Mas o que os estudos de gênero têm mostrado é que, em geral, a ciência está falando apenas de uma parte desta humanidade, vista sob o ângulo masculino, e que não foi por acaso que, durante alguns séculos, havia poucas cientistas mulheres. (GROSSI, 1998, p.4)

Para Mirian Grossi, gênero diz respeito ao que é determinado social, cultural e historicamente, sendo permanentemente ressignificado pelas relações concretas entre as pessoas. Em sua argumentação, ela discorre sobre papéis de gênero, identidades de gênero e problematiza a associação ocidental entre sexualidade e gênero, “como se fossem duas coisas coladas uma à outra” (GROSSI, 1998, p. 9). Ela segue pontuando que, assim como os papéis atribuídos a cada gênero são culturalmente definidos, as práticas eróticas humanas também o são.

Considero que devemos distinguir identidade de gênero de práticas afetivo-sexuais, porque a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas, como os papéis de

¹⁵⁷O trecho a seguir esclarece este ponto: “O campo de estudos que hoje chamamos no Brasil de gênero ou relações de gênero surge nos anos 1970/1980 em torno da problemática da condição feminina. Inicialmente se pensava que havia um problema da mulher que deveria ser pensado unicamente pelas mulheres, reflexo de uma das práticas do movimento feminista, a da não-mixidade. (...) Estes primeiros estudos, que no Brasil se iniciam com a tese defendida por Heleieth Saffioti no final dos anos 1960 intitulada “A mulher na sociedade de classes”, tinham como preocupação estudar a opressão da mulher nas sociedades patriarcais.” (GROSSI, 1998, p. 3)

¹⁵⁸Considero válido incluir a seguinte reflexão: “A diferença entre os sexos fundou talvez a primeira e a mais duradoura justificativa de desigualdade, dando lugar à expressão de *ethos* sexuais diferentes, na maior parte das vezes em relação assimétrica de poder: o masculino e o feminino. A conquista gerou, por sua vez, a justificativa mais generalizada da desigualdade entre os povos (o poder faz o direito – *Might is Right*), que fundamenta, até hoje, ainda que parcialmente, os estados e a sua soberania.” (GUIMARÃES, 2009, p.213)

gênero e o significado social da reprodução. Além de diferentes formas de interpretar a situação das mulheres em nossa cultura, categorias como sexo e gênero, identidade de gênero e sexualidade são tomadas muito seguidamente no Brasil como equivalentes entre si. De uma forma simplificada, diria que sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; que gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais); que identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada e que sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos. (GROSSI, 1998, p.12)

Joan Scott (1995), propõe o entendimento da categoria “gênero” a partir de sua história, de seu percurso político, assinalando questões importantes sobre sua relação com as teorias feministas, as teorias sociais, a psicanálise. A autora problematiza seus usos e as implicações sociais, políticas relacionadas às diferenças historicamente normatizadas entre os sexos como atributos naturais de homens e mulheres, bem como as hierarquizações que sustentam relações de poder desiguais e excludentes, que submetem o feminino, suas expressões e representações. Ela situa o uso mais recente do termo gênero entre as feministas norte americanas, em função de seu caráter social e porque “(...) indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades” (SCOTT, 1995, p. 3). De acordo com sua proposição, é preciso “rejeitar o caráter fixo e permanente da posição binária”, historicizar e desconstruir os termos da diferença sexual, além de “submeter as categorias à crítica” e as “análises à autocrítica”.

Lélia Gonzales (2020), ao defender o que chama de “feminismo afro-latino-americano”, argumenta não apenas sobre a necessidade de a sociedade brasileira reconhecer suas profundas contradições e desigualdades fundadas na ideia de raça, mas também as demais sociedades que compõem a América Latina. Ela ressalta a importância teórico-prática do feminismo em levantar pautas fundamentais para luta e conquista de direitos das mulheres e mesmo na ressignificação sobre “ser mulher”, destacando particularmente as análises produzidas pelo movimento sobre o “capitalismo patriarcal” ou “patriarcado capitalista”, que “evidenciou as bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres” (GONZALES, 2020, p. 38). Ao mesmo tempo, a autora faz severas críticas ao movimento e evidencia a necessidade de se destacar as especificidades relativas à questão racial e os processos de desigualdades, discriminação e opressão, em função do caráter multirracial e pluricultural das sociedades latino-americanas. No que diz respeito

às mulheres latino-americanas, assim, a autora destaca a condição de “amefricanas” e ameríndias como particularmente marcada pelas desigualdades produzidas por esse sistema que hierarquiza sexual e racialmente as diferenças, relegando à subalternidade parcela expressiva das mulheres não brancas da região. Sobre racismo¹⁵⁹, Lélia Gonzales afirma:

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais (GONZALES, 2020, p. 42).

Sônia Alvarez (2014), ao refletir sobre as mudanças dos feminismos no Brasil e América Latina no artigo intitulado “Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista”, propõe uma “linguagem conceitual, um aparelho interpretativo uma nova unidade de análise” definida por ela como “campos discursivos de ação” no lugar de movimentos feministas. A autora defende que o debate entre autenticidade e pertencimento, entre as incluídas e excluídas é um dos componentes discursivos que articula o campo feminista. (ALVAREZ,2014, p.16)

Vou sustentar que como e onde “buscamos”, o feminismo “em movimento”, inevitavelmente, informa o que conseguimos enxergar e, conseqüentemente, flexiona como podemos imaginá-lo, teorizá-lo, e portanto, praticá-lo. Ruminar, discursar, discordar, e até delirar sobre o estado do movimento e diagnosticar a sua saúde em relação ao passado, às suas perspectivas atuais, e ao seu futuro, imediato ou distante, são passatempos corriqueiros entre aquelas (e alguns aqueles) que se identificam com o que proponho que entendamos como “campo(s) discursivo(s) de ação”, ao invés de movimento(s), feminista(s) (ALVAREZ, 2014. p15).

A autora sustenta que, assim como os demais movimentos sociais, o movimento feminista se expande para além da sociedade civil, estendendo-se verticalmente ao encontro de sociedades políticas, do Estado, assim como outros grupos dominantes nacionais e transnacionais. Para ela, os “campos discursivos de ação” se configuram em ampla gama de atoras, atores, individuais, coletivos, assim como lugares sociais, culturais

¹⁵⁹Em outra oportunidade, (GONZALES, 1988, p.72) discorre sobre “racismo aberto” e “racismo por denegação”: o primeiro, característico de sociedades de origem anglo-saxônicas, germânica ou holandesa, define ser negra toda pessoa que tenha tido antepassados negros, teria na miscigenação algo impensável e na segregação de grupos não-brancos a solução para reafirmar a superioridade branca. Para o segundo, “disfarçado”, prevalecem “as teorias da miscigenação, da assimilação e da ‘democracia racial’”, de acordo com a autora.

e políticos, que se articulam formal e informalmente, em “redes político-comunicativas” nas quais circulam, se cruzam e entrelaçam “pessoas, práticas, ideias e discursos”.

Como conjuntos de ideias, pressupostos, temas e interpretações, os discursos feministas constituem um universo de significados que se traduzem ou se (re)constroem ao fluir ao longo de diversas teias político-comunicativas, norteando as estratégias e identidades das atoras/es que se coligam nesse campo (ALVAREZ, 2014, p19).

De acordo com sua perspectiva, não se trata de espaços pré ou para-políticos, mas sim campos em fluxo, que se fazem e refazem, constroem e reconstróem, periodicamente produzindo novos campos, em interações dinâmicas com os campos de poder em que se inserem em dadas conjunturas históricas. Neste processo, contextos distintos tanto podem permitir, facilitar e estimular discursos, expressões e práticas feministas como também circunscrever, disciplinar, reprimir e mesmo criminalizar outras.¹⁶⁰ Sua argumentação segue apresentando que o campo feminista contemporâneo no Brasil e em muito da América Latina já teria nascido plural e heterogêneo, em interessante problematização de como a “história oficial do feminismo” caracterizou cada momento emblemático desta trajetória. Sua proposta é de uma “reavaliação metodológica de como aprender, elucidar e interrogar os movimentos”, para tanto sendo necessária uma unidade de análise diferente.

Há também outras teias e discursos articuladores que caracterizam o atual momento. Debates sobre as corporalidades, sexualidades, e identidades de gênero também têm sido particularmente marcantes, como, por exemplo, o transfeminismo, o transgênero, o pós-gênero, o queer, e outros debates trazidos pelas trabalhadoras do sexo, mulheres trans, lésbicas e bissexuais. Outros setores, como as Marchas das Vadias, contribuem para as discussões ao impelirem o campo feminista para além dos binarismos de gênero, muito além dos essencialismos corporais – mesmo diante de contínuas resistências. Esses discursos fundamentalmente implodem não só a categoria “mulher”, mas a própria noção do feminismo, de quem seriam os seus sujeitos privilegiados e sua visão de mundo compartilhada – elementos centrais na constituição de campos discursivos de ação, incluindo tanto o universo trans quanto os movimentos de mulheres negras (ALVAREZ, 2014, p. 44).

Considero particularmente interessante tal abordagem, que problematiza “caraterísticas”, sejam ou não biológicas, atribuídas às “mulheres”, assim como as possibilidades de entendimento dos feminismos, enquanto movimentos em defesa dos

¹⁶⁰“Em efeito, o poder, os conflitos, as lutas interpretativas, as disputas político-culturais também são elementos constitutivos do campo feminista. Como é o caso em todas as formações políticas, os campos discursivos de ação movimentistas estão sempre minados por desigualdades e relações desiguais de poder.” (ALVAREZ, 2014, p.19)

direitos das mulheres¹⁶¹. Quais são os grupos contemplados nas disputas que aí se configuram? De que corpos e subjetividades estamos falando afinal de contas? Berenice Bento (2006) também problematiza¹⁶² a naturalização dos corpos e os conceitos que definem diferenças de gênero, quando trata de transexualidade e das contribuições dos estudos queer, situando acerca das mudanças advindas da radicalização em desnaturalizar esses corpos e ressignificar a compreensão das identidades de gênero. Para a autora, “A construção da identidade de gênero é um processo de longa e ininterrupta duração” (BENTO, 2006, p.95). Um dos destaques de sua proposta está relacionado aos jogos de poder e aos processos de hierarquização e exclusão relacionados às “formas idealizadas de gênero” e seus “regimes de verdade” os quais são mantidos, reproduzidos e confirmados a partir de sucessivas reiterações. Sustentata pela noção de performatividade proposta por Butler¹⁶³, ela discorre sobre gênero não se tratar de uma “essência interna”, nem uma identidade estável, propondo que “ser de um gênero” seria, antes de tudo, “fazer gênero”.

O gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza (BENTO, 2006, p. 90).

A referida autora apresenta interessante reflexão acerca da interiorização de práticas encontradas pelos sujeitos ao nascer e que configuram maneiras de ser comuns a

¹⁶¹Aqui destaco um trecho de Lelia Gonzales: “Tomo um exemplo de definição do feminismo: ele consiste na ‘resistência das mulheres em aceitar papéis, situações sociais, econômicas, políticas, ideológicas e características psicológicas que tenham como fundamento a existência de uma hierarquia entre homens e mulheres, a partir da qual a mulher é discriminada’”. (GONZALES, 2020, p. 38)

¹⁶²Sobre a forma como a autora problematiza a as diferenças entre os sexos: “A visão que define gênero como algo que as sociedades criam para significar as diferenças dos corpos sexualizados assenta-se em uma dicotomia entre sexo(natureza) versus gênero(cultura). Segundo essa visão, cada criatura moldaria, imprimiria, suas marcas nesse corpo inerte e diferenciado sexualmente pela natureza. Ao contrário, segundo Butler, podemos analisar gênero como uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares e que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. Uma das formas para se reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, com aparências ‘naturais’ e dispositivos heterossexuais naturais. A heterossexualidade constitui-se em uma matriz que conferirá sentido às diferenças entre os sexos.” (BENTO, 2006, p. 87)

¹⁶³Segundo a autora : « As performances de gênero seriam ficções sociais impositivas, sedimentadas ao longo do tempo, e que gerariam um conjunto de estilos corporais que aparecem como uma organização natural (e daí deriva seu caráter ficcional) dos corpos em sexos. Dessa forma, a performatividade não é um ‘ato’ único, singular: são as reiterações das normas ou do conjunto de normas. O fato de adquirir o status de um ato presente gera o ocultamento das convenções das quais deriva. Além disso, esse ato não é originalmente teatral: sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade não pode ser a todo tempo revelada” (BENTO, 2006, p.92).

cada gênero em fase de socialização primária, utilizando a teoria de Bourdieu e suas definições de *habitus e campo* para abordar a construção das identidades de gênero e também suas possibilidades de interpretação subjetiva, com margens à produção de contra-discursos e o que ela chama de “fissuras na ordem de gênero”.¹⁶⁴ Guacira Lopes Louro (2004) também nos lembra que as afirmações “É uma menina” ou “É um menino” decidem sobre o rumo, a direção de um corpo, num processo em que características físicas são vistas como diferenças e carregam significados culturais, afirmando-se, assim, o que ela chama de “sequência sexo-gênero-sexualidade”. Sua argumentação nos alerta para: “O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário” (LOURO, 2004, p. 15).

O objetivo de trazer tais questões à discussão numa pesquisa voltada à imigração de mulheres brasileiras é justamente apresentar, ainda que muito brevemente em se considerando a complexidade do tema, tanto a diversidade deste campo de investigação quanto as especificidades que precisam ser consideradas para o presente estudo. Não se pode falar sobre “mulher” ou “imigrantes brasileiras” em poucas linhas e como categorias estáticas ou definidas por si mesmas. Imperioso examinar as condições em que se forjam as travessias migratórias, situá-las em tempos e lugares de partida e chegada, pensá-las mais como movimento do que como pontos fixos de chegada. Muitas são as mulheres possíveis, estejam ou não em trânsito por países distintos, porque múltiplos são os corpos que se fazem e refazem nestes tempos de porosidades nascentes, fronteiras borradas, fluidez de identidades, que caminham junto a extremismos políticos assustadores, desigualdades e misérias aprofundadas, trabalhos precarizados, crises humanitárias e climática, para não citar tantas outras pautas urgentes. Feitas, assim, estas breves considerações sobre as articulações possíveis da categoria de gênero em suas intersecções com raça, classe, etnia para pensar sobre feminização das migrações internacionais, como

¹⁶⁴Considero válido trazer o seguinte trecho, em que a autora articula o conceito de *habitus* para discutir gênero: “Na socialização primária começam a ser estruturadas as primeiras disposições duráveis, que Bourdieu chama de *habitus*. Ainda que o autor, ao propor o conceito de *habitus* não o faça vinculando-o diretamente à produção dos gêneros, parece-me possível falar de um ‘*habitus* de gênero’, construído pela reiteração, que, na socialização primária, encontrará nas instituições familiares, escolares e religiosas os responsáveis por este processo de reprodução das verdades que, pouco a pouco, vão se naturalizando e sendo incorporadas. Por meio da ‘manipulação’ teórica desse conceito, pode-se entender como indivíduos, ao nascerem, já encontram uma complexa rede de funções estruturadas, bem definidas, e como, com o convívio social, passam a interiorizar maneiras de ser comuns a seu gênero” (BENTO, 2006, p. 95).

podemos refletir sobre as possibilidades de “ser brasileira” ao tratar de migrações internacionais?

3.3 Ser brasileira além-fronteiras: entre corpos, sorrisos, dilemas e riscos.

Você já se sentiu discriminada? Já foi abordada de forma discriminatória, machista por ser brasileira? Acho que não. Não que eu me lembre pelo menos. (Pausa). Às vezes já fui, e a gente tá tão acostumada que a gente não percebe, né? (Carolina, 2021)

Investigar as experiências de imigrantes brasileiras em terras canadenses traz à tona questões pertinentes como: as possíveis mudanças na forma como percebem e se relacionam com seus corpos em novo contexto de vida; como tem se constituído a relação com a diferença no contato que estabelecem com a diversidade de culturas presentes no novo país de residência; possíveis mudanças, mais ou menos significativas, nos cuidados e atenção conferidos ao corpo nesta experiência; de que forma as mudanças do clima e novos hábitos de alimentação podem compor este processo; os impactos possíveis na produção do corpo da imigrante brasileira que vive num contexto político, social e cultural como o canadense, o qual afirma defender a segurança das pessoas e respeitar a diversidade; entre outros aspectos relevantes.

Algumas questões sobre a forma como brasileiras são vistas e tratadas no exterior costumam chamar atenção, como nos adverte Adriana Piscitelli, ao afirmar que “Essas migrantes são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade. Refiro-me às noções sexualizadas e racializadas de feminilidade pelo fato de serem brasileiras” (PISCITELLI, 2008, p.269). A autora nos oferta consistente reflexão ao tratar da feminização das migrações internacionais, partindo também de uma perspectiva crítica da categoria de gênero e ressaltando a relevância das análises pautadas pela interseccionalidade.¹⁶⁵ Neste ponto, vale destacar a

¹⁶⁵Kimberle Crenshaw assinala a importância de atentarmos para o que acontece quando diversas formas de discriminação se combinam, uma vez que nem sempre se tratam de grupos distintos, mas sim sobrepostos, e afirma, sobre o conceito forjado por ela, que seu desafio é abordar “diferenças dentro da diferença.” Em suas palavras: “(...)o problema interseccional não está simplesmente no fato de não abordar um único tipo de discriminação de forma completa, mas no fato de que uma gama de violações de direitos humanos fica obscurecida quando não se consideram as vulnerabilidades interseccionais de mulheres marginalizadas e, ocasionalmente, também de homens marginalizados.” (CRENSHAW, 2002, p. 178)

importância de adotar na presente pesquisa uma perspectiva que considere não somente múltiplas formas de discriminação, mas as possíveis sobreposições de forças hierarquizantes e discriminatórias, bem como seus efeitos e possíveis estratégias de resistência a depender do grupo a que nos referimos. Kimberlé Crenshaw (2002) alerta-nos para as dificuldades atinentes à identificação de tais processos quando:

A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível. O efeito disso é que somente o aspecto mais imediato da discriminação é percebido, enquanto que a estrutura que coloca as mulheres na posição de receber tal subordinação permanece obscurecida. (CRENSHAW, 2002, p.176)

Kátia Belisário, Elen Cristina Geraldês e Dione Moura (2013) discutem sobre como os estereótipos vinculados às brasileiras são produzidos social e historicamente, como parte de uma lógica que serve à divisão de poderes mantida pela crença em traços depreciativos do feminino, que posicionam as mulheres desigualmente em função do gênero.

Inúmeras situações e contextos socioeconômicos e culturais levaram a que o Brasil fosse incluído na rota internacional de exploração sexual da mulher. Rota essa que inclui escravização de mulheres que são levadas para a Europa e lá mantidas em cativeiro, tendo de prostituir-se até que paguem a “conta” das despesas de viagem. Embora pareça absurdo, é coerente com o histórico do lugar da mulher no Brasil (basta, lembrar, por exemplo, a escravização e a exploração da mulher negra e indígena durante a colonização) (BELISÁRIO, GERALDES E MOURA, 2013, p. 468).

As autoras referidas articulam estas proposições de maneira a situar sobre imagens e discursos a respeito das mulheres brasileiras produzidas localmente¹⁶⁶ e veiculadas pela imprensa internacional, alertando particularmente sobre as implicações da visão colonizadora acerca das nossas origens. Partindo do entendimento de que a objetificação e sexualização da brasileira mantém-se alimentada por quem se beneficia da possibilidade de explorar direta ou indiretamente tais representações, as autoras tecem severas críticas

¹⁶⁶Lívia, uma das brasileiras que entrevistei para a presente pesquisa, relata a experiência que teve em uma de suas viagens, referindo-se à imagem veiculada no exterior sobre as brasileiras: “(...) eu acho que um pouco o Brasil promove isso de certa forma, né. Daí quando a gente sai pra explorar, eles acham que aquilo que eles veem em filme, no carnaval, é aquilo que é o... A mulher brasileira é daquele jeito né. Eu tive uma situação de conhecer um cara numa viagem que eu fiz, um holandês, e ele falou abertamente que a mulher brasileira é fácil, que a mulher brasileira é desesperada, que ele tinha ido pra algum lugar no nordeste morar e a menina ficou desesperada querendo ir pra cama com ele.” (Lívia, 2021)

às mídias, local e internacional, por enquadrarem as mulheres em expectativas e categorias que as submetem a papéis e lugares fixos e tradicionalmente definidos.

Adriana Piscitelli (2007) apresenta interessante caminho de pesquisa e nos chama atenção sobre corporalidade e gênero, ao tratar de estilos de erotização presentes nos processos de concorrência no mercado de sexo contemporâneo¹⁶⁷. Ela toma como referência a inserção de brasileiras para trabalho sexual na Espanha, ressalta como “marcas de gênero” e desigualdade se redefinem no contexto atual global e pondera sobre como erotismo e exotismo assumem novos conteúdos em tempos de “consumo da alteridade” facilitado.¹⁶⁸ Embora sinalize que o “debate público brasileiro” se dê em torno da imagem fortemente sexualizada marcada pela nacionalidade e pela cor de brasileiras imigrantes¹⁶⁹, a autora traz à tona outros atravessamentos presentes na relação dessas mulheres com o mercado do sexo na Espanha, a partir das entrevistas que realizou. Questões sobre o “temperamento” são enunciadas como prioritárias, por exemplo, pelas entrevistadas, o que abre espaço para reflexões ampliadas acerca dos estereótipos associados às brasileiras no exterior.¹⁷⁰

Elas afirmam que são portadoras de um temperamento naturalmente sensual e, sobretudo, carinhoso, alegre (com especial inclinação a brincadeiras e risos), bondoso, tranquilo, no sentido de evitar brigas, e de simpatia. Confrontando as percepções dessas mulheres com as dos consumidores e empresários da indústria do sexo, cabe perguntar sobre o alcance do privilégio que a atribuição desse temperamento outorga em relação às concorrentes. Contudo, é importante sublinhar que na percepção delas o temperamento é o que lhes confere singularidade. De outra maneira, a suposta superioridade concedida à brasilidade em virtude de uma sexualidade exacerbada, associada a um saber específico e vinculada à valorização da cor (morena) é algo secundário. (PISCITELLI, 2007, p. 27)

¹⁶⁷A autora propõe esta discussão a partir de pesquisa exploratória antropológica realizada por ela com mulheres brasileiras inseridas em diferentes segmentos da ‘indústria do sexo’ na Espanha.

¹⁶⁸A autora traz como referências para tais reflexões: Appadurai (1996), Leclerc (1976) e Kempadoo (2004).

¹⁶⁹Sobre este ponto, o seguinte trecho traz um adendo importante: “No âmbito transnacional, elas tendem a ser erotizadas por meio de uma construção de nacionalidade atravessada por gênero que é racializada e sexualizada, mas não necessariamente associada às ‘cores’ de pele escura (Pontes, 2004; Piscitelli, 2004). E a operação desse jogo de categorias aparece na percepção sobre as brasileiras inseridas ou não na indústria do sexo” (PISCITELLI, 2007, p.18).

¹⁷⁰Vale destacar que a autora se refere a regularidades encontradas nos discursos e não à homogeneidade de perfis das entrevistadas. Sendo assim, podemos apontar aqui como exemplos, o projeto de retorno ao país de origem e a ligação que boa parte delas estabelece com o Brasil, não somente nas visitas frequentes das que se encontram regularizadas, mas também no envio de remessas de dinheiro e presentes a familiares, revelando o caráter transnacional desses deslocamentos e suas implicações tanto para quem sai do Brasil como também para os que ficam, como mães, pais, filhos, filhas, etc, já que muitas dessas mulheres fazem parte de famílias numerosas.

Em outro texto, intitulado sugestivamente de “Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do ‘turismo sexual’”¹⁷¹, a referida pesquisadora apresenta informações significativas sobre o trânsito de brasileiras para a Itália, abordando novamente sobre a heterogeneidade desse modo de migração. Ela pontua que, diferentemente do que apontam estudos sobre esse tema, nem sempre a mudança de país no contexto de “turismo sexual” resulta em inserção no mercado do sexo europeu, mas sim como alternativa para a saída da “indústria do sexo” através da migração e do casamento. A autora sinaliza complexos mecanismos de recriação das relações de poder que permeiam a mobilidade dessas brasileiras, assim como as possibilidades de reposicionamento delas “promovidas” pelo casamento com homens estrangeiros.

A criação de espaços de agência exige a recriação de apenas alguns traços vinculados à brasilidade, enquanto outros devem ser neutralizados, com efeitos na corporalidade. Contudo, esses casamentos são valorizados na medida em que permitem o acesso a estilos de vida com níveis de consumo e conforto inatingíveis para elas no Brasil, possibilitando, ao mesmo tempo, que ocupem um diferente posicionamento social e político na terra natal. A valorização dos relacionamentos com esses esposos está vinculada, sobretudo, à percepção do lugar social que eles viabilizam no espaço transnacional. (PISCITELLI, 2007, p.741).

Os cenários apresentados pelas entrevistadas que foram para a Itália, assim como as informações adicionais obtidas com outros participantes da pesquisa realizada por Piscitelli revelam, por um lado, um contexto de aparente valorização de características atribuídas às brasileiras e, por conseguinte, da imagem dos italianos que com elas se casam. Ao mesmo tempo apresentam as tensões e riscos envolvidos nestes vínculos que se baseiam em expectativas de docilidade, simpatia, manejos sexuais, abertura à maternidade, disposição para atividades domésticas. A autora cita, entre outros aspectos relevantes, os “fantasmas” que fragilizam a valorização obtida por alguns dos parceiros italianos de brasileiras, como as possibilidades de “exploração econômica” e de “infidelidade”(associada a um traço vinculado à brasilidade que seria o da “disposição ao engano”) e os efeitos desse processo no cotidiano dessas imigrantes, como as estratégias de policiamento e controle, das quais participam não somente o marido, como a família, amigos, as próprias brasileiras, em redes de informação sobre sua mobilidade, atividades,

¹⁷¹Nesse artigo, Adriana Piscitelli problematiza gênero e migração internacional a partir de pesquisa de abordagem antropológica realizada na Itália e em Fortaleza com brasileiras que migraram a partir do contexto de “turismo sexual”, com brasileiras casadas com italianos que migraram de outros contextos, com maridos italianos, assim como com instituições não governamentais de combate à prostituição e tráfico sexual.

conexões, incluindo as relações laborais dessas mulheres, sua sociabilidade e mesmo aspectos de suas identidades como temperamento e expressões corporais.

Glaucia de Oliveira Assis (2011), ao analisar o movimento de emigrantes brasileiros para os Estados Unidos na contemporaneidade e suas configurações transnacionais, enfatiza aspectos interessantes das relações familiares, afetivas e de gênero que se compõem nesse processo. A autora discorre sobre os resultados de uma etnografia realizada nos Estados Unidos com imigrantes brasileiras que viviam na região de Boston e reflete sobre como as participantes negociavam as categorizações que articulam gênero e sensualidade em seus relacionamentos afetivos.

À imagem de sensualidade agregam-se as representações de mulher carinhosa, de boa esposa e mãe, o que confere certa vantagem às mulheres no mercado matrimonial, em comparação aos homens brasileiros que não são representados como bons parceiros, pois são vistos como machistas, autoritários, pouco dispostos a dividir tarefas domésticas, representando modelos de masculinidade pouco valorizados no contexto da migração. É nesse plano, em que se cruzam os afetos, gênero, mercado matrimonial e dinheiro que pretendo fazer as considerações desse artigo, analisando as trajetórias de algumas emigrantes solteiras que se casaram com norte-americanos num contexto em que as mulheres brasileiras utilizam-se dos estereótipos ligados a sensualidade da mulher brasileira para conseguir seu marido americano, como elas dizem. (ASSIS, 2011, p.324)

Ponderando sobre os modos como estes casamentos transnacionais articulam classe, gênero, nacionalidade e mobilidade, a autora observou que as participantes de sua pesquisa relataram o desejo do vínculo amoroso com seus parceiros, construíram relações conjugais, tiveram filhos, permaneciam nas relações, diferentemente das experiências dos chamados “casamentos arranjados”. Os relatos a que teve acesso revelam como os estereótipos sobre as brasileiras contribuíram, como uma vantagem, nesse mercado matrimonial. Para além das inúmeras dificuldades descritas pelas entrevistadas em sua pesquisa e estando ciente de que os relatos selecionados para seu escrito não dão conta da diversidade das experiências migratórias de mulheres em direção aos Estados Unidos, a autora destaca a sensação de maior autonomia por parte destas migrantes, bem como as contradições presentes neste contexto, já que a liberdade de escolha e o acesso a bens de consumo não acontece da mesma forma nem na mesma intensidade para todas.

Essas mulheres ganham autonomia, não apenas do ponto de vista econômico, considerado por elas muito importante para seu estabelecimento nos EUA, mas do ponto de vista de gerir a própria vida, de escolher seus parceiros sem interferência familiar, de poder adiar o projeto de casamento, de poder buscar relações que consideram mais igualitárias em relação às que vivenciavam no Brasil. Dividir tarefas e o cuidado dos filhos, ser respeitada e estar

efetivamente protegida em caso de violência (como ocorreu com Marcella¹⁷²) são conquistas importantes que conferem a elas esse sentimento de autonomia e de agência (ASSIS, 2011, p.359).

Pensar sobre feminização das migrações internacionais, problematizando questões de gênero e suas intersecções com raça, classe, etnia, dá espaço a múltiplos caminhos de investigação e análise no campo acadêmico, com destaque para os debates que tratam sobre as funções políticas relacionadas à produção e reprodução de estereótipos e estigmas que mantêm relações de poder baseadas nas diferenças entre sexos - tidas como naturais e justificadas como características biológicas. Esta lógica de dominação dos corpos é também a que afirma, por meio de símbolos, mitos, representações, ser justo ou esperável que direitos e oportunidades não sejam concedidos de forma igualitária.

Os estudos sobre as migrações contemporâneas revelam-se terreno fértil para ponderar acerca das especificidades e, diríamos mesmo complexidades, que envolvem as relações de desigualdade em que mulheres se veem atreladas, os contextos profundamente marcados por preconceito e discriminação que impactam suas possibilidades de trânsito, de inserção no mercado de trabalho, suas vivências sexuais, afetivas e familiares, sua autonomia financeira, os cuidados com a saúde e os planos para o futuro. Para além disso, em um país com tradição fortemente patriarcal e machista como o Brasil, multiplicam-se ataques e abusos aos corpos femininos, dentro e fora de seu território, como o revelam as duras estatísticas de violência, exploração laboral e sexual, as cruéis discrepâncias em termos de salários, oportunidades profissionais e participação na política, entre tantas outras, a que temos acesso por meio da imprensa e do empenho de pesquisadoras e pesquisadores que se voltam a estes temas. A construção da imagem da mulher brasileira intensamente sexualizada, dócil, simpática, disposta à maternidade e aos cuidados domésticos é parte de um processo de inferiorização e submissão do feminino. O movimento de atravessar fronteiras, para diferentes grupos de mulheres pelo mundo, tem significados e implicações bem diversos que precisam estar devidamente situados histórica, social, cultural e politicamente, a fim de que sejam não somente visibilizados e compreendidos, mas também se convertam em possibilidades de agência mais ampliadas e diversificadas, com vistas às relações ancoradas na justiça, valorização e segurança de seus corpos e existências.

¹⁷² Nome fictício de uma das entrevistadas pela pesquisadora.

Durante a pesquisa empírica que realizei, quando perguntava sobre como se sentiam quando eram percebidas, identificadas como brasileiras e se haviam se sentido discriminadas, se tinham sido abordadas de forma machista, discriminatória por serem brasileiras, algumas entrevistadas sinalizaram o desconforto no que diz respeito a olhares, ou mesmo no que se refere a comportamentos por parte de alguns homens com quem interagiram, ainda que todas se refiram ao Canadá como um país em que se sentem respeitadas e seguras, diferente do que sentiam quando moravam no Brasil. Das que já estiveram em países da Europa, houve quem afirmasse que lá perceberam os estereótipos sexualizados sobre a mulher brasileira de forma mais clara e com muito mais força. **É o que traz a fala de Joana**, que já havia morado temporariamente em Toronto e Montreal para estudar inglês e francês em programas de intercâmbio, alguns anos antes se mudar para British Columbia, assim como na Europa¹⁷³:

Não foi nada extremo, tanto que eu não lembro assim nem da situação específica, mas eu lembro já de ter tido essa sensação tipo de um olhar diferente, sabe? De 'ah, então você é uma mulher fácil', sabe? É... Eu não sei apontar uma situação específica, mas eu lembro de já ter me sentido assim. (Joana,2021)

Joana seguiu relatando que isso faz muito tempo e que não se sentia mais assim, que durante a pandemia “*a gente perdeu o contato com todo mundo*”, mas que lembra já ter se sentido assim, referindo-se também a países da Europa, onde esteve. Perguntei se ela queria falar sobre isso e a entrevistada acrescentou:

(...) eu acho que o europeu ele tem uma visão muito festiva da mulher brasileira. É aquela pessoa que pega o voo pra passar as férias em Fortaleza, nas praias do nordeste, e... Existe um preconceito. Eu me lembro de me sentir mais assim na Europa do que no Canadá. (Joana,2021)

Ao falar sobre como acha que canadenses veem as mulheres brasileiras, Joana disse que já ouviu de uma canadense que “*vocês são muito guerreiras, vocês têm, assim, uma força que é sobrenatural*”. Ela também afirmou que não percebe nenhuma discriminação e sente que chefes canadenses observam e valorizam a disposição e responsabilidade de brasileiras e brasileiros no ambiente de trabalho, por exemplo. Quando pergunto como se sente ao ser identificada como brasileira, Joana afirmou que geralmente os comentários são positivos, que as pessoas veem o Brasil como um país feliz, mas confessou já ter sentido vergonha de ser identificada como brasileira e medo do que pensariam, no passado, logo que chegou ao Canadá, por sentir essa objetificação

¹⁷³ Joana, 28 anos, morava na Região Nordeste e migrou solteira para BC em 2018.

associada à *“fama de que o Brasil é de praia e mulher biquini fio dental”*. Ela relatou que se sentia desconfortável quando perguntavam de onde era seu sotaque e precisava dizer *“do Brasil”* (imita-se falando baixinho na entrevista) e que chegou a pensar em fazer um curso para tirar o sotaque nessa fase. Joana descreveu também que *“(…) às vezes as pessoas um pouco se surpreendem de... ‘nossa, você fala um inglês tão bom e você tá nessa posição, assim, tão... de tanta influência dentro da sua empresa’(…)”*. Ela ponderou que *“(…) mas acho que isso é um pouco, enfim, da mídia, de como que passa o Brasil lá fora (...)”*.

Joana reforçou que, com o tempo, isso mudou e associou a percepção que tinha ao grau de vulnerabilidade em que se encontrava nessa época, ressaltando que, atualmente, tem orgulho de dizer que é brasileira. Ela também afirmou que o Canadá não enxerga a mulher como submissa, que o país dá espaço para as mulheres se imporem e *“Então, se sentiu desconfortável no trabalho, vai bater na porta do RH e dizer ‘olha, fizeram esse comentário, fizeram essa piada, me olharam desse jeito...’ e... a gente tem esse espaço pra reclamar”*. Assim como outras entrevistadas, Joana falou sobre os conflitos com outras nacionalidades que vivem em British Columbia, particularmente os indianos. A entrevistada entende que se trata de uma cultura que inferioriza as mulheres e as trata como submissas, então a questão não seria propriamente ser brasileira, mas ser mulher.

Elisa¹⁷⁴, que já havia passado um tempo nos EUA para melhorar o inglês e chegou a pensar em fazer um MBA lá (durante um período sabático que tirou ainda morando no Brasil), migrou sozinha para o Canadá, sem conhecer ninguém em British Columbia. Ela se disse satisfeita com a mudança de país. No balanço geral, ela descreveu que se sentia aceita, talvez até como não se sentia nem em seu país de origem. Falou sobre as piadas machistas que ouvia no Brasil, a forma como era abordada na rua, chamada de *“gostosa”*, mesmo estando com uma *“roupa fechada”*, sobre ser vista como arrogante, ao expressar suas opiniões, e de ter sido advertida de que homem nenhum iria gostar dela. Mas ela também sinalizou que, mesmo com os todos aspectos positivos de sua nova morada, *“a gente sempre está com a orelhinha em pé”*, e falou sobre possíveis contradições que percebia no trato com imigrantes.

¹⁷⁴ Elisa, 34 anos, morava na Região Sudeste e migrou solteira para BC em 2017.

Sobre o que acha de como canadenses veem as mulheres brasileiras, ela citou “gostar de festas” e “talvez ser fácil”, mas depois corrigiu, dizendo que não necessariamente é o canadense, “Eu acho que é o geral das culturas, né, de acharem isso da gente.” Ela ainda afirmou que essa opinião muda rápido, porque as mulheres que vão para lá são as que saíram do machismo do Brasil, então são mais fortes, mais “briguintas”. Essa opinião sobre as brasileiras imigrantes também foi manifestada por Joana. Sobre como acha que canadenses veem mulheres brasileiras, Elisa disse que:

Eu acho que de mulher, especificamente, pode ser um pouco fácil... Ou que vai, né, você vai ter um bom momento com uma mulher brasileira e tal, porque é... É divertido. Sempre tem um amigo que foi no carnaval e que ficavam as mulheres dando em cima, aí tem essa, acho, que objetificação. Eu senti pouco, bem pouco. (Elisa, 2021)

Quando questionada sobre como se se sentia ao ser identificada como brasileira, ela falou que ficava feliz, “Porque já fui pra iraniana, mexicana, argentina, peruana, uruguaia, indiana. Os indianos acham que eu sou indiana”. Ela disse que não ficava ofendida por acharem que ela é de outro lugar e que só sentia vergonha quando faziam referência ao cenário político no Brasil. Nestas situações, disse que já tinha um discurso pronto, reforçando que o presidente¹⁷⁵ era ruim, mas o povo é bom, entre outras coisas. Em relação a ter se sentido discriminada, tratada de forma machista por ser brasileira, Elisa relatou: “Acho que por ser brasileira, não, mas por ser... ter sotaque. É aquela história, né, sabe... Já vê pelo sotaque, ou fala pelo telefone, e já vê que não é aquilo que queria. Eu já senti isso.” Ela seguiu com o relato e se lembrou de uma situação de toque em seu corpo, vivenciada por ela num espaço público, um ponto turístico de Vancouver, com um homem com quem saiu. Elisa falou que na hora não associou o ocorrido ao fato de ser brasileira, mas que, ao conversar com a coordenadora dos estudantes internacionais da instituição onde estudava e descrever a experiência, a coordenadora perguntou “‘Você acha que é porque você é brasileira?’ Então eu acho que talvez ele achou que pudesse fazer um movimento que ele não faria com uma menina, sei lá, australiana, talvez.” (Elisa,2021)

Lívia¹⁷⁶ relatou ter viajado para países como Inglaterra e Estados Unidos antes de migrar para o Canadá. Ela foi solteira para British Columbia, com recursos próprios, sem suporte financeiro da família e estava morando com o namorado, um brasileiro que

¹⁷⁵A entrevista foi realizada em 2021, quando Jair Messias Bolsonaro ocupava o cargo de presidente do Brasil.

¹⁷⁶Lívia, 36 anos, morava na Região Sudeste e migrou solteira para BC em 2018.

conheceu lá em Vancouver, quando concedeu a entrevista. Ela relatou brevemente sobre encontros que teve com canadenses, descrevendo que dois deles foram “muito respeitosos, muito respeitosos”, mas que um outro não teria agido da mesma forma, pois ele forçou a entrada no carro em que ela estava e queria ir para casa dela sem ter sido convidado. Ela exigiu que ele saísse do carro e nunca mais teve contato. Em seu relato, a entrevistada se referiu à imagem sexualizada da mulher brasileira e à ideia de que são consideradas mais “fáceis”.

(...) todo lugar do mundo o pessoal adora o brasileiro, porque brasileiro é fácil de lidar, enfim... Mas especialmente o lado da mulher tem a sexualização, não tem jeito, né. Que a mulher brasileira, por causa de carnaval, por causa de... Eles acham que a gente anda pelada na rua e é sexo o tempo todo... Eu acho que eles têm essa visão mesmo. De sexualização da mulher brasileira. Da mulher latina no geral, eu acho. Mas mais em especial a brasileira. (...) Tem as pessoas que acham que vão... Só porque é brasileira, vai tirar vantagem, vai aproveitar e ela é fácil... E não é por aí, né. (Lívia, 2021)

A referida entrevistada também falou sobre como se sentiu, ao perceber os olhares do presidente da empresa onde trabalhava, embora não saiba dizer se foi, especificamente, por ser brasileira, uma vez que ele não se comunicou: “(...) ele ficava me olhando de uma forma, que eu me sentia desconfortável. Às vezes ele tava na recepção e eu passava, ele arregalava o olho e me acompanhava, sabe? Então eu não sei se é por ser brasileira.” Ela disse que, no Brasil, essas situações eram muito mais frequentes. No Canadá, “*porque a cultura aqui, no geral, a mulher e o homem têm muita igualdade*”, Lívia reforçou que a questão do assédio é levada muito a sério, então as pessoas sabem que podem ser punidas se forem denunciadas. Sobre como se sente quando identificada como brasileira, Lívia destacou novamente o local de trabalho, afirmando que as pessoas são receptivas: “(...) no meu trabalho, que é onde eu tenho mais contato, as pessoas recebem super bem. Quando eu falo que sou brasileira, eles querem saber sobre o país, como é, sobre carnaval. Eles falam de violência, falam de economia, tudo que se passa, que se escuta no Brasil.”¹⁷⁷

Paula¹⁷⁸ contou que já conhecia British Columbia, porque havia feito um intercâmbio com duração de um ano no programa de estudos conhecido como COOP¹⁷⁹ em 2014. Ela relatou que planejou e executou a recente mudança para o Canadá com seu

¹⁷⁷Lívia está se referindo ao local de trabalho em que estava ao ser entrevistada. Quando perguntei sobre atualizações, ela me contou sobre uma mudança importante de emprego.

¹⁷⁸ Paula, 34 anos, morava na Região Nordeste e migrou casada para BC em 2018.

¹⁷⁹ “COOP” é a sigla correspondente a um método que combina o ensino teórico com experiência prática de trabalho que integra alguns cursos superiores no Canadá.

companheiro, a época, mas que eles se separaram. Naquele momento, ela estava morando sozinha e namorava um italiano. Sobre a percepção que tem de como brasileiros são vistos, em termos gerais, ela citou referências positivas sobre a disposição para o trabalho, a responsabilidade e o compromisso, além de características como “feliz, cheio de vida e amigável”. Assim como outras participantes, ela destacou a percepção de que os brasileiros são pessoas que têm um perfil bom para conseguir trabalho no Canadá. Todavia a entrevistada relatou uma experiência que a deixou abalada. Paula contou que estava conversando com uma amiga brasileira pelo telefone, em português, e que continuou a conversa ao entrar no transporte coletivo, algo que ela evitava exatamente “*porque eu não quero que a pessoa fique me identificando com nenhuma cultura, pra me tratar diferente ou algo do tipo*”. A seguir, ela descreveu:

E teve um cara que começou a me olhar, me olhar, me olhar e eu achei que eu tava falando alto. Até eu comecei a falar baixinho e ele começou a falar, a falar em minha direção e eu não tava conseguindo entender. E eu falei com minha amiga, ‘amiga eu vou desligar porque tem um cara meio esquisito aqui, falando e olhando pra mim. Eu to um pouco receosa e eu vou desligar aqui’. (...) Desliguei e fiquei quietinha, né? Não olhando pra ele, olhando pra janela. Daí ele começou a gritar, gritar, gritar. Resumindo a missa, começou a soltar coisas racistas, não de cor, mas de imigração. Foi horrível. (Paula, 2022)

Paula relatou ter havido um momento que parecia que ele iria bater nela. Ela permanecia sentada e ele avançou em sua direção, mas outros passageiros, incluindo mulheres, se levantaram em sua defesa e ele foi expulso do ônibus. Ela disse ter ficado chocada, ter chorado quando chegou em casa e que ela e o ex-marido acionaram a polícia. Segundo seu relato, a polícia foi a sua casa, colheu depoimento, tentou investigar, mas “*O ônibus falou que como tava escuro não conseguiu identificar a cara dele, muito, mas eu lembro que a polícia me deu um número e falou ‘qualquer coisa mande mensagem pra esse número, esse é meu nome’.*” Paula elogiou a postura da polícia, disse que eles ligaram depois, mas que foi algo traumatizante, “*Bem assustador. Foi bem assustador. Eu fiquei assim, apavorada, apavorada e me senti muito... senti mal quando eu cheguei em casa. Esse foi um dos momentos.*” Em se tratando da sua percepção de como mulheres brasileiras são vistas, Paula afirmou:

Como as pessoas veem a mulher, eu acho que tem muito julgamento. Fato. É muito estereotipado. Muito estereotipado. Por mais que, por educação, eles não falem, mas esse sorriso, né, que o canadense tem quando ‘Ah, você é brasileira!’. Você sabe o que tem atrás desse sorriso, né, é um sorriso de ‘Ah, é mulher fácil, né... É... Enfim. É... É isso. Eles sabem, eles acham, não é que sabe, né, eles... acham que é a mulher fácil de ter. É isso. Mulher fácil de ter. E aí a gente tem que ponderar, né, que, se a gente for comparar com as outras

mulheres, de outros países, capaz de ser mais fácil, sim. Mas culturalmente falando. (...) por ser mais aberto, né, por lidar com a sexualidade de uma forma muito mais aberta, é... sem muitos pudores, sem tabus, a gente acaba vivendo as coisas e se permitindo muito mais do que uma cultura mais fechada. Isso é só uma questão cultural. É muito mais questão cultural. Mas aí que tá. Eu acho que... isso aí... Temos isso, mas eu acho que é visto de uma forma... muitas vezes negativa. Eu acho, sabe? Por ser algo diferente da cultura deles... Um estereótipo? É, um estereótipo. Não acho muito positivo esse estereótipo, entendeu? Mas... (Paula, 2022)

Paula disse que não é percebida, reconhecida como brasileira, sendo comum, inclusive, as pessoas se surpreenderem ao saber sua nacionalidade. Ela comentou que, normalmente, as pessoas em BC a associam ao continente africano e que *“Eles não estão acostumados a conhecer pessoas negras do Brasil, então: ‘nossa, você é do Brasil, eu não diria’(...)*”. A participante relatou que vive essa experiência quase diariamente. No dia anterior à entrevista, por exemplo, num elevador, um senhor havia perguntado se ela era africana, então ela disse que *“já estava acostumada”*. Para ela, são, na maior parte, pessoas brancas que saem do Brasil para o Canadá e sua reação nessas circunstâncias é falar: *“Eu sei, eu sei. Eu não pareço, mas é isso. Brasil é assim, é misturado mesmo”*.

Paula também comentou sobre a experiência de trabalho que teve com um chefe russo e sobre a orientação que ele dava de contratar pessoas do Brasil em detrimento até de compatriotas, não somente por conta das características já citadas antes. Ele também sinalizava sua preferência em trabalhar com mulheres, fato que foi questionado por ela, já depois de um ano de empresa, durante um recrutamento em que ele deixou claro não querer contratar homens. Ela se referiu ao fato de homens conservadores como ele se sentirem superiores às mulheres e entendia que esse era o motivo de dar preferência a mulheres num processo de seleção. Em seu relato, Paula comentou que chegou a dizer *“Você deve se sentir inseguro trabalhando com um homem, né? Talvez você tivesse que ver isso.”* Especificamente sobre ser tratada, abordada de forma discriminatória e/ou machista por ser brasileira, ela pontuou:

Acho que eu sinto um pouco de preconceito também... Eu senti um pouco... É bem complexo isso... Mas meu ex-chefe, ele é russo e ele é homem. E a cultura russa é uma cultura muito conservadora. Muito conservadora. Então por mais que ele fosse super, assim, aparentemente ele era bem russo, mas ele... Eu senti um pouco de... sei lá... quando eu entrei na empresa, eu senti que ele me olhava diferente. Sabe assim? É... Por ser brasileira. Enfim, depois de um tempo, né, eu diria até uns quatro meses, foi que eu senti que o olhar, que esse olhar de um pouco de interesse mudou (...). Sim, tinha uma característica machista. Sim. E eu confesso que, por exemplo, e aí, sendo bem sincera, assim... bem sincera. Eu sinto que, por exemplo, é... (pausa) Foi esse machismo que me fez ser contratada. Sabe assim? Foi ele ter me visto e ter me sub julgado brasileira e tudo mais... Eu comecei a ver que ele me olhava com outros olhos e meio que

eu... Tipo, eu sabia disso, mas eu precisava, eu queria o trabalho e falei: 'Tá bom. Se são essas armas que você quer, beleza.' E depois, ele viu que "desse mato não ia sair coelho" e, aí, eu já tava lá e já era outra coisa. Entende? Mas eu sinto que ajudou esse pejorativo, esse julgamento eu ser contratada, por exemplo. Eu diria isso. Eu diria isso. Não tenho nada claro, não posso comprovar nada, lógico, foi um sentimento, a experiência. Mas eu sinto, principalmente depois de um tempo, e vendo os recrutamentos posteriores, eu comecei a perceber, eu notei isso, sabe? (Paula,2022)

Importante destacar a perspectiva de Paula acerca do estereótipo de ser mulher e brasileira e de como sentiu que tais marcadores possivelmente interferiram na sua contratação para vaga de emprego em uma empresa de consultoria de imigração liderada por um russo e um chinês. Ela destacou que era algo sutil, que não tinha como afirmar, mas que sentiu pela forma de olhar, pelo jeito como era tratada, que havia “*algo mais ali*”. Falou ainda que fingia que não estava vendo e “*seguia o baile*”, já que ela queria aquela oportunidade de trabalho, que muitas empresas só querem contratar canadenses. Atualmente, Paula trabalha num grande escritório de advocacia canadense, como assistente jurídica, e se diz muito satisfeita com o que definiu como política inclusiva da empresa, por perceber que imigrantes ocupam várias posições diferentes, junto com canadenses.

Adriana Piscitelli (2007), assim como Glaucia de Oliveira Assis (2011) abordam esta ambivalência entre o estigma e emblema associados à sexualização de brasileiras em seus textos, tratando de como um marcador potencialmente depreciativo pode se converter em capital, quando sob controle da mulher. As pesquisas que conduziram com brasileiras morando na Espanha, Itália, e nos Estados Unidos, citadas anteriormente, trazem provocações interessantes acerca das noções de erotização destas imigrantes, assim como as possibilidades de reposicionamento social e econômico das entrevistadas por meio da migração e do casamento com estrangeiros. Para além da questão da sensualidade, características como docilidade, simpatia, abertura à maternidade são abordadas como diferenciais que atribuem vantagem no mercado matrimonial, além de serem destacadas as possibilidades de agência que se configuram para as mulheres brasileiras imigrantes. Ainda que não estejamos aqui tratando especificamente de relações familiares e afetivo-sexuais das participantes, o possível favorecimento no processo de contratação percebido por Paula e sua relação com o machismo podem ser compreendidos também como o manejo de um atributo potencialmente estigmatizante por parte da entrevistada com o objetivo de ser contratada, já que não se via em condições de igualdade no mercado laboral canadense neste momento de sua trajetória, quando

ainda acumulava experiências de trabalho na província que pudessem valorizar seu currículo profissional.

Tainá¹⁸⁰ apresentou uma imagem bastante positiva do Canadá durante a maior parte da entrevista, ressaltando como se sentia satisfeita por ter se mudado para o novo país, o mesmo para onde um de seus irmãos já havia se transferido há bastante tempo. Ela emigrou solteira, estava namorando um brasileiro que mora no Canadá há muitos anos e que ela descreveu ter incorporado bastante a cultura local. Sobre como as mulheres brasileiras são vistas, Tainá afirmou que, pessoalmente, acha que não foi abordada de forma discriminatória ou machista por ser brasileira, mas que já ouviu de amigas solteiras e de canadenses sobre esse estigma, que ela afirma não saber de onde parte e porque se mantém.

Olha, o que eu ouço das minhas amigas solteiras, já ouvi de alguns canadenses também e de outras pessoas de outras culturas que moram por aqui, eles acham realmente que a brasileira é peito e bunda. Acham. Tem essa coisa, pelo menos, eu digo na questão de paquera, não sei. Que minhas amigas comentam que acham que é brasileira, todo mundo é vagabunda, todo mundo só quer oba-oba. Infelizmente a gente tem uma fama não muito boa... (Tainá, 2022).

Ela seguiu ponderando, assim como Paula, que talvez seja o fato de as brasileiras não terem tantos tabus, serem mais livres e que outras culturas podem enxergar isso como “afrontoso ou desrespeitoso”. A entrevistada se referiu também ao fato de o Brasil ser um país tropical e citou as roupas, o tamanho do biquini, mantendo, todavia, a posição de não saber o porquê ou de onde vem a imagem sexualizada da brasileira “*Eu realmente não sei, tá, de onde vem essa má fama nossa. De brasileira peito e bunda. Mas a gente tem*”. Quando reforcei a pergunta sobre ter tido acesso a esta informação por parte de canadenses, ela relativizou, dizendo que pessoas mais informadas, como amigos que ela tem, não citam, perguntam ou falam sobre essa questão. Para ela seriam os mais novos e “*sem cultura*” que manteriam essa visão das brasileiras. Sobre como se sentia quando sabem que ela é brasileira, depois de uma pausa, ela respondeu “*indiferente*” e disse “*Acho que eu ser brasileira ou ser canadense não muda quem eu sou*”.

Tainá comentou sobre achar que era percebida como imigrante (não como brasileira), talvez pelo sotaque do seu inglês, e que as pessoas perguntavam de onde ela veio. Ao responder Brasil, segundo Tainá, algumas pessoas querem saber mais (ela chama

¹⁸⁰ Tainá, 34 anos, morava na Região Sudeste do Brasil e migrou solteira para BC em 2019.

de “mais interessadas”) e outras não falam nada, “*morre ali*” (ela chama de “desinteressadas”). Eu também me lembro de as pessoas lá em British Columbia me perguntarem de onde eu era e não de deduzirem minha nacionalidade ou atribuírem uma nacionalidade específica. Isso acontecia especialmente quando eu dizia que não falava inglês, ou me desculpava por não entender alguma coisa. Era comum nessas situações me perguntarem qual idioma eu falava e não reforçarem meus pedidos de desculpas, em atitude de tranquilização. Houve momentos em que o/a interlocutor(a) me disse que também não falava português, então estávamos na mesma situação, ou que me pedisse para ensinar algo específico em português também.

Ao relatar sobre situações de assédio no Brasil, Tainá primeiro disse que achava não ter sofrido como violência, diretamente, mas que acha que é algo enraizado no brasileiro, de diversas formas. Adiante, ela se referiu a uma experiência de trabalho que teve no Brasil, que não havia mencionado, e também descreveu como se sente morando no Canadá:

É complicado... No trabalho mesmo, antes de... Se eu tiver falando muito você pode me cortar, tá? No trabalho mesmo, antes de eu vir pra cá, como eu tava meio infeliz com a carreira - que no fundo não era a carreira era o Brasil - eu acabei tendo uns dois anos de experimentar ir pra uma outra área. Eu fui pro mercado financeiro. (...) mas lá mesmo era 90% homem e 10% mulher e era tipo... a gente era assediada o dia inteiro praticamente. Ah, porque você é bonitinha, você tem que ir lá falar com o cliente... Era tipo bizarro. E aqui é uma experiência completamente diferente. Muito melhor. Mesmo sendo imigrante, não tem comparação. É uma cultura de respeito muito diferente. (Tainá, 2022)

Clarice¹⁸¹, que trabalhou como vendedora e caixa em lojas, como “server” em eventos, em uma função administrativa em uma igreja anglicana e estava na recepção e com funções administrativas em uma clínica, quando conversou comigo, afirmou sentir-se bem recebida no Canadá. Ela relatou que, quando se identificava como brasileira, em quase cem por cento das vezes, as pessoas manifestavam vontade de conhecer o Brasil. Todavia, ao se referirem ao momento político¹⁸², a entrevistada afirmou já ter ouvido “*Ah, vocês agora estão passando por um momento difícil, mas são pessoas boas*”. Sobre como são vistas as mulheres brasileiras, Clarice relatou:

As experiências que eu tive, como mulher brasileira, sempre, eles nunca associaram... Na verdade outras culturas podem associar ao sexo, à sexualidade, ou qualquer coisa assim. Com canadenses que eu tive

¹⁸¹ Clarice, 34 anos, morava na Região Nordeste do Brasil e migrou com o marido e o enteado para BC em 2018.

¹⁸² A entrevista foi realizada no primeiro semestre de 2022, sob o governo de Jair Messias Bolsonaro.

experiências, não. É normal. Eles simplesmente acham que o brasileiro é muito, vou falar uma palavra que é muito normal, que ele é muito legal, são animados, que gostam de mostrar sua cultura e tal. Então, assim, a experiência que eu tive foi essa. (...)Eu trabalho numa clínica onde primordialmente todo mundo é mais canadense, ou que migraram. Eles falam 'Ah, eu tenho amigos brasileiros', adoram mostrar, gostam de coisas com a bandeira do Brasil. Isso eles reconhecem, sabe? E com relação à mulher, é normal. Mas colegas de faculdade de outras etnias, de outros países, tinham tendência a confundir as coisas. (Clarice, 2022)

Para Clarice, a dificuldade de relação encontrada se referia ao contato com indianos, particularmente, e que não sabia dizer se a questão tinha a ver com a nacionalidade dela ou o fato de ser mulher, tão somente, lembrando a percepção de Joana sobre o mesmo tema. A participante só especificou a que grupo se referia quando eu perguntei se ela percebia a distinção que havia citado no trecho acima com pessoas de alguma nacionalidade específica ou somente por parte de não canadenses. Ela seguiu descrevendo situações vivenciadas como estudante, na interação com colegas indianos que a chamavam para sair, e do que ouvia de outras mulheres com quem teve contato. Clarice fez referência também a uma experiência de assédio que vivenciou com um homem indiano (descrito por ela como um senhor), locador do primeiro lugar onde morou com a família após migrar, dizendo que ele “*ultrapassou todos os limites possíveis*” e que se mudaram de lá após o ocorrido. Sobre os contatos com estudantes, colegas de curso, ela descreveu.

Aqui os cursos todos pedem muito trabalho em grupo. Aí eu tava no período presencial, muitas vezes eu tive colegas - e tive amigas também que reclamaram disso- que a gente fazia o trabalho em grupo e, aí, no privado, vinham pessoas, eram todos da mesma etnia, e aí vinham pra falar com você... Aconteceu comigo umas cinco vezes, com pessoas diferentes, e eu dizia 'Olha eu não sei o que você acha, mas, assim, eu sou casada, eu não vou sair pra um café, eu não vou sair pra alguma coisa.' Porque eu sabia, eu via já a intenção, sabe, no jeito de falar. 'Vamos pra um cinema, vamos pra alguma coisa', tipo assim, eu... Gente, eu sou tão clara, sou tão transparente com relação a isso, mas, mesmo assim, ainda achava que, - que eu sinto, né, é minha percepção - é que a gente estava aberta a qualquer coisa. Sabe? Que a gente estava aberta a qualquer coisa. E em outras escolas também, não foi só na minha, outras pessoas tiveram as mesmas experiências.¹⁸³ (Clarice, 2022)

Sobre ter se sentido discriminada como imigrante, ela falou bem brevemente sobre dificuldades de comunicação, de ser destrutada por clientes que não queriam repetir algo que ela não havia entendido. Falou de serem poucas pessoas, mas que isso já aconteceu com ela várias vezes. Neste caso, ela não fez referência a ser tratada desse modo por ser

¹⁸³Clarice reforçou sobre a dificuldade que teve com homens indianos e fez referência a um colega tcheco, entre outros colegas de outras nacionalidades, com quem também fazia trabalhos, mas que agia de forma diferente e “*nunca avançou nenhum sinal*”.

brasileira, mas por ser imigrante. Morando no Brasil, ela afirmou não ter sofrido violência, não ter sido vítima de assalto, mas comentou que o marido foi assaltado diversas vezes e chegou a ser agredido com uma coronhada na cabeça. Segundo Clarice, ele tinha um comportamento protetor com ela, pedia que ela só saísse de carro, não andasse a pé. Ela vê o Brasil como um lugar perigoso para morar. Embora seja um lugar que ela adora, com pessoas maravilhosas, não sente mais que é seu lar. Lá no Canadá, ela disse que tem mais liberdade e se sente segura.

Carolina¹⁸⁴ trabalhava na recepção de uma multinacional quando foi entrevistada¹⁸⁵. Quando perguntei sobre como achava que canadenses viam os brasileiros e a mulher brasileira, ela primeiro disse que não tinha ideias específicas. Depois também fez referência à imagem de brasileiros como pessoas que trabalham bem, que se adaptam bem ao mercado de trabalho canadense e que as empresas gostam de contratar. Ela citou como exemplo um recrutador que falava sobre essas características de brasileiros e que já havia ligado para ela umas quatro vezes, pelo menos, oferecendo emprego. Sobre as mulheres ela comentou: *“Mas eu acho que a mulher latina em geral tem essa imagem, assim, né, mais sexualizada. Essa coisa mais assim, né. Eu sou disfarçada...”* (Carolina está se referindo, nesse momento, a sua aparência, por ser descendente de japoneses e ri). Carolina descreveu como é confundida com orientais nos lugares, incluindo o Brasil, e depois fez referência ao tipo de vestimenta usada por brasileiras no Canadá, sinal que poderia identificar a nacionalidade: *“Porque eu acho que a gente tem mesmo esse negócio de usar uma calça mais colada, não sei. Uma coisa mais sexualizada pra eles, no ponto de vista deles. Talvez pra gente, no Brasil, isso não é nada demais, mas aqui eles vejam assim.”* Quando perguntei sobre como se sentia, ao ser percebida como brasileira, ela deu uma pausa e retomou a questão de ser “disfarçada”, dizendo que as pessoas ficam curiosas.

Então, como eu sou disfarçada, as pessoas ficam curiosas. Tem a curiosidade, né. E às vezes elas não falam, porque afinal elas são canadenses. ‘Brasil?’ Elas não falam, ‘mas você tem olho puxado’, mas eu sei qual é a questão dela. ‘Brasil?’ (...) E eles são muito respeitosos então eu já falo: É porque meus avós são japoneses. Porque eles ficam sem graça de perguntar, aí eu já falo logo. Eu não tenho nenhum problema em dizer. Mas eu falo que eu fui nascida e criada lá [no Brasil]. (...) Então eles ficam assim, mas é... Mas eu não sei, essa curiosidade e tal... Eu não sei, assim, o quanto de assédio, flerte e essas

¹⁸⁴ Carolina, 38 anos, morava na Região Sudeste do Brasil e migrou com o marido e o filho para BC em 2019.

¹⁸⁵ Tive um contato com ela por mensagem após a entrevista e ela me atualizou sobre algumas mudanças, incluindo local de trabalho e atividade laboral. Na nova empresa, ela trabalha em sua área profissional.

coisas assim acontecem, às vezes até pelas pessoas acharem meio exótico, sabe? Aí depois para. Mas sabe funcionária nova, aí vem todo mundo urubuzá, né? Aí dou um jeito de colocar o marido na história: 'Ah, eu tava falando com meu marido, nossa, e meu filho'. Sabe, pra dar um assim... ó. Eu acho que tem um pouco dessa curiosidade, um pouco dessa latinidade, o pessoal achar que é... É festa...Mas eu não sei também. Não é uma coisa que, assim, é dita, falada assim. (Carolina, 2021)

Carolina deu continuidade ao tema, falando sobre a dificuldade de precisar, de que percebe um olhar, uma atenção, mas que é diferente de como acontece no Brasil, da pessoa olhar para o corpo, direta e abertamente. Ela deu a entender que é um olhar diferente, que ela deduz ter uma “*coisa estranha*”, mas que depois passa. Sobre a curiosidade e o exotismo, ela incluiu possíveis estereótipos associados às asiáticas. A entrevistada comentou sobre ter tido notícia de que, na Austrália, por exemplo, gostam das meninas amarelas, das orientais, dando a entender que não fica claro para ela se o fato de ser brasileira ou, por outro lado, ter traços orientais seria o que despertava possíveis curiosidades. Ela reforçou ainda sua impressão de que as pessoas lá em BC achavam estranho ela ter traços orientais e sotaque latino.

Cecília¹⁸⁶ não chegou a concluir um curso universitário e disse que sempre trabalhou com projetos de Tecnologia da Informação, na área comercial. Sobre sua percepção de como os canadenses veem as mulheres brasileiras, ela ponderou:

Os canadenses, de maneira geral, eles são bem reservados, né, então se você não.... Se há alguma coisa, então, é muito sutil. É muito sutil, passa longe de ser desrespeitoso até. E se eles percebem que você é casada, então eles não insistem. Algumas culturas são mais insistentes, mas são culturas que já têm história de desvalorização feminina, então, não é uma cultura do Canadá, né? (Cecília, 2021)

Quando perguntei sobre imigrantes de outros países com quem interagiu, ela fez referências elogiosas a iranianos e filipinos que conheceu, mas disse que latinos e indianos eram abusivos. Para ela não é propriamente um comportamento discriminatório, mas cultural e que, ao falar que é casada e tem dois filhos, “*ninguém abusa*”:

Especificamente os indianos eles são bem intrusivos, assim, sabe? Especificamente os indianos, se você não souber, se você não for um pouco grossa mesmo, um pouco agressiva na sua postura com os indianos, assim, eles realmente perdem a mão. A ponto de tocar em você, entendeu? É... Então você tem que estabelecer um pouco o território, né. Fora isso, não tive problemas. Definitivamente. É que eu não sou uma pessoa muito acessível, então não posso dizer muito sobre isso. Sobre os canadenses eu não tive

¹⁸⁶Cecília, 38 anos, sem formação universitária, morava na Região Sudeste do Brasil e migrou com o marido, um filho e uma filha para BC em 2019.

nenhum problema. Com os indianos, às vezes um ou outro dá uma e, aí, você já mostra a cara e acabou a conversa. (Cecília, 2021)

Amanda¹⁸⁷ apresentou uma percepção diferente sobre possíveis estereótipos relacionados às brasileiras. Em seu relato, ela afirmou que tudo relacionado à trajetória migrante, à mudança de país foi mais difícil do que ela imaginava, mas que sempre se sentiu incluída, acolhida e nunca se sentiu um “*peixe fora d’água*” no Canadá, como já destaquei no capítulo II. Amanda seguiu argumentando que encontrava, na verdade, mais imigrantes do que canadenses, que nem se sentia uma estrangeira porque sempre estava entre estrangeiros. A entrevistada também citou, entre as vantagens de morar no novo país, a segurança e o respeito à mulher, afirmando que, no Canadá, coisas consideradas por eles como normais, e que deveriam mesmo ser assim, são libertadoras para ela. Amanda relatou que nunca se sentiu discriminada ou foi tratada de forma machista por ser mulher brasileira, que se sentia bem acolhida quando era identificada como brasileira, dizendo que as pessoas abriam um sorriso quando falavam “*Ah, Brasil!*”. Ela afirmou ainda que nunca parou para pensar sobre como outros imigrantes veem os brasileiros, mas que acha que têm uma boa impressão, assim como pontuou sobre os canadenses. Sobre os últimos, Amanda descreveu:

Com os brasileiros, eu acho que eles, pelo que eu vejo, eu acho que eles têm uma impressão muito boa da gente. Eles veem a gente como um pessoal que trabalha mesmo, direitinho, não enrola. Eu acho que a gente é bem-visto aqui. E da mulher... Eu não sei, assim... Eu não sei... Eu... Eu acho que eles não têm, talvez eles não tenham essa visão que a gente acha que eles têm. De achar que a mulher é só... (ela ri) Mais danadinha, mais isso ou aquilo, mais atirada. Não... Eu acredito, na verdade, que eles acham a mulher brasileira mais atenciosa, não sei... Eu vou pelo lado assim homem mulher, eu acho assim que o canadense acha a mulher brasileira mais atenciosa, mais voltada para o cuidado do homem ou da família, mais romântica, mais carinhosa. Eu acho que eles gostam muito da mulher brasileira, com relação às canadenses. (Amanda, 2021)

Interessante a percepção de Amanda: ela discorda das possíveis objetificação e sexualização atribuídas a mulheres brasileiras e, por outro lado, tem um entendimento de uma imagem da brasileira associada ao romantismo, carinho e cuidado para com o homem e a família. Esta também é uma imagem que pode ser considerada estereotipada e que aparece nos estudos voltados imigrantes brasileiras, vinculando-as à docilidade, ao casamento, maternidade, cuidadora do lar e da família definida por padrões heteronormativos. Não aprofundi essa questão com a participante durante a entrevista, por exemplo, perguntando de que forma ela percebia isso, ou sobre experiências que

¹⁸⁷Amanda, 40 anos, morava na Região Sul do Brasil e migrou solteira para BC em 2019.

pudesse ter tido que a levaram a esta compreensão, mas vale dizer que tanto uma quanto outra percepção até agora trazidas pelas participantes não se restringem a interpretações ou impressões somente particulares, mas compõem imagens construídas e reforçadas dentro e fora do Brasil de padrões de uma suposta feminilidade brasileira.

Graça¹⁸⁸ tinha ainda o visto temporário de residência quando a entrevistei e, embora já pudesse solicitar a residência permanente naquele momento, afirmou que tanto ela quanto o marido estavam adiando, por não terem certeza se queriam ficar em BC e no Canadá. Ela relatou trabalhar como assistente de dentista, sendo esta praticamente sua única experiência laboral, já que antes de ser chamada para este emprego trabalhou somente por um dia em um “warehouse”¹⁸⁹ da Amazon. Graça afirmou que falava com muito orgulho que é brasileira quando perguntavam, que fazia questão de as pessoas saberem, que se sentia “ótima, maravilhosa” ao identificar-se assim. Quando pergunto sobre como acha que os canadenses veem os brasileiros e, particularmente, as mulheres brasileiras, ela disse que não tinha ideia, que não conversava tanto com homens canadenses e me perguntou se essa parte podia ficar sem resposta. Eu disse que sim, mas ela deu continuidade à resposta:

Quando eu falo que sou brasileira, em geral, relacionam com muita felicidade, muita energia. Pra parte boa. Alguns fazem o comentário de ‘que pena que você teve que sair do seu país, um país como aquele’. Uma paciente uma vez disse, ‘mas que bom que você veio’. ‘Que pena, mas que bom’. Mas assim. Nunca vi falar, aquela coisa, assim, de denegrir, de mulher, eu não vejo isso aqui não. Pelo menos na minha relação. Não sei se porque estou em Surrey¹⁹⁰. Pode ser que lá em Downtown, porque as mulheres devem sair, em bares... Dizem que os canadenses são tão respeitadores, eles falam aqui. Tenho duas amigas que namoram, casadas agora, com canadenses, que a relação é muito boa. Inclusive eles dão muita força pra elas, sabe? Quando eles souberam que eu também sou - essa minha amiga é médica, a (nome da amiga)¹⁹¹ - aí o namorado dela fica dizendo ‘Vá estudar você também, pra validar seu diploma’. Então eu sempre vejo muita... Eles enxergam a gente como força, porque saíram do país e vêm pra cá. É muito forte, né? A pessoa é muito forte. Eu vejo mais assim. (Graça, 2022)

Sônia¹⁹² falou bastante sobre sua trajetória no mercado de trabalho canadense, que incluiu muitos empregos diferentes e jornadas de trabalho descritas por ela como

¹⁸⁸ Graça, 39 anos, morava na Região Nordeste do Brasil e migrou com o marido e um filho para BC em 2019.

¹⁸⁹ Armazém. Ela se refere a grandes instalações onde são armazenados produtos, coisas a serem vendidas, enviadas para lojas. Eu trabalhei em dois, um com funcionamento parecido com a Amazon e outro de uma marca de cosméticos veganos.

¹⁹⁰ Cidade de British Columbia que compõe a região metropolitana de Vancouver.

¹⁹¹ A entrevistada fez referência à amiga que me passou seu contato para entrevista.

¹⁹² Sônia, 47 anos, morava na Região Sul do Brasil e migrou para BC com o marido, uma filha e um filho.

extenuantes. Consultora de imigração e funcionária do Governo Federal, quando realizamos a entrevista, Sônia afirmou que se sentia bem quando era identificada como brasileira, que ouvia sempre falas positivas, exceto quando o assunto girava em torno de política¹⁹³ ou a COVID-19. Ela disse ser comum pensarem que ela é da Rússia, do Leste Europeu, e que somente uma ou outra pessoa percebiam que ela era brasileira, provavelmente pelo sotaque do seu inglês. Quando perguntei se ela se sentiu discriminada por ser imigrante, por ser mulher ou brasileira, ela afirmou que não, que não se recordava de nenhuma situação assim e que também não teve acesso a relatos de discriminação. Sobre a percepção dos canadenses em relação a brasileiros e às mulheres, em especial, ela relatou:

Eu nunca tive nenhum tipo de... nada de diferente, assim. Eu acho que como mulher de qualquer país. Pra mim pelo menos. Não sei se, talvez, se eu fosse mais nova. Mas a minha filha também não teve nenhum tipo de..., ou foi vista de uma maneira mais pejorativa como muitos países veem. Eu não senti isso. Nem eu nem a (fala o nome da filha de 23 anos). Eu tenho certeza que ela também não. (Sônia, 2022)

Ao ser indagada sobre a relação com outros imigrantes, ela ponderou que acha que estão todos no mesmo patamar, que não tem diferença ou discriminação e que acha isso bom. Que o que ela percebia de diferença era na quantidade mesmo, referindo-se ao número alto de indianos e chineses na Província onde reside. Quando perguntei se ela achava que seria tratada de forma diferente se fosse de outro país (e não o Brasil) ela disse: “*Não. Eu acho que não. Eu acho que vai muito mais do que a pessoa luta e o que ela quer alcançar do que de onde ela é. Pelo menos no Canadá, né?*” A entrevistada seguiu também afirmando não ter se sentido beneficiada por ser imigrante, dizendo-se proativa, alguém que não espera pelos outros. Quanto a ser beneficiada por ser brasileira, ela se lembrou de que foi contratada para trabalhar numa pastelaria de brasileiros e que o fato de falar português foi algo que pesou positivamente. Sobre sua percepção em relação à forma como homens brasileiros são tratados, se haveria alguma diferença, ela apontou que “*Não. Eu acho que não. Eu acho que vai mais da maneira como cada pessoa se porta como indivíduo aqui. Não acho que existe isso.*” No que diz respeito a ter conhecimento de pessoas que teriam se sentido discriminadas, ela respondeu prontamente que “*não*”, depois ponderou que algumas pessoas sentem, mas atribuiu à dificuldade com inglês, à timidez, à personalidade: “*(...) mas eu acho que mais pela dificuldade da língua mesmo.*”

¹⁹³ A entrevista foi realizada em maio de 2022.

Daí é a dificuldade da pessoa. Ela se sente porque ela não consegue se comunicar, né. Não é porque existe na verdade. Eu acho que aí existe (...)”.

Marcela¹⁹⁴ relatou alguns detalhes significativos sobre a motivação para migrar e de seu processo de mudança para o Canadá (planejado e executado com sua companheira à época), de como acumulou os recursos financeiros necessários para migrar com visto de estudante, as dificuldades enfrentadas, o receio que sentia no início por ser gay e ter traumas trazidos do Brasil. Sobre como se sentia, ao ser identificada como brasileira, Marcela disse que achava que *“as pessoas até abrem um sorriso”*.

Olha, é... Eu acho que os canadenses veem os brasileiros como um povo muito animado. Eles gostam muito de brasileiro. Pelo menos todos os canadenses que eu conheci, eles gostam muito de brasileiros. Eles gostam muito da nossa cultura. O que eles não gostam é quando a gente chega muito perto. Tipo pra abraçar, o contato físico. Que é nosso. É a única coisa que pra eles é mais assim. E em questão da mulher, aqui eu nunca senti nenhuma diferença. Então eu acho que pra eles, os que eu tive contato, pra eles tanto faz. (Marcela, 2021)

Ela respondeu afirmativamente à pergunta sobre ter se sentido discriminada, tratada de forma machista por ser mulher brasileira, mas especificou que foi por *“outras nacionalidades”*, referindo-se a indianos e a uma pessoa do Vietnã (ela não tinha certeza da nacionalidade), e nunca por um canadense. A entrevistada ainda comentou: *“Na verdade, pra ser justa, né, aqui em Vancouver é muito difícil você encontrar canadense”* (ela riu). Marcela também reportou a indianos os comentários sobre brasileiras serem *“fáceis”* e *“que não queria ouvir porque ela era mulher”*, dizendo que há algumas *“culturas mais patriarcais”* lá em BC que têm esse comportamento. Em relação à forma como homens brasileiros são tratados, se ela percebia alguma diferença, ela deu uma pausa, suspirou e depois disse: *“Não muito, na verdade. Eu não... Não. É. Provavelmente tem, mas eu nunca tive vivência pra te dizer”* (ela riu). Ao relatar sobre a importância de se mudar de país, ela afirmou que era *“um caso de vida ou morte”*, que era muito infeliz no Brasil e que *“hoje em dia”* ela podia ser quem ela era, que o novo país proporcionou *“Oportunidade na carreira, oportunidade pessoal. Oportunidade de viver.”*

Perguntei para 11 entrevistadas se elas se sentiram beneficiadas por serem brasileiras e: quatro delas responderam *“não”* ou *“acho que não”*; três responderam não, depois mudaram para *“acho que sim”*, *“talvez sim”*, *“sim”*; uma delas falou *“talvez sim”*, três responderam afirmativamente, sendo que apenas uma respondeu objetiva e

¹⁹⁴ Marcela, 29 anos, morava na Região Sul do Brasil e migrou casada para BC em 2018.

prontamente que “sim”. Esta foi **Marcela**, que iniciou a resposta com “*Brasileiro aqui ajuda bastante brasileiro, né?*”, referindo-se a um processo seletivo realizado pelo Colégio público em que estudava. Tratava-se de um projeto assistencial que seria realizado no continente africano e para o qual havia somente uma vaga. Embora reconhecesse, enquanto relatava, que tinha a competência e as credenciais para a vaga, achou que a nacionalidade “pesou” na decisão do funcionário brasileiro responsável pelo processo seletivo, já que a outra candidata, uma indiana, seria tão qualificada quanto ela. **Paula** também sinalizou ser afirmativa a resposta, retomando o relato que fez quando foi contratada para trabalhar na empresa de consultoria de imigração liderada por um Russo, pontuando que “*E, assim, é uma coisa muito sutil, né? Não necessariamente... Tipo assim, eu não tenho como dizer que foi isso, mas eu percebo, né?*”.

Graça afirmou se sentir beneficiada por ter um gerente brasileiro trabalhando com ela: “*Tem um mês, minha vida melhorou na clínica porque ele é brasileiro. E aí, tipo, como a língua é fácil, né? Aí se tiver de escalar uma pessoa pra um dia que tá fechado, pra ganhar mais, ele me escala. Entendeu? Eu já tirei vantagem por ser brasileira*”. **Sônia** foi uma das que disseram “não”, mas depois se lembrou de ter sido contratada para trabalhar numa pastelaria de brasileiros e que eles davam prioridade a quem falava português, como já foi descrito. O mesmo aconteceu com **Lívia e Carolina** durante a entrevista. A primeira falou “não”, depois se lembrou de uma situação como estudante em que se sentiu favorecida em detrimento de estudantes indianos e descreveu: “*Na (nome da instituição), estudando, os professores não gostavam dos indianos, então era bem claro que eles ajudavam mais os brasileiros. Se um dos brasileiros quisesse falar eles faziam o indiano ficar quieto e o brasileiro que falava...*”. **Carolina** fez referência a um processo de seleção em que a responsável por separar os currículos era brasileira e ponderou, enquanto falava comigo, que isso pode ter interferido. Ela descreveu que a profissional comentou sobre ter separado currículos de homens e mulheres de nacionalidades diferentes e que neste grupo havia, além de um outro brasileiro(homem), candidatas canadense, indianos, “*Mas ela me falou que ela colocou, ela separou os currículos, foram cinco pessoas entrevistadas e ele gostou de mim, o gerente.*” **Elisa** respondeu com “*Se tiver um monte de brasileiro trabalhando, talvez.*”, e falou que tenta ajudar também se for uma pessoa preparada, tiver bom currículo, já que os dois primeiros anos lá no Canadá, segundo ela, “*(...) destroem a nossa autoestima de trabalho, a gente começa a acreditar que a experiência do Brasil não é válida aqui.*” **Joana** falou que não

se sentiu beneficiada, mas que “(...) já favoreci outras pessoas por serem brasileiras. É... a pessoa que trabalha mais próxima de mim hoje na empresa, ela é brasileira. E pra mim foi ótimo, porque eu sabia que ia ser mais fácil a comunicação.” **Amanda e Clarice** responderam negativamente e não fizeram mais comentários; já **Tainá**, que também respondeu negativamente, reforçou do seguinte modo: “Eu acho que... Assim, ó, vamos tentar resumir. Eu não senti preconceito, mas eu não me senti favorecida.”

Quando me proponho a estudar sobre as trajetórias dessas mulheres, imprescindível atentar para o fato de que, ao mesmo tempo que existem elementos de aproximação e identificação, em função da nacionalidade, há inúmeras variáveis a ser consideradas como nível de escolaridade, cor da pele, profissão, idade, orientação sexual, condição financeira, entre outros pontos. Quando consideramos a fase que antecede a chegada ao país de destino, ainda outras questões podem ser observadas, como a região do Brasil de onde partiram, sua inserção social, o acesso a meios de comunicação e informação, os recursos disponíveis para viagens exploratórias e pesquisas, apenas para citar alguns exemplos. Para além de refletir sobre as disposições trazidas por estas brasileiras ao novo país de residência, trata-se aqui de ponderar sobre os possíveis impactos produzidos pela experiência de deslocamento, tanto no que se refere ao capital cultural passível de ser adquirido e incorporado, quanto no que diz respeito às situações potenciais de violência, simbólica ou física, a que estão ou estiveram submetidas as mulheres migrantes.

As reflexões acerca de como estes “corpos-migrantes” se compõem nestas trajetórias, além de incluírem aspectos como cuidados com o corpo, forma de se vestir e se apresentar, uso de maquiagem, perfume, acessórios, as mudanças nas trajetórias profissionais e a relação que estabelecem com novas atividades laborais, por vezes completamente diferentes ou distantes das que realizavam no Brasil, apontam para questões bastantes sugestivas no que diz respeito à dimensão corporal do processo migratório, o foco desta pesquisa. Estou falando de pensar os corpos destas mulheres por meio do que podemos entender como “corpos-migrantes”, ou seja, corpos que se fazem e refazem no movimento migratório, corpos em trajetória, com bagagens histórica, social, cultural, política, subjetiva objetivadas em comportamentos, posturas, práticas, expressões, interpretações da realidade. Disposições trazidas de seu país de origem, das experiências vividas até então, em corpos que se movem e se fixam em um novo país, compondo-se nas e pelas relações que passam a estabelecer com elas mesmas, com o entorno, com as pessoas que configuram as novas redes de relação, de apoio, de disputa.

A experiência de Marcela, por exemplo, traz à baila o deslocamento de um corpo cuja orientação sexual é rejeitada e a coloca em risco, em direção a um contexto em que ela se sente segura para viver e expressar publicamente sua sexualidade, adotar uma relação melhor com o corpo, estabelecer para si mesma novas prioridades, mais condizentes com sua vida no Canadá. Neste movimento, que não se fez apenas de ganhos, ela passou a exercer atividade profissional diferente de sua formação e experiência no Brasil, como já foi mencionado no capítulo II, o que a levou a uma rotina diferente e nova posição hierárquica no campo das profissões da área de saúde: no Brasil trabalhava em hospitais e numa clínica de que era sócia; no Canadá estava atuando como gerente em uma clínica odontológica. Sua trajetória ainda incluiu uma separação conjugal, de que a participante falou superficialmente durante a entrevista. Ainda que tenha afirmado não se sentir tratada de forma discriminatória por ser mulher brasileira por canadenses, ela sinalizou esta questão na relação estabelecida especialmente com indianos, informação que apareceu em quase todos os relatos, com pouquíssimas exceções. Tratam-se de tensões, jogos, disputas, redes que se formam nas experiências migrantes, cujos atravessamentos de gênero, raça, etnia, classe acabam por definir oportunidades de inserção na sociedade de acolhimento, alternativas de mudança e de ascensão, maior ou menor status, mais ou menos mobilidade migrante.

O que temos também como tema de reflexão diz respeito à estereótipos sobre sexualidade e expressões de sensualidade associados a mulheres brasileiras no exterior. As imagens que produzem objetificação e sexualização de brasileiras, como foi visto neste capítulo, dizem respeito a concepções patriarcais sobre os corpos ditos femininos e suas expressões, cujos efeitos possíveis são a hierarquização, submissão, exploração e violência, em graus diferentes e com consequências que podem ser mais ou menos graves. A depender da classe, cor da pele, orientação sexual, da profissão que exerça, idade, local de nascença, entre outras variáveis, corpos femininos e expressões femininas podem sofrer mais intensamente ou menos intensamente os efeitos deste processo de divisão e estigmatização de diferenças. Todas as participantes, em seus relatos, se referiram a British Columbia ou ao Canadá como um lugar em que se sentem protegidas, seguras fisicamente, onde se percebem também mais livres de exigências relacionadas à aparência. Mas as informações de que brasileiras podem ser objetificadas, discriminadas por conta dos estereótipos sexuais também apareceram, ainda que com ressalvas, dúvidas,

algum tipo de impasse ao falar sobre o assunto de serem ou não alvo da estigmatização que abordávamos.

Lívia e **Clarice** descreveram situações em que não tiveram dúvida sobre comportamentos invasivos e de assédio, a primeira com um canadense e a última com um indiano. **Paula** se posicionou de forma ambivalente, primeiro afirmando sobre a imagem sexualizada de brasileiras, de forma geral, para canadenses e depois ponderando sobre ser muito sutil, não ter como provar, mas sentir no olhar, na forma de tratar, ao descrever os sinais de sexualização de sua imagem como mulher brasileira em uma de suas contratações. Ao relatar a situação de ataque xenofóbico que sofreu em um transporte coletivo, Paula deixou claro o receio que sentiu e o fato de ter sido traumatizante a experiência, ao mesmo tempo que elogiou a conduta da polícia. **Elisa** se lembrou tanto de uma experiência que teve durante um encontro, em um local público, quanto da pergunta da coordenadora do College sobre se a investida de que foi alvo teria relação com sua nacionalidade brasileira. Diferente das informações sobre xenofobia e violência contra brasileiras em países da Europa, por exemplo, a que se tem acesso por meio de pesquisas acadêmicas e por veículos da mídia, ou ainda através de depoimentos expostos nas redes sociais, os relatos aqui expostos trouxeram de maneira expressiva referências à segurança e ao discurso de garantia de direitos das mulheres e minorias no Canadá.

O que me pareceu é que sendo o Brasil um país onde a violência contra mulheres apresenta dados alarmantes, onde comportamentos de assédio e intimidação de mulheres são naturalizados, para não falar aqui de outras graves violações de corpos femininos, certas abordagens mais sutis podem soar menos problemáticas, agressivas ou discriminatórias. Reconhecidamente um país mais seguro e menos sexista, o Canadá, suas insituições e boa parte de sua população são descritos como acolhedores, receptivos, gentis e não discriminatórios. Se nos voltarmos aos índices de violência e morte de mulheres, no Canadá e no Brasil, é possível entender a sensação de segurança e os discursos elogiosos ao primeiro. A discrepância entre os resultados de tais dados estatísticos, todavia, não elimina completamente experiências de discriminação, particularmente as mais sutis.

Algo que me chamou atenção, por exemplo, foi que as entrevistadas que se sentem favorecidas, ao serem identificadas como brasileiras em BC, fizeram referência ao suporte ou favorecimento que receberam, ou que supõem que receberam, de outras(os) brasileiras(os). Mesmo que haja citações à forma como percebem que os canadenses veem

brasileiras e brasileiros - pessoas trabalhadoras, comprometidas, legais, que gostam de festa - as situações de possível favorecimento, em seus relatos, não estavam relacionadas a canadenses. Não estou afirmando que isso não aconteceu, mas sim dando destaque ao fato de as situações lembradas por elas estarem relacionadas a outras pessoas do Brasil em posição de liderança. Apenas **Paula** não se reportou a ser favorecida por brasileiros, mas sim por um contratante estrangeiro que ela sentiu vê-la de forma sexualizada. Quando falou do emprego atual, em um escritório canadense, a entrevistada descreveu ser um local receptivo a imigrantes, que ela não é a única lá e que diferentes nacionalidades ocupam diferentes posições, incluindo a de sócio, pelo que entendi. Ou seja, ela não demonstrou sentir ser favorecida por ser brasileira nesta contratação.

Analisar as perspectivas trazidas pelo grupo de participantes da pesquisa pela chave do “corpo-migrante” é válido, volto a dizer, porque destacamos estes corpos que se colocam e se fazem em trânsito, em trajetória, posicionando-se e reposicionando-se em campos de trabalho, estudo, lazer diversos dos que ocupavam antes de migrar. Mas não para por aí... As entrevistas sinalizaram a importância de pensar a questão do pertencimento étnico-racial no contexto migratório, como farei no próximo tópico.

3.4 Sobre pertencimento étnico-racial no Brasil e no Canadá.

*“Todos os lugares são[racistas]. Não é que aqui não tenha, aqui tem também. Pra latino, pra asiático, pra tudo. Mas eu me sinto menos julgada por ser negra aqui, eu sinto que minhas oportunidades... Eu posso até perder oportunidade por ser imigrante, mas não por ser negra. Sabe?”
(Paula, 2022)*

Um dos objetivos da pesquisa foi verificar como as participantes se veem e se classificam racialmente no processo migratório, daí a inclusão de uma pergunta sobre autoidentificação racial no Brasil e no Canadá no roteiro que utilizei para as entrevistas. Foi interessante observar, primeiramente, a partir de seus relatos, as diferenças de classificação com que elas se deparavam, por exemplo, ao preencher as informações solicitadas nas aplicações para emprego, bem como a aparente dificuldade de algumas em tratar do assunto, em responder mais objetivamente sobre as denominações utilizadas em cada país quando fiz essa indagação durante as entrevistas. Antes de abordar mais

diretamente as falas das entrevistadas, todavia, apresento algumas ponderações sobre “raça” e “cor”, a fim de situar teoricamente este tema. Para efeito do que pretendo trabalhar nesta seção, assim, recorro à definição de “raça” apresentada por Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2009):

“Raça” é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma ação específica de natureza, como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de “raça” permite – ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos -, tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que se lhe reconheça a realidade social que só o ato de nomear permite. (GUIMARÃES, 2009, p.11)

O autor, ao tratar de racismo e antirracismo, alerta para o fato de ter sido um tabu a questão do racismo no Brasil, onde a imagem de uma “democracia racial”¹⁹⁵ fez-se marcante como característica de um povo civilizado e cordial forjado a partir da miscigenação. Ao tratar de fatos significativos da história de formação social, política e cultural brasileira, ele sinaliza as bases do racismo e das profundas desigualdades vividas em nosso país, para a violência com que as hierarquias de poder baseadas na superioridade e ideal da branquitude se constituíram, se sustentaram e se mantiveram, justificando diferenças e privilégios. GUIMARÃES (2009, p. 40) afirma que “a linguagem de classe e de cor, no Brasil, sempre foi usada de modo racializado. Tanto a tonalidade da pele quanto outras cromatologias figuradas ‘naturalizaram’ enormes desigualdades(...)” o que contradiz não somente a dita autoimagem de democracia racial, mas também alerta para o fato de não se tratar de categoria objetiva com que se definem grupos humanos.

O destaque a este ponto me parece necessário quando me proponho a tratar das diferentes “classificações” e questões relativas à percepção da própria imagem com que lidam as participantes da presente pesquisa, ao saírem de um país historicamente

¹⁹⁵Sobre esta questão, o autor pondera: “(...) as origens para a ideia de sociedade brasileira como uma ‘democracia racial’ tem suas origens: (...) na ideia de Freyre de que a cultura lusobrasileira, o ‘mundo que o português criou’, teria desenvolvido uma ‘democracia social’ mais profunda e pujante que a ‘democracia política’ dos anglo-saxões e franceses. Essa democracia social seria basicamente um modo diferente de colonizar que significou miscigenar-se, igualar-se, integrar os culturalmente inferiores, absorver sua cultura, dar-lhes chances reais de mobilidade social no mundo branco. Freyre fala depois em ‘democracia étnica’ para dizer que, no Brasil, apesar de uma estrutura política muito aristocrática, desenvolve-se, no plano das relações raciais, relações democráticas. São essas ideias que foram traduzidas como ‘democracia racial’(...)” (GUIMARÃES, 2003, p.102)

mestiço¹⁹⁶, mas profundamente marcado pela relação longa e violenta que manteve com a escravização de povos pretos trazidos à força do continente africano e pelo extermínio de parcela expressiva da população indígena que o habitava antes do processo de colonização europeia. De diferentes formas, com significados diversos, a questão racial se mostra como tema não somente relevante, mas necessário para entendimento mais consistente das bases que nos sustentam como nação. Partilho, assim, da ponderação do autor sobre a necessidade de nomear tal realidade social, não para reafirmar a noção de “raça” ou tratá-la como algo “natural”, mas sim para discutir sobre suas implicações na composição das subjetividades com que trabalho nesta pesquisa, aqui particularmente tratando de pessoas migrantes. Neste caso, tratar das possíveis mudanças no que se refere a pertencimento étnico-racial é também trazer à discussão como as entrevistadas se posicionam, se reposicionam, como lidam com novas hierarquias, jogos e disputas, nos campos pelos quais transitam durante a trajetória migrante¹⁹⁷. Tratando do uso do conceito de “raça” em Sociologia, o referido autor discorre:

O que são raças para a sociologia, portanto? São discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências). Existem vários outros tipos de discursos que são também discursos sobre lugares: lugares geográficos de origem — “a minha Bahia, o meu Amazonas, a minha Itália” —, aquele lugar de onde se veio e que permite a nossa identificação com um grupo enorme de pessoas. Quando falamos de lugares, falamos de etnias. Outras vezes, os discursos sobre origens são discursos sobre o modo de fazer certas coisas (por exemplo: ‘nós fazemos desse jeito, nós comemos um alimento cortando-o na diagonal e não na vertical, como fazem os bárbaros’); esses são discursos que podem também formar uma comunidade. (GUIMARÃES, 2003, p. 96).

Josimar Jesus e Rodolfo Hoffman (2020) trazem discussão interessante sobre identidade racial, sinalizando não somente ser uma construção social, mas com destaque

¹⁹⁶Sobre este ponto, o trecho seguinte esclarece: “O processo de mestiçagem no Brasil foi talvez o mais alto e intenso do continente americano desde os primórdios da colonização. No entanto, na construção do sistema racial brasileiro, o mestiço é visto como ponte, na qual a tríade branco-indígena-negro se intersecciona e se dissolve em uma categoria comum fundante da nacionalidade. Se os brasileiros são misturados desde a origem, hoje não seriam nem pretos, nem brancos, mas sim um povo mestiço. A mestiçagem, porém, não conseguiu eliminar a hierarquização dos três grupos de origem e os conflitos de desigualdades étnico-raciais resultantes dessa hierarquização.” (DOMINGUES, 2022, p. 43)

¹⁹⁷Em relação aos Estados Unidos, por exemplo, o autor pondera que: “Um parêntese: quando se fala em raça, nos Estados Unidos, isso faz imediatamente sentido para as pessoas; não se pode viver nos Estados Unidos sem ter uma raça, mesmo que se tenha que inventar uma denominação — como latino — que designa uma uniformidade cultural e biológica de outro modo inexistente, mas imprescindível para possibilitar o diálogo com pessoas que se designam ‘negras’, ‘brancas’, ‘judias’, etc. Todos os grupos étnicos viram raça nos Estados Unidos, porque raça é um conceito nativo classificatório, central para a sociedade americana.”(GUIMARÃES, 2003, p 97)

particular sua sobre sua transitoriedade e fluidez¹⁹⁸ tanto no que diz respeito à heteroidentificação quanto à autoidentificação. Não se trata, portanto, de categorias fechadas, fixas, mas sim relacionadas a contexto, à posição que se ocupa na estrutura social, a mudanças nas visões de mundo, a experiências particulares, entre outras questões a serem consideradas.

Além da mudança no modo como as próprias pessoas se veem, a fluidez racial também se manifesta ao se contrastarem diferentes métodos de classificação racial. Conforme argumentado por Miranda-Ribeiro e Caetano (2005, p. 6), por trás da autoclassificação, está a questão da identidade, seja ela oriunda de fenótipos, ancestralidade ou razões culturais. Por outro lado, em muitas situações, o que importa é como o mundo vê o indivíduo em termos da sua cor ou raça, e não como ele próprio se vê. É o caso da discriminação racial no mercado de trabalho (JESUS; HOFFMANN, 2020 p.4).

Estas foram questões com que me deparei durante a pesquisa, manifestadas pelas entrevistadas, ao descreverem as mudanças nos processos de autoidentificação racial na condição de imigrantes que vivem no Canadá. Percebi possíveis conflitos ao tratar de autoidentificação racial, bem como notei a necessidade de reelaborar a pergunta, deixar mais claro a que assunto estava me referindo (citando as categorias utilizadas pelo censo brasileiro)¹⁹⁹, voltar ao tema durante a conversa, ou, depois, por meio de mensagens enviadas pelo celular. Uma das entrevistadas, por exemplo, inicialmente falou de forma genérica sobre o tema do preconceito racial, e não sobre a classificação que utilizava, deixando claro, posteriormente, que se tratava de uma “pergunta difícil”; houve quem expressasse dúvida sobre como se auto identificaria, ou que mudasse a resposta por lembrar que havia respondido em uma aplicação de emprego diferentemente do que me disse na entrevista. Também aconteceu de parecer incômodo o tema, como algo que, uma vez respondido, precisava ser justificado. Ainda que eu não possa afirmar ter sido propriamente um incômodo ou expressão de conflito com o tema, algumas dessas reações me chamaram atenção. Entendi ser importante trazer este ponto à discussão em seção específica, em breve diálogo com a teoria, e não somente como um dado a mais sobre as

¹⁹⁸Para situar o leitor sobre o uso de fluidez: “De um modo abrangente, o conceito de fluidez racial se fundamenta na ideia de que as classificações raciais, sejam elas baseadas em auto ou heteroclassificação, em categorias abertas ou fechadas, não são fixas, mas sim construções sociais em perspectivas tanto temporal quanto socioeconômica e contextual (SILVEIRA; TOMAS, 2019). (...) Ou, em outras palavras, a classificação racial no Brasil sempre possuiu caráter ambíguo, sendo influenciada por interesses pessoais, relações de poder e contextos sociais específicos.” (JESUS; HOFFMANN, 2020, p.4)

¹⁹⁹ O questionário básico do CENSO brasileiro realizado em 2022 conta com 26 questões e apresenta na seção Identificação Étnico-racial a pergunta “A sua cor ou raça é” seguida das opções: branca, preta, amarela, parda e indígena. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/questionarios.html>.

participantes. Tenho me sentido provocada, inclusive, a dar continuidade ao estudo deste tema em pesquisas futuras.

Para quatro das participantes que não deixaram claro como se classificavam ou que responderam somente de forma objetiva como se viam no Brasil, eu entrei em contato depois, por mensagem de “WhatsApp”, refazendo a questão e perguntando se seria possível compartilharem comigo sobre como se identificavam racialmente, caso fosse necessário, tanto no Brasil como no Canadá. Todas colaboraram, retomando o assunto e registrando mais objetivamente as possíveis classificações, algumas acrescentando algumas informações que apresentarei adiante, com trechos de suas falas. Nesta nova abordagem, as respostas se fizeram mais claras. Das doze entrevistadas, seis afirmam que, no Brasil, identificavam-se como brancas, três como pardas, duas como negras e uma como amarela. Esta última com uma particularidade que compartilhou durante a entrevista e reafirmou no contato que fiz, posteriormente, para esclarecer seu posicionamento em relação à autoidentificação.

Carolina, que é descendente de japoneses, disse que, no Brasil, era vista como japonesa, chegando a sofrer bullying quando era adolescente.²⁰⁰ No Canadá, ela relatou ser vista como chinesa e que algumas pessoas pedem informação a ela em chinês na rua. Sobre a forma como sentia ser vista, ela comentou “*Aqui eu sou chinesa, com sotaque estranho e todo mundo pergunta de onde é...*”. Esta mesma participante, que se descreveu como “disfarçada” quando perguntei sobre sua percepção da maneira como são vistas as brasileiras no Canadá, falou também do entendimento que tem das especificidades de comportamento de mulheres japonesas (ela descreveu falar baixo, olhar pra baixo, não ocupar muito espaço), além de citar uma amiga canadense, cuja família é de Quebec, que partilhava da percepção de serem diferentes as chinesas das japonesas: “*você vê andando na rua e já sabe, né?*”. Sobre autoidentificação no Brasil e no Canadá, em contato posterior à entrevista, ela disse que, no Canadá, se classifica como latina, acrescentando algumas informações que considere interessantes sobre a empresa em que trabalha atualmente, agora já na mesma área em que atuava no Brasil.

²⁰⁰Sobre esta experiência da entrevistada, destaco o seguinte trecho: “Os descendentes de imigrantes japoneses constituem, a esse respeito, um exemplo curioso. Apesar de deslocados do imaginário nacionalista (eles são chamados até hoje de ‘japoneses’ ou, no melhor dos casos, ‘nissei’), foram assimilados do lado branco da bipolaridade de *status* ‘branco/negro’, herdada da escravidão. Talvez, por isso, eles tenham encontrado liberdade suficiente para maximizar seus capitais (cultural e econômico) e lograr uma melhor inserção social que os descendentes de africanos. “(GUIMARÃES, A.S.A., 2009, p. 57)

Eu não mencionei na entrevista, mas geralmente na candidatura eles perguntam se você se auto identifica como minoria e eu coloco que sim. Não lembro se na (nome da empresa) teve, mas eles têm metas bem altas de empregar minorias²⁰¹. Eles não falaram sobre isso. Mas sei que meu chefe tem, dentre os objetivos como gestor, trazer diversidade cultural para a equipe e ele não tinha imigrantes na equipe. Eles mantêm grupos de discussões... Não sei o que eles fazem, mas assim: Grupo Latino, Grupo Ásia, Grupo LGBT. Sabe? E eu vi que a empresa tem metas de crescer o número de participantes nesses grupos. Mas sou sincera que não sei o que eles fazem. Se eles organizam eventos ou é mais fórum... Tem mais grupos, mas são grupos de minorias (...) Outro dia estava lendo sobre práticas de RH para incluir minorias e vi que a empresa aplica. Eu tinha que apresentar uma análise de “forecast” (previsão) como parte do processo seletivo. (Carolina, 2022)²⁰²

Além de Carolina, mais oito entrevistadas se classificavam no Canadá como latinas e/ou hispânicas, quando necessário, totalizando nove das doze participantes. Neste grupo encontram-se, além das que se declaravam pardas no Brasil, cinco mulheres que se classificavam como brancas em seu país de origem. Destas cinco, uma mudou sua forma de se declarar formalmente como branca após se mudar de British Columbia para Ontário, como será descrito com detalhes adiante. Destaco mais algumas informações a respeito deste ponto, como o que disse **Joana**, inicialmente, sobre ser uma pergunta boa e que nunca parou muito para pensar sobre isso. Durante a entrevista, ela falou mais genericamente e tratou das diferenças entre os dois países em relação às classificações raciais, ao invés de especificar como se identificava, talvez porque eu precisasse reformular mesmo a maneira de perguntar. Em sua resposta, assim, ela distinguiu os contextos, dizendo que achava que no Brasil era mais a distinção pela cor e que no Canadá achava que não era muito da cor, mas sim da origem. Posteriormente, quando retomei a questão em um contato que fiz por mensagem em áudio, também enviado por Whatsapp, perguntando se poderia compartilhar como se auto identificava, ela afirmou “*Eita, que difícil essa*” e relatou que:

Questão de como me identifico, é... Sempre coloquei...Eu acho que no Brasil, eu usava parda. Pra ser sincera, eu não lembro. E aqui, eu sempre vou numa opção que não compartilho, ou então quando tem latina, aí eu coloco latina. Mas...nunca coloquei assim negra, e tal, e nem branca. Eu me considero

²⁰¹De acordo com a “Lei de Igualdade de Emprego do Canadá”, cujo objetivo é “alcançar a igualdade no local de trabalho, de modo que a ninguém sejam negados benefícios ou oportunidades de emprego por motivos alheios à sua competência e, para tanto, corrigir desvantagens trabalhistas enfrentadas por mulheres, povos indígenas, pessoas com deficiência e membros de minorias visíveis, de acordo com o princípio de que a equidade no emprego exige, para além das pessoas idênticas, medidas especiais e facilidades adaptadas às diferenças”, compõem “minorias visíveis” as pessoas que não sejam aborígenes, que não sejam de raça branca ou de cor não branca. Disponível em: [Employment Equity Act \(justice.gc.ca\)](http://www.justice.gc.ca/employment-equity-act)

²⁰²Trecho extraído de uma conversa pelo WhatsApp, meses após a entrevista, complementando informações que solicitei sobre identificação racial no Brasil e no Canadá.

morena, mas morena é uma opção que não aparece. Então eu sempre ficava, fico assim meio que na dúvida do que colocar. (Joana, 2022)

Antônio Sérgio Guimarães argumenta que a categoria “cor” não é objetiva, mas sim racial “(...) pois quando se classificam as pessoas como negros, mulatos ou pardos é a ideia de raça que orienta essa forma de classificação.” (GUIMARÃES, 2003, p 103). Importante esse destaque se considerarmos que os possíveis impasses, dificuldades que aqui serão expostas sobre as classificações raciais com que lidam os corpos-migrantes não se dão apenas em dimensão pessoal, mas objetivam as fronteiras raciais e sociais em que se encontram, por onde se movimentam, não somente em seu país de origem, mas também no de destino. Sobre ver-se “morena”, recorro a ponderações do mesmo autor, em outra publicação, quando afirma sobre o caráter positivo de tal denominação para os que teriam algum grau de mestiçagem, entre as possibilidades “branca”, “morena” e “preto”. “Dadas essas opções, é provável que se identifiquem como “pretos” apenas aqueles que estão, inescapavelmente, na “pobreza”, e como “brancos” apenas aqueles que fazem questão de pertencer às elites (GUIMARÃES, 2009, p.128).”

Clarice afirmou sempre ter se considerado parda, ainda que no Brasil “(...)as pessoas diziam, ‘não, você é branca’, mas, assim, eu sempre disse, gente, minha mãe ela é totalmente marrom, meu avô negro, negro, negro.” Ao falar sobre como se sente e se classifica estando no Canadá, todavia, ela demonstrou ter dúvida e comentou sobre se perceber, agora, mais branca, já que não toma sol com frequência como se dava no Brasil.

Mas eu não lembro se eu coloquei... Se eu tive que colocar, eu devo ter colocado é... (pausa) Não é hispânica...Às vezes eles consideram também como hispânica, né? Porque, assim, minha cor, devido a eu não ter pego mais muito sol, eu mudei muito. Eu to muito branca, comparando com o que eu era no Brasil. Então tinha esse detalhe, eu vivia no sol, praticava esporte no sol, então eu me considerava parda porque eu ficava marrom. Porque eu pego muito, tenho muita melanina. Mas aqui eu colocaria como, talvez hispânica, “South American”, não sei como colocaria. Branca, não. Caucásiana, não. Caucásian, né, como eles chamam. Acho que não. (Clarice, 2022)

Ainda que mencione as origens da família, ao justificar, no Brasil, a percepção que tem de si como parda, contestando o olhar de outras pessoas sobre ela, ao se mudar de país tal avaliação se faz aparentemente menos consistente para Clarice, que passa a acionar um argumento sobre cor de pele. Vendo-se mais “branca”, ela se questiona sobre a própria identificação racial e tem dificuldade de se situar como alguém que “objetivamente” nasceu em um país da América do Sul e se transferiu para um país da América do Norte, ainda que cite esta opção como possível de ser utilizada para se

identificar. Sobre as implicações do uso da categoria pardo em pesquisas do Censo, retomo Josimar Jesus e Rodolfo Hoffman:

Loveman, Muniz e Bailey (2012) avaliaram como a remoção da categoria pardo do censo ou de outras pesquisas sociais provavelmente afetaria o quadro descritivo da composição racial do Brasil e as estimativas de desigualdade de renda entre e dentro das categorias raciais. Os resultados do estudo indicaram que um formato de pergunta binária forçada (branco e preto) resulta em uma imagem mais branca e racialmente mais desigual do Brasil, por meio do movimento de muitos entrevistados mestiços de renda mais alta para a categoria de brancos. Ademais, as análises apresentadas por Silveira (2019), Muniz e Bastos (2017) e Monk (2013) mostram que um mesmo indivíduo pode ser classificado em diferentes categorias de cor ou raça, dependendo da região do país em que se encontra (JESUS; HOFFMANN, 2020 p.5).

Clarice trouxe ainda uma lembrança de discriminação que sofreram por parte de um vizinho canadense que ela descreveu como uma pessoa com transtorno mental. Segundo a entrevistada, o vizinho tinha comportamento discriminatório com chineses, por exemplo, e durante uma fase de “crise” ele foi à janela de sua casa gritar, falando “*esses brasileiros nojentos*”. Ela disse que foi algo bem pesado, mas teria sido uma experiência isolada. Na época, eles tinham visto provisório e ela disse que eles relevaram, mas falou que não sabe se teriam a mesma reação após a residência permanente, com mais direitos. Ela chegou a mostrar o vídeo da situação para o dono da casa onde ele morava, mas ele pediu paciência, que era uma pessoa com problemas. De acordo com Clarice, o dono da casa argumentou que, se mandasse a pessoa sair de lá (a casa era alugada), ele iria morar na rua, mas que, se chegasse a um ponto que precisasse, eles interviriam. A entrevistada lembrou a situação vivida com este vizinho (com possíveis problemas psiquiátricos) porque ele dizia que brasileiros são “*marrons*”, mesmo ao se referir ao seu enteado, que é “*loiro e bem branco*”, segundo sua descrição.

Amanda é uma das participantes que, embora se classificasse como branca quando morava no Brasil, atualmente se coloque numa perspectiva diferente. Ela foi a primeira a trazer mais objetivamente esta questão da dúvida e da mudança, relatando sua experiência ao preencher aplicações para trabalho no Canadá. Mesmo que se sinta branca e esta tenha sido sua primeira resposta, quando fiz a pergunta sobre autoidentificação racial, Amanda manifestou, logo em seguida, o conflito de como se posicionava ao precisar marcar uma das opções disponíveis nas aplicações a que teve acesso:

Ah, como eu me classifico? Ah, branca. Ah, só um parêntese. Se bem que, agora, eu lembrei, muitas vezes quando a gente vai fazer uma entrevista, é... preencher coisas online, de entrevista ou de qualquer coisa, no final eles perguntam: 'Como você se classifica?' Então tem as opções: white, não sei o

quê e latino. Eu sempre me classifico como latina. Aí já não coloco branca, eu coloco latina. No final de várias aplicações online, como você se classifica? Aí tem lá, branco, africano, asiático e tem latino. Aí inclui South American. Eu fico na dúvida, 'eu sou white, ou sou latina?'. Eu boto latina porque minha família toda é toda misturada também, tem negro, tem isso, tem aquilo. Aí eu boto latina. Aqui eu me classifico latina, eu não me classifico branca, não. (Ela ri). No Brasil, se me perguntasse 'Qual a sua classificação?', eu dizia branca. Mas aqui, se me perguntar 'Qual a sua classificação?', eu digo que sou latina. (Amanda, 2021)

Tainá, iniciou sua resposta falando que sentia ser vista e julgada pelas pessoas como “(...)aquela branca, patricinha, de família rica, tipo esse estereótipo. Estudou em escola privada, é privilegiada(...)” e que não era assim que se ela se enxergava “talvez porque estava ali”. Ela demonstrou incômodo com a questão, eu falei sobre as categorias que utilizamos no Censo do Brasil e ela se definiu como branca. Em relação ao Canadá, ela expressou claramente sua dúvida sobre como se classificaria (como branca ou latina) nos formulários para aplicação de trabalho e sugeriu mais uma vez conflito com o tema em sua resposta, argumentando sobre discordar do uso destas classificações.

Eu realmente não sei se eu sou... já perguntaram aqui em alguma aplicação e eu não lembro o que eu respondi. (...) Eu acho que eu devo ter colocado branca. Mas eu realmente não sei, tá? Se tivesse latina, eu colocaria latina. Eu acho que eu coloquei branca, mas eu não vi latina, se fosse latina eu teria colocado latina. (...) É, eu associo como a cor da pele, mas eles associam como cultura. Aí tem uma outra, é... um nome bem esquisito, não é latino, é... não vou lembrar, mas tinha um nome esquisito. Que eu acho que também serviria. Faz tempo que eu não preencho, mas se eu preencher e lembrar, eu te mando com certeza. Mas eu me identificaria, se você perguntar, branca. Ou latina. Depende da opção. O que tiver de opção. É tão feio isso, né? Ah, não sei... você ter que falar sou branca, ou sou parda, ou sou negra. Querendo ou não, é... Mas eu acho que não tinha que ter essa divisão, entendeu? Ser humano. Pronto. Homem, mulher, ou trans, ou gay. Pronto. Aí não precisa perguntar a cor da pele, não tem que ter essas subcategorias. Faz ter mais preconceito, eu acho. Quando você cria essas subdivisões (Tainá, 2022).

Além de Tainá, que não deixou claro como se identificaria, cambiando entre as respostas “branca” e “latina”, duas das entrevistadas relataram manter a classificação como brancas após se deslocarem para British Columbia, sendo que somente uma falou com mais segurança, sem sinalizar dúvida ou mesmo a possibilidade de mudar, afirmando-se mais objetivamente como branca. **Sônia** falou sobre o que entendia que se espera da classificação como latina e citou mais de uma vez o fato de ser confundida com as russas, afirmando manter a mesma percepção que tinha sobre si quando morava no Brasil: ser branca. Na entrevista, ela relatou haver muitos brancos na região Sul do Brasil e sobre a impressão que tem de haver menos diversidade lá. Em relação ao Canadá, ela respondeu:

Porque às vezes a gente pode por latino, mas eles têm a ideia de latino... Talvez por isso que eles achem que eu sou russa, né? Porque eu sou do Sul do Brasil, então... Sou muito branca, sou muito transparente. Então continua a mesma coisa, assim, porque aqui [British Columbia] tem muito mais diversidade, né, pelo menos do que tinha no Sul [do Brasil]. Porque é muito chinês, amarelo, é muito indiano, muito africano, muito de tudo, assim, né? Então acho que eu sou vista da mesma maneira e eu me coloco da mesma maneira que eu era no Sul. (Sônia, 2022)

A outra entrevistada a que me referi acima, **Cecília**, falou inicialmente sobre autoidentificação no Canadá dando a entender que se via como branca, reforçando a questão dos privilégios que pessoas brancas usufruem e o preconceito que percebia dirigido a indianos e indianas, mas sem especificar como se classificava.

Eu vou ser bem honesta com você, Aline. O Canadá é muito diverso, com certeza ele é muito diverso, mas o branco é privilegiado em qualquer lugar do mundo. Não adianta. Então, eu continuo... Quando você tem muito indiano, indiano tem uma pele mais escura, e se to eu e uma mulher indiana as pessoas me olham diferente do que a indiana. A verdade é essa. É... É muito desconfortável até, muitas vezes, mas a verdade é essa. O branco em relação ao mundo, ele é privilegiado. Aí tem outros patamares, que quando você fala de nacionalidade, em alguns lugares. Por exemplo, se você é branco até abrir a boca nos EUA, você é tratado de um jeito. Agora, se você abrir a boca e o cara vê que você é brasileiro, você vai ser tratado de outro. Mas se ele tá vendo só sua imagem é outra pegada, né. (Cecília, 2021)

Como esta foi a primeira entrevista que realizei, a que chamamos de piloto, percebi, ao trabalhar com os dados, que não perguntei mais objetivamente sobre como a entrevistada se identificava para aplicações de trabalho ou algo parecido. Entrei em contato com Cecília e refiz pergunta, já com as mudanças que fui incluindo ao longo da pesquisa, e ela me trouxe novas percepções. Residindo agora na Província de Ontário,²⁰³ ela descreveu mudanças na forma como se identifica, dizendo que entende ser diferente de como acontecia em Vancouver (BC).

É... eu percebi, hoje com mais tempo de Canadá, que essa questão ficou mais clara pra mim agora. Aqui eu não sou branca, aqui eu sou latina. Tanto que nos, nos...como é que fala? Nos formulários que a gente tem que preencher, médico, escola, essas coisas das crianças, isso pra gente tá ficando muito claro. Vancouver não tinha isso, tá? Era diferente. Aqui em Ontário, já tem uma outra visão. E isso... Tem nos formulários: branco, latino, aí eles põem entre parênteses, América Latina, América Central, América do Sul, aí você percebe que lá no... tem africano, enfim... E aqui a gente não se identifica - não é que não pode, pode você se identificar - como branco-, mas claramente a pele sul-americana não é tratada como branca. Entendeu? (Cecília, 2022)

Cecília continuou dizendo que, se perguntar como se sente, para ela “tanto faz”, “Pra mim é cor de pele. Eu sou branca, mas se eles acham que eu sou latina, tá bem.”,

²⁰³ A referida participante da pesquisa residia em British Columbia quando foi entrevistada e se mudou para Ontario depois, por conta de uma proposta de trabalho que o marido recebeu.

acrescentando de forma breve algumas vivências dos filhos, também descritos por ela como brancos, na escola e com amigos. O filho adolescente, por exemplo, já foi identificado pelos amigos como negro, como alguém que descende de negros, por conta do formato da boca e do nariz durante um tempo. Mais recentemente, ele disse à mãe que os mesmos amigos tratam-no como latino e a entrevistada atribuiu essas experiências às mudanças físicas pelas quais ele estava passando na adolescência. Nesse ponto, antes de dar continuidade às atualizações partilhadas por Cecília e as respostas das demais entrevistadas, incluo uma reflexão de Antônio Sérgio Guimarães:

De fato, não há nada espontaneamente visível na cor da pele, no formato do nariz, na espessura dos lábios ou dos cabelos, ou mais fácil de ser discriminado nesses traços do que em outros, como tamanho dos pés, a altura, a cor dos olhos ou a largura dos ombros. Tais traços só têm significado no interior de uma ideologia preexistente (para ser precisos: de uma ideologia que cria os fatos, ao relacioná-los uns aos outros), e apenas por causa disso funcionam como critérios e marcas classificatórias. (GUIMARÃES, 2009, p.47)

A experiência descrita por Cecília sobre as mudanças na percepção dos colegas do filho adolescente bem ilustra os significados das classificações aqui expostas e suas possibilidades de criar lugares e realidades, situar pessoas, posicionando-as a depender de que discursos, por exemplo, sejam acionados sobre diferenças étnicas e raciais. O que teria levado um grupo de colegas a mudar a forma como veem e classificam seu filho no ambiente escolar? Seriam mesmo as mudanças físicas pelas quais ele tem passado? Como nos alerta o autor citado, a percepção de tais atributos como marcas classificatórias acontece a partir de ideologia preexistente. Cecília relacionou estas percepções à nova Província em que reside e disse que “(...) aqui em Ontário tem mais pretos e latinos que falam espanhol, bem mais aliás, acho que por isso aqui é tão forte essa questão (...)”. Em relação à filha de seis anos, a entrevistada compartilhou comigo a seguinte experiência:

Outra informação interessante, não sei se é relevante pra você, a (nome da filha) chega muitas, muitas vezes em casa perguntando se ela tem “light skin”, pele clara. Porque tem muita indiana na sala dela e, pra indiano, quanto mais escura a pele, entre gigantes aspás, eles valem menos e é melhor quando tua pele for mais clara. Quando a (nome da filha) comenta que tomou sol e tal, elas ficam, as crianças de seis anos de idade, ficam assim ‘Não, mas você não pode tomar sol, não é bom, você tem que ficar light skin’ e a (nome da filha) fica... Aí a (nome da filha) chega umas duas, três vezes por semana, sem mentira, Aline, ‘Mamãe, eu sou light skin?’. Eu falo: cara, você tá, agora, moreninha, que você tomou sol no verão, né? Mas aí eu falei ‘toda cor de pele é bonita’. Eu falo isso pra ela, né, ‘Todo mundo é lindo’. Ela fica, ‘Porque minha amiga, a (nome da amiga da escola) - que é a indianinha, né - ela fala que não, que tem que ser light skin’. Que foda, isso, né? Eu acho isso tão triste. (Cecília, 2022)

“Raça” e “cor da pele”, assim, aparecem como algo a ser revisto e ressignificado por boa parte das entrevistadas e apenas uma delas manteve sem hesitações a autoidentificação como branca em resposta à classificação solicitada pelos documentos canadenses. O relato de Cecília revela mudanças que ocorreram ao longo de sua trajetória, incluindo a migração para outra província do Canadá, bem como conflitos advindos das relações de seus filhos com colegas da escola e das possíveis alterações na percepção que eles têm de si mesmos. Além das questões já trazidas, como as disposições adquiridas nas diferentes regiões do Brasil de onde partiram, acrescentam-se questões raciais supostamente característicos a outros povos, como as noções sobre hierarquias sociais, questões de gênero, a partir dos contatos especialmente com indianos e indianas que também residem no Canadá. Retomo, nesse ponto, a discussão sobre o racismo no Brasil, onde questões relacionadas à “cor” da pele e às diferentes “tonalidades” também aparecem como sinalizadores de processos de discriminação e preconceito, assim como características dos diferentes “tipos de cabelos” e outros traços físicos. Guimarães (2009) pontua que “Em suma, alguém só poder ter cor e ser classificado num grupo de cor se existir uma ideologia em que a cor das pessoas tenha algum significado. Isto é, as pessoas têm cor apenas no interior de ideologias raciais” (GUIMARÃES, 2009, p.47). Em outra oportunidade, o autor discute o uso de conceitos em Sociologia e chama atenção para a classificação de grupos humanos por “cores”, bem como acerca das consequências de lidarmos com informação fortemente naturalizada. Em suas palavras:

O penúltimo conceito que me falta é o mais difícil de todos — a cor. Os povos europeus se definem e foram definidos como brancos, no contato com os outros, considerados negros, amarelos, vermelhos. Estamos diante de um discurso classificatório baseado em cores. Temos que dar tratos à bola para compreender este que é o mais naturalizado de todos os discursos. E quando falo naturalizado, estou querendo dizer totalmente nativo²⁰⁴, pois quanto mais nativo é um conceito mais ele é habitual, menos ele é exposto à crítica, menos conseguimos pensar nele como uma categoria artificial, construída, mais ele parece ser um dado da natureza. É isso que quer dizer “naturalizado”. (GUIMARÃES, 2003, p. 98)

Temos, assim, uma discussão que apresenta questões não somente significativas no que diz respeito à maneira como são traduzidas as noções de raça e cor no Brasil, mas também como são vivenciados estes entendimentos em um país como o Canadá, onde o Multiculturalismo tem não somente papel central na definição de políticas de recepção e

²⁰⁴O autor se refere no texto a conceitos “nativos” e “analíticos”, distinguindo-os como: o primeiro seria uma categoria que tem sentido histórico, para um grupo humano determinado e que “tem sentido no mundo prático, efetivo”; já a segunda seria uma categoria que “permite a análise de um determinado conjunto de fenômenos, e faz sentido apenas no corpo de uma teoria”. (GUIMARÃES, 2003, p.95)

acolhimento de imigrantes, mas também como característica importante na identidade do país. Adotando outra forma de classificação dos diferentes grupos que lá chegam, temos aí interessante possibilidade de análise acerca das questões raciais, das hierarquizações que compõem a sociedade canadense. Ainda sobre tais diferenças de perspectiva e consequentes modos de se constituir o preconceito racial no Brasil, retomando o relato de Cecília sobre a maneira como pessoas de origem indiana se relacionam com as tonalidades de cor de pele, Josimar Jesus e Rodolfo Hoffman (2020) nos alertam:

De acordo com Nogueira (1955), a característica distintiva do preconceito brasileiro é que ele não incide sobre a origem étnica dos indivíduos, como observado em outras partes do mundo, mas sim com base na sua aparência, traços físicos, cor da pele, cabelo, etc. Assim, de acordo com o autor, no Brasil, quanto mais próximo do branco, menores seriam as chances de sofrer as consequências do preconceito racial e maiores as possibilidades de ascender socialmente. (JESUS; HOFFMANN, 2020 p.4)

Dando continuidade às reflexões sobre pertencimento étnico-racial oportunizadas pelas entrevistas, retomo as falas das participantes do presente estudo, apresentando as ponderações das duas brasileiras que se identificam como negras ou pretas no Brasil e que assim o fazem no Canadá. **Paula** frisou que sempre inclui à opção “black” uma outra informação e comentou:

É muito engraçado porque no Brasil eu me identificava como negra e aqui é muito doido, porque, quando eles colocam na aplicação, tem várias possibilidades que eu me classifico, né? Eles colocam latino, eles colocam... Eles sempre colocam assim, “African Black American”, “African Latino”, e eu não posso dizer que eu sou uma só. Então eu sempre marco latino e africano. Porque, se eu marco como latina, imagina. O que essa pessoa quer saber? Eu penso muito no que ela quer saber. “Você é latina?” Eu sou latina. Mas eu sei que você não tá esperando a latina que você tá pensando. Então eu coloco um “African” pra ele associar que eu tenho, eu sou latina originalmente, mas eu tenho fundos negros. Eu tenho fundos africanos, né.
²⁰⁵(Paula, 2022)

Paula, assim como Sônia, ainda que partam de perspectivas diferentes, trouxeram à baila o ponto que se refere ao que o “outro” quer saber e o que espera a partir da resposta que ofertam à pergunta sobre autoidentificação. A participante reforçou, durante a entrevista, que queria trazer o ponto de vista dela da questão racial, do Brasil até o Canadá. Ela citou que, em seu novo país de residência, o “cabelo natural” é positivamente visto, que passou pela transição capilar, teve cursos, diferente da experiência que tinha com o

²⁰⁵Contraopondo-se a termos utilizados em solo Estado Unidense como “Afro-American” e African-American”, GONZALES (1988, p. 76) propõe a categoria “Amefricanos” (Amefricans).

padrão brasileiro de o “cabelo crespo” ter que estar alisado. Sobre esse ponto, que senti não ser possível perguntar mais em função de termos um tempo limitado para a entrevista por conta de um compromisso que a participante não podia remarcar, falamos depois, em novo contato que fiz com ela por meio de mensagem em áudio. Ela respondeu prontamente e relatou que:

(...) Então, essa questão do cabelo, da aceitação aqui, ela foi mais fácil, comecei a transição no Brasil, mas eu não me sentia muito, é... à vontade de assumir meu próprio cabelo. Seja na minha vida pessoal ou profissional, né. As pessoas julgavam muito a aparência, no sentido de que você só tava arrumada se estivesse de cabelo alisado. Ainda hoje eu vejo um certo preconceito em relação ao cabelo crespo, então, principalmente eu trabalhando como advogada, era muito difícil poder assumir, né, e deixar o meu cabelo mesmo. Mas aqui foi mais tranquilo porque as pessoas não... Eles aceitam você do jeito que você é. Sabe? Sem impor nenhum tipo de padrão. As pessoas aqui veem beleza na sua própria beleza, na sua singularidade. Então isso é uma das coisas que eu acho muito bacana daqui. E por essa questão foi mais fácil. (Paula, 2022)

Graça, que também se auto identifica como negra nos dois países, afirmou que não se incomoda e não “inculca” com essa questão de discriminação por ser negra, que nem lembra, que nem vê: *“Porque eu sei quem eu sou, eu sei qual valor que eu tenho, então, isso aí pra mim não me incomoda. E aqui [no Canadá], piorou. Aqui é que eu não sinto nada mesmo.”* Ela se referiu ao irmão e a uma amiga que demonstram perceber/sentir o preconceito das pessoas por conta do racismo no Brasil, descreveu as estratégias usadas pelo primeiro para distinguir-se socialmente, consumindo itens caros, assim como as reações da última, que ela definiu como uma pessoa “armada”. Graça relatou adotar uma postura diferente.

Realmente eu acho assim, quando você é preto e você tem uma condição social boa, é mais difícil deles discriminarem. Porque eu acho que a discriminação social é muito maior do que... é o meu ver. Eu acho que a discriminação social... Por exemplo, na minha faculdade, só tinha dois negros na sala de aula. Uma sala de cinquenta e poucos... Graças a deus eu cheguei ali, porque meu pai teve condição de pagar, eu fiz (nome da faculdade), caríssimo na época, não tinha nem FIES. Então, assim, você termina não sendo discriminado porque você fica ali no meio, né? Todo mundo tem dinheiro, então você tem dinheiro também, então... Você, às vezes, tem até mais dinheiro do que um branco, né? É mais inteligente do que um branco, se destaca mais nos estudos, nas notas. Se você inculcar com esse negócio de que você é preto... Aí tinha eu e essa minha amiga. Essa minha amiga é negra, daquela que já tá armada, porque vão discriminar ela, então ela passou [por discriminação racial]. Ela passa, porque ela vive já dizendo que vai ser. Então passa. Mas comigo nunca passou. Se fizeram, eu nem vi. E se eu vi, eu fiz de conta de que não vi e faço de conta que tá falando com outra pessoa. Não tá falando comigo. Entendeu? Então eu sou resolvida em relação a isso. (Graça, 2022)

Sobre sua experiência em British Columbia, ela citou sobre o que acha diferente: “Aqui a pessoa é branca, marrom e preta. É *white, brown* - é o indiano, né, a classificação do indiano - e o *black*, que sou eu, no caso. Eles falam de uma forma tão natural. Você tá falando assim, aquela blusa é azul, aquela menina é *black*, aquela menina é *white* (...)”, mas afirmando, por outro lado, que os indianos se sentem discriminados e falam muito sobre isso. Graça comentou que, no Brasil, não se pode falar no assunto com a mesma naturalidade que ela percebe no Canadá e reforçou seu posicionamento em relação às discriminações e preconceitos raciais.

*Porque no Brasil você não pode falar, né, não pode. (...) Aqui eles falam de forma natural, então você não se sente discriminada por ser black, sabe? No Brasil, quando você vai falar, uma pessoa é negra, por exemplo... Se eu tivesse conversando com as amigas da minha turma ‘Porque eu sou negra, eu sou black...’ - porque eu sou black mesmo, né, que é o preto – ‘Eu sou black, você é caucasian, você é não sei o que’, aí as meninas falam logo, ‘Não, mas não é preta, não, você é morena. Mulher, você não é nem preta, deixa de conversa’. E aqui, não. Eu sou black. Eu sou black. O nome é esse [ela **soletra enfaticamente a palavra black e ri sonoramente**]. E eu não estou nem aí se eu sou black ou se sou brown. Se eu sou black ou sou verde. Agora esse do latino eu nunca vi, não. Interessante. (Graça, 2022)*

Elisa, por outro lado, que se identificava como branca no Brasil, apresentou sua percepção no que diz respeito às mudanças na forma como se vê e é vista após a experiência de migrar para o Canadá e relatou suas discordâncias sobre como se dão as relações entre brasileiros e indianos. Sua reflexão se estendeu à forma como via o preconceito contra negros e negras no Brasil e também à maneira como foi educada em relação à cultura brasileira.

Então dá aquela sensação assim de aceitação, né. Mas a gente sempre fica com uma orelhinha em pé, né, porque primeiro é uma diferença de que eu sou considerada branca no Brasil, meus pais são brancos²⁰⁶, e aqui eu sou considerada latina, “brown”. Então, aqui, por exemplo, tem muito brasileiro falando mal de indiano. Só que o brasileiro não percebe que ele é “brown” igual ao indiano, tá? (...) passou do México, é “chicano”. Passou do México, tu é latino e não sabem nem que língua que tu fala. (...) A não ser que você seja muito branco e com um inglês muito perfeito. Fora isso, você é latino. Né? E eu acho que isso foi bem interessante, na verdade, de entender, né? E até de lutar mais, de advogar mais e de proteger mais e entender. Poucas vezes eu passei por situações que eu achei que foi racismo, mas foi bem é... é...

²⁰⁶Sobre esta questão, vale destacar o seguinte trecho do artigo de Josimar Jesus e Rodolfo Hoffman: “Conforme colocado por Soares (2008, p. 107), a identidade racial não é mera consequência da cor dos nossos pais. Trata-se de uma construção social para a qual contribui o lugar que as pessoas ocupam na sociedade e, também, como as próprias pessoas se veem. O modo de as pessoas construírem suas próprias identidades não é constante ao longo do tempo; depende de vários fatores, como a posição que ocupam na estrutura social, as mudanças estruturais na sociedade, as mudanças nas suas visões de mundo, ideologias, experiências particulares que os afetaram e pode até mesmo ser reflexo da implementação de políticas públicas.” (JESUS; HOFFMANN, 2020 p.6)

assim... leve... aquela coisa que você acha que é, mas você não consegue e é engraçado, porque, quando alguém, quando um negro falava isso, todo mundo falava 'Não, não é racismo não, é brincadeira.' Agora eu entendo. Você consegue perceber pelo tom de voz... (Você lembra de algum exemplo?) Eu tenho certeza que teve uma entrevista, e que o cara nunca me contrataria porque eu sou Sul Americana. Eu não sei te explicar como, mas eu lembro quando eu tava trabalhando com vendas, uma mulher branca mais velha[cliente] pegava muito no meu sotaque. Tipo: O que você tá falando? Eu não to entendendo. Que palavra é essa? (Elisa, 2021)

Paula, Graça e Elisa apresentaram questões particularmente significativas ao tratarem do fator “cor da pele” e da percepção do racismo, no Brasil no Canadá. Paula, em seu relato, revelou não ser vista em British Columbia como brasileira, mas sim como africana, ressaltou as dificuldades sofridas no Brasil com seu cabelo e destacou os pontos positivos da nova morada por se sentir aceita como é. Graça, por outro lado, sinalizou ser “bem resolvida” em relação ao tema, destacou a questão da classe/discriminação social como fator preponderante no Brasil para que alguém seja vítima de preconceito racial e apresentou os exemplos do irmão embranquecido pelos bens de marcas caras e da amiga com postura “reativa” diante de manifestações racistas, como se discordasse de ambos por se manifestarem e sofrerem com o racismo brasileiro. Diferente da primeira, ela deu destaque à cor da pele como sinalizador de grupos diferentes no Canadá, distinguindo-se da demais entrevistadas. Suas falas, especialmente, me remeteram a um texto particularmente tocante sobre racismo Brasil de autoria de Petrônio Domingues (2022):

Marca forte e persistente, a herança do cativo se reflete no imaginário social e na vida cultural, de modo que a nação se define a partir de uma linguagem pautada em cores sociais. O brasileiro se classifica em tons e meios-tons cromáticos, e até hoje sabe-se que, aqui, quem enriquece, não raramente, embranquece, sendo o contrário também verdadeiro. Se a fronteira de cor é de fato porosa no Brasil, cuja população não se reconhece por critérios só biológicos; se no País o multiculturalismo é uma realidade e se expressa em tantas manifestações que o singularizam – a capoeira, o candomblé, o samba, o futebol; se aqui a música, a dança, as festas e a cultura são mestiças em sua origem e particularidade, não há como esquecer também os tantos processos de subalternidade e exclusão social, os quais se expressam nos acessos desiguais ao emprego, ao poder, ao lazer, à saúde, à qualidade de vida, ou mesmo nas intimidações e abordagens cotidianas da polícia, vezeira nesse tipo de linguagem de cor. (DOMINGUES, 2022, p.43)²⁰⁷

Ainda que defenda não “inculcar” com as manifestações de preconceito racial (que ela considera ser social, na verdade), Graça expressou perceber a realidade desigual de oportunidades no Brasil para negras e negros, bem como as fronteiras de distinção que

²⁰⁷Trecho extraído do texto “Uma breve história do Brasil”, do Prof. Dr. Petrônio Domingues, disponível na publicação do IBGE, “Brasil em Números”, cuja referência encontra-se na bibliografia desta Dissertação.

se estabelecem a depender do capital social e econômico que se possua, afirmando-se como uma entre poucas matriculada em curso da área de saúde, em uma universidade particular cara, sendo vista como morena, e não como preta, pelas pessoas com quem convivia. Elisa, por outro lado, se revelou como alguém que passou a identificar expressões de racismo quando da sua experiência como imigrante, que mudou de cor e classificação racial ao se deslocar do Brasil para um país da América do Norte. Do lugar de quem se via branca no seu país de origem e que parecia não perceber com clareza manifestações de racismo mais sutis sinalizadas por pessoas negras, ela se mostrou reflexiva sobre as mudanças pelas quais está passando e a respeito de conhecer pouco sobre o tema enquanto vivia no Brasil. Além de se mostrar atenta a expressões pouco evidentes de preconceito com imigrantes, ela também se posicionou no que percebe de discriminação de brasileiros e brasileiras em relação a indianos em sua experiência como residente no Canadá. As questões sobre pertencimento étnico-racial que surgiram durante as entrevistas me chamaram atenção, apontando a necessidade não somente de buscar leituras, referências que pudessem sustentar o trabalho com os dados, mas também a possibilidade de aprofundar este tema futuramente, em novas investigações que deem espaço a tratar mais amplamente destas mudanças de percepção das imigrantes sobre si mesmas, da forma como são percebidas e classificadas pelo outro, dos lugares a que têm acesso diferentes grupos étnico-raciais em países tão distintos como Brasil e Canadá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar esta Dissertação não significa que estão totalmente respondidas as perguntas que me rondaram durante todo o processo de pesquisa, desde a elaboração de um pré-projeto para submeter à seleção do mestrado em sociologia até este momento em que elaboro algumas conclusões sobre os resultados que obtive a partir da investigação que realizei nos dois últimos anos. Partindo do aprendizado intenso e mobilizador de me compor pesquisadora após a vivência como imigrante no Canadá, trafegando por uma área de saber distinta da minha formação acadêmica e profissional, em contato com pessoas que se mantinham em uma experiência migrante no mesmo lugar em que morei, divisando permanentemente conflitos vários sobre os caminhos do passado que me levaram tão longe do meio acadêmico, por tanto tempo... Preciso dizer, antes de passar às formulações próprias deste espaço tão importante da Dissertação, ter se tratado de uma vivência que superou minhas expectativas. Não as que tenho sobre como deve ser um trabalho de pesquisa. Estas são muito altas. Neste ofício, tenho clareza de estar dando aqueles passos cambaleantes mesmo, de quem aprende a caminhar. A estrada é longa... Refiro-me ao que pode o corpo que se coloca em risco e se refaz, não por completo, mas em nova direção de interesses, investimentos e curiosidades. Nova potência que brota.

Retomando as ideias que aqui foram organizadas e discutidas, investigar sobre “corpos-migrantes” de mulheres brasileiras que residem no Canadá, particularmente na Província de British Columbia, levou-me a buscar referências que me situassem teoricamente sobre migrações internacionais, corpo e as possibilidades de articulação com os estudos de gênero. Norteadada pelo interesse em analisar como a condição de imigrante tem sido corporificada em mulheres brasileiras residentes em British Columbia e investigar se estas imigrantes percebem a identificação enquanto brasileiras como marcador de discriminação e exclusão ou de valorização e favorecimento nas relações sociais que elas estabelecem com canadenses e com outros(as) imigrantes em seus diferentes contextos de atuação e interação, busquei teórica e empiricamente informações com que pudesse dialogar e produzir contribuições relevantes para as/os que se interessam pelos temas aqui abordados. O levantamento bibliográfico sobre o tema das migrações, do corpo como objeto da sociologia e das questões de gênero e suas intersecções com raça e classe, além das pesquisas voltadas para as especificidades do

Canadá como nação que se orgulha de seu multiculturalismo compõem o referencial teórico que sustenta as análises dos dados colhidos durante o trabalho empírico, através das entrevistas realizadas remotamente, em chamadas de vídeo pela plataforma Zoom, com um grupo de 12 brasileiras que se mudaram para o Canadá no período entre 2017 e 2020.

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, o trabalho de campo não buscou um número representativo de participantes para que se produzisse um retrato estatístico da migração de mulheres brasileiras para British Columbia. O trabalho empírico tinha como objetivo colher relatos de brasileiras residentes no Canadá sobre questões relacionadas à trajetória migrante, à relação com o corpo que se coloca em trânsito, à percepção que essas migrantes têm sobre a imagem de mulheres brasileiras no exterior, a possíveis estigmas ou benefícios relacionados ao fato de serem brasileiras em terras canadenses. Eu havia elencado seis objetivos específicos para a pesquisa e todos eles foram abordados durante as entrevistas. Após o Exame de Qualificação da Pesquisa, as análises e a escrita se voltaram para: 1) identificar e analisar possíveis mudanças na percepção das entrevistadas sobre sua imagem, bem como nos comportamentos de cuidados com o corpo, a partir da residência no Canadá; 2) investigar o corpo feminino migrante como um possível fonte de estigma e preconceito, ou de favorecimento; 3) identificar se as participantes da pesquisa se sentem representadas em materiais de campanhas publicitárias em British Columbia; 4) investigar como as brasileiras se veem e se classificam racialmente no processo migratório. Partindo do entendimento de “corpo-migrante” e dos processos de incorporação, em diálogo com a teoria de Pierre Bourdieu, as informações partilhadas pelas entrevistadas e agrupadas de acordo com os objetivos acima expostos foram discutidas e apresentadas junto com trechos selecionados das falas das participantes.

Foi observado que as participantes descreveram mudanças semelhantes em relação a práticas voltadas a cuidados estéticos como diminuição na frequência de esmaltar as unhas, de ir ao salão de beleza, substituição dos sapatos de salto de alto por outros mais confortáveis, diminuição do uso de alguns itens de maquiagem como sombra e batom de cores mais fortes (para as que usavam no Brasil). Elas também relataram sobre mudança na escolha e uso de itens de vestuário como: menos estampas e cores, roupas confortáveis, menos preocupação com roupas mais “arrumadas”, ou de marca, ou para uso exclusivo em eventos sociais. Houve referência, por exemplo, ao uso de pijama com

o casaco por cima para comprar algo perto de casa, ou a levar o cachorro para passear com um roupa manchada, comportamentos que não teriam no Brasil. Foi comum ouvir a expressão “cara lavada” sobre a forma como veem mulheres (que elas dizem ser canadenses) se apresentando no trabalho ou socialmente e também como justificativa para diminuir as preocupações que tinham antes como a aparência em público. As entrevistadas fizeram referência a se sentirem mais livres para usarem ou não itens de maquiagem e acessórios, para fazerem ou não as unhas, para se vestirem ou não mais arrumadas. Segundo seus relatos, elas não se sentem cobradas, julgadas, pressionadas por familiares a manterem certas práticas estéticas, de “cuidado com a aparência”, de relação com o corpo, incluindo o modo como afirmam lidar com variações de peso ou com a necessidade de procedimentos como lipoaspiração ou uso de botox. É possível dizer que há práticas entendidas e incorporadas como “liberações”, como as descritas acima, mas também existem práticas sentidas como faltas, ou traduzidas como “cuidar mal do corpo”, “desleixo”, “abandonar o corpo”(particularmente referidas ao início do processo migratório). Além disso foram feitas referências a regras e restrições locais, aos impedimentos, sentidos como desconfortáveis por algumas delas, como a questão do uso do perfume, da presença de cheiros fortes em espaços públicos serem interpretados, na nova morada, como incômodos, indesejáveis.

Outro ponto comum foi falar em termos de prioridades, em particular as financeiras, na fase inicial do processo migratório. Seja sobre comprar roupas, frequentar restaurante, diminuir a frequência ou deixar de ir ao salão de beleza, escolher adquirir bens que facilitem a rotina doméstica em detrimento de coisas que compõem a aparência, elas descreveram como experiências de mais restrições orçamentárias do que experimentavam no Brasil. Integrantes da classe média brasileira, com recursos suficientes para fazer a mudança de país, as participantes, quase todas, falam que se trata de um processo que não é acessível a maior parte da população brasileira. Foi interessante observar, ao agrupar e analisar as informações obtidas nas entrevistas, os capitais financeiro, cultural e de mobilidade apresentados por cada uma delas. Apenas duas das entrevistadas não possuíam curso de graduação no Brasil: uma que trabalhava com TI e a outra que era atleta profissional. Esta última, todavia, obteve visto de estudos e foi admitida em uma universidade canadense, onde concluiu um curso superior.

Como foi apresentado na descrição do grupo, boa parte já conhecia outros países como turista ou porque já havia residido fora do Brasil, ao fazer intercâmbios, cursos no

exterior. As mudanças experimentadas na vestimenta, que se modifica também por incluir roupas específicas para clima bem diferente do brasileiro (mesmo quando comparado às suas regiões mais frias), na alimentação, na diminuição de exercícios físicos, no aumento ou diminuição de peso corporal são reportadas junto com mudanças significativas em suas rotinas de trabalho, de atividades familiares, de ocupação do espaço doméstico, de atividades de lazer. O uso de transporte público, a necessidade de andar a pé, as longas jornadas de trabalho ou os diversos vínculos empregatícios simultâneos, os hábitos locais relacionados a almoço e o acesso a alimentos são também trazidos em suas falas e relacionados aos espaços de estudo e trabalho que passam a ocupar, às funções que exercem em trabalhos não qualificados no Canadá, às atividades domésticas que passam a assumir, já que não dispõem mais da assitência periódica ou permanente de funcionárias domésticas. São mudanças não somente de práticas pessoais ou familiares, mas também de posições hierárquicas, as que são experimentadas neste processo: como a entrevistada que era profissional liberal no Brasil, já foi empresária e passou a trabalhar como vendedora e gerente em lojas no Canadá; as profissionais de saúde que passaram atuar na parte administrativa ou como auxiliar em clínicas odontológicas.

As atividades laborais executadas pelas participantes, particularmente no período inicial de residência em BC, incluíram: atendimento a clientes em lojas, restaurantes, bares, supermercado, clínicas, empresas de grande porte; trabalho em chão de fábrica; trabalho de limpeza e como garçonetes; produção de alimentos. Apenas para lembrar alguns dos que foram mencionados. Trata-se de profissionais qualificadas não somente por se graduarem, pós-graduarem no Brasil e relatarem ter experiência profissional em suas áreas de atuação, mas também por se matricularem e concluírem cursos superiores (sete das dez participantes migraram com visto de estudante) em instituições canadenses e que se candidatam a atividades não qualificadas até que acumulem experiência de trabalho no novo país. Além de se deslocarem com capitais adquiridos no Brasil e se qualificarem para obtenção de vistos por estes requisitos, estas migrantes precisam acumular capital social e cultural no novo país, a fim de que se reposicionarem profissionalmente. Uma justificativa que aparece em seus discursos é a de que, mesmo em trabalhos não qualificados no Canadá, elas obtêm os recursos necessários para se manterem financeiramente, diferente do que aconteceria no Brasil para funções semelhantes. O poder de compra vinculado à economia canadense garante que

necessidades básicas sejam mantidas e, uma vez que melhores posições sejam alcançadas, novas necessidades passam a ser consideradas por elas.

Para mim ficou evidente a validade de estudar o corpo-migrante pelo conceito de incorporação. Não somente novas práticas foram relatadas, mas também novas necessidades, novos “gostos”, reações físicas inesperadas percebidas pelas participantes durante a trajetória migratória. E alguns exemplos me pareceram mais ilustrativos, como as descrições a que tive acesso sobre as restrições ao uso de perfumes em BC, questão mencionada com bastante frequência nos relatos. Algumas participantes como Amanda e Graça se colocaram resistentes a tal recomendação sobre cheiros em espaços públicos e o incômodo para alérgicos, revelando manterem o hábito que tinham no Brasil de usar perfumes, mas a expressiva maioria disse ter aderido. Clarice e Elisa se perceberam, após um tempo, resistentes ao cheiro forte de perfume, algo que as surpreendeu. Algumas dessas mudanças, como as que se relacionam a práticas voltadas para a aparência, também foram mencionadas como algo que falta, como algo que pode interferir na autoestima e bem-estar que possam experimentar. Ainda que o discurso mais frequente tenha sido sobre a liberdade de escolher como se apresentar, se cuidar, além de mudanças nas prioridades, houve quem sinalizasse desconforto por se perceber diferente.

Um questionamento, feito por Amanda, chamou minha atenção e me levou a retomar as reflexões que estava fazendo sobre noções de pertencimento na trajetória migrante: ao mudar sua forma de se vestir e maquiar, ela estaria querendo chamar menos atenção para si, evitando, assim, se destacar por estar ali “toda arrumadinha”? As estratégias adotadas por “corpos-migrantes” para se inserirem e posicionarem favoravelmente na sociedade de acolhimento podem acontecer sem que sejam racionalmente percebidas? Mudanças no tons de roupas (que passam a ser mais sóbrias e discretas) estariam somente relacionadas aos itens que as lojas oferecem com mais frequência, como foi citado por Joana e Paula, ou também dizem respeito a modos de se fazer menos visível como diferença, mais integrada como quase semelhança? Eu entendo, a partir das leituras que me acompanharam nesta pesquisa, que tais mudanças, que novas disposições incorporadas neste processo não se compõem de maneira simples. Elas podem sinalizar, trazer pistas sobre temas que ultrapassam as questões estéticas como escolhas individuais.

A forma de se alimentar, de se apresentar, de se portar, incluindo o uso de acessórios, maquiagens, itens de vestuário, os bens de consumo a que têm acesso, as

práticas que fazem parte de suas rotinas no Brasil dizem respeito, para além de gostos pessoais, ao poder aquisitivo que desfrutam, aos empregos e atividades profissionais que mantêm, aos eventos sociais pelos quais transitam, às viagens que façam, entre outras coisas. Tais disposições seguem com estas migrantes em sua trajetória, mas as possibilidades que encontram de inserção social, as restrições financeiras por conta do custo elevado dos processos de obtenção de visto e mudança de país, as diferenças de valorização das moedas de cada país, as novas necessidades que surgem por questões climáticas, de adaptação, de mudanças inesperadas como separações ou novos relacionamentos, os ambientes de trabalho e o acesso a meios de transportes situam estes corpos em novos contextos: geográfico, social, político, econômico, cultural.

Ser um corpo que se desloca entre países apresenta muitas possibilidades de entendimento e investigação. No caso das mulheres brasileiras, os estudos que tratam de gênero e migrações apontam a relação entre as imagens fortemente sexualizadas, estigmatizadas, por um lado; ou marcadamente estereotipadas como mais atenciosas, dóceis, dispostas ao cuidado e maternidade, por outro, posicionando diferentes grupos de migrantes brasileiras também de formas distintas no acesso às fronteiras dos Estados Nacionais, nos mercados do sexo, do casamento, das atividades laborais. As participantes da pesquisa mencionaram a possibilidade de favorecimento por serem brasileiras em situações que envolviam outras brasileiras e brasileiros, como seleções para vagas de trabalho, por exemplo. As únicas situações citadas que não envolveram uma outra pessoa do Brasil em posição hierárquica superior foi uma experiência de Lívia em sala de aula com um professor cuja nacionalidade não foi mencionada e uma seleção de que Paula participou para trabalhar com um chefe, também imigrante, vindo da Rússia. Nesta circunstância, a imagem sexualizada (e estigmatizada) teria sido convertida por ela em diferencial para que conseguisse o emprego que desejava em uma situação em que não se via em condições de igualdade com canadenses.

Apenas três participantes não fizeram nenhuma referência (pessoal ou por terem ouvido de outra pessoa) à percepção sexualizada das mulheres brasileiras em suas experiência como imigrantes. As demais apresentam em suas respostas alguma referência, mesmo que digam não sentir mais este incômodo ou não terem atravessado nenhuma experiência pessoal, apenas terem notícia. Ainda que de forma reticente, em alguns casos, estas participantes trouxeram em seus relatos a percepção de que as brasileiras são vistas de forma sexualizada, estereotipada, particularmente por indianos.

Menções como *“infelizmente a gente tem uma fama não muito boa”*, ou *“ter um bom momento com uma mulher brasileira”*, *“Só porque é brasileira vai tirar vantagem, vai aproveitar e ela é fácil”* trazem percepções significativas das entrevistadas sobre a imagem estigmatizada de mulheres brasileiras no exterior. Embora não tenham sido relatadas como frequentes, ou que não tenham sido reportadas por elas como sinais de insegurança ou falta de proteção, houve a descrição de situações em que se viram tratadas de maneira invasiva, olhadas de forma incômoda, como descreveram Clarice, Elisa e Lívia. Aparentemente, mesmo quando alvo de xenofobia - como foi o caso de Paula e de Clarice - a sensação de segurança garantida no Canadá permanece em suas descrições de vantagens por terem mudado de país, já que ambas portavam a permissão de residência permanente e pretendiam se manter no Canadá.

Sobre o Brasil, há referências sobre insegurança, assédios frequentes, assaltos ou o receio de serem assaltadas. O discurso de respeito às diferenças, de defesa da igualdade de oportunidades para as pessoas, de garantia de direitos, de uma sociedade pacífica e cordial está presente na forma como descrevem o Canadá, com poucas exceções - como fizeram Lívia e Elisa, por exemplo. Ambas apresentaram, além de referências elogiosas ao novo país de residência, percepções nem sempre favoráveis ao contexto em que vivem no Canadá, especialmente quando falam de situações de trabalho e imigração: a discriminação que percebiam em relação a colegas de trabalho que têm o inglês como primeira língua, os salários nem sempre justos pagos a imigrantes de forma geral. Penso que estudos que investiguem sobre a relação entre estigmas e estereótipos vinculados à imagem das imigrantes brasileiras em British Columbia e suas trajetórias migrantes seriam importantes. Algumas entrevistadas, como Sônia, Carolina e Paula, mencionam não serem reconhecidas como brasileiras, por exemplo, e às vezes serem confundidas como imigrantes de outras nacionalidades. Quando as entrevistadas se identificam como brasileiras, referem-se a recepções com tom de surpresa por parte de algumas pessoas, ou acolhedoras e curiosas sobre o Brasil. Paula, todavia, trouxe uma percepção diferente quando se referiu ao “sorriso do canadense” que acompanha *“ah, você é brasileira!”* e à tradução que ela faz como *“ah, você é mulher fácil”*.

Sobre a autoidentificação étnico-racial, fui surpreendida durante a pesquisa com algumas respostas que obtive e também a forma como algumas entrevistadas reagiram ao tema, a dificuldade de uma parte do grupo para responder ou se identificar racialmente. Meu entendimento inicial é que os conflitos relacionados às diferenças raciais e ao que

tais diferenças representam numa sociedade como a brasileira acabam por se refletir nas respostas evasivas, às vezes confusas que elas apresentaram. Metade do grupo de participantes se autoidentifica como branca no Brasil, mas, estando no Canadá, elas deparam com classificações que levam em consideração a origem das pessoas, os grupos étnicos de que fazem parte. A identificação como Latino-Americanas, Sul-Americanas não pareceu clara para todas as entrevistadas, mesmo as que não se viam como brancas em seu país de origem. Isso me chamou atenção. Uma das participantes, por exemplo, não mudou a classificação como branca, mesmo estando no Canadá, e sua justificativa foi a cor de sua pele e a região do Brasil onde nasceu, o Sul. Latino-Americanos no Canadá são incluídos na categoria “Minorias Visíveis”, junto com outros grupos de não caucasianos, com exceção dos povos originários. Não se trata de uma questão simples perceber-se, ver-se de um modo (como grupo privilegiado, por exemplo, para quem se identifica como branca) e ser vista, tratada, categorizada de uma forma diferente em outro país, que a posiciona hierarquicamente como alguém cujos privilégios não estariam garantidos por conta da origem. Trata-se de um tema que me instigou novas leituras, que me fez vislumbrar uma nova pesquisa, a fim de investigar como pode se dar esta percepção, as implicações desta mudança. Para este ponto, a conclusão a que cheguei é que existe um campo fértil para estudos que tragam novas contribuições aos debates sobre raça, corpo, gênero e imigração.

Na composição deste corpo de mulher pesquisadora em sociologia, que faz agora planos para estudos futuros e encontrou no tema da imigração um campo de trabalho instigante e desafiador no melhor sentido, a experiência anterior como imigrante, no mesmo local onde residem as entrevistadas desta investigação, proporcionou um olhar e uma escuta que facilitaram o contato, o diálogo. Acostumada às rotinas de trabalho em BC, não me espantavam nem desanimavam certos entraves para agendar os horários das entrevistas. As diferenças de fuso horário, as mudanças ao longo do ano, os dias mais escuros e por vezes mais depressivos no inverno, ou a necessidade de aproveitar dias ensolarados, no final de semana, para atividades ao ar livre são questões que fazem parte da rotina de modo significativo para quem vive no Canadá. Era comum ouvir em nossos contatos “*você já morou aqui e lembra como é, né?*”, ou “*você já passou por isso e sabe como é, né?*”. Algumas referências a lugares, ou ao modo como as pessoas se comportam na rua, a questões de trabalho vividas de forma semelhante nos aproximavam durante as entrevistas, que aconteceram de maneira exclusivamente remota e tratavam sobre temas

muito íntimos, por vezes delicados. Mensagens em áudio eu percebi que também favoreciam a comunicação enquanto tentávamos encontrar uma data e horários possíveis para as entrevistas. Foi uma vivência rica, embora não isenta de dificuldades. Quando surgia alguma pergunta da entrevistada sobre planos que eu teria de voltar a British Columbia, ou sobre como tinha sido minha experiência de retornar para o Brasil, nem sempre era fácil responder.

Após as entrevistas, eu sentia muito cansaço, normalmente não conseguia fazer outra coisa, precisava parar tudo e me deitar. Algumas vezes eu me vi bem triste após uma entrevista. E também me questionando sobre ter feito ou não a escolha certa, ao voltar para o Brasil da forma como voltei: sem a chance de finalizar um ciclo com mais tempo para elaborar a decisão. Eu sentia falta de lugares, de sabores, de pessoas. Foram lembranças que me acompanharam e ganharam forma de poesia (a seguir eu partilho um desses escritos), de relatos com fotos expostos em um blog pessoal. Penso também que, se não conhecesse nada da experiência, talvez tivesse pedido mais detalhes, fizesse perguntas que aprofundassem mais as experiências apresentadas pelas entrevistadas. Entre vantagens de inserção ao campo e os cuidados redobrados com o distanciamento devido a quem se coloca na posição de pesquisar sobre um tema próximo, entendo que o percurso trouxe frutos de que me orgulho pelo tanto que aprendi em tão pouco tempo e pelos quais me felicito. Entre lacunas que não consegui preencher e achados que me fizeram curiosa pelo que está por vir, entre boas escolhas metodológicas e teóricas e ressalvas pelo que gostaria de ter feito melhor se pudesse voltar no tempo, vejo-me diante de uma jornada que me mostra caminhos antes nunca pensados. Espero ter contribuído com quem se interessa por estas reflexões e travessias...Agradeço pela leitura a quem me acompanhou até aqui!

Até a próxima!

Migrante.

Transitar mundos
e sentir um tempo
que é o avesso de si.
Caminhar flutuante
Que apaga chegadas
E alegre partidas.
Não existe um lugar;
Há passagem...
Para além da margem,
Muito mais que entorno...
Misto de dor e euforia,
É abraço à diferença,
No encontro do mesmo...
Sutil impermanência.
Canta sobre ontem,
E dança na saudade,
E torce o vazio.
Enlace de tons,
Encanto de cheiros,
Mistura de vozes.
Tudo se move
No olhar que silencia...
Até que se espanta
Do conhecido
E segue...
Até outra paragem.
(Aline Rangel)

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fabiane C. Meu corpo em campo: reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n.26, v.1, 2017.

ALBUQUERQUE, Rosana. Para uma análise multidimensional da situação das mulheres: as relações entre gênero, classe e etnicidade. In: **Imigração e etnicidade: vivências e trajetórias de mulheres em Portugal**. SOS Racismo, Lisboa, pp. 37-49, 2005.

ALVAREZ, Sônia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 13-56, dez. 2014.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, 15 (3), set/dez, 2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; KOMINSKY, Ethel. Gênero e Migrações Contemporâneas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3), setembro-dezembro/2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto. (orgs.) **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Coleção Encontros. Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero. Campinas: UNICAMP, 2011.

ARRUDA, Aline Maria Thomé. **As Repostas Governamentais às Migrações Contemporâneas. Brasil e Canadá em Perspectiva Comparada**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais – Estudos Comparados sobre as Américas. UNB, Brasília, 2017.

BECKER, Howard. A História de Vida e o Mosaico Científico. In **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec. 1994.

BELISÁRIO, Kátia, GERALDES, Elen Cristina e MOURA, Dione. Para “Inglês” ver: Apontamentos sobre Representações da Mulher Brasileira em Casos Repercutidos na Imprensa Internacional. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 03, p. 467 – 477, set/dez 2013

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo. Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. Rio de Janeiro: Ed. Garamound, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Uma ciência que perturba. Entrevista de Pierre Bourdieu a Pierre Thuillier. **La Recherche**, 112, junho de 1980

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. CHAMBOREDON, J.C., PASSERON, J.C. **A profissão de sociólogo**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Vozes: Petrópolis, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. Tradução: Ana Maria F. Almeida. **Pro-Posições** v. 25, n. 1 (73), jan./abr, 2014

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, vol. 26, jan/jun 2006.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Assuntos de Soberania Nacional, Departamento Consular. **Comunidade Brasileira no Exterior. Estimativas Referentes ao ano de 2020**. Brasília, DF, junho de 2021.

BRITISH COLUMBIA. **The official website of the Government of British Columbia**. Disponível em: <https://www2.gov.bc.ca/gov/content/home>.

BRITISH COLUMBIA . **Venha para a Columbia Britânica, Canadá. Viva, trabalhe e estude na Colúmbia Britânica. Informações para cidadãos Brasileiros**. WelcomeBC. Disponível em: <https://www.welcomebc.ca/>

BRITISH COLUMBIA. **Welcome to the Government of British Columbia's official channel on YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/provinceofbc>.

BULA, Frances. Abrupt order to clear Hastings Street causes scramble to house people living in tents. **The Globe and Mail**, Vancouver, 28 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.theglobeandmail.com/canada/british-columbia/article-abrupt-order-to-clear-hastings-street-causes-scramble-to-house-people/>

CAMAROTA, Steven A. ZEIGLER, Karen. Foreign-Born Population Hits Nearly 48 Milion in September 2022. **Center for Immigration Studies**, 27 de outubro de 2022. Disponível em: <https://cis.org/Report/ForeignBorn-Population-Hits-Nearly-48-Million-September-2022>

CAMPOS, Luis, A. Multiculturalismos: essencialismo e antiessencialismo em Kymlicka, Young e Parekh. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, no 42, p. 266-293, mai/ago 2016.

CAMPOS, Luna. Algumas notas de pesquisa sobre Flora Tristan. Feminismo, socialismo e viagens. **Clássicas – Dossiê Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, vol 6, n 11, 2017.

CANADA. **The official website of the Government of Canada**. Disponível em: <https://www.canada.ca/en.html>.

CANADA. **Census of Population**. Statistics Canada. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/index-eng.cfm>.

CAVALCANTI, Leonardo. ENNES, Marcelo. OLIVEIRA, Marcio. Migrações e Circularidade: Teoria, Políticas de Estado e Realidades Migrantes. **Revista Brasileira de Sociologia, SBS**, vol 08, n 19, p 07-25, 2020.

CHALLINOR, Elizabeth P. "(Ir)responsible mothers? Cape Verdeans and Portuguese social care", **International Journal of Migration, Health and Social Care**, Vol. 8, 2012.

CLARKSON, Becca. **Nearly 100 tents removed from East Hastings since summer order, city staff say 83 remain**. CTV News Vancouver, 20 de Janeiro de 2023. Disponível em: <https://bc.ctvnews.ca/nearly-100-tents-removed-from-east-hastings-since-summer-order-city-staff-say-83-remain-1.6239310>.

COSTA, Luciano Rodrigues; SANTOS, Yumi Garcia dos. O “relato de vida” como método das ciências sociais. Entrevista com Daniel Bertaux. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, vol 32. p. 319 – 346, 2020.

COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura; GROSSI, M. P. ; MACARRO, M. J. M. Não dói o útero e sim a alma: a violência sexual que fere, que mata, que dilacera as mulheres do Brasil. **Revista Caderno Espaço Feminino do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher**, v. 29, p. 124-149, 2016.

CRAIDE, Aline. **A Adoção de Histórias de Vida em Pesquisas sobre a Interculturalidade: uma nova possibilidade de aplicação no campo da Administração**. III Encontro de Ensino e Pesquisa de Administração e Contabilidade, João Pessoa:PB, 2011.

CRENSHAW, Kimberle W. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, 2002.

CRENSHAW, Kimberle W. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

DAFLON, Verônica Toste e CAMPOS, Luna Ribeiro. Gênero e conhecimento: um diálogo entre o pensamento de Flora Tristan e Harriet Martineau. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 33, nº 70, Maio-Agosto 2020, p.424-443,

DOMINGUES, Petrônio. Uma breve história do Brasil. In: **Brasil em Números – Brazil in Figures**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações, IBGE, Rio de Janeiro, vol 30, p 1 – 480, 2022.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmen. Teorias da mobilidade humana In: **Metodologia e Teoria no Estudo das Migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

ENNES, Marcelo A. Imigrantes, Cirurgias plásticas e poder em dois tempos: Contribuição para uma hipótese de pesquisa. **Revista de Ciências Sociais**, v. 41, nº 2, jul/dez, 2010a.

ENNES, Marcelo A. Imigração, Identidade e Estado Nacional em dois Tempos. **Revista Esboços**, vol. 17, nº 24, dezembro de 2010b.

ENNES, Marcelo A, MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Revista Sociologias**, ano 16, nº 35, jan/abr 2014.

ENNES, Marcelo A. Produção da diversidade: identidades e imigração. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 04, nº 08, jul/dez, 2016.

ENNES, Marcelo A, RAMOS, Natália. Cirurgias estéticas étnicas e migração em Portugal e Espanha. **Revista Mediações**. v. 22. n 1, junho de 2017.

ENNES, Marcelo A, RAMOS, Natália. Immigrants and Body Modifications in the Consumer Consumer Society. **Management science and engineering**. v. 13, n. 3, 2018.

ENNES, Marcelo A. Bourdieu and the “migrant-body”: embodiment in the migratory context. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 08, nº 19, mai/ago, 2020.

ENNES, Marcelo A. Interculturalismo (s) e Imigração: Algumas questões a partir da experiência Portuguesa e Espanhola. **Revista Fórum Identidades** (UFS), Vol. 33, n1, Itabaiana/SE, 2021.

ENNES, Marcelo A; GOIS, Alisson; MENESES, Cleber. (orgs.) **Migrações Internacionais sob Múltiplas Perspectivas**. Aracaju: Criação Editora, 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

FOOD BANK. **The Greater Vancouver Food Bank**. Disponível em: <https://foodbank.bc.ca/>

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad: Marcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Lilian. COSTA, Tais. Das condutas de risco ao silêncio: entrevista com Le Breton. **Teoria e Cultura**, UFJF, vol 13 n 1, 2018.

GONZALEZ, Lelia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**, n 92/93 (jan./jun.) Rio de Janeiro, 1988, p. 69-82.

GONZALES, Lelia. Por um feminismo afro-latino-americano Lélia Gonzalez. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

GROSSI, Miriam P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010).

GUERRA, Anita. O que é uma mulher? Versões e contraversões do essencialismo feminino. **Clássicas – Dossiê Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v.6, n.11, 2017.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. **Novos Estudos** CEBRAP N.º 43, novembro 1995, pp. 26-44.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, jan./jun. 2003, p. 93-107.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo, Editora 34, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed, Rio de Janeiro: DP&A , 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas,SP, n5, 2009, pag 07-41.

JESUS, Josimar Gonçalves de. HOFFMANN, Rodolfo. De norte a sul, de leste a oeste: mudança na identificação racial no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populares**, vol 37, 2020, p. 1-25.

JUDD, Amy, AGAHI, Emad. **East Hastings Street tent city still there as deadline to clear it passes**. Global News, 29 de julho de 2022. Seção Helth. Disponível em: <https://globalnews.ca/news/9026210/east-hastings-street-tent-city-remains/>.

KYMLICKA, Will. Multiculturalismo: o sucesso, o fracasso e o futuro. **Interfaces Brasil/Canadá**, vol. 14, nº 18, 2014.

KOSMINSKY, Ethel V. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gêneros. **Estudos Feministas**, 15 (3), set/dez, 2007.

KULAITIS, Fernando. Multiculturalismo em perspectiva comparada: políticas migratorias e identidade nacional no Brasil e no Canadá. **Revista Ambivalências**, vol. 5, nº 9, 2017.

LE BRETON, David. **Sinais de Identidade.Tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosotis, 2004.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012

LENGERMANN, Patricia Madoo, NIEBRUGGE,Gillian. Present at the Creation – Women in the History of Sociology and Social Theory. In: **The women founders. Sociology and Social Theory: 1830 - 1930**. 1. ed. Illinois, USA: Long Grove, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUCENA, Célia Toledo. Fluxos Imigratórios de Latino-Americanos: Cidadania Transnacional. **Revista Ambivalências**, vol.I, nº 2, jul/dez, 2013.

MACHADO, Igor José de Renó. Afetividade e poder entre imigrantes brasileiros no Porto. **Cadernos Pagu**. n. 23, jul/dez/2004.

MCCLINTOCK, Anne. Adeus ao paraíso futuro. Nacionalismo, gênero e raça. In **Couro Imperial. Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial**. Trad. Plínio Dentzien, Editora da Unicamp: Campinas, 2010.

MARTINEAU, Harriet. Como observar moral e costumes: requisitos filosóficos. Trad. Fábio Guimarães Liberal. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**: João Pessoa, n 24, 2020.

MATTHIESEN, Mariana. S.R; MENEZES, Marilda A de. O imigrante qualificado no Canadá: uma categoria imigratória a ser (des)construída. 44º Encontro da Associação de Pós-Graduação em Ciências Sociais, ANPOCS, GT16, 2020.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

MCAULIFE, M. and TRIANDAFYLLIDOU, A. (eds.) **World Migration Report 2022**. International Organization for Migration (IOM), Geneva, 2021.

MEIHY, João Os novos rumos da história oral o caso brasileiro. **Revista de História**. São Paulo: USP, n. 155, 2006, p 191-203.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MOUTIAN, Ilana; ROSA, Mirian Debieux. O outro: Análise crítica de discursos sobre imigração e gênero. **Psicologia USP**. São Paulo, v ol. 26, n2, 2015, p.152-160

NEVES, Paulo Sérgio da Costa. Luta anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol 20. n 59. São Paulo, 2005.

NEVES, Paulo Sérgio da Costa. Les discriminations positives dans une perspective comparée, *Hommes & migrations*, 1281, 2009, p. 92-101.

NEVES, Paulo Sérgio da Costa. Reconhecimento ou Redistribuição: O que o debate entre Honneth e Fraser diz das lutas sociais e vice-versa. **Política & Sociedade** - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 40 - Set./Dez. de 2018.

NOBRE, Maria Teresa. Resistências Femininas e Estratégias de Enfrentamento da Violência. In: **Estilísticas da Sexualidade**. Universidade do Ceará. Pontes Editores, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Nuno. Do Multiculturalismo ao Interculturalismo. Um Novo Modo de Incorporação da Diversidade Cultural? **Revista Ambivalências**, vol. 5, nº 9, 2017.

OLIVEIRA, Márcio de; KULAITIS, Fernando. Habitus Imigrante e Capital de Mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos Estudos Migratórios. Dossiê Migrações Internacionais Contemporâneas. **Revista Mediações**, Londrina, vol 22, N. 1, jan-jun 2017, p. 15-47..

OIMBRASIL. ONU. **Imigração Brasil**. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br>

ONUBRASIL. **Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br>

ONUBRASIL. Nações Unidas Brasil. 2021. **Crescimento da migração internacional desacelerou em 27%**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/108030-crescimento-da-migracao-internacional-desacelerou-em-27>

ONUNNEWS. **Perspectiva Global**. Reportagens Humanas. Disponível em: <https://news.un.org/>

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 3, jul/set. 2005.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **USP - Estudos Avançados**, São Paulo, 2006.

PISCITELLI, Adriana. Corporalidade em confronto. Brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 22 Nº. 64, junho de 2007a.

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3), setembro-dezembro/2007b.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n.2, jul/dez 2008.

PISCITELLI, Adriana e LOWENKRON, Laura. Categorias em movimento: a gestão de vítimas do tráfico de pessoas na Espanha e no Brasil. **Ciência e Cultura**: São Paulo, vol 67, n 2. Junho de 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, nº 3. 1989.

PORTUGAL, Fernanda. Imigração para o Canadá: crise, violência e facilidade de residência fazem fluxo de brasileiros explodir. De Toronto (Canadá) para **BBC News Brasil**: 14deagostode2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62470077>

PRINS, Baukje. MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: Entrevista com Judith Butler. **Estudos Feministas**, 2002.

PUSSETTI, Chiara Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, vol 19, n 1jan/mar:2010.

PUSSETTI, Chiara; BARROS, Vitor. Outros corpos: imigração, saúde e etnopolíticas da cidadania. **Fórum Sociológico**. n. 22. 2012

PUSSETTI, Chiara. Corpos Indóceis. Sexualidade, planejamento familiar e etnopolíticas da cidadania em imigrantes africanos. In: BAHIA, Joana e SANTOS, Miriam (orgs). **Corpos em trânsito: socialização, imigração e disposições corporais**. Letra e Vida, Porto Alegre: Letra e Vida, 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais do indizível ao dizível**. 1988

RAMOS, Natália; REIS, Lyria Maria dos. Migração e Saúde de Brasileiros Residentes em Lisboa. **Revista Ambivalências**, vol.I, nº 2, jul/dez, 2013.

ROSSA, Lya Amanda. Descolonização do corpo e mobilidade humana: mulheres imigrantes e a produção de saberes contra a violência obstétrica. **RELAcult**. n. 596, v. 03, dez/2017.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **Experiências de desigualdades raciais e de gênero. Narrativas sobre situações de trabalho em uma fast fashion**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou Os Paradoxos da Alteridade**. Edusp: São Paulo, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia Especial. Revista do Migrante**. CEM-Centro de Estudos Migratórios: São Paulo, 2000.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. Tradução: Mário A. Eufrazio, Michele Aparecida de Souza, Célia Toledo Lucena, Geralfo Ribeiro de Sá, Maria Christina Siqueira de Souza Campos. **Cadernos CERU**, série 2, vol. 30, n 1, junho de 2019.

SCHÜTZ; Alfred. El forastero. **Estudios sobre teoría social**, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995

SEGA, Rodrigo Fessel. **Projeto Canadá: Seletividades e Redes de Imigrantes Brasileiros Qualificados em Toronto**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2013.

SILVA, Haïke. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **MÉTIS: história & cultura** – v. 1, n. 1, jan./jun, 2002, p. 25-38.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. **RBSE** .Vol. 4 .nº 12 . dezembro de 2005.

SOROKA, Stuart. ROBERTON, Sara. “A literature review of Public Opinion Research on Canadian attitudes towards multiculturalism and immigration, 2006-2009”. Citizenship and Immigration Canada, 2010. Disponível em: https://publications.gc.ca/collections/collection_2012/cic/Ci4-74-2011-eng.pdf

TRUZZI, Oswaldo; MONSMA, Karl. Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente. **Revista Sociologias**, ano 20, nº 49, set/dez, 2018.

VANDENBERGHE, Frédéric. A relação com o operador mágico. Superando a divisão entre a Sociologia processual e a relacional. **Socio. Antropol.** v. 7., n. 02, ago/2017.

VELOSO, Larissa. Negros ainda são minoria entre imigrantes brasileiros. **Jornal de Toronto**, 3 de julho de 2020. Disponível em: <https://jornaldetoronto.ca/2020/07/03/negros-ainda-sao-minoria-entre-imigrantes-brasileiros/>

VINUTO, Juliana. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um Debate em Aberto. **Temáticas**, Campinas, vol 22, n 44, 2014.

WEBB, Beatrice. **Diario de una investigadora**. Reis Revista Española de Investigaciones Sociológicas. Madrid, 93/01, p.189-201, 2001.

WEBB, Beatrice; WEBB Sidney. Como se hace una investigacion social? **Trabajo y Sociedad. Indagaciones sobre el trabajo, la cultura y las practicas políticas en sociedades segmentadas**: Argentina, n 10, vol IX, 2008

ANEXOS

ANEXO A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DISCENTE: ALINE RANGEL GOOTHUZEM ALBUQUERQUE
ORIENTADOR: PROF.DR. MARCELO ALARIO ENNES**

Roteiro para entrevista.

Identificação das participantes.

Nome:

Idade:

Cidade Natal:

Formação/profissão:

Cidade/Estado do Brasil em que residia antes de migrar:

Atividade profissional no Brasil/ocupação:

Status migratório atual:

Tempo de residência no Canadá e em British Columbia (BC):

Cidade de BC em que reside:

Estado civil ao sair do Brasil

Estado civil atual:

Informações sobre composição familiar no Canadá: filhos e/ou outros familiares residentes em BC:

Atividade profissional no Canadá/ocupação atual:

Outras atividades laborais no Canadá:

Beneficiária de algum programa de suporte a imigrantes do governo ou ONGs:

Atividades de voluntariado fixas ou ocasionais:

Perguntas para condução da entrevista semiestruturada:

1) Você poderia me contar sobre seu processo de mudança para o Canadá?

*Motivo para emigrar, planejamento e estratégias para mudar de país, dificuldades e facilidades do processo, investimentos pessoais e financeiros, fluência em inglês.

2) Como tem sido sua experiência como residente em BC? Como foram os primeiros meses? Como se sente em ser uma imigrante no Canadá?

* Vantagens e desvantagens de estar nesta Província, relação com as características e mudanças climáticas.

3) Como você acha que os canadenses veem os brasileiros e a mulher brasileira em especial?

E os outros imigrantes, como eles veem os brasileiros?

Como você se sente quando percebem que você é brasileira?

Acha que seria diferente se fosse imigrante de outros países?

Já sentiu discriminada por ser imigrante? Já foi abordada/tratada de forma discriminatória, machista por ser brasileira?

Já se sentiu favorecida ou beneficiada por ser imigrante? Já sentiu favorecida ou beneficiada por ser brasileira?

Acha que é diferente com os homens brasileiros? Você já observou se homens brasileiros são tratados de forma diferente em relação às mulheres brasileiras?

4) Você percebe mudanças na relação com seu corpo neste processo?

Qual a imagem que você faz de si mesma após a mudança para o Canadá?

*Hábitos de cuidado com o corpo; vestimenta; alimentação; cuidados com a saúde; atividades físicas; mudanças no corpo/ mudanças na imagem; uso ou não de maquiagem, perfume e acessórios; mudança nos hábitos de consumo; percepção ou não de ter sua imagem representada em campanhas publicitárias comerciais e governamentais.

4) Como você se via e era vista em termos raciais no Brasil? E agora?

6) Você poderia me falar sobre o quanto se sente satisfeita ou não nesta experiência como imigrante brasileira residindo em BC? Quais os pontos negativos dessa mudança? Quais os pontos positivos?

7) Como você vê o Brasil hoje? Acha que migrar mudou a sua imagem do país?



ANEXO B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA PROCESSOS
IDENTITÁRIOS E PODER



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____
concordo em participar como voluntária da pesquisa intitulada “**Brasileiras Residentes em British Columbia: uma discussão sobre imigração, corpo e gênero**”, realizada por Aline Rangel Goothuzem Albuquerque, estudante do curso de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

Minha participação envolve _____

Fui orientada de que minha participação não é obrigatória, não possui pagamento e que a qualquer momento poderei desistir de participar e retirar meu consentimento. Minha desistência ou retirada de consentimento não acarretará nenhum prejuízo para mim.

Fui informada de que os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e de que na publicação dos resultados desta pesquisa minha identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam me identificar.

Mesmo não tendo benefícios diretos com a participação, estou ciente de que indiretamente estarei contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

_____, ____ de _____ de _____.

PARTICIPANTE

PESQUISADORA

CONTATO: (79)99969-2834